



Anna

eo

Beijo Francês

Stephanie Perkins

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**ANNA E O BELJO FRANCÊS**  
**Stephanie Perkins**



Anna está ansiosa para começar seu último ano escolar em Atlanta, onde ela tem um ótimo trabalho, uma melhor amiga leal, e uma quedinha à beira de se

tornar algo mais. É por isso que ela está menos do que excitada em ser enviada para um colégio interno em Paris — até que ela encontra Étienne St. Clair: perfeito, parisiense (e inglês, e americano, com um sotaque digno de desmaio) e completamente irresistível. O único problema é que ele não está livre, e Anna pode não estar também, se alguma coisa acontecer na sua quase-relação onde ela mora. Quando o inverno derreter na primavera, será que um ano quase romântico acabará com o esperado beijo francês que Anna — e os leitores — tem aguardado?

Aqui está tudo que eu sei sobre a França:

*Madeline e Amelie e Moulin Rouge.* A Torre Eiffel e o Arco do Triunfo, embora eu não tenha ideia de qual função realmente tenham. Napoleão, Maria Antonieta, e um monte de reis chamados Louis. Eu não tenho certeza do que eles fizeram também, mas acho que tem algo a ver com a Revolução Francesa, que tem algo a ver com o Dia da Bastilha.

O museu de arte é chamado Louvre e tem a forma de uma pirâmide, e a *Mona Lisa* mora lá, junto com a estátua da mulher sem braços. E existem cafês, ou bistrôs, ou qualquer coisa que eles chamem a cada esquina. E mímicos. A comida se supõe que seja boa, e as pessoas bebem muito vinho e fumam muitos cigarros. Ouvi falar que eles não gostam de americanos, e que não gostam de tênis branco.

Alguns meses atrás, meu pai me matriculou em um colégio interno. Suas aspas praticamente crepitavam pelo telefone quando ele declarou que viver no exterior seria uma "boa experiência de aprendizagem" e uma "lembrança que eu guardaria para sempre." É. Lembrança. E eu teria apontado para seu mau uso da palavra se eu já não estivesse enlouquecendo.

Desde seu anúncio, eu tentei gritar, pedindo, implorando, e chorando, mas nada o convenceu do contrário. E agora eu tenho um novo visto de estudante e um passaporte, cada um declarando-me: Anna Oliphant, cidadã dos Estados Unidos da América. E agora estou aqui com os meus pais (meus pertences sendo desempacotados em um quarto menor do que a minha mala), a mais nova aluna, do último ano, na Escola da América, em Paris.

Não é que eu seja ingrata. Quero dizer, é *Paris*. A Cidade Luz! A cidade mais romântica do mundo! Eu não sou imune a isso. É só que essa coisa toda de colégio internacional é muito mais sobre meu pai do que é sobre mim. Desde que ele saiu do trabalho e começou a escrever livros idiotas, que foram transformados em filmes ainda mais idiotas, que ele vem tentando impressionar seus amigos importantes de Nova York sobre o quanto culto e rico ele é.

Meu pai não é culto. Mas ele é rico.

Isso nem sempre foi assim. Quando meus pais ainda eram casados, éramos estritamente classe média baixa. Foi na época do divórcio que todos os traços de decência desapareceram, e seu sonho de ser o próximo grande escritor do Sul foi substituído por seu desejo de ser o próximo escritor *publicado*. Então ele começou a escrever esses romances ambientados numa pequena cidade da Geórgia, sobre pessoas com Bons Valores Americanos que se Apaixonam e, em seguida contraem Doenças potencialmente Fatais e Morrem.

Estou falando sério.

E eles me deprimem totalmente, mas as mulheres os adoram. Elas gostam dos livros do meu pai, e amam seus suéteres de tricô, seu sorriso branco, e seu

bronzeado alaranjado. Elas transformaram-no em um *best-seller* e num idiota total. Dois de seus livros foram transformados em filmes e mais três estão em produção, que é de onde o seu verdadeiro dinheiro vem. Hollywood. E, de alguma forma, esse dinheiro extra e o pseudo-prestígio levaram seu cérebro a pensar que eu deveria viver na França.

Por um ano. Sozinha.

Eu não entendo por que ele não poderia me mandar para a Austrália, ou Irlanda, ou em qualquer outro lugar onde o inglês é a língua nativa. A única palavra francesa que eu sei é *oui*, que significa "sim", e só recentemente eu aprendi que se fala *o-u-i* e não *w-e-e*.

Pelo menos as pessoas, no meu novo colégio, falam inglês. Ele foi fundado para os americanos pretensiosos que não gostam da companhia dos seus filhos. Quero dizer, realmente. Quem envia seu filho para um colégio interno? Isso é tão Hogwarts. Só que no meu colégio não tem lindos bruxos, ou doces mágicos, ou aulas de voo.

Em vez disso, eu estou presa com 99 outros estudantes. Há 25 pessoas em *toda a minha classe, do último ano*, ao contrário dos 600 que havia em Atlanta. E estou estudando as mesmas coisas que eu estudei na Clairemont High, só que agora estou matriculada em francês inicial.

Ah, sim. Francês inicial. Sem dúvida, com os calouros. Estou absolutamente ferrada.

Mamãe diz que eu preciso perder esse momento de amargura logo, mas não é ela que está deixando para trás sua fabulosa melhor amiga, Bridgette. Ou o seu trabalho fabuloso no Royal Midtown 14 multiplex. Ou Toph, o cara fabuloso do Royal Midtown 14 multiplex.

E eu ainda não consigo acreditar que ela está me separando do meu irmão, Sean, que tem apenas sete anos e meio e é jovem demais para ser deixado sozinho em casa depois da escola. Sem mim, ele provavelmente vai ser sequestrado por aquele cara assustador da estrada, que tem toalhas sujas da Coca-Cola penduradas em suas janelas. Ou Seany acidentalmente vai comer algo que contenha corante vermelho #40, sua garganta vai inchar e ninguém vai estar ali para levá-lo ao hospital. Ele poderia até morrer. E aposto que eles não iriam deixar-me voar para casa para o funeral e eu teria que visitar sozinha o cemitério no ano que vem, e meu pai vai ter escolhido algum querubim de granito horrível para colocar em cima do túmulo.

E espero que papai não pense que eu vou preencher as solicitações de faculdade para a Rússia ou para Romênia agora. Meu sonho é estudar a teoria do cinema, na Califórnia. Eu quero ser a maior crítica de cinema, do sexo feminino, da nossa nação. Algum dia eu vou ser convidada para todas as festas, vou ter uma coluna em um jornal de grande circulação, um programa de televisão legal e um site ridiculamente popular. Até agora eu só tenho o site, e não é tão popular.

Ainda.

Eu só preciso de um pouco mais de tempo para trabalhar nele, isso é tudo.

— Anna, está na hora.

— O quê? — Eu levanto a vista das minhas camisetas dobradas em quadrados perfeitos.

Mamãe olha para mim e toca em seu charmoso colar de tartaruga. Meu pai, vestido com uma camisa polo, cor de pêssego, e sapatos de navegação brancos, está olhando pela janela do meu dormitório. É tarde, mas do outro lado da rua tem uma mulher cantando algo lírico.

Meus pais precisam voltar para seus quartos de hotel. Ambos têm voos de manhã cedo.

— Oh. — Aperto a camisa, que está em minhas mãos, um pouco mais forte.

Papai se afasta da janela, e eu me assusto ao encontrar seus olhos molhados. Algo sobre a ideia do meu pai (mesmo que seja o *meu pai*) à beira das lágrimas, cria um nó na minha garganta.

— Bem, garotinha. Acho que você está crescendo agora.

Meu corpo está congelado. Ele puxa meus membros rígidos em um abraço de urso. Seu aperto é assustador.

— Tome conta de si mesma. Estude bastante e faça alguns amigos. E cuidado com os batedores de carteira. — acrescenta. — Às vezes eles trabalham em pares.

Eu aceno sobre seu ombro, ele me libera, e então se vai. Minha mãe fica um pouco para trás.

— Você terá um ano maravilhoso aqui. — diz ela. — Eu simplesmente sei disso.

Mordo meu lábio para evitar que ele trema, e ela me aperta em seus braços. Tento respirar. Inspire. Conte até três. Expire. Sua pele tem cheiro de loção para o corpo de toranja.

— Vou ligar para você, quando eu chegar em casa. — ela diz.

*Casa. Atlanta não é mais a minha casa.*

— Eu te amo, Anna.

Estou chorando agora.

— Eu também te amo. Cuide de Seany para mim.

— Claro.

— E do capitão Jack — eu digo. — Certifique-se de que Sean o alimente, mude sua cama, e encha sua vasilha de água. E certifique-se de que ele não lhe dê muitas guloseimas, porque elas o fazem engordar e então ele não pode sair do seu iglu. Mas certifique-se para que ele dê algumas, pelo menos, todos os dias, porque ele ainda precisa de Vitamina C, e ele não bebe a água quando eu coloco gotas de vitamina...

Ela se afasta e coloca minha faixa branca atrás da minha orelha.



— Eu te amo. — ela diz novamente.

E então minha mãe faz algo que, mesmo depois de todos os documentos, bilhetes de avião e apresentações, não vejo vindo. Algo que teria acontecido em um ano, de qualquer maneira, uma vez que eu sáísse para a faculdade, mas não importa quantos dias, ou meses, ou anos, eu já ansiasse por isso, eu ainda não estava preparada para quando isso realmente acontecesse.

Minha mãe se foi. Eu estou sozinha.

Eu sinto isso vindo, mas não consigo pará-lo.

PÂNICO. Eles me deixaram. Meus pais realmente me deixaram! NA FRANÇA!

Enquanto isso, Paris está estranhamente silenciosa. Até mesmo a cantora de ópera se encheu por essa noite. Eu *não posso* perdê-los. As paredes daqui são mais finas do que Band-Aids, então se eu chorar, os meus vizinhos (meus novos colegas) vão ouvir tudo. Eu vou ficar doente. Vou vomitar o estranho tapenade de berinjela que eu tinha jantado, e todos irão ouvir, e ninguém vai me convidar para assistir os mímicos escaparem de suas caixas invisíveis, ou o que seja que as pessoas façam aqui no seu tempo livre.

Corro para a pia, para respingar água no meu rosto, mas ela explode e molha minha camisa de vez. E agora estou chorando mais forte, porque eu não tinha descompactado as minhas toalhas, e a roupa molhada me lembra daqueles estúpidos passeios na água que Bridgette e Matt usavam para me arrastar ao Six Flags, onde a água é da cor errada, cheira a tinta, e tem um bilhão de trilhões de bactérias nela. Oh Deus. E se houver bactérias nessa água? A água francesa é segura mesmo para beber?

Patética. Eu sou patética.

Quantos adolescentes, de dezessete anos, não matariam para sair de casa? Meus vizinhos não estão tendo nenhum colapso. Nenhum grito vindo pelas *suas* paredes do quarto. Pego uma camisa na cama, para me secar, quando a solução me atinge. *Meu travesseiro*. Eu deito de cara nele para barrar o som, e choro, e soluço, e soluço.

Alguém está batendo na minha porta.

Não. Certamente não é a minha porta.

Lá está outra vez!

— Olá? — Uma garota chama do corredor. — Olá? Você está bem?

Não, eu não estou bem. VAI EMBORA. Mas ela chama de novo, e eu sou obrigada a rastejar para fora da minha cama e atender a porta. Uma loira, com longos cachos, espera do outro lado. Ela é alta e grande, mas não grande com excesso de peso. Grande como uma jogadora de Vôlei. Um piercing em seu nariz brilha como diamante, na luz do corredor.

— Você está bem? — Sua voz é gentil. — Sou Meredith; moro na porta ao lado. Foram seus pais que acabaram de sair?

Meus olhos inchados são o sinal afirmativo.

— Eu chorei na primeira noite, também. — Ela inclina a cabeça, pensa por um momento, e então acena. — Vamos lá. *Chocolat chaud*.

— Um show de chocolate? — Por que eu ia querer ver um show de chocolate? Minha mãe me abandonou e eu estou com medo de deixar o meu quarto, e...

— Não. — Ela sorri. — *Chaud*. Quente. Chocolate quente, eu posso fazer algum no meu quarto.

Oh.

Apesar de tudo, eu a sigo. Meredith me para com a sua mão, como um guarda de trânsito. Ela está usando anéis em todos os cinco dedos.

— Não se esqueça da sua chave. As portas bloqueiam automaticamente atrás de você.

— Eu sei. — E puxo o colar para fora da minha camisa para provar isso. Enfie a minha chave nele durante este fim de semana requerido para o Seminário Habilidades para a Vida, para os novos alunos, quando eles nos contam como é fácil ficar trancado do lado de fora.

Entramos em seu quarto. Eu suspiro. É do mesmo tamanho impossível que o meu, sete por três pés, com a mesma mini-mesa, mini-cômoda, mini-cama, mini-frigorífico, mini-pia, e mini-ducha. (Mini-banheiro não, esses são compartilhados no final do corredor.) Mas... ao contrário da minha própria caixa estéril, cada centímetro de parede e teto está coberto com cartazes, fotos, papel de embrulho brilhante e folhetos coloridos escritos em francês.

— Há quanto tempo você *está* aqui? — Eu pergunto.

Meredith me dá um lenço de papel e eu assuo o nariz, faço um som terrível de buzina, como um ganso irritado, mas ela não recua ou faz uma cara.

— Eu cheguei ontem. Este é meu quarto ano aqui, então eu não tenho que ir para os seminários. Voei sozinha, então eu só estava fora, esperando os meus amigos chegarem. — Ela olha em volta, com as mãos na cintura, admirando sua obra. Encontro uma pilha de revistas, tesoura, e fita adesiva no chão, e percebo que esse é um trabalho em andamento. — Nada mal, hein? Paredes brancas não combinam comigo.

Circulo o seu quarto, examinando tudo. Descubro rapidamente que a maioria dos rostos são das mesmas cinco pessoas: John, Paul, George, Ringo<sup>4</sup>, e algum cara do futebol que eu não reconheço.

— Os Beatles são tudo o que eu ouço. Meus amigos implicam comigo, mas...

— Quem é esse? — Aponto para o cara do Futebol. Ele está vestindo vermelho e branco, e é todo sobranceiras e cabelos escuros. Muito bonito, realmente.

— Cesc Fabregas<sup>5</sup>. Deus, ele é o passador<sup>6</sup> mais incrível. Joga para o Arsenal. O clube de futebol Inglês? Sabe?

Eu balanço a minha cabeça. Não me mantenho atualizada com esportes, mas talvez eu devesse.

— Pernas bonitas, entretanto.

— Eu sei, né? Você poderia martelar pregos com essas coxas.

Enquanto Meredith prepara *chocolat chaud* numa vasilha quente, eu fico sabendo que ela também é uma aluna do último ano, e que ela só joga futebol

durante o verão, porque a nossa escola não tem um programa, mas que ela usou um planejamento estratégico para se classificar no All-State, em Massachusetts. Que é de onde ela vem, em Boston. E ela me lembra que eu deveria chamar de "football" aqui, o que (quando penso nisso) realmente faz mais sentido. E ela não parece se importar quando eu a atormento com perguntas ou mexo nas suas coisas.

O quarto dela é surpreendente. Além da parafernália gravada nas suas paredes, ela tem uma dúzia de xícaras de porcelana, cheias de anéis de plástico com brilho, anéis de prata com pedras âmbar, e anéis de vidro com flores prensadas. Já parece que ela mora aqui há anos.

Experimento um anel com um dinossauro de borracha preso. O T-rex pisca luzes vermelha, amarela, e azul, quando eu aperto ele.

— Eu gostaria de ter um quarto como este.

Adoraria isso, mas eu sou muito maníaca por organização para ter algo parecido para mim. Preciso de paredes limpas, e um ambiente de trabalho limpo, e tudo no lugar certo, em todos os momentos.

Meredith parece satisfeita com o elogio.

— Estes são os seus amigos? — Coloco o dinossauro de volta à sua xícara e aponto para uma fotografia colada em seu espelho. Ela é cinza, sombria, e impressa em papel grosso e brilhante. É evidente que é o produto de um curso de fotografia da escola. Quatro pessoas estão diante de um cubo gigante oco, a abundância de roupa preta elegante, e cabelo deliberadamente despenteado, revela que Meredith pertence ao grupo residente de arte. Por alguma razão, estou surpresa. Eu sei que o quarto dela é artístico, e ela tem todos esses anéis nos dedos e no nariz, mas o resto está bem arrumado — blusa lilás, jeans apertado, e voz suave. Então há a coisa do futebol, mas ela não é um moleque tampouco.

Ela dá um sorriso largo, e seu piercing no nariz cintila.

— Sim. Ellie tirou essa em La Défense. Esses são Josh e St. Clair, eu e Rashmi. Você vai conhecer todos amanhã, no café da manhã. Bem, todos, menos a Ellie. Ela se formou no ano passado.

O buraco no meu estômago começa a abrir. Isso foi um convite para eu me sentar com ela?

— Mas eu tenho certeza de que você vai encontrá-la em breve, porque ela está namorando St. Clair. Agora ela está na *Parsons* Paris, estudando fotografia.

Nunca ouvi falar disso, mas eu aceno, como se eu mesma já estivesse considerado ir para lá algum dia.

— Ela é realmente talentosa. — O tom em sua voz sugere o contrário, mas eu não pressiono. — Josh e Rashmi estão namorando, também. — ela acrescenta.

Ah. Meredith deve ser solteira. Infelizmente, não posso responder.

Voltando em casa, eu tinha saído com meu amigo Matt durante cinco meses. Ele era mais ou menos alto, mais ou menos engraçado, e tinha um cabelo mais

ou menos decente. Foi uma dessas situações "já que ninguém melhor está por perto, você quer sair?". Tudo o que nós tínhamos feito era beijar, e nem sequer era tão bom. Muita saliva. Eu sempre tinha que limpar meu queixo.

Nós terminamos quando eu descobri sobre a França, mas não foi grande coisa. Eu não chorei, ou lhe enviei e-mails chorosos, ou peguei a chave do Station Wagon da mãe dele. Agora ele está saindo com a Cherrie Milliken, que está no coro e tem um brilhante cabelo comercial-de-shampoo. Nem sequer me incomodo com isso. Não mesmo.

Além disso, o rompimento me libertou para cobiçar Toph, um extraordinário colega de trabalho, no Multiplex. Não que eu não o cobiçava quando eu estava com Matt, mas ainda assim. Isso fazia eu me sentir culpada. E as coisas estavam começando a acontecer com Toph (elas realmente estavam), quando o verão terminou. Mas Matt foi o único cara com quem eu já saí, e ele quase não conta. Uma vez eu disse para ele que tinha saído com um cara chamado Stuart Thistleback, no acampamento de verão. Stuart Thistleback tinha cabelos castanhos-avermelhados e tocava violoncelo, e nós estávamos totalmente apaixonados, mas ele vivia em Chattanooga e nós ainda não tínhamos nossas licenças de motorista.

Matt sabia que eu tinha inventado isso, mas ele era muito gentil para dizer.

Estou prestes a perguntar a Meredith que aulas ela está tendo, quando o seu telefone emite um som com os primeiros compassos de "*Strawberry Fields Forever*". Ela revira os olhos e atende.

— Mãe, é meia-noite aqui. Seis horas de diferença, lembra?

Eu olho para seu despertador, com forma de submarino amarelo, e estou surpresa ao descobrir que ela está certa. Coloco minha caneca vazia, de *chocolat chaud*, em sua cômoda.

— Eu deveria ir. — sussurro. — Desculpe, eu fiquei tanto tempo.

— Espera um segundo. — Meredith cobre o telefone. — Foi um prazer conhecer você. Vejo você no café da manhã?

— Sim. Até logo. — Eu tento dizer isso casualmente, mas estou tão emocionada que salto de seu quarto e imediatamente bato em uma parede.

Opa. Não uma parede. Um garoto.

— Oof. — Ele cambaleia para trás.

— Desculpe! Sinto muito, eu não sabia que você estava aí.

Ele balança a cabeça, um pouco atordoado. O que eu primeiro observo é o seu cabelo (é a primeira coisa que eu observo sobre todos). É marrom escuro, confuso, e de alguma forma longo e curto ao mesmo tempo. Penso nos Beatles, já que eu acabei de vê-los no quarto de Meredith. Cabelo de artista. Cabelo de músico.

Cabelo-Eu-finjo-que-não-me-importo,-mas-na-verdade-eu-me-importo.

Cabelo lindo.

— Está tudo bem, eu não vi você também. Está tudo bem, então?

Oh meu. Ele é Inglês.

— Er. A Mer vive aqui?

Sério, eu não conheço nenhuma garota americana que pode resistir a um sotaque Inglês.

O garoto pigarreia.

— Meredith Chevalier? Garota alta? Cabelos cacheados longos? — Então ele me olha como se eu fosse louca ou meio surda, como a minha Nanna Oliphant. Nanna apenas sorri e balança a cabeça sempre que lhe pergunto: "*Que tipo de molho para a salada, você gostaria?*" Ou "*Onde você pôs a dentadura do vovô?*"

— Desculpe. — Ele dá um pequeno passo para longe de mim. — Você estava indo para a cama.

— Sim! Meredith vive aqui. Acabei de passar duas horas com ela. — Eu anuncio isto orgulhosamente, como o meu irmão Seany faz, sempre que ele encontra algo nojento no quintal. — Eu sou Anna! Eu sou nova aqui!

*Oh Deus. Qual é. Que é isso. Entusiasmo assustador?* Minhas bochechas pegam fogo, e é tudo tão humilhante.

O belo rapaz dá um sorriso divertido. Seus dentes são adoráveis (retos na parte superior e tortos na inferior, com um toque de sobremordida). Eu sou louca por sorrisos como este, devido a minha própria falta de ortodontia. Tenho uma brecha, entre os meus dentes da frente, do tamanho de uma uva passa.

— Étienne. — diz ele. — Eu moro um andar acima.

— Eu moro aqui. — Aponto silenciosamente para meu quarto enquanto minha mente embaralha: nome francês, sotaque Inglês, escola americana. Anna confusa.

Ele bate duas vezes na porta de Meredith.

— Bem. Eu te vejo por aí, então, Anna.

*Eh-t-yen* diz o meu nome assim: *Ah-na*.

Meu coração bate, *tum tum tum*, no meu peito.

Meredith abre a porta.

— St. Clair! — ela grita. Ela ainda está no telefone. Eles riem, se abraçam, e falam um sobre o outro. — Entre! Como foi seu voo? Quando você chegou aqui? Você já viu Josh? Mãe, eu tenho que ir.

O telefone de Meredith, e a porta, se fecham simultaneamente.

Eu apalpo a chave no meu colar. Duas meninas, com roupões de banho cor-de-rosa combinando, pavoneiam atrás de mim, rindo e fofocando. Um grupo de caras atravessa o corredor rindo e assoviando. Meredith e seu amigo riem atrás das paredes finas. Meu coração afunda, e meu estômago volta a apertar.

Eu ainda sou a garota nova. Eu ainda estou sozinha.

Na manhã seguinte, eu penso em parar em Meredith, mas me acovardo e caminho para o café da manhã sozinha. Pelo menos eu sei onde é o refeitório (Dia Dois: Seminário de Habilidades para a Vida). Checo duas vezes meu cartão de refeição e abro meu guarda-chuva da Hello Kitty. Está chovendo. O tempo não se importa que seja o meu primeiro dia de aula.

Cruzo o caminho com um grupo de estudantes tagarelas. Eles não me notam, mas, juntos, evitamos as poças. Um automóvel, pequeno o suficiente para ser um dos brinquedos do meu irmão, passa e molha uma garota de óculos. Ela xinga, e seus amigos a provocam.

Eu fico para trás.

A cidade está cinza perolada. O céu nublado e os edifícios de pedra emitem a mesma elegância fria, mas à frente de mim, brilha o Panteão. Sua enorme cúpula e colunas impressionantes sobem alto para coroar o bairro. Toda vez que vejo isso, é difícil de me afastar. É como se fosse roubado da Roma antiga, ou, no mínimo, do Capitólio. Nada que eu deveria ser capaz de ver através da janela da sala de aula.

Eu não sei o seu objetivo, mas presumo que alguém vai me dizer em breve.

Meu novo bairro é o Latin Quarter, ou o quinto *arrondissement*. De acordo com meu dicionário de bolso, isso significa distrito, e os edifícios em meu *arrondissement* se mesclam um com os outros, curvando-se nos cantos com a suntuosidade dos bolos de casamento. As calçadas estão cheias de estudantes e turistas, e estão alinhadas com bancos e postes ornamentados idênticos, árvores espessas (cercadas de grades metálicas), catedrais góticas, creperias minúsculas, prateleiras de cartões postais, e sacadas de ferro feitas com arabescos.

Se estas fossem umas férias, tenho certeza de que eu estaria encantada. Eu compraria um chaveiro da Torre Eiffel, tiraria fotos dos paralelepípedos, e pediria um prato de escargot. Mas eu não estou de férias. Estou aqui para morar, e sinto-me pequena.

O edifício principal da Escola da América é apenas uma caminhada de dois minutos da Habitação Lambert, o dormitório dos alunos de penúltimo e último ano. A entrada é através de um grande arco, em um pátio com árvores bem cuidadas. Gerânios e heras descem de caixas, nas janelas de cada piso, e cabeças de leões majestosos estão esculpidas no centro das portas de cor verde escuro, que são três vezes a minha altura. Em ambos os lados das portas estão penduradas bandeiras de cor vermelha, branca e azul, uma americana, e a outra francesa.

Parece um set de filmagem. *A Princesinha* foi feito em Paris. Como pode uma escola como essa realmente existir? E como é possível que eu esteja matriculada nela? Meu pai é louco por acreditar que eu pertença a este lugar. Estou lutando para fechar o meu guarda-chuva, e abrir as pesadas portas de

madeira com a minha bunda, quando passa um mauricinho com falso cabelo de surfista. Ele se choca com o meu guarda-chuva e depois me atira um olhar de desprezo como se: (1) fosse minha culpa ele ter a paciência de uma criança e (2), ele já não estivesse encharcado de chuva.

Dois pontos de dedução para Paris. Chupa essa, Mauricinho.

O teto do primeiro andar é incrivelmente alto, gotejando lustres e afrescos de ninfas flertando e sátiros cobiçosos. É leve o cheiro de laranja dos produtos de limpeza, e de marcadores de quadro branco. Eu sigo o rangido das solas de borracha em direção ao refeitório. Debaixo dos nossos pés está um mosaico de mármore formando pardais. Montado na parede, na extremidade do corredor, está um relógio dourado apontando a hora.

A escola inteira é tão intimidadora quanto é impressionante. Ela deveria ser reservada para alunos com guarda-costas pessoais e pôneis de *Shetland*, e não para alguém que compra a maior parte de seu vestuário na *Target*.

Mesmo já tendo visto ele na excursão da escola, o refeitório me deixou morta.

Eu costumava almoçar em um ginásio convertido que cheirava a água sanitária e jockstraps. Ele tinha longas mesas com bancos pré-moldados, copos de papel e pratos de plástico. As senhoras (com rede no cabelo), da caixa registradora, serviam pizzas congeladas, batatas fritas congeladas, e nuggets congelados; e as fontes de refrigerante, e máquinas de venda automática, forneciam o resto da minha chamada alimentação.

Mas isso. Isso poderia ser um restaurante.

Ao contrário da opulência histórica do salão, o refeitório é elegante e moderno. É repleto de mesas-redondas de bétula e plantas em cestos pendurados. As paredes são de cor tangerina e limão, e há um homem francês elegante, usando um chapéu branco de chef, que serve uma variedade de alimentos que suspeito serem frescos. Há vários casos de garrafas com bebidas, mas em vez de conter Coca com açúcar ou cafeína elevado, estão cheias de suco e uma dúzia de tipos de água mineral. Tem até mesmo uma tabela criada para o café. *Café*. Eu sei de alguns alunos da Clairemont, que frequentam a Starbucks, que matariam para ter café na escola.

As cadeiras já estão cheias de gente fofocando com seus amigos acima dos gritos dos chefs e do barulho dos pratos (pratos chineses reais, não de plástico). Eu estou parada na porta. Estudantes passam roçando em mim, saindo em todas as direções. Meu peito aperta. Devo encontrar uma mesa ou devo pegar primeiro meu café da manhã? E como eu mesma irei pedir quando estou em pânico com o menu *français*?

Me surpreendo quando uma voz chama pelo meu nome. Oh, por favor, oh por favor, oh por favor...

Uma varredura no meio da multidão revela uma mão, com cinco anéis,



acenando do outro lado da sala. Meredith aponta para uma cadeira vazia ao lado dela, e eu teço o meu caminho, grata e quase dolorosamente aliviada.

— Pensei em bater à sua porta para que pudéssemos caminhar juntas, mas eu não sabia se você era uma daquelas pessoas que dormem tarde. — As sobranceiras de Meredith estão juntas de preocupação. — Me desculpe, eu deveria ter batido. Você parece estar tão perdida.

— Obrigada por guardar um lugar. — Largo as minhas coisas e sento. Há duas outras pessoas na mesa, como prometido na noite anterior, são as da fotografia sobre o espelho dela. Estou nervosa e reajusto novamente a minha mochila nos meus pés.

— Esta é Anna, a garota que eu estava falando. — diz Meredith.  
ara de café.

— Josh. — ele diz. — E Rashmi. — Ele acena para a garota ao seu lado, que está com a outra mão dentro do bolso da frente do capuz dele. Rashmi tem óculos com borda azul, e cabelos negros e espessos que caem pelas costas. Ela me dá apenas o mais básico dos reconhecimentos.

Está bem. Não é grande coisa.

— Todo mundo está aqui, exceto St. Clair. — Meredith move seu pescoço em torno do refeitório. — Ele geralmente está atrasado.

— Sempre. — Josh corrige. — Sempre atrasado.

Limpo a minha garganta.

— Eu acho que o conheci na noite passada. No corredor.

— Cabelo bom e um sotaque Inglês? — Meredith pergunta.

— Sim. Humm. Eu acho. — Tento manter a minha voz casual.

Josh sorri.

— Todo mundo está apaaaixonado por St. Clair.

— Ah, cala a boca. — diz Meredith.

— Eu não estou. — Rashmi me olha pela primeira vez, calculando ou não se eu poderia ter uma queda pelo namorado dela.

Ele solta a mão dela e dá um suspiro exagerado.

— Bem, eu estou. Estou convidando ele para o baile. Este é o nosso ano, eu sei que é.

— Esta escola tem um baile? — Eu pergunto.

— Deus não. — diz Rashmi. — Sim, Josh. Você e St. Clair vão ficar muito bonitos em smokings combinando.

— Terno a rigor. — O sotaque Inglês faz eu e Meredith saltar em nossos lugares. O Garoto do Corredor. Lindo garoto. Seu cabelo está úmido pela chuva. — Eu insisto que nossos smokings tenham cauda, ou vou dar o seu buquê para Steve Carver.

— St. Clair! — Josh pula do seu banco, e eles se dão um abraço clássico de caras \_dois-golpes-nas-costas\_. — Não tem beijo? Estou destruído, amigo.

— Pensei que poderia ser estranho. Ela ainda não sabe sobre nós.

— Que seja. — diz Rashmi, mas ela está sorrindo agora. Isso fica bem nela. Ela deveria levantar os cantos de sua boca com mais frequência.

O Lindo Garoto do Corredor (Eu deveria chamá-lo de Étienne ou St. Clair?) deixa cair sua bolsa e desliza para o banco restante entre Rashmi e eu.

— Anna. — Ele fica surpreso ao me ver, e eu estou chocada também. Ele se lembra de mim. — Guarda-chuva legal. Poderia ter usado esta manhã. — Ele sacode o cabelo com a mão, e uma gota cai no meu braço nu. Faltam-me palavras. Infelizmente, o meu estômago fala por si. Seus olhos se abrem por causa do som, e eu estou alarmada com o quão grande e marrom eles são. Como se ele precisasse de novas armas contra a espécie feminina.

Josh deve estar certo. Toda garota na escola deve ser apaixonada por ele.

— Soa terrível. Deverias alimentar essa coisa. A menos que... — Ele pretende me examinar, então chega perto de mim com um sussurro. — A menos que você seja uma daquelas garotas que nunca comem. Não posso tolerar isso, me amedronta. Tenho que lhe dar uma proibição vitalícia para sentar nessa mesa.

Estou determinada a falar racionalmente em sua presença.

— Não estou certa de como pedir.

— É fácil. — diz Josh. — Fique na fila. Diga-lhes o que você quer. Aceite guloseimas deliciosas. E, em seguida, dê a eles o seu cartão de refeição e dois litros de sangue.

— Eu ouvi que elevou a três litros este ano. — diz Rashmi.

— E medula óssea. — O Lindo Garoto do Corredor diz. — Ou o lóbulo da orelha esquerda.

— Eu quis dizer o *menu*, muito obrigada. — Faço um gesto para o quadro-negro acima de um dos chefs. Uma mão, requintada e cursiva, escreveu o menu desta manhã em rosa, amarelo e branco. *Em francês*. — Não é exatamente a minha primeira língua.

— Você não fala francês? — Meredith pergunta.

— Tenho tido espanhol por três anos. Não é como se alguma vez eu houvesse pensado que me mudaria para Paris.

— Tudo bem. — diz Meredith rapidamente. — Muitas pessoas aqui não falam francês.

— Mas a maioria deles falam. — Josh acrescenta.

— Mas a maioria deles não muito bem. — Rashmi olha sugestivamente para ele.

— Primeiro, aprenderás a língua do alimento. A linguagem do amor. — Josh esfrega a barriga como um Buda magro. — *Oeuf*. Ovo. *Pomme*. Maça. *Lapin*. Coelho.

— Não é engraçado. — Rashmi lhe dá um soco no braço. — Não é de

admirar que Isis te morda. Imbecil.

Eu olho para o quadro-negro novamente. Ainda em francês.

— É, hum, vamos então?

— Certo. — O Lindo Garoto do Corredor empurra para trás a cadeira dele. — Venha. Eu ainda não comi, também.

Eu não posso deixar de notar as várias meninas encarando ele enquanto nós serpenteamos por entre a multidão. Uma loira, com nariz adunco e um top minúsculo, nos cerca assim que entramos na fila.

— *Oi, St. Clair.* Como foi o seu verão?

— Olá, Amanda. Legal.

— Você ficou aqui, ou voltou para *Londres*? — Ela se inclina sobre sua amiga, uma menina pequena com um rabo-de-cavalo rígido, e posiciona-se para a máxima exposição.

— Eu fiquei com a minha mãe em São Francisco. Você teve boas férias? — Ele pergunta isso educadamente, mas estou satisfeita por ouvir a indiferença em sua voz.

Amanda vira o cabelo dela, e de repente ela é Cherrie Milliken. Cherrie adora açoitador os cabelos, sacudi-los, e girar eles em torno de seus dedos. Bridgette está convencida de que ela passa seus fins de semana diante de ventiladores oscilantes, fingindo ser uma supermodelo, mas acho que ela está muito ocupada imergindo seus cabelos em mamão e lama de algas, nessa busca incessante do brilho perfeito.

— Foi *fabuloso*. — Sacode, lá vai o cabelo dela. — Eu fui para a *Grécia* durante um mês, depois passei o resto do meu verão em Manhattan. Meu pai tem uma *incrível* cobertura, com vista para o Central Park.

Cada *frase* que ela diz tem uma *palavra* enfatizada. Eu tusso para não rir, e o Lindo Garoto do Corredor começa a ter um ataque de tosse estranha.

— Mas eu senti sua *falta*. Não recebeu os meus *e-mails*?

— Er, não. Você deve ter mandado para o endereço errado. Hey. — Ele me cutuca. — Está quase na nossa vez. — Ele se vira e dá as costas para Amanda; ela e sua amiga trocam carrancas.

— Momento para a sua primeira lição francesa. Café da manhã aqui é simples e consiste principalmente de pães e croissants, sendo esse o mais famoso, claro. Isso significa sem salsichas, e sem ovos mexidos.

— Bacon? — Pergunto esperançosa.

— Definitivamente não. — Ele ri. — Segunda lição, as palavras no quadro-negro. Ouça com atenção e repita depois de mim. *Granola*. — Eu estreito meus olhos enquanto ele faz um tom de fingida inocência. — Significa *„Granola“*. E esta outra? *Yaourt*?

— Pô, sei lá. Iogurte?

— Uma nativa! E você disse que nunca viveu na França antes?

— *Duro. Extremamente. Duro.*

Ele sorri.

— Oh, veja só. Conhece-me a menos de um dia e já está me provocando sobre meu sotaque. O que será a seguir? Discutir a situação do meu cabelo? Minha altura? Minhas calças?

Calças. Honestamente.

O francês por trás do balcão faz um ruído para nós. Desculpe, Chef Pierre. Eu estou um pouco distraída por esta obra de arte de Garoto Francês Inglês Americano.

O garoto pergunta rapidamente:

— Iogurte com granola e mel, ovo cozido mole<sup>27</sup>, ou *brioche* com peras?

Eu não tenho nenhuma ideia do que é *brioche*.

— Iogurte. — eu digo.

Ele coloca nossos pedidos em francês perfeito. Pelo menos, parece impecável para os meus ouvidos virgens, e relaxa o Chef Pierre. Ele perde o olhar furioso e mexe a granola e o mel no meu iogurte. Um punhado de mirtilos é adicionado ao topo antes dele me entregar.

— *Merci*, Monsieur Boutin.

Agarro nossa bandeja.

— Não há *Pop-Tarts*? Ou *Cocoa Puffs*? Eu estou, tipo, totalmente ofendida.

— *Pop-Tarts* são às terças-feiras, *Waffles* são às quartas-feiras, mas nunca, jamais, servem *Cocoa Puffs*. Você terá de se contentar com *Froot Loop*<sup>2</sup> às sextas-feiras, em vez disso.

— Você sabe muito sobre ‘junk food’ americana para um cara britânico.

— Quer suco de laranja? Toranja? Cranberry? — Aponto para laranja, e ele puxa duas caixinhas. — Não sou britânico. Eu sou americano.

Eu sorrio.

— Claro que sim.

— Eu sou. Você tem que ser americano para participar da *SOAP*, lembra?

— Soap?

— Escola da América, em Paris. — explica ele. — *SOAP*.

Legal. Meu pai me enviou aqui para ser limpa.

Ficamos na fila para pagar, e estou surpresa pela forma como isso é executado de forma eficiente. Minha antiga escola era tudo sobre aguardar incessantemente as merendeiras, mas aqui todo mundo espera pacientemente.

Viro-me no momento exato de ver seus olhos viajando acima e abaixo do meu corpo. Minha respiração está presa. O lindo garoto está dando uma conferida em mim. Ele não percebe que eu o peguei me olhando.

— Minha mãe é americana. — ele continua sem problemas. — Meu pai é francês. Eu nasci em São Francisco, e fui criado em Londres.

Milagrosamente, eu acho a minha voz.

— Um verdadeiro internacional.

Ele ri.

— Isso é certo. Eu não sou presumido, como o resto de vocês.

Estou prestes a provocá-lo de volta quando eu me lembro: *Ele tem namorada*.

Algo mau cutuca certas partes do meu cérebro, forçando-me a recordar da minha conversa com Meredith na noite passada. É hora de mudar de assunto.

— Qual é o seu verdadeiro nome? Ontem à noite você se apresentou como...

— St. Clair é o meu sobrenome. Étienne é o meu primeiro.

— Étienne St. Clair. — Tento pronunciar como ele, muito estrangeiro e elegante.

— Terrível, não é?

Estou rindo agora.

— Étienne é bom. Por que as pessoas não o chamam assim?

— Oh, *'Étienne é bom'*. Muito generoso da sua parte.

Outra pessoa entra na fila atrás de nós, um menino pequeno com a pele marrom, acne, e uma esteira grossa de cabelos pretos. O garoto está animado por vê-lo, e ele sorri de volta.

— Nikhil, Hey. Você teve boas férias? — Essa é a mesma pergunta que ele fez a Amanda, mas desta vez o tom é sincero.

Isso foi tudo que precisou para o rapaz se lançar em uma história sobre sua viagem a Déli, sobre os mercados, templos, e monções. (Ele foi a uma viagem de um dia para o Taj Mahal. Foi para as praias do Panamá e depois para Geórgia).

Outro menino se junta a nós, este é magro e pálido, com cabelo pegajoso. Nikhil se esquece de nós e cumprimenta o amigo conversado de forma entusiasmada.

St. Clair (eu estou determinada a chamá-lo assim depois que me envergonhei) se volta para mim.

— Nikhil é irmão de Rashmi. Ele é um calouro este ano. Ela também tem uma irmã mais nova, Sanjita, que está no penúltimo ano, e uma irmã mais velha, Leela, que se formou há dois anos.

— Você tem irmãos ou irmãs?

— Não. E você?

— Um irmão, mas ele está em casa. Em Atlanta. Isso é na Geórgia. No Sul. Ele levanta uma sobrancelha.

— Eu sei onde é Atlanta.

— Ah. Certo. — Entrego o meu cartão de refeição para o homem por detrás do caixa. Como o Sr. Boutin, ele usa um uniforme branco e chapéu engomado pressionado. Ele também tem um bigode com as pontas curvadas. Huh. Não sabia que eles tinham esses aqui. O Chef Bigode devolve meu cartão com um *merci* rápido.

*Obrigado.* Outra palavra que eu já sabia. Excelente.

No caminho de volta à nossa mesa, Amanda olha St. Clair da sua legião de Lindos Mauricinhos e Patricinhas. Não estou surpresa ao ver o garoto, do cabelo de surfista falso, dando um olhar de desprezo para o cara sentado com ela. St. Clair está falando das classes (o que esperar do meu primeiro dia, como meus professores serão), mas eu parei de escutar. Tudo que sei é seu sorriso de dentes tortos, e seus passos confiantes ao andar.

Eu sou tão tola quanto às outras garotas.

Afila H até P se move lentamente. O rapaz à minha frente está discutindo com a conselheira de orientação. Eu olho a de A até G, e vejo que Meredith (Chevalier) e Rashmi (Devi) já receberam seus cronogramas de classe e estão trocando para compará-los.

— Mas eu não pedi teatro, pedi ciência da computação.

A conselheira de orientação é paciente.

— Eu sei, mas ciência da computação não se encaixava com sua programação, e sua alternativa sim. Talvez você possa tomar ciência da computação na próxima...

— Minha alternativa foi programação de computadores.

Seguro isso. Minha atenção se fixa. Eles podem fazer isso? Colocar-nos em uma classe que não pedimos? Eu vou morrer — morrer — se eu tiver que fazer educação física novamente.

— Na verdade, David. — A conselheira mexe nos seus papéis. — Você esqueceu-se de preencher o formulário alternativo, então tivemos que selecionar a classe para você. Mas eu acho que você vai encontrar...

O garoto furioso agarra o seu horário das mãos dela e vai embora. Caramba. Eu não gosto disso, não é culpa dela. Eu passo a frente e digo meu nome mais amavelmente possível, para compensar o idiota que acabou de sair. Ela dá um sorriso com covinhas de volta.

— Querida, eu me lembro de você. Tenha um bom dia em primeiro lugar. — E ela me dá uma meia folha de papel amarelo.

Eu prendo minha respiração enquanto eu a digitalizo. Ufa. Não há surpresas. Inglês Avançado, Cálculo, Francês Inicial, Física, História Europeia, e algo duvidoso chamado "La Vie".

Quando me registrei, o conselheiro escreveu "Vida" como uma classe de último ano, semelhante a uma sala de estudo, mas com oradores convidados ocasionais, que nos darão uma conferência sobre o equilíbrio de talões de cheques, o aluguel de apartamentos e panificação de quiches. Ou algo assim. Estou aliviada que mamãe me deixou estudar essa. Uma das coisas decentes sobre essa escola é que a matemática, ciência e história não são requeridas para alunos de último ano. Infelizmente, minha mãe é uma purista e recusou a deixar que eu me forme sem mais um ano de estudo de todas as três. "Você nunca vai entrar na faculdade certa se você estudar cerâmica", me alertou, franzindo o cenho sobre meu pacote de orientação.

Obrigada, mamãe. Enviar-me para longe para alguma cultura em uma cidade conhecida por sua arte e me fazer sofrer por outra aula de matemática.

Dirijo-me para Meredith e Rashmi, sentindo como se as três estivessem rezando por algumas classes em comum. Estou com sorte.

— Três comigo e quatro com Rash! — Meredith diz e devolve meu horário.

Seus anéis de plástico na cor de arco-íris batem entre eles.

Rash. (Erupção cutânea) Que infeliz apelido. Elas conversam sobre pessoas que eu não sei, e minha mente vagueia para o outro lado do pátio, onde St. Clair aguarda com Josh na fila de Q-até-Z. Eu me pergunto se eu terei algumas aulas com ele.

Quero dizer, eles. Aulas com eles.

A chuva parou, e Josh chuta uma poça d'água na direção de St. Clair.

St. Clair ri e diz algo que faz ambos rirem mais ainda.

De repente registro que St. Clair é menor do que Josh. Muito menor. É estranho que eu não tenha percebido antes, mas ele não carrega a si mesmo como um cara baixinho. A maioria é tímido ou na defensiva, ou alguma combinação mesclada dos dois, mas St. Clair é confiante e amigável e...

— G-zuis, olhas muito!

— O quê? — Eu viro a cabeça para trás, mas Rashmi não está falando para mim. Ela sacode a cabeça para Meredith, que parece tão tímida como eu me sinto.

— Você está queimando buracos na cabeça de St. Clair. Isto não é atraente.

— Cale a boca. — Mas Meredith sorri para mim e encolhe os ombros.

Bem. Isto esclarece algo. Como se eu precisasse de outro motivo para não desejar. O Garoto maravilhoso está oficialmente fora dos limites.

— Não diga nada para ele. — diz ela. — Por favor.

— Claro. — eu digo.

— Porque nós somos, obviamente, apenas amigos.

— Obviamente.

Nós olhamos ao redor até que a diretora da escola chega para seu discurso de boas vindas. A diretora é graciosa e comporta-se como uma bailarina. Ela tem um pescoço longo e cabelo branco como neve, puxado em um nó arrumado, o que faz seu olhar distinto em vez de idoso. O efeito geral é parisiense, embora eu saiba a partir de minha carta de aceitação, que ela é de Chicago. Seu olhar desliza por nós, seus cem alunos escolhidos a dedo.

— Bem-vindos a mais um ano emocionante na Escola da América em Paris. Estou satisfeita por ver tantos rostos familiares, e eu estou mais feliz ainda de ver os novos.

Aparentemente, discurso nas escolas é uma coisa que a França não pode improvisar.

— Para os alunos que assistiram no ano passado, eu convido a todos para dar as boas-vindas à sua nova turma de calouros e veteranos novos, também.

Um punhado de aplausos educados. Eu olho em volta, e estou surpreso ao encontrar St. Clair olhando para mim. Ele bate e levanta as mãos em minha direção. Eu fico vermelha como uma idiota à distância.

A diretora continua a falar. Foco, Anna. Foco. Mas sinto seu olhar como se



fosse o calor do sol. Minha pele fica úmida de suor. Eu deslizo debaixo de uma das árvores podadas imaculadamente. Por que ele está olhando? Ele ainda está olhando? Eu acho que ele está. Por que, por quê? É um olhar bom ou um olhar ruim ou um olhar indiferente?

Mas quando eu finalmente olho, ele não está olhando mais para mim. Ele está mordendo a unha do dedo mindinho.

A diretora termina e Rashmi se levanta para se juntar aos caras. Meredith leva-me para sala de Inglês. A Professor ainda não chegou, então escolhemos lugares atrás. A sala de aula é menor do que o que eu estou acostumada, e está escura, com reluzentes cortinas caindo de altas janelas que se parecem com portas. Mas as mesas são as mesmas, e o quadro e a parede e o apontador de lápis. Concentro-me sobre estes itens familiares para acalmar meus nervos.

— Você vai gostar da Professor Cole. — diz Meredith. — Ela é hilária, e ela sempre atribui os melhores livros.

— Meu pai é um romancista. — Eu digo isso sem pensar e imediatamente me arrependo.

— Sério? Quem?

— James Ashley. — Esse é o seu pseudônimo. Eu acho que Oliphant não era romântico o suficiente.

— Quem?

O fator de humilhação multiplica.

— A Decisão? A Entrada? Eles foram feitos para o cinema. Esqueça isso, todos eles têm nomes vagos como A...

Ela se inclina para frente, animada.

— Não, minha mãe ama A Entrada!

Eu enrugo meu nariz.

— Eles não são tão ruins. Eu assisti A entrada com ela uma vez e totalmente chorei quando a menina morreu de leucemia.

— Quem morreu de leucemia? — Rashmi estatela sua mochila ao meu lado. St. Clair está por trás dela e toma o lugar na frente de Meredith.

— O pai de Anna escreveu A Entrada. — diz Meredith.

Eu tusso.

— Não é algo que eu me orgulho.

— Desculpe-me, o que é A Entrada? — Rashmi pergunta.

— É um filme sobre um menino que ajuda a entregar uma menina no elevador, e então ele cresce e se apaixonar por ela. — diz Meredith enquanto St. Clair se recosta na cadeira e pega o horário dela. — Mas antes do dia do casamento, ela é diagnosticada com leucemia.

— Seu pai a empurra até o altar em uma cadeira de rodas. — eu continuo. — E então ela morre na lua de mel.

— Ugh. — Rashmi e St. Clair dizem juntos.

Basta de constrangimento.

— Onde está Josh? — Eu pergunto.

— Ele é do penúltimo ano. — Rashmi diz, como se eu devesse já saber disso.

— Ele se atrasou por causa do pré-cálculo.

— Oh. — Nossa conversa atinge um beco sem saída. Adorável.

— Três classes juntos, Mer. Dê-me o seu. — St. Clair se inclina para trás novamente e rouba minha folha. — Ooo, Francês Inicial.

— Eu lhe disse.

— Não é tão ruim. — Ele devolve meu horário com um sorriso. — Você vai ler o menu do café da manhã sem mim antes que perceba.

Hmm, talvez eu não queira aprender o francês.

Argh! Garotos transformam as garotas em idiotas.

— Bonjour a tous. — Uma mulher usando um vestido ousado turquesa entra e coloca sua xícara de café no pódio. Ela é bastante jovem, e ela tem o cabelo mais louro que eu já vi em um professor.

— Para a... — seus olhos varrem o ambiente, até pousar em mim.

O quê? O que eu fiz?

— Para a única pessoa que não me conhece, je m'appelle Professeur Cole.

— Ela faz uma reverência exagerada, e a classe ri. Eles giram ao redor para me olhar.

— Olá. — eu digo num fio de voz.

Suspeitas confirmadas. De todas as 25 pessoas presentes (toda a classe de último ano) sou a única estudante nova. Isso significa que meus colegas possuem ainda outra vantagem sobre mim, porque cada um deles está familiarizado com os professores. A escola é tão pequena que cada disciplina é ensinada pelo mesmo professor em todas as quatro classes.

Eu me pergunto que estudante se foi para desocupar a minha posição? Provavelmente alguém mais agradável do que eu. Alguém com dreadlocks e tatuagens de pinups e conexões na indústria da música.

— Eu vejo que o pessoal da limpeza ignorou os meus desejos mais uma vez. — Professeur Cole diz. — Se levantem. Vocês sabem o que fazer.

Eu não, mas eu empurro minha mesa quando todo mundo começa a empurrar a deles. Nós as organizamos em um grande círculo. É estranho ver todos os meus colegas, ao mesmo tempo. Aproveito a oportunidade para avaliá-los. Eu não acho que me destaco, mas suas calças jeans e sapatos e mochilas são mais caros que as minhas. Eles parecem mais limpos, mais brilhantes.

Não há surpresa nisso. Minha mãe é professora de biologia do ensino médio, o que não nos dá um monte de dinheiro extra. Papai paga a hipoteca e ajuda com as contas, mas não é o suficiente, e minha mãe é orgulhosa demais para pedir mais. Ela diz que ele se recusaria e mesmo assim compraria para ele uma máquina elíptica (máquina para exercícios).

Pode haver alguma verdade nisso.

O resto da manhã passa em um borrão. Eu gosto da Professeur Cole, e meu professor de matemática, Professeur Babineaux, é bom o suficiente. Ele é parisiense, faz as sobrancelhas e cospe quando fala. Para ser justa, eu não acho que cuspir é uma coisa francesa. Eu acho que ele tem a língua presa. É difícil dizer com o sotaque.

Depois disso, eu tenho Francês inicial. Professeur Gillet acaba por ser outro parisiense. Figura. Eles sempre mandam nativos da língua dar aulas das línguas estrangeiras.

Meus professores de espanhol estavam sempre rolando os olhos e exclamando: "¡Aye, dios mio!" Sempre que eu levantava minha mão. Eles ficavam frustrados quando eu não podia agarrar um conceito que parecia óbvio para eles.

Eu parei de levantar minha mão.

Como previsto, a classe é um grupo de calouros. E eu. Ah, e um do penúltimo ano, o cara com raiva desta manhã. Ele se apresenta com entusiasmo como Dave, eu posso dizer que ele está tão aliviado quanto eu estou por não ser o único veterano.

Talvez Dave seja, afinal.

Ao meio-dia, eu sigo a debandada para o refeitório. Evito a fila principal e vou direto para o balcão de escolha-você-próprio com fruta e pão, embora a massa cheire incrível. Eu sou uma covarde. Eu prefiro morrer de fome a tentar o francês. "Oui, oui!" Eu diria, apontando para palavras aleatórias sobre o quadro-negro.

Então Chef Handlebar iria aparecer com algo revoltante, e eu teria que comprá-lo por ter vergonha.

É claro que eu quis pedir o pombo assado! Hum! Assim como o da vovó.

Meredith e seus amigos estão descansando na mesma mesa desta manhã. Eu dou uma respiração profunda e me junto a eles. Para meu alívio, ninguém me olha surpreso.

Meredith pergunta a St. Clair se ele já viu a namorada dele. Ele relaxa em sua cadeira.

— Não, mas temos um encontro esta noite.

— Você a viu este verão? Já começaram suas aulas? O que ela está estudando neste semestre? — Ela continua a fazer perguntas sobre Ellie e ele dá respostas curtas. Josh e Rashmi estão se beijando (estou segura de que vi uma língua), eu volto para o meu pão e uvas. Tão bíblico de mim.

As uvas são menores do que eu estou acostumada, e a pele é levemente texturizada. Será que é sujeira? Eu mergulho meu guardanapo em água e passo nos minúsculos globos roxos. Isso ajuda, mas elas ainda estão ásperas. Hmm. St. Clair e Meredith param de falar. Eu olho para cima para encontrá-los olhando

para mim com idênticos cenhos franzidos.

— O quê?

— Nada. — diz ele. — Continue o seu banho de uva.

— Elas estavam sujas.

— Já experimentou uma? — Pergunta ela.

— Não, elas ainda tem essas manchas de lama. — Eu pego uma para mostrar. St. Clair a arranca de meus dedos e bota em sua boca. Estou hipnotizada por seus lábios, sua garganta, quando ele engole.

Hesito. Eu prefiro ter comida limpa ou sua boa opinião?

Ele pega outra e sorri.

— Abra a boca.

Eu abro.

A uva pincela meu lábio inferior enquanto desliza para dentro. Ela explode na minha boca, e eu estou tão assustada com o suco que eu quase cuspo fora. O sabor é intenso, mais como doce de uva do que a fruta real. Dizer que eu nunca provei nada parecido antes, é um eufemismo. Meredith e St. Clair riem.

— Espere até que você experimentá-las como vinho. — diz ela.

St. Clair come uma garfada de macarrão.

— Então. Como foi a aula de francês?

A mudança abrupta de assunto me faz tremer.

— Professeur Gillet é assustadora. Ela tem todos os tipos de expressão. — Eu arranco um pedaço da baguete. A crosta é crocante, e o interior é leve e elástico. Oh, cara. Enfio outro pedaço em minha boca.

Meredith parece pensativa.

— Ela pode ser intimidante no início, mas ela é muito legal quando você começa a conhecê-la.

— Mer é sua pupila. — diz St. Clair.

Rashmi se separa de Josh, que parece atordoado por ar fresco.

— Ela está tendo francês avançado e espanhol avançado. — acrescenta ela.

— Talvez você possa ser minha tutora. — eu digo a Meredith. — Sou horrível em línguas estrangeiras. A única razão para este lugar ter esquecido minhas notas de espanhol é porque a diretora lê os romances idiotas do meu pai.

— Como você sabe? — Pergunta ela.

Reviro os olhos.

— Ela mencionou isso uma ou duas vezes na minha entrevista por telefone. — Seguiu me fazendo perguntas sobre o elenco de O Farol. Como se papai pudesse dizer algo sobre isso. Ou como se eu me importasse. Ela não sabia que os meus gostos cinematográficos são um pouco mais sofisticados.

— Eu gostaria de aprender italiano. — diz Meredith. — Mas eles não oferecem aqui. Eu quero ir para a faculdade em Roma no próximo ano. Ou talvez Londres. Eu poderia estudar lá também.

— Certamente Roma é um lugar melhor para estudar italiano? — Eu pergunto.

— Sim, também. — Ela rouba um olhar para St. Clair. — Eu sempre gostei de Londres.

Pobre Mer. Ela entendeu mal.

— O que você quer fazer? — Eu pergunto a ele. — Para onde você vai?

St. Clair dá de ombros. Lento e encorpado, surpreendentemente francês. O mesmo encolher de ombros que o garçom do restaurante na noite passada me deu quando eu perguntei se eles serviam pizza.

— Não sei. Depende, mas eu gostaria de estudar história. — Ele se inclina para frente, como se ele estivesse prestes a compartilhar um segredo perverso. — Eu sempre quis ser um daqueles caras que entrevistam nos especiais da BBC ou PBS. Você sabe, com sobranceiras loucas e cotoveleiras de camurça.

Assim como eu! Mais ou menos.

— Eu quero estar no canal de filmes clássicos e discutir Hitchcock e Capra com Robert Osborne. Ele anima a maioria dos seus programas. Quer dizer, eu sei que ele é tipo um velho, mas ele é tão horrorosamente legal. Ele sabe tudo sobre o filme.

— Sério? — Ele parece genuinamente interessado.

— A cabeça de St. Clair está sempre nos livros de história do tamanho de dicionários. — Meredith interrompe. — É difícil tirá-lo de seu quarto.

— Isso porque Ellie está sempre lá. — Rashmi diz secamente.

— Você tem com quem conversar. — Ele aponta para Josh. — Sem falar... Henri.

— Henri! — Diz Meredith, e ela e St. Clair estouram na gargalhada.

— Uma maldita tarde, e você nunca me deixa esquecer isso. — Rashmi olha para Josh, que apunhala sua massa.

— Quem é Henri? — Viajo mais na pronúncia. En-ree.

— Este guia turístico da viagem de campo a Versailles no segundo ano. — diz Saint Clair.

— Um sujeito um pouco magro, mas Rashmi nos abandonou no Salão dos Espelhos e jogou sobre ele...

— Eu não!

Meredith sacode a cabeça.

— Eles se pegaram durante toda a tarde, exposição pública total.

— A escola inteira esperando no ônibus por duas horas, porque ela esqueceu o tempo que era suposto nos reunirmos. — diz ele.

— NÃO foram duas horas...

Meredith continua.

— Professeur Hansen finalmente a encontrou por trás de alguns arbustos nos jardins formais, e ela tinha marcas de dentes em todo o pescoço.

— Marcas de dentes! — St. Clair bufa.

Rashmi está fumaçando.

— Cale-se, Língua Inglesa.

— Hein?

— Língua Inglesa. — diz ela. — Isso foi o que todos nós te chamamos após a sua exibição de tirar o fôlego com a Ellie na rua na Primavera passada.

St. Clair tenta protestar, mas ele está rindo demais. Meredith e Rashmi continuam espetando por diante, mas ... Eu estou perdida novamente. Eu me pergunto se Matt é melhor beijador agora que ele tem alguém mais experiente para praticar. Ele era provavelmente um mau beijador por minha causa.

Oh, não.

Eu sou uma má beijadora. Eu sou, eu devo ser.

Algum dia eu vou ser premiada com uma estátua em forma de um par de lábios, e vai estar gravada com as palavras PIOR BEIJADORA DO MUNDO. E Matt fará um discurso sobre como ele só saiu comigo, porque ele estava desesperado, mas eu não terminava a relação, então eu fui um desperdício de tempo porque Cherrie Milliken gostava dele o tempo todo, e ela praticamente se insinuava. Todo mundo sabia disso.

Oh Deus. Toph acha que sou uma má beijadora?

Isso só aconteceu uma vez. A minha última noite no cinema foi também a última noite antes de eu vir para a França. Foi lento, e ficamos sozinhos no lobby a maior parte da noite.

Talvez porque fosse meu turno final, talvez porque nós não nos veríamos outra vez, por quatro meses, talvez porque fosse como uma última chance—qualquer que fosse o motivo, fomos irresponsáveis. Fomos corajosos. O flerte cresceu toda a noite, e quando nos disseram para ir para casa, nós não podíamos ir embora. Ficamos apenas... prolongando a conversa.

E então, finalmente, ele disse que iria me perder.

E então, finalmente, ele me beijou sob o toldo.

E então eu me fui.

— Anna? Você está bem? — alguém pergunta.

A mesa toda está me olhando.

Não chore. Não chore. Não chore.

— Um. Onde é o banheiro? — O banheiro é minha desculpa favorita em qualquer situação. Ninguém questiona nada uma vez que ele é mencionado.

— Os banheiros são no corredor. — St. Clair parece preocupado, mas não se atreve a perguntar. Ele provavelmente tem medo que eu fale sobre absorção de tampões ou mencionar a temida palavra com P.

Passei o resto do almoço em um box. Sinto tanta saudades de casa que dói fisicamente. Minha cabeça lateja, meu estômago está enjoado, e é tudo tão injusto. Eu nunca pedi para ser enviada para aqui. Eu tinha meus amigos e

minhas próprias piadas e os meus beijos roubados. Eu gostaria que meus pais tivessem me oferecido a opção: "Você gostaria de passar seu último ano escolar em Atlanta ou Paris?"

Quem sabe? Talvez eu tivesse escolhido Paris.

O que meus pais nunca consideraram é que eu só queria uma escolha.

Para: Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreak.net>

De: Bridgette Saunderwick <bridgesandwich@freebiemail.com>

Assunto: Não olhe agora, mas...

*... O canto inferior direito de sua cama está desforrado. HA! Mande não olhar. Agora, pare de alisar as rugas invisíveis. Sério mesmo. Como é Le Academe du Fraunch? Algum gato que eu deveria saber? Falando nisso, sabe quem está na minha classe de cálculo? Drew! Ele pintou o cabelo de preto e colocou um anel no lábio. E ele está totalmente bem em Callipygian (procure isso, traseiro de preguiçoso). Sentei-me com as pessoas habituais na hora do almoço, mas não é a mesma sem você. Para não falar que a horrorosa Cherrie apareceu. Ela continuou lançando seus cabelos ao redor, e eu juro que ouvi você cantarolando esse comercial da TRESemme. Eu vou arrancar meus olhos com o brinquedo Darth Maul do Sean, se ela se sentar conosco todos os dias. A propósito, sua mãe me contratou para tomar conta dele depois da escola, então é melhor eu ir. Não quero que ele morra no meu horário.*

*Você faz falta. Venha para casa.*

*Bridge P.S. Amanhã eles estão anunciando na seção quem lidera a banda. Deseje-me sorte. Se eles derem o meu lugar a Kevin Quiggley, eu vou arrancar os olhos dele com o Darth Maul. Callipygian = Ter nádegas bem torneadas.*

*Até, Bridge.*

Minha melhor amiga é uma viciada em palavras. Um de seus bens mais valiosos é a sua OED (Oxford English Dictionary), que ela comprou por praticamente nada em uma venda de jardim há dois anos.

O Dicionário de Inglês de Oxford é um conjunto de vinte volumes que não só fornece definições de palavras, mas suas histórias também. Bridge está sempre jogando grandes palavras nas conversas, porque ela gosta de ver as pessoas se contorcerem e blefarem em torno delas. Eu aprendi há muito tempo não fingir saber o que ela está falando. Ela me faz isso o tempo todo.

Então, Bridgette coleta palavras e, aparentemente, a minha vida.

Eu não posso acreditar que mamãe contratou ela para olhar Sean. Eu sei que ela é a melhor escolha, pois estávamos sempre observando-o juntos, mas ainda assim. É estranho que ela esteja lá sem mim. E é estranho que ela esteja falando com minha mãe enquanto eu fico aqui do outro lado do mundo. Em seguida ela vai me dizer que ela tem um segundo trabalho no cinema.

Falando nisso, TOPH não me envia e-mail há dois dias. Não é como se eu esperasse que ele escrevesse todos os dias, ou até mesmo todas as semanas, mas... houve algo inegável entre nós.

Quero dizer, nós nos beijamos. Será que essa coisa que temos—Seja lá o que for—Terminará, agora que estamos aqui?

Seu verdadeiro nome é Christopher, mas ele odeia ser chamado de Chris, então ele prefere Toph. Ele tem olhos verdes e costeletas horríveis. Ambos



somos canhotos, ambos amamos queijo nacho falso do stand de comida, e ambos odiamos Cuba Gooding Jr. Eu gostei de Toph desde meu primeiro dia no trabalho, quando ele enfiou a cabeça debaixo da máquina de ICEE (uma bebida gaseificada congelada que vem em diversos sabores) e bebeu diretamente da torneira para me fazer rir. Ele tinha Blue Raspberry colorindo sua boca pelo resto do turno.

Muitas pessoas não podem ficar atraentes com dentes azuis. Mas, acreditem, Toph pode.

Eu atualizo minha caixa de entrada (apenas no caso de algo aparecer), mas nada de novo aparece. Eu estou plantada na frente do meu computador por várias horas, à espera de Bridge sair da escola. Estou feliz que ela me mandou um email. Por alguma razão, eu queria que ela escrevesse primeiro. Talvez porque eu queria que ela pensasse que eu era tão feliz e ocupada que não tive tempo para conversar. Quando, na realidade, eu estou triste e sozinha.

E com fome. Meu mini-frigorífico está vazio.

Eu tive o jantar no refeitório, mas evitei a fila principal para a comida novamente, enchendo-me com mais pão, que não dura tanto tempo. Talvez St. Clair vá pedir café da manhã para mim outra vez amanhã. Ou Meredith, aposto que ela faria.

Respondo a Bridge, contando a ela sobre o meu novo tipo-de-amigos, o refeitório louca com restaurante com comida de qualidade, e do Panteão gigante no caminho.

Apesar de tudo, eu descrevo St. Clair, e falo como em Física, ele se inclinou sobre Meredith para pedir uma caneta para mim, no momento em que o Professor Wakefield estava atribuindo parceiros de laboratório. Então, o professor pensou que ele estava sentado ao meu lado, e agora St. Clair é o meu parceiro de laboratório para TODO O ANO.

Que foi a melhor coisa que aconteceu durante todo o dia.

Também digo a Bridge sobre a misteriosa classe de vida, La Vie, porque ela e eu passamos o verão inteiro especulando. (Eu: "Eu aposto que vamos debater o Big Bang e o Significado da Vida." Bridge: "Amiga, provavelmente vão lhe ensinar técnicas de respiração e como converter os alimentos em energia!) Tudo o que fizemos hoje foi nos sentar calmamente e trabalhar na tarefa.

Uma pena.

Eu passei o período lendo o primeiro romance atribuído para Inglês. E, uau. Se eu não tivesse percebido que estou na França, no entanto, eu agora percebo. Porque Como Água para Chocolate tem sexo nele. MUITO sexo. O desejo de uma mulher literalmente leva um edifício a chamas, e depois um soldado joga seu corpo nu sobre um cavalo, e eles totalmente fazem aquilo enquanto galopam. Não há nenhuma maneira de eu deixar isso para trás para ler o Cinturão da Bíblia. O mais sexy que já li foi A Letra Escarlate.

Devo dizer a Bridge sobre este livro.

É quase meia-noite quando eu terminar o e-mail, mas o corredor ainda está barulhento. Os alunos de penúltimo e último ano têm muita liberdade, porque, supostamente, nós estamos maduros o suficiente para lidar com isso. Eu estou, mas tenho sérias dúvidas quanto a meus companheiros de classe. O cara do outro lado do corredor já tem uma pirâmide de garrafas de cerveja empilhadas fora de sua porta, porque, em Paris, aos dezesseis anos de idade é permitido beber vinho e cerveja. Você tem que ter dezoito anos para obter bebidas destiladas. Como se eu não tivesse visto isso por aqui também.

Eu me pergunto se minha mãe tinha qualquer ideia que ia ser legal eu beber quando ela concordou com isso. Ela parecia bastante surpresa quando mencionei isso no Seminário de Habilidades para a Vida, e eu tive uma longa palestra sobre a responsabilidade na hora do jantar. Mas eu não pretendo ficar bêbada. Eu sempre pensei que a cerveja tem cheiro de urina. Há alguns recepcionistas que trabalham meio turno na recepção, mas apenas um vive aqui na Residência do diretor. O nome dele é Nate, e seu apartamento é no primeiro andar.

Ele está na graduação em alguma universidade por aqui. SOAP deve pagá-lo muito para viver conosco.

Nate está na casa dos vinte anos, e ele é baixo e claro e tem a cabeça raspada. Que parece estranho, mas é realmente atraente. Ele é suave e parece ser o tipo de cara que iria ser um bom ouvinte, mas seu tom de voz transmite responsabilidade e uma atitude não-bagunce-comigo. Meus pais o adoraram. Ele também tem uma tigela de camisinhas ao lado de sua porta. Eu me pergunto se meus pais viram isso.

Os calouros e alunos do segundo ano estão em outro dormitório. Eles têm que partilhar quartos, e os seus andares são divididos por sexo, e têm toneladas de supervisão. Eles também têm aplicado toque de recolher. Nós não. Nós apenas temos que assinar uma ficha sempre que entrarmos e sairmos à noite para Nate saber que ainda estamos fora. Yeah. Tenho certeza que ninguém tira vantagem dessa alta segurança.

Eu me arrasto pelo corredor para usar o banheiro. Eu tomo meu lugar na fila — Há sempre uma fila, mesmo à meia-noite — atrás de Amanda, a menina que atacou St. Clair no café da manhã.

Ela sorri para meus jeans desbotados e minha camiseta vintage Orange Crush.

Eu não sabia que ela morava no meu andar. Super.

Nós não falamos. Eu sigo o padrão floral no papel de parede com os dedos. Résidence Lambert é uma mistura peculiar de requinte parisiense e praticidade da adolescência. Lustres de cristal dão as salas do dormitório um brilho dourado, mas as lâmpadas fluorescentes dentro dos nossos quartos fazem zuada. Os pisos são de madeira brilhante, mas forrados com tapetes de classe industrial. As flores

frescas e lâmpadas Tiffany dão graça ao lobby, mas as cadeiras têm assentos duros e as mesas são esculpidas com siglas e palavras rudes.

— Então você é a nova Brandon. — diz Amanda.

— Desculpe?

— Brandon. Número 25. Ele foi expulso da escola no ano passado. Uma das professoras encontrou cocaína em sua mochila. — Ela me olha de novo e franze a testa. — De onde você é afinal?

Mas eu sei o que ela está realmente perguntando. Ela quer saber por que eles escolheram alguém como eu para tomar o lugar dele.

— Atlanta.

— Oh, — ela diz. Como se explicasse a minha completa e absoluta caipirisse. Problema dela. É uma das maiores cidades da América.

— Então, você e St. Clair pareciam muito amigáveis no café da manhã.

— Hum. — Ela está ameaçada por mim?

— Eu não teria nenhuma ideia se eu fosse você, — continua ela. — Nem mesmo você é bonita o suficiente para roubá-lo de sua namorada. Eles estão juntos para sempre.

Foi um elogio? Ou não? Sua ênfase é uma coisa que realmente me dá nos nervos. (Meus nervos).

Amanda dá um bocejo, falso. — Cabelo interessante.

Eu toco conscientemente. — Obrigada. Minha amiga o clareou. — Bridge acrescentou uma mecha grossa no meu cabelo castanho escuro na semana passada. Normalmente, eu deixo a mecha escondida atrás da minha orelha direita, mas hoje ele está em um rabo de cavalo.

— Você gostou? — Ela pergunta na língua Universal de vadias para dizer: Eu acho que é horrível.

Deixo minha mão cair.

— Yeah. É por isso que eu fiz.

— Você sabe, eu não o amarraria assim. Fica meio parecido com um gambá.

— Pelo menos ela não cheira como um. — Rashmi aparece atrás de mim. Ela tinha ido visitar Meredith, eu tinha ouvido a sua voz abafada pelas minhas paredes.

— Perfume delicioso, Amanda. Use um pouco mais da próxima vez. Eu não sei se eles podem sentir o seu cheiro, em Londres.

Amanda grunhe.

— Belos óculos.

— Essa é boa, — Rashmi diz inexpressivamente, mas percebo que ela os ajusta de qualquer maneira. Suas unhas são de cor azul elétrico, o mesmo tom da armação. Ela se vira para mim. — Eu moro dois andares para cima, quarto seis-0-um, se você precisar de alguma coisa. Veja você no café da manhã.

Então ela não gosta de mim! Ou talvez ela simplesmente odeie Amanda mais. De qualquer maneira, eu sou grata, e digo adeus a sua figura em retirada. Ela acena com mão e vai para a escada quando Nate aparece. Ele se aproxima de nós em seu comportamento quieto e simpático.

— Senhoras vão para a cama cedo?

Amanda sorri docemente. — Claro.

— Ótimo. Você teve um bom primeiro dia, Anna?

Isso é tão peculiar como todo mundo aqui já sabe o meu nome.

— Yeah. Obrigada, Nate.

Ele acena como se eu tivesse dito algo que vale a pena pensar, e depois diz boa noite e vai para as pessoas que se encontram na outra extremidade do corredor.

— Eu odeio quando ele faz isso, — diz Amanda.

— O quê?

— Verificar-nos. Isso é idiota. — A porta do banheiro se abre, e uma pequena ruiva dá a volta em Amanda, que apenas fica lá como se fosse a Rainha do Limiar. A menina deve ser uma estudante de penúltimo ano. Eu não a reconheço do círculo de alunos do Inglês avançado. — Deus, você caiu ai dentro?

— Amanda pergunta. A pele pálida da garota fica rosa.

— Ela estava usando o banheiro, — eu digo.

Amanda entra no banheiro, seus chinelos roxos golpeando o piso. Ela puxa a porta e fecha. — Parece como se eu me importasse? Garota gamba?

Uma semana na escola, e eu estou atolado na inimaginável Educação Internacional. O programa da Professeur Cole está livre do habitual Shakespeare e Steinbeck, e em vez disso, nós estamos focando em obras traduzidas. Todas as manhãs, ela comanda a discussão de Como Água para Chocolate como se fôssemos um clube do livro e não uma classe chata e necessária.

Então Inglês é excelente.

Por outro lado, a minha professora de francês é claramente analfabeta. Como explicar o fato de que apesar do nome do nosso livro — Nível Um de Francês — Professeur Gillet insiste em falar apenas em francês? Ela também me chama uma dúzia de vezes por dia. Eu nunca sei a resposta.

Dave a chama de Madame Guillotine. Isto também é excelente.

Ele fez a classe antes, o que é útil, mas, obviamente, não é realmente útil, uma vez que ele falhou no primeiro round. Dave tem o cabelo desgrenhado e os lábios carnudos, e a combinação peculiar de pele bronzada e sardas. Várias garotas tem uma queda por ele. Ele também está na minha aula de história. Estou com os alunos de penúltimo ano, porque os de último ano estão tendo governo, e eu já estudei essa. Então eu sento entre Dave e Josh.

Josh é quieto e reservado na sala de aula, mas fora dela, seu senso de humor é semelhante ao de St. Clair. É fácil entender por que eles são bons amigos. Meredith diz que eles idolatram um ao outro, Josh por causa do carisma inato de St. Clair, e St. Clair porque Josh é um artista incrível. Eu raramente vejo Josh sem a sua caneta ou caderno de esboços. Seu trabalho é incrível—linhas espessas ousadas e detalhes requintados minúsculos—e os dedos estão sempre manchados com tinta.

Mas o aspecto mais notável da minha nova educação é aquele que ocorre fora de uma classe. Nunca mencionado nas brochuras brilhantes. E aqui vai: ir à escola interna é como viver dentro de uma escola secundária. Eu não posso fugir. Mesmo quando eu estou no meu quarto, meus ouvidos são destruídas pelas músicas pop, brigas sobre máquinas de lavar, e bêbados dançando na escadaria. Meredith diz que vai sossegar quando a novidade passar para os alunos novos, mas eu não estou prendendo minha respiração.

No entanto.

É noite de sexta-feira, e a Résidence Lambert está vazia. Meus colegas estão circulando os bares, e eu terei paz, pela primeira vez. Se eu fechar meus olhos, eu quase posso acreditar que estou de volta em casa. Exceto pela ópera. A diva da ópera canta quase todas as noites no restaurante do outro lado da rua. Para alguém com uma voz tão potente, ela é surpreendentemente pequena. Ela também é uma daquelas pessoas que depila as sobrancelhas e as redesenha com um lápis. Ela se parece um extra num Show de Horror.

Bridge me liga quando estou assistindo Rushmore, no conforto da minha mini-

cama. É o filme que lançou Wes Anderson. Wes é incrível, um verdadeiro autor envolvido em cada aspecto da produção, com um estilo de marca reconhecido em todo o quadro—nostálgico e peculiar, inexpressivo e escuro. Rushmore é um dos meus favoritos. É sobre um cara chamado Max Fischer, que está obcecado com, entre outras coisas, a escola privada da qual foi chutado. O que seria da minha vida se eu fosse tão apaixonada pela SOAP como Max é pela Academia Rushmore? Para começar, eu provavelmente não estaria sozinha no meu quarto coberto de creme branco para espinha.

— Annnnnn-uhhhhhh, — diz Bridge. — Eu Odeeeeeio elessss.

Ela não conseguiu ser escolhida a líder da banda. O que é ridículo, porque todo mundo sabe que ela é a baterista mais talentosa da escola. O instrutor de percussão deu a Kevin Quiggle, pois acha que os caras da percussão não respeitariam Bridge como um líder—porque ela é uma menina.

Sim, bem, agora que eles não vão mesmo. Idiotas.

Então Bridge odeia a banda, odeia o instrutor e odeia Kevin, que é um imbecil com um ego desproporcional. — Espere — eu digo. — Logo você vai ser a próxima Meg White ou Sheila E., e Kevin Quiggle vai se gabar de como ele sabia disso naquela época. E então quando ele se aproximar de você depois de algum grande show, esperando um tratamento especial e um passo para o camarim? Você pode passar direto por ele sem sequer olhar para trás.

Ouçõ o sorriso cansado em sua voz.

— Por que você se mudou para longe, Banana?

— Porque meu pai é feito de merda.

— A mais pura linhagem, cara.

Falamos-nos até as três da madrugada, assim acordei tarde no outro dia. Eu corro para me vestir antes do refeitório fechar. Ela só abre para um brunch aos sábados e domingos. Está tranquilo, quando eu chego, mas Rashmi, Josh e St. Clair estão sentados em sua mesa habitual.

A pressão está ligada. Eles mexeram comigo durante toda a semana, porque eu tenho evitado qualquer coisa que requeira pedidos. Eu dei desculpas (‘eu sou alérgica à carne bovinal, ‘Nada mais gostoso do que pão!, ‘Ravioli está superestimadol), mas não posso evitar isso para sempre. Monsieur Boutin está trabalhando no balcão novamente. Pego uma bandeja e respiro fundo.

— Bonjour, uh... soup? Sopa? S’il vous plait?

‘Olá e ‘Por favor! Eu aprendi as palavras educadas em primeiro lugar, na esperança de que o francês me perdoasse por massacrar o resto de sua língua bonita. Aponto para o recipiente de sopa laranja-avermelhado. Abóbora, eu acho. O cheiro é extraordinário, como sálvia e outono. É o início de setembro, e o tempo ainda está quente. Quando o outono chega em Paris?

— Ah! Soupe, — ele corrige suavemente.

— Si, soupe. Quero dizer, oui. Oui! — Meu rosto queima. — E, hum, hum—

frango-salada-feijão-verde, eu acho?

Monsieur Boutin sorri. Isso é alegre. Uma alegre tigela-cheia-de-geléia, como riso de papai noel. — Frango e verts haricots, oui. Você sabe, você pode falar Angliss comigo. Eu entendo meio bem.

Meu rubor aumenta. É claro que ele falaria Inglês em uma escola americana. E eu tenho vivido de peras e estúpidas e baguetes por cinco dias. Ele me entrega uma tigela de sopa e um prato pequeno de salada de frango, meu estômago ronca ao ver a comida quente.

— Merci, — eu digo.

— De rien. Você é bem-vinda. E espero que você não pule mais refeições para me evitar! — Ele coloca a mão sobre o peito, como se tivesse o coração partido. Eu sorrio e concordo com a cabeça. Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso. Eu posso...

— AGORA, ISSO NÃO FOI TÃO TERRÍVEL, ISSO FOI, ANNA? — Berra St. Clair, do outro lado do refeitório.

Eu me viro e dou-lhe meu dedo médio por baixo da bandeja, na esperança de que Monsieur Boutin não possa ver. St. Clair responde sorrindo e me dando a versão britânica, um sinal em V com dois dedos. Monsieur Boutin faz um ruído bem humorado atrás de mim. Eu pago pela minha refeição e tomo o assento ao lado de St. Clair. — Obrigado. Esqueci-me de como inverter para o modo Inglês. Vou usar a mão com o gesto correto da próxima vez.

— O prazer é meu. Sempre feliz em educar — Ele está usando a mesma roupa de ontem, calça jeans surrada e uma camisa com o perfil de Napoleão nela. Quando eu pergunto a ele sobre isso, ele diz que Napoleão era seu herói. — Não é porque ele era um cara decente, que conste. Ele era um asno. Mas ele era um asno pequeno, como eu.

Gostaria de saber se ele dormiu na Ellie. Isso provavelmente porque ele não mudou de roupa. Ele pega o metrô para a faculdade dela toda noite, e eles saem juntos.

Rashmi e Mer tem ido trabalhar, talvez Ellie pense que é muito boa para elas agora.

— Você sabe, Anna, — Rashmi diz, — a maioria dos parisienses entendem Inglês. Você não precisa ser tão tímida.

Yeah. Obrigada pô dizer isso só agora.

Josh põe as mãos atrás da cabeça e inclina a cadeira para trás. Sua camisa, arregaçada expõe uma tatuagem de caveira e ossos cruzados em seu braço direito. Eu posso dizer pelos traços grossos que é um próprio projeto. A tinta é negra contra a sua pele pálida. É uma tatuagem incrível, apesar de estar especialmente cômico em seu braço, muito magro. — É verdade, — diz ele. — Eu mal conseguia falar uma palavra, e agora eu consigo.

— Isso não é algo que eu me gabaria. — Rashmi enruga o nariz, e Josh se

encaixa em frente a sua cadeira para beijá-la.

— Cristo, lá vão eles de novo. — St. Clair coça a cabeça e olha para longe.

— Eles sempre foram tão maus assim? — Pergunto, abaixando minha voz.

— Não. No ano passado eles foram piores.

— Caramba. Estão juntos há muito tempo, então?

— Er, desde o inverno passado.

— Isso é bastante tempo.

Ele dá de ombros e faço uma pausa, debatendo se eu quero saber a resposta para minha próxima pergunta. Provavelmente não, mas eu pergunto assim mesmo.

— Há quanto tempo você e Ellie estão namorando?

St. Clair pensa por um momento.

— Cerca de um ano agora, eu suponho. — Ele toma um gole de café (todos aqui parecem bebê-lo) em seguida, pausa o copo na mesa com uma batida forte que assusta Rashmi e Josh. — Oh, me desculpe, — diz ele. — Será que isso incomoda vocês?

Ele se vira para mim e abre bem seus grandes olhos castanhos, exasperado. Eu prendo minha respiração. Mesmo quando ele está irritado, ele é lindo. Compará-lo a Toph não é nem sequer possível. St. Clair tem um tipo diferente de atrativo, uma espécie completamente diferente.

— Mudando de assunto. — Ele aponta o dedo para mim. — Eu pensei que as belles do sul deveriam ter sotaques do sul.

Eu balanço minha cabeça. — Só quando eu falo com minha mãe. Ele desliza para fora, porque ela tem. A maioria das pessoas em Atlanta não tem sotaque. Ela é bem urbana. Um monte de gente fala gangsta, porém. — Eu acrescento brincando.

— Fo'shiz, — responde ele com seu sotaque Inglês polido.

Eu cuspo um jorro vermelho-alaranjado sobre a mesa. St. Clair dá um surpreso Ha-há tipo de riso, e eu estou rindo, também, o tipo doloroso como abdominais. Ele me entrega um guardanapo para limpar o meu queixo. — Fo'shiz — Ele repete solenemente.

Tusso tusso.

— Por favor, não pare nunca de dizer isso. É tão... — Eu suspiro. — Muito.

— Você não devia ter dito isso. Agora vou ter que guardá-lo para ocasiões especiais.

— Meu aniversário é em fevereiro. — Tusso estrangulado. — Por favor, não se esqueça.

— E o meu foi ontem, — diz ele.

— Não, não foi.

— Sim. Foi. — Ele limpa o resto do meu almoço vomitado da mesa. Eu tento pegar os guardanapos para eu mesma limpar, mas ele empurra minha mão para



longe.

— É verdade, — diz Josh. — Eu esqueci, cara. Feliz aniversário atrasado.

— Não foi realmente o seu aniversário, foi mesmo? Você teria dito alguma coisa.

— Eu estou falando sério. Ontem foi meu aniversário de dezoito anos. — Ele dá de ombros e joga os guardanapos em sua bandeja vazia. — Minha família não uma de bolos e chapéus de festa.

— Mas você tem que ter bolo em seu aniversário, — eu digo. — São as regras. É a melhor parte. — Eu me lembro do bolo de Star Wars que mamãe, Bridge e eu fizemos para Seany no verão passado. Era verde-limão e tinha forma da cabeça de Yoda. Bridge até comprou algodão doce para o cabelo da orelha dele.

— Isso é exatamente porque eu nunca aviso, você sabe.

— Mas você fez algo de especial na noite passada, certo? Quero dizer, saiu com Ellie?

Ele pega seu café e, em seguida, coloca-o de volta na mesa sem beber. — Meu aniversário é só mais outro dia. E eu estou bem com isso. Eu não preciso de bolo, eu prometo.

— Ok, ok. Tudo bem. — Eu ergo minhas mãos em sinal de rendição. — Eu não vou desejar-lhe feliz aniversário. Ou até mesmo uma feliz sexta-feira atrasada.

— Oh, você pode me desejar feliz sexta-feira. — Ele sorri novamente. — Não tenho nenhuma objeção as sextas-feiras.

— Falando nisso — Rashmi diz. — Por que você não saiu com a gente na noite passada?

— Eu tinha planos. Com minha amiga. Bridgette.

Todos os três me olham, esperando por mais explicação.

— Planos de Telefone.

— Mas você saiu esta semana? — St. Clair pergunta. — Você realmente deixou o campus?

— Claro. — Porque eu tinha. Para chegar a outras partes do campus. St. Clair levanta as sobrancelhas.

— Você é uma mentirosa.

— Deixe-me ver se entendi. — Josh coloca suas mãos em posição de oração. Seus dedos são finos, como o resto de seu corpo, e ele tem uma mancha de tinta preta sobre um dedo indicador. — Você já esteve em Paris por uma semana inteira e ainda não viu a cidade? Qualquer parte dela?

— Fim de semana passado eu saí com meus pais. Eu vi a Torre Eiffel. — De uma certa distância.

— Com seus pais, brilhante. E seus planos para esta noite? — St. Clair pergunta. — Lavar alguma roupa, talvez? Limpar o chuveiro?

— Hey. Limpar está subestimado.

Rashmi passa a mão na sua testa.

— O que você vai comer? O refeitório estará fechado. — A preocupação dela é comovente, mas eu noto que ela não está me convidando para se juntar a ela e Josh. Não que eu iria querer sair com eles de qualquer maneira. Quanto ao jantar, eu tinha planejado um cruzeiro na máquina de comida do dormitório. Não está bem abastecida, mas posso fazer isso funcionar.

— Isso é o que eu pensei, — St. Clair diz quando eu não respondo. Ele sacode a cabeça. Seu cabelo negro desarrumado tem poucas ondas hoje. É de tirar o fôlego, de verdade. Se houvesse uma competição nas Olimpíadas do cabelo, St. Clair teria totalmente ganhado. Dez pontos... oh. Medalha de ouro.

Dou de ombros. — Foi somente uma semana. Não é um grande negócio — .

— Vamos passar em revista os fatos mais uma vez, — diz Josh. — Este é seu primeiro fim de semana longe de casa?

— Sim.

— Seu primeiro fim de semana, sem supervisão dos pais?

— Sim.

— Seu primeiro fim de semana, sem supervisão dos pais em Paris? E você quer gastá-lo em seu quarto? Sozinha? — Ele e Rashmi trocam um olhar pena. Eu olho para St. Clair buscando ajuda, mas encontro ele olhando-me com a cabeça inclinada para o lado.

— O quê? — Eu pergunto, irritada. — Tem sopa no meu queixo? Feijão verde entre meus dentes?

St. Clair sorri para si mesmo.

— Eu gosto da sua mecha, — ele finalmente diz. Ele estende a mão e toca nela levemente. — Você tem o cabelo perfeito.

O pessoal festeiro já deixou o dormitório. Eu acabo com a máquina de petiscos e atualizo meu site. Logo, eu experimentei: uma barra de Bounty, que acabou sendo a mesma coisa da Mounds, e um pacote de madeleines, bolos em forma de conchas que estavam velhos e me deixaram com sede.

Juntos eles elevaram o açúcar do meu sangue suficiente para chegar ao nível de trabalho. Como eu não tenho nenhum filme novo para rever para o Femme Film Freak (como eu sou severa com tudo de bom e puro e maravilhoso sobre a América — o cinema), eu mexo no layout. Crio um banner novo. Edito um velho comentário.

À noite, Bridge me envia um email: Eu fui com o Matt e Cherrie M (de meretriz) para o cinema na noite passada. E adivinha o que? Toph perguntou sobre você!! Eu disse a ele que você é demais, MAS que você estava REALMENTE ansiosa por sua visita em dezembro. Eu acho que ele entendeu a deixa. Nós conversamos sobre a banda dele por um minuto (ainda sem shows, é claro) mas Matt estava fazendo caretas o tempo todo. Então, tivemos que ir. Você sabe o ele acha a respeito do Toph. Oh! E Cherrie tentava nos convencer a ver o último melodrama do seu pai. EU SEI...

Você é demais. Volta pra casa.

Bridge

Meretriz. Claramente atraente, mas barata ou fingida. Sim! Isso é a cara da Cherrie. Eu só espero que Bridge não tenha me feito parecer tão desesperada, apesar da minha vontade louca de receber um email de Toph. Eu não consigo acreditar que Matt ainda está se estranhando com ele, até porque não estamos mais saindo. Todo mundo gosta do Toph. Bem, às vezes ele irrita os gestores, mas isso é porque ele tende a esquecer do seu horário de trabalho. E ligar dizendo que está doente.

Eu li o email dela de novo, esperando pelas palavras de Toph dizendo que ele estava loucamente apaixonado por mim, e que ele esperaria toda a eternidade eu aparecer. Não tive essa sorte. Então acesso meu quadro de recados preferido para ver o que diziam sobre o novo filme do papai.

Os comentários de The Decision não eram bons, apesar do que ele estava arrecadando nas bilheterias. Um mais ou menos, clockworkorange88, falou assim: é uma merda. Sujo. Como correr-um-quilômetro-na-neve-só-usando-calças-de-couro.

Parece certo.

Depois de um tempo, eu fiquei entediada e faço uma pesquisa de Como Água para Chocolate. Eu quero ter certeza que não perdi nenhum tema antes de escrever minha dissertação. Não é pelas duas semanas, mas agora eu tenho muito tempo em minhas mãos. Tipo, a noite toda.

Blah blah blah. Nada interessante. E eu estou indo ver de novo minha caixa de

email quando esta passagem salta na tela: Ao longo do romance, o calor é um símbolo do desejo sexual. Tita pode controlar o calor dentro de sua cozinha, mas o fogo dentro de seu próprio corpo é uma força de ambos, poder e destruição.

— Anna? — Alguém bate na minha porta e me faz pular da cadeira de susto. Não. Não alguém. St.Clair.

Eu estou vestindo uma camiseta velha Mayfield Dairy, toda cheia de desenhos de vacas amarelas e marrons, com um pijama quente de flanela por cima cheio de morangos gigantes.

Eu não estou vestindo nem sutiã.

— Anna, eu sei que você está aí. Eu posso ver sua luz acesa.

— Peraí! — Eu digo — Já to indo — Eu agarrei meu casaco preto e puxo o zíper sobre o rosto da vaca antes de abrir a porta. — Oi desculpa por isso. Entra.

Eu abro bem a porta, mas ele fica ali parado por um momento, só me olhando. Eu não posso ler a expressão do seu rosto. Então ele entra com um sorriso maldoso e passa esbarrando em mim.

— Belos morangos.

— Cala a boca.

— Não. Eu quis dizer. Bonitinho.

E mesmo que ele não tenha dito eu-queiro-deixar-minha-namorada-e-começar-a-sair-com-você bonitinho, algo mexe dentro de mim. O — poder da força e da destruição — que Tita de la Garza conhece muito bem. St. Clair para no meio do meu quarto. Ele coça a cabeça e sua camiseta levanta do lado, expondo uma parte do seu abdômen.

Foomp! Meu fogo interno se acende.

— É realmente...er...limpo — Ele disse.

Fizz. As chamas se apagam.

— É? — Eu sei que meu quarto é arrumado, mas eu ainda não comprei um limpador de janelas adequado. Quem quer que tenha limpado a minha janela da última vez não tinha a menor ideia de como usar um Windex. O macete é só espirrar um pouquinho de cada vez. Muita gente coloca muito e então fica resíduo nos cantos, que é difícil de secar sem deixar riscos ou fiapos...

— É sim. Alarmantermente limpo.

St. Clair dá uma volta, pegando coisas e as examinando como eu fiz no quarto de Meredith. Ele inspeciona a coleção de figurinhas de banana e elefantes alinhados no meu armário. Ele segura um copo de elefante e levanta sua sobrancelha questionando.

— É meu apelido.

— Elefante? — Ele sacode a cabeça. — Desculpa, eu não vejo isso.

— Anna Oliphant. \_Banana Elefante.\_ Minha amiga junta estas para mim, e eu coleciono pontes de brinquedo e sanduíches baguetes para ela. Seu nome é Bridgette.

— Saunderwick — Adicionei.

St. Clair coloca de volta o copo de elefante e vaga pela minha mesa. — Então, qualquer pessoa pode chamá-la de Elefante?

— Banana Elefante. E não. Claro que não.

— Desculpa — Ele diz — Mas não por isso.

— O quê? Por quê?

— Você está arrumando tudo que eu pego — Ele apontou pra minha mão, que estava ajustando o elefante. — Não é educado da minha parte vir e começar a mexer nas suas coisas.

— Ah, tá tudo bem — Eu digo rápido, largando a figurinha. — Você pode tocar em qualquer coisa minha que você quiser.

Ele congela. Um olhar engraçado percorre seu rosto antes que eu perceba o que tinha dito. Não era isso que eu queria dizer.

Não que isso fosse muito ruim.

Mas eu gosto do Toph, e St. Clair tem uma namorada. E mesmo que a situação fosse diferente, Mer têm direitos. Eu nunca faria isso com ela depois de ela me tratar tão bem no meu primeiro dia. E no meu segundo. E todos os dias nesta semana.

Além disso, ele é só um garoto bonito. Nada demais. Quero dizer, as ruas da Europa são cheias de garotos lindos. Certo? Rapazes vaidosos e cortes de cabelo bom e casacos elegantes. Não que eu tenha visto alguém nem mesmo remotamente tão bonito de se ver quanto o Monsieur Étienne St. Clair. Por enquanto.

Ele vira o rosto pro outro lado. É minha imaginação ou ele parece envergonhado? Mas porque ele estaria envergonhado? Eu sou a única que fala idiotices.

— Esse é o seu namorado? — Ele aponta para o papel de parede do meu laptop, a foto dos meus colegas de trabalho e eu brincando. Ela foi tirada antes da liberação da meia-noite do filme adaptado de um romance-fantasia. A maioria de nós estava vestida de elfos ou feitiçeiros. — O cara de olhos fechados?

— O quê? — Ele pensa que eu sairia com um cara como Hércules? Hércules é um assistente da gerência. Ele tem dez anos a mais que eu. E, sim. Esse é seu nome real. E mesmo que ele seja um doce e saiba mais que todo mundo sobre filmes de terror japonês, ele também tem um rabo-de-cavalo.

Um rabo-de-cavalo.

— Anna, eu tô brincando. Este outro, com costeletas — Ele aponta para o Toph, a razão que eu gosto tanto daquela foto. Nossas cabeças viradas um para o outro, e nós estávamos segurando o sorriso, como se estivéssemos compartilhando uma piada particular.

— Ah. Uh... não. Não de fato. Quero dizer, Toph foi meu quase-namorado. Eu mudei antes... — Eu mudo de posição, desconfortável — Antes que muita

coisa acontecesse.

St. Clair não responde. Depois de um silêncio estranho, ele coloca suas mãos nos bolsos e se balança sobre os calcanhares. — Providência para todos.

— O quê? — Eu me assusto.

— Tout pover — Ele aponta para o travesseiro na minha cama. As palavras estão bordadas acima da imagem de um unicórnio. Foi um presente dos meus avôs, e o lema e o escudo são do clã Oliphant. A muito tempo atrás, meu avô mudou para a América para casar com minha avó, mas ele ainda é devoto de todas as coisas escocesas. Ele sempre compra pra Seany e pra mim coisas decoradas com o tartan do clã (xadrez-azul-e-verde, com linhas pretas e brancas). Por exemplo, minha colcha.

— Sim, eu sei o que significa, Mas como você sabia?

— Tout pourvoir. É francês.

Excelente. O lema do clã Oliphant, enfiado na minha cabeça desde a infância, acontece de estar em FRANCÊS, e eu nem sabia disso. Obrigada, Vovô. Como seu eu já não parecesse uma completa idiota. Mas como eu deveria saber que um lema escocês seria em francês? Eu pensei que eles odiassem a França. Ou são só os ingleses?

Argh, eu não sei. Eu sempre pensei que isso estava em latim ou outra língua morta qualquer.

— Seu irmão? — St. Clair aponta para cima da minha cama para a única foto que eu pendurei. Seany estava sorrindo para a câmera e apontando para as pesquisas sobre tartarugas da minha mãe, que está levantando o pescoço e ameaçando tirar-lhe o dedo. Minha mãe está fazendo um estudo sobre o tempo dos hábitos de reprodução das tartarugas mordedoras e visita a ninhada no Rio Chattahoochee várias vezes no mês. Meu irmão adora ir com ela, enquanto eu prefiro a segurança da nossa casa.

Tartarugas Mordedoras, quero dizer.

— É. Esse é o Sean.

— O nome é um pouco irlandês para uma família com colchas de tartan.

Eu sorrio.

— É um tipo de ferida na família. Minha mãe adorava o nome, mas o vovô — o pai do meu pai — praticamente morreu quando ele escutou. Ele estava torcendo para Malcolm ou Ewan ou Dougal.

St. Clair ri.

— Que idade ele tem?

— Sete. Ele está na segunda série.

— É uma grande diferença.

— Bem. Ou ele foi um acidente ou uma última tentativa para salvar um casamento. Eu nunca tive a coragem de perguntar o que foi.

Wow. Eu não acredito que eu falei tudo isso.

Ele senta na beira da minha cama.

— Seus pais são divorciados?

Eu vou até minha cadeira, porque eu não posso sentar ao lado dele na cama. Talvez quando eu estiver acostumada com a presença dele eu possa ser capaz de lidar com isso em particular. Mas não ainda.

— Meu pai foi embora seis meses depois que Sean nasceu.

— Sinto muito — E eu posso dizer que ele realmente sente. — Os meus são separados.

Eu tremo e meto as mãos debaixo de meus braços.

— Então, eu sinto por você também. Isso é uma merda.

— Está tudo bem. Meu pai é um cretino.

— O meu também. Quero dizer, obviamente ele é, se nos deixou quando Sean ainda era um bebê. O que ele fez. Mas também é culpa dele eu estar presa aqui. Em Paris.

— Eu sei.

Ele sabe?

— Mer me contou. Mas eu garanto a você que meu pai é pior. Infelizmente, ele é o único aqui em Paris, enquanto minha mãe está sozinha a milhares de milhas de distância.

— Seu pai vive aqui? — Eu estou surpresa. Eu sei que o pai dele é francês, mas eu não imagino alguém enviando suas crianças para um internato quando vive na mesma cidade. Isso não faz sentido.

— Ele tem uma galeria de artes aqui e outra em Londres. Ele divide seu tempo entre as duas.

— Você o vê com frequência?

— Nunca, se eu posso evitar — St. Clair fica sombrio, e eu me toco que não tenho ideia do por que ele está aqui. Digo, não tenho tanta.

— Eu não disse? — Ele se ajeita. — Oh. Bem. Eu sei se alguém não vier aqui e não te arrastar fisicamente pra fora, você nunca sai. Então, vamos sair.

Uma estranha mistura de borboletas e agitação irrompe em meu estômago. — Hoje à noite?

— Hoje à noite.

— Certo. — Eu paro. — E Ellie?

Ele cai pra trás, e agora ele está deitado na minha cama.

— Nossos planos furaram — Ele diz isso com um aceno vago de mão, de um jeito que me deixa sem graça de perguntar mais.

Eu aponto para minha camisa de pijama. — Eu não estou exatamente vestida para isso.

— Sem essa, Anna. Sinceramente, nós temos que passar por isso de novo?

Eu lhe dou um olhar duvidoso, e o travesseiro de unicórnio voa na minha cabeça. Eu vou pra trás e ele ri, desliza para fora da cama e me bate com o

travesseiro com toda a força. Eu o agarro, mas o perco. Ele ainda me bate duas vezes antes de me deixar pegá-lo. St. Clair se dobra de tanto rir, e eu bato nas costas dele. Ele tenta reclamar, mas eu seguro firme e nós lutamos puxando o travesseiro pra frente e pra trás até ele soltar. A força me joga na cama. Tonta e suada.

St. Clair cai do meu lado, respirando intensamente. Ele está deitado tão perto que seu cabelo faz cócega no meu rosto. Nossos braços estão quase se tocando. Quase. Eu tento soltar o ar, mas eu não lembro mais como respirar. Então, eu me lembro que eu não estou usando um sutiã.

E agora eu estou paranoica.

— Ok — Ele está ofegante. — Aqui está o — inspira, expira — plano.

Eu não me quero sentir desse jeito perto dele. Eu quero que as coisas sejam normais. Eu quero ser sua amiga, não outra garota burra esperando por alguma coisa que nunca vai acontecer. Eu me forço a levantar. Meu cabelo ficou todo doido e arrepiado por causa da luta de travesseiro, então eu pego um elástico da minha cômoda e o prendo atrás.

— Ponha umas calças apropriadas — Ele diz — E eu vou te mostrar Paris.

— É esse? Esse é o plano?

— O lance todo.

— Wow. \_Lance. ‘Sofisticado.

St. Clair faz um grunhido e joga o travesseiro em mim. Meu telefone toca. Provavelmente, é minha mãe. Ela me ligou todas as noites nesta semana. Eu pego o celular na minha mesa e o estou quase silenciando quando o nome aparece. Meu coração para.

Toph



Eu espero que você esteja usando uma boina — Assim é como Toph me cumprimenta.

Eu já estou sorrindo. Ele ligou! Toph ligou!

— Ainda não — Eu dou um passo por um pequeno compartimento do meu quarto. — Mas eu poderia arranjar uma para você, se você quisesse. Colocar seu nome costurado nela. Você poderia usá-la ao invés do seu nome na etiqueta.

— Eu poderia animar com uma boina — Tem um sorriso em sua voz.

— Ninguém pode animar com uma boina. Nem mesmo você.

St. Clair ainda está deitado na minha cama. Ele escora sua cabeça para me observar. Eu sorrio e aponto para a foto em meu laptop. Toph, murmuro sem voz.

St. Clair balança sua cabeça

Costeletas.

Ah, ele murmura em silêncio de volta.

— Então, sua irmã veio ontem — Toph sempre se refere à Bridge como minha irmã. Nós temos a mesma altura, somos esguias e ambas temos um longo cabelo reto embora o dela seja loiro e o meu seja preto. E, como pessoas que passam muito tempo juntas estão inclinadas a fazer, nós falamos iguais. Contudo, ela usa as maiores palavras. E seus braços são esculpidos para percussão. E eu tenho uma fenda entre meus dentes enquanto ela usa aparelho dentário. Em outras palavras, ela é como eu, porém mais bonita, esperta e talentosa.

— Eu não sabia que ela era uma baterista — Ele diz. — Ela é boa?

— A melhor.

— Você está dizendo isso por que ela é sua amiga ou por que ela é realmente decente?

— Ela é a melhor — Eu repito. Pelo canto dos olhos eu vejo St. Clair olhar para o relógio na minha mesa.

— Meu baterista abandonou o barco. Acha que ela estaria interessada?

No ultimo verão, Toph começou uma banda punk, os Penny Dreadfuls. Muitas mudanças de membros e argumentos sobre o conteúdo sentimental têm ocorrido, mas não houve shows. O que é muito ruim. Eu aposto que Toph é bom atrás de uma guitarra.

— Na verdade, — Eu digo — Eu acho que ela estaria. O professor idiota dela de percussão apenas a passou como líder da sessão e ela tem um pouco de raiva escorrendo — Eu passo o número dela pra ele. Toph o repete de volta enquanto St. Clair bate em um relógio imaginário de pulso. São apenas nove horas, então eu não tenho certeza qual é a sua pressa. Mesmo eu sei que isso é cedo para Paris. Ele limpa sua garganta fazendo barulho.

— Ei desculpa. Eu preciso ir — Eu digo.

— Tem alguém aí com você?

— Uh, yeah. Meu amigo. Ele está me levando pra sair hoje à noite.

Um movimento. — Ele?

— Ele é só um amigo — Eu me viro para St. Clair. — Ele tem namorada — Eu estreito meus olhos. Eu deveria ter dito isso?

— Então, você não irá se esquecer de nós? Quero dizer... — Ele hesita. — Nós aqui em Atlanta? Abandonar-nos por um francês e nunca voltar?

Meu coração salta uma batida. — Claro que não. Eu estarei de volta para o natal.

— Bom. Tudo bem, Annabel Lee. Eu deveria voltar para o trabalho de qualquer forma. Hercules provavelmente está puto porque eu não estou cobrindo a porta. Ciao.

— Na verdade, — Eu digo. — É au revoir.

— Tanto faz — Ele sorri e nós desligamos.

St. Clair levanta da cama.

— Namorado ciumento?

— Eu te disse. Ele não é meu namorado.

— Mas você gosta dele.

Eu coro. — Bem... sim.

A expressão de St. Clair é ilegível. Talvez aborrecido. Ele acena em direção a minha porta. — Você ainda quer sair?

— O quê? — Eu estou confusa. — Sim, claro. Deixe-me primeiro trocar de roupa — Eu o deixo do lado de fora e cinco minutos depois nós estamos andando rumo ao norte. Eu estou com minha blusa fofa favorita encontrada num brechó que me abraça nos lugares certos, calças jeans e tênis pretos. Eu sei que tênis não é muito francês — eu deveria estar usando botas pontudas ou saltos altos assustadores — mas pelo menos eles não são brancos. É verdade o que eles dizem sobre tênis brancos. Apenas turistas americanos o usam, grandes coisas feias feitas para cortar gramas ou pintar casas.

É uma noite bonita. As luzes de Paris são amarelas, verdes e alaranjadas. Ar quente envolve conversas das pessoas nas ruas e os copos tilintam nos restaurantes. St. Clair tem estado animado e está detalhando os aspectos mais terríveis da biografia de Rasputin que ele terminou esta manhã.

— Então os outros russos deram a ele essa dose de cianeto em seu jantar, letal o suficiente para matar cinco homens, certo? Mas não aconteceu nada, então, plano B — eles atiram nele nas costas com um revolver. O que também não o matou. Na verdade, Rasputin tem energia suficiente para estrangular um deles, então eles atiram nele mais três vezes. E ele ainda está lutando para se levantar! Sendo assim, eles tiraram toda merda fora dele, o envolveram em um lençol e o jogaram em um rio gelado. Mas olha só isso —

Seus olhos estão brilhando. É o mesmo olhar que minha mãe tem quando ela está falando sobre tartarugas ou conseguir novas pontes quando ela está falando

sobre pratos de percussão.

— Durante a autópsia eles descobriram que a real causa da morte foi hipotermia. Por causa do rio! Não pelo envenenamento ou pelo tiro ou por ter sido drenado. Mãe Natureza. E não apenas isso, mas seus braços foram encontrados levantados, como se ele tivesse rasgado uma saída por baixo do gelo.

— O que? Não.

Alguns turistas alemães estão posando em frente a uma loja com letras douradas descascadas. Nós desviamos deles, assim não estragamos a foto. — Isso fica melhor — Ele diz — Quando eles cremaram o corpo dele, ele se sentou. Não, ele sentou! Provavelmente porque o cara quem preparou seu corpo esqueceu-se de romper os tendões, de modo que eles se encolheram quando ele queimou.

Eu aceno com a cabeça em apreciação. — Nojento, mas legal. Continue.

— O que fez as pernas e o corpo dele se curvarem também — St. Clair sorri triunfantemente.

— Todo mundo ficou louco quando viram isso.

— E quem disse que História é entediante? — Eu sorrio de volta e tudo é perfeito. Quase. Porque esse é o momento que nós passamos pela entrada do SOAP e agora eu estou o mais distante da escola do que eu tinha estado antes. Meu sorriso oscila enquanto eu volto ao meu estado natural de ser: nervosa e estranha.

— Você sabe, obrigada por isso. Os outros sempre me paravam ao longo da história antes — Ele percebe uma mudança no meu comportamento e para.

— Você está bem?

— Eu estou bem.

— Sim e alguém já te disse que você é uma péssima mentirosa? Horrível. A pior.

— É só — Eu hesito envergonhada.

— Siiimmm?

— Paris é tão... exótica — Eu luto pela palavra certa. — Intimidadora.

— Nada — Ele rapidamente recusa.

— Fácil pra você dizer — Nós passamos por um senhor abaixado parando para pegar seu cachorro, um basset hound com um estômago cheio. Meu avô me avisou que as calçadas de Paris eram repletas com minas de terras de cachorros, mas esse não tem sido o caso até agora — Você tem conhecido Paris sua vida toda — Eu continuo — Você fala francês fluente, você se veste como um europeu...

— Perdão?

— Você sabe. Roupas legais, sapatos legais.

Ele levanta seu pé esquerdo retirando uma coisa desgastada e desajeitada. — Isso?

— Bem, não. Mas você não está de tênis. Eu estou totalmente por fora. E eu não falo francês e estou com medo do metrô e eu provavelmente deveria estar usando saltos, mas eu odeio saltos —

— Eu estou feliz que você não esteja usando saltos — St. Clair interrompe — Então você seria mais alta do que eu.

— Eu sou mais alta do que você.

— Muito pouco.

— Por favor. Eu sou uns bons sete centímetros e meio maior que você. E você está usando botas.

Ele me cutuca com seus ombros e eu deixo escapar um sorriso — Relaxa — Ele diz — Você está comigo. Eu sou praticamente um francês.

— Você é inglês.

Ele sorri. — Eu sou americano.

— Um americano com um acento inglês. Não é isso, tipo, duas vezes mais para um francês odiar?

St. Clair revira os olhos. — Você deveria parar de escutar os estereótipos e começar a formar suas próprias opiniões.

— Eu não tenho estereótipos.

— Sério? Por favor, então, esclareça-mec — Ele aponta para os pés de uma garota andando na nossa frente. Ela está gritando em francês em um celular. — O que são exatamente eles?

— Tênis — Eu murmuro.

— Interessante. E do senhor do outro lado, do outro lado da calçada. Você se importaria em explicar o que o outro a esquerda está usando? Aquelas geringonças amarradas nos pés dele?

Eles são tênis, claro. — Mas, ei. Vê aquele cara lá? — Eu indico na direção de um homem em um short jeans e uma camisa com a propaganda da marca de cerveja Bud. — Eu sou tão óbvia?

St. Clair me olha de soslaio.

— Obviamente o quê? Calvície? Muito peso? Mau gosto?

— Americano.

Ele suspira melodramaticamente.

— Honestamente, Anna. Você deveria desistir disso.

— Eu só não quero ofender ninguém. Eu escutei que eles se ofendem facilmente.

— Você não está ofendendo ninguém exceto eu nesse exato momento.

— E ela? — Eu aponto para uma mulher de meia idade com shorts cáqui e uma blusa de lã com estrelas e listras. Ela tem uma câmera presa em seu cinto e está discutindo com um homem usando um bucket hat<sup>47</sup>. Seu marido, eu suponho.

— Completamente ofensivo.

— Eu quero dizer, eu sou tão óbvia quanto ela?

— Considerando que ela está usando uma bandeira americana, eu apostaria um não nisso — Ele bate seu indicador — Escuta. Eu acho que eu tenho uma solução para o seu problema, mas você terá que esperar por isso. Apenas prometa que você irá parar de me pedir para comparar você às mulheres de cinquenta anos e eu cuidarei de tudo.

— Como? Com o quê? Um passaporte francês?

Ele bufa.

— Eu não disse que eu te faria francesa — Eu abro minha boca para protestar, mas ele me ignora. — Feito?

— Feito — Eu digo desconfortável. Eu não me importo com surpresas — Mas é melhor isso ser bom.

— Ah, é bom — E St. Clair olha tão presunçosamente que eu estou a ponto de gritar com ele quando eu percebo que eu não posso ver nossa escola mais.

Eu não acredito nisso. Ele me distraiu completamente. Levou-me um momento para reconhecer os sintomas, mas meus sapatos são vivos e meu estômago está vibrando. Eu finalmente estou animada por estar fora! — Então, onde estamos indo? — Eu não posso evitar a ansiedade em minha voz. — O rio Sena? Eu sei que ele é aqui em algum lugar. Nós vamos sentar na margem do rio?

— Nada de conversa. Continue andando.

Eu deixo isso passar. O que está errado comigo? Essa é a segunda vez em um minuto que eu o deixo me manter em suspense.

— Ah! Você tem que ver isso primeiro — Ele agarra meu braço e me puxa para o outro lado da rua. Uma scooter raivosa buzina debilmente e eu sorrio.

— Espere, o que — E então eu estou sem fôlego.

Estamos parados em frente a uma absoluta catedral monstruosa. Quatro grossas colunas sustentam uma fachada gótica de imposição de estátuas, janelas rosas e entalhes. Uma fina torre de sino se estende por todo o caminho para a escuridão do céu noturno. — O que é isso? — Eu sussurro — É famoso? Eu deveria conhecer isso?

— É uma igreja.

— Você vem aqui? — Eu estou surpresa. Ele não parece o tipo que vai à Igreja.

— Não — Ele acena para um letreiro de pedra indicando que eu o leia.

— Santo Étienne du Mont. Hey! Santo Étienne — Ele sorri. — Eu sempre fui um pobre proprietário sobre isso. Minha mãe costumava me trazer aqui quando eu era mais novo. Nós fazíamos um piquenique de almoço e comíamos bem aqui nas escadas. Algumas vezes, ela trazia o caderno de desenhos dela e ela desenhava os pombos e os táxis.

— Sua mãe é uma artista?

— Uma pintora. Seu trabalho está no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque — Ele soa orgulhoso e eu me lembro do que Meredith disse uma vez — que St. Clair admira Josh porque ele pode desenhar muito bem. E que o pai de St. Clair possui duas galerias próprias. E que St. Clair está fazendo estúdio de arte esse semestre. Pergunto-me em alta voz se ele também é um artista.

Ele dá de ombros.

— Não realmente. Eu gostaria que eu fosse. Minha mãe não passaria adiante seu talento particular, apenas aprecio. Josh é muito melhor. Rashmi também é nesse assunto.

— Você se dá bem com ela, não dá? Sua mãe?

— Eu amo a minha mãe — Ele diz isso de verdade sem nenhum traço de vergonha adolescente. Nós paramos diante das portas duplas da catedral e olhamos para cima. Eu imagino minha própria mãe, digitando dados tirados de tartarugas em nosso computador de casa, sua usual atividade noturna. Exceto que não é noite em Atlanta. Talvez ela esteja fazendo compras. Vagando pelas margens do rio Chattahoochee. Assistindo The Empire Strikes Back com Sean. Eu não tenho idéia e isso me incomoda. Pelo menos St. Clair quebra o silêncio. — Vamos então. Muita coisa para ver.

À medida que andamos, Paris vai ficando mais lotada. Ele fala sobre sua mãe, sobre como ela faz panquecas de chocolate para o jantar e caçarola de massa de atum para o café da manhã. Como ela pintou cada quarto do seu flat em uma diferente cor do arco-íris. Como ela coleciona erros de caligrafia do lixo do e-mail. Ele não diz nada sobre o pai dele.

Nós passamos por outra enorme estrutura, essa se parece como as ruínas de um castelo medieval.

— Deus, têm história em todo lugar — Eu digo — O que é esse lugar? Nós podemos entrar?

— É um museu e, claro. Mas não hoje à noite. Eu acredito que está fechado — Ele adiciona.

— Ah. Yeah, claro — Eu tento não deixar meu desapontamento aparecer.

St. Clair está divertido.

— É apenas a primeira semana de escola. Nós temos todo o tempo do mundo para visitar seu museu.

Nós. Por alguma razão, meu interior se contorce. St. Clair e eu. Eu e St. Clair.

Logo entramos em uma área que tem mais turistas do que nosso próprio bairro, com restaurantes, lojas e hotéis movimentados. Vendedores de ruas estão em todos os lugares gritando em inglês, "Cuscuz! Você gosta de cuscuz?" e as estradas são tão apertadas que os carros não conseguem passar nelas. Nós andamos no meio da rua com a multidão se acotovelando. Isso se parece como um carnaval. — Onde nós estamos? — Eu gostaria de não ter que fazer tantas perguntas.

— Entre a rue St. Michel e a rue St. Jacques.

Eu lanço a ele um olhar.

— Rue quer dizer rua. E nós ainda estamos na Latin Quarter.

— Ainda? Mas nós estivemos andando por—

— Dez? Quinze minutos? — Ele faz pouco caso.

Humf. Obviamente londrino ou parisiense ou qualquer coisa, ele não está acostumado à glória de se possuir um carro. Eu sinto saudades do meu, mesmo que ele tenha problemas de partida. E não tenha ar-condicionado. E um som estragado. Eu digo isso e ele sorri. — Não adiantaria nada mesmo se você tivesse um. É ilegal você dirigir aqui se você é menor de dezoito.

— Você poderia nos levar — Eu digo.

— Não, eu não poderia.

— Você disse que você tinha feito aniversário! Eu sabia que você estava mentindo, ninguém —

— Não é isso que eu quis dizer — St. Clair sorri. — Eu não sei como dirigir.

— Você tá falando sério? — Eu não posso evitar o sorriso demoníaco que atravessa meu rosto. — Você quer dizer que tem alguma coisa que eu saiba fazer e você não?

Ele sorri de volta.

— Chocante não é? Mas eu nunca tive uma razão. O sistema de trânsito aqui, em São Francisco e em Londres — eles são todos perfeitamente suficientes.

— Perfeitamente suficientes.

— Cala boca — Ele sorri novamente. — Ei, você sabe por que eles chamam isso de Latin Quarter?

Eu levanto uma sobancelha.

— Séculos atrás, os estudantes da La Sorbonne — ela fica por ali — Ele gesticula com a mão. — É uma das universidades mais velhas do mundo. Enfim, os estudantes foram ensinados lá dentro e eles falavam um com o outro em latim. E o nome pegou.

Um momento de silêncio. — Isso foi tudo? A história toda?

— Sim. Deus, você está certa. That was pants<sup>49</sup>.

Eu contorneio outro vendedor agressivo de cuscuz. — Pants?

— Péssimo. Lixo. Porcaria.

Pants. Oh céus, isso é fofo.

Nós viramos uma esquina e — ali está — o rio Sena. As luzes da cidade ondulam na água. Eu prendo um suspiro. Isso é lindo. Casais passeiam ao longo da margem do rio e livreiros têm alinhados caixas de papalões sujas de livros e velhas revistas para navegar. Um homem com uma barba ruiva dedilha uma guitarra e canta uma canção triste. Nós escutamos por um minuto e St. Clair joga alguns euros dentro do chapéu do homem da guitarra. E então, enquanto nós voltamos nossa atenção para adiante do rio, eu a vejo.

Notre-Dame.

Eu expiro lentamente.

— É lindo.

St. Clair está me observando.

— Eu nunca vi nada como isso — Eu não sei mais o que dizer.

Nós temos que atravessar a ponte para chegar até ela. Eu não tinha percebido que a catedral tinha sido construída em uma ilha. St. Clair me diz que nós estamos andando na Ile de La Cite, a ilha da cidade e é o distrito mais velho de toda Paris. O Sena brilha abaixo de nós, profundo e verde e um barco amarrado com luzes desliza por sob a ponte. Eu espreito o final. — Olhe! O cara está tão fodido. Ele totalmente vai cair pra fora do bar — Eu olho de volta para St. Clair hesitando na rua, os pés longe da ponta da ponte.

Por um momento eu estou confusa. Então eu percebo. — O quê? Você tem medo de altura?

St. Clair mantém seus olhos adiante, na figura iluminada de Notre-Dame. — Eu só não consigo imaginar por que alguém iria ficar na borda quando se tem uma quantidade de espaço considerável próxima a ele.

— Ah, é sobre o espaço considerável, não é?

— Saia daí ou eu vou perguntar a você sobre Rasputin. Ou sobre a conjugação de verbos franceses.

Debruço-me ao lado da ponte e finjo que vou cair. St. Clair fica pálido. — Não! Não faça isso! — Ele estende os braços como se quisesse me salvar e então, ele agarra seu estômago como se, ao invés, ele estivesse a ponto de vomitar.

— Desculpe! — Eu pulo fora da elevação. — Me desculpe, eu não percebi que isso era tão ruim.

Ele balança uma mão, indicando para eu parar de falar. A outra mão ainda está apertando seu estômago nauseado.

— Desculpe — Eu digo novamente depois de um momento.

— Vamos lá — St. Clair soa irritado como se eu fosse aquela quem estivesse nos segurando. Ele indica Notre-Dame. — Esse não é o porquê que eu trouxe você aqui.

Eu não posso imaginar nada melhor do que Notre-Dame.

— Nós vamos entrar lá?

— Fechado. Bastante tempo para vê-lo mais tarde, lembra? — Ele me leva para o pátio e eu aproveito para admirar suas costas. Callipygian. Existe algo melhor do que Notre-Dame.

— Aqui — Ele diz.

Nós temos uma perfeita imagem da entrada—centenas e centenas de finas figuras esculpidas em três arcadas colossais. As estátuas se parecem como bonecos de pedra, cada um separado e individualizado. — Eles são incríveis —



Eu sussurro.

— Não lá. Aqui — Ele aponta para meus pés.

Eu olho para baixo e estou surpresa de me encontrar parada no meio de um pequeno círculo de pedra. No centro, diretamente no meio dos meus pés, está um octógono bronze e acobreado com uma estrela. Palavras estão gravadas na pedra em torno dele: POINT ZERO DES ROUTES DE FRANCE.

— Mademoiselle Oliphant. Isso se traduz para ‘Ponto Zero das ruas da França.’ Em outras palavras, é o ponto em que todas as outras distâncias na França são calculadas — St. Clair limpa sua garganta. — É o começo de tudo.

Eu olho para trás. Ele está sorrindo.

— Seja bem-vinda a Paris, Anna. Eu estou contente por você ter vindo.

St. Clair coloca as pontas dos dedos nos bolsos e dá pontapés nas pedras com a ponta de suas botas. — Bem? — Ele finalmente pergunta.

— Obrigada — Estou chocada. — Foi realmente legal você me trazer aqui.

— Ah, bem — Ele levanta e dá de ombros da forma francesa, só ele faz tão bem e reassume seu estado normal, a certeza do seu ser. — Tem que começar por algum modo. Agora faça um desejo.

— Hã? — Eu tenho um jeito com as palavras. Eu deveria escrever poesia épica ou jingles para comerciais de comida de gato.

Ele sorri. — Coloque os pés sobre a estrela, e peça um desejo.

— Ah. Ok certo — Eu coloco meus pés juntos e fico no centro — Desejo...

— Não diga isso em voz alta! — St. Clair corre para frente, para bloquear as minhas palavras com seu corpo, e meu estômago se contorce violentamente — Você não sabe como fazer para pedir seus desejos? Você só tem um número limitado na vida. Estrelas cadentes, cílios, dentes de leão...

— As velas de aniversário.

Ele ignora. — Exatamente. Então você deve aproveitar quando eles surgem, e a superstição diz que se você fizer um pedido para uma estrela, ele será realizado — Ele faz uma pausa antes de continuar. — Esse é o melhor modo que eu já ouvi.

— Que eu vou morrer uma morte dolorosa de envenenamento, tiro, espancamento e afogamento?

— Hipotermia, não afogamento. — St. Clair ri. Ele tem um sorriso maravilhoso, cara. — Mas não. Já ouvi falar que alguém que vem aqui é destinado a voltar em Paris algum dia. E como eu entendo, um ano para você é tempo demais. Estou certo?

Eu fecho meus olhos. Mamãe e Seany aparecem diante de mim. Bridge. Toph. Eu aceno.

— Tudo bem, então. Portanto, mantenha os olhos fechados. E faça um pedido.

Eu respiro profundamente. A umidade fresca das árvores próximas enche meus pulmões. O que eu quero? É uma pergunta difícil. Eu quero ir para casa, mas tenho que admitir que eu gostei de hoje. E esta é a única vez em toda minha vida para ficar em Paris? Eu sei que eu disse para St. Clair que eu não queria estar aqui, mas há uma parte de mim, uma pequenina, minúscula parte que está curiosa. Se o meu pai ligar amanhã e me mandar para casa, eu poderia ficar desapontada. Eu ainda não vi a Mona Lisa. Estive no topo da Torre Eiffel. Andei por baixo do Arco do Triunfo.

Então o que mais eu quero?

Eu quero sentir os lábios do Toph novamente. Eu quero que ele espere. Mas há outra parte de mim, uma parte que eu realmente odeio, saber que mesmo que

eu faça isso, eu ainda tenho que ir a faculdade no próximo ano. Então, eu o vejo neste Natal e no próximo verão, e então ... teria que ser só isso?

E depois há outra coisa.

A coisa que eu estou tentando ignorar. A coisa que eu não deveria querer, a coisa que eu não posso ter.

E ele está de pé em frente a mim agora.

Então o que eu desejo? Algo que eu não tenho certeza se quero? Alguém que eu não tenho certeza de que eu preciso? Ou alguém que eu sei que não posso ter?

Dane-se. Deixe o destino decidir.

Eu desejo aquilo que é melhor para mim.

Como é isso para uma generalização? Abro os olhos, e o vento está soprando mais forte. St. Clair tira uma mecha de cabelo de seus olhos.

— Deve ter sido um uma boa coisa — diz ele.

No caminho de volta, ele me leva a um carrinho de sanduíche no fim da rua. O cheiro da levedura da água na boca, e meu estômago ronca em antecipação. Nós pedimos panini, que são sanduíches achatados em uma grelha quente. St. Clair recebe o seu recheado com salmão defumado e queijo ricota e cebolinha. Eu recebo o meu de presunto de Parma e queijo Fontina e sálvia. Ele chama isso de fast food, para mim o que estamos comendo não parece em nada com os sanduíches do metrô. St. Clair me ajuda com a situação do euro. Felizmente, euros são fáceis de entender. Contas e centavos vêm na boa, mesmo denominações. Nós pagamos e caminhamos pela rua, curtindo a noite. Mastigando nosso pão duro. Deixando o queijo quente e gosmento escorrer nos nossos queixos. Eu gemo de prazer.

— Você teve um foodgasm? — Pergunta ele, limpando ricota de seus lábios.

— Onde você tem estado durante toda a minha vida?— Pergunto ao lindo *panini*. — Como é possível que eu nunca tenha comido um sanduíche como este antes?

Ele dá uma mordida grande. — Mmmph grmpha mrpha, — diz ele, sorrindo. O que eu estou supondo que significa algo como — Porque a comida americana é uma porcaria.

— Mmmph mmrg grmpha mrga — eu respondo. Que se traduz em: — Sim, mas os nossos hambúrgueres são muito bons.

Nós lambemos o papel de nossos sanduíches e jogamos a embalagem. *Êxtase*.

Estamos quase de volta para o dormitório, e St. Clair está contando sobre quando ele e Josh receberam detenção por atirar chicletes no teto pintado, eles estavam tentando dar a uma das ninfas um terceiro pé, quando meu cérebro começa a processar algo. Algo estranho. Acabamos de passar pelo terceiro cinema da quadra.

Com certeza, esses são cinemas pequenos. Uma telinha, o mais provável.

Mas três deles. Em uma quadra! Como eu não percebi isso antes? Oh. Certo. O garoto bonito.

— Há algum daqueles em Inglês? — Eu interrompo.

St. Clair parece confuso. — *Pardon?*

— As salas de cinema. Há alguma por aqui que os filmes passe em Inglês?

Ele levanta uma sobrancelha. — Não me diga que você não sabia.

— O quê? Não sei o que?

Ele está contente de saber algo que eu não sei. O que é irritante, considerando que ambos estamos conscientes de que ele sabe tudo sobre a vida parisiense, enquanto eu tenho a experiência de um croissant de chocolate. — E eu tinha a impressão de que você fosse uma espécie de viciada em cinema.

— O quê? Saber o quê?

St. Clair faz um gesto em torno de um círculo exagerado, claramente amando isso. — Paris...é a capital da apreciação do cinema...do mundo.

Paro. — Você está brincando.

— Eu não estou brincando — Nunca encontrei uma cidade que ame mais os filmes. Existem centenas, talvez milhares, de cinemas aqui.—

Meu coração parece que está saindo do meu peito. Estou tonta. Não pode ser verdade.

— Mais de uma dúzia em nossa vizinhança.

— O quê?

— Você honestamente não percebeu?

— Não, eu não percebi! Como é que ninguém me contou? — Quero dizer, isto deveria ter sido mencionado no primeiro dia, no Seminário de Habilidades para a Vida. Isso é uma informação muito importante aqui! Retomamos a andar, viro minha cabeça em todas as direções para ler os cartazes e toldos. Por favor, que sejam em Inglês. Por favor, sejam em Inglês. Por favor, sejam em Inglês.

— Eu pensei que você soubesse. Eu teria dito alguma coisa. — Finalmente ele está pedindo desculpas. — É considerado uma grande arte aqui. Há muitos de primeira linha, e outros, como os chamam? Casas de especializadas. Eles passam os clássicos e fazem programas dedicados a diferentes diretores ou gêneros obscuros e atrizes nativas ou qualquer outra coisa.

Respire, Anna, respire. — E eles são em Inglês?

— Pelo menos um terço deles, eu suponho.

Um terço deles! De algumas centenas, talvez milhares! - Cinemas.

— Alguns filmes americanos são dublados em francês, mas, esses são os únicos para as crianças. O resto são deixados em Inglês e passam legendas em francês. Aqui, pegue isso. — St. Clair arranca uma revista chamada *Pariscope* das prateleiras de uma banca de jornal e paga para um homem alegre, com um nariz adunco. Ele entrega a revista para mim.

— Ela sai toda quarta-feira. — VO — significa Versão Original. — VF —

significa Versão Francesa, o que significa que eles são dublados. Então, para VO quer dizer que essas listas também estão online — acrescenta.

Eu olho através da revista, com meus olhos vidrados. Eu nunca vi tantas listas do filme na minha vida.

— Cristo, se eu soubesse que isso era tudo o que precisava para fazer você feliz, eu não teria me incomodado com o resto.

— Eu amo Paris — eu digo.

— E eu tenho certeza que ela te ama também.

Ele ainda está falando, mas eu não estou ouvindo. Há uma maratona Buster Keaton nesta semana. E outra para filmes de terror adolescente. E um programa inteiro dedicado a perseguições de carro dos anos 1970.

— O quê? — Eu percebo que ele está esperando por uma resposta a uma pergunta que eu não ouvi. Quando ele não responde, eu olho para cima da lista. Seu olhar está parado em uma figura que tinha acabado de sair do nosso dormitório.

A menina é da minha altura. Seus longos cabelos apenas tem estilo, mas de uma maneira parisiense. Ela está usando um vestido curto prateado que brilha à luz do poste, e um casaco vermelho. Suas botas de couro fazem barulho contra a calçada. Ela está olhando por cima do ombro em direção a Résidence Lambert com uma olhada ligeira, mas depois ela se vira e avista St. Clair. Todo o seu ser se ilumina.

Eu afrouxo a revista em minhas mãos. Ela só pode ser uma pessoa.

A menina corre e lança-se em seus braços. Eles se beijam, e ela passa seus dedos por seu cabelo. Seu cabelo bonito, perfeito. Meu estômago vira, e me desvio do espetáculo.

Eles se separam e ela começa a falar. Sua voz é surpreendentemente sensual e baixa, mas ela fala rapidamente.

— Eu sei que não íamos nos ver esta noite, mas eu estava no bairro e achei que você poderia querer ir para o clube do qual tenho lhe falando. Você sabe, o que Matthieu recomendou? Mas você não estava lá, assim eu encontrei Mer eu fiquei falando com ela na última hora, e onde você estava? Liguei para seu celular três vezes, mas ele ia direto para caixa postal.

St. Clair parece desorientado. — Er. Ellie, este é Anna. Ela não tinha saído do dormitório durante toda a semana, então eu pensei em mostrar Paris para ela.

Para meu espanto, Ellie da um sorriso de orelha a orelha. Curiosamente, é neste momento eu percebo que apesar de sua voz rouca e vestuário parisiense, ela é tipo ... simples. Mas de um jeito amigável.

Isso ainda não significa que eu gosto dela.

— Anna! De Atlanta, certo? Onde vocês foram?

Ela sabe quem eu sou? St. Clair descreve a nossa noite, enquanto eu contemplo esta estranha evolução. Ele falou a ela sobre mim? Ou foi Meredith?

Eu espero que tenha sido ele, mas mesmo que fosse, não seria uma coisa ameaçadora. Ela não parece assustada em saber que eu passei as últimos três horas na companhia de seu namorado, muito atraente. E Sozinho.

Deve ser bom ter esse tipo de confiança.

— Tudo bem, querido — Ela o corta. — Você pode me dizer o resto mais tarde. Está pronto para ir?

Ele disse que iria com ela? Eu não me lembro, mas ele acena com a cabeça. — Yeah. Sim, deixe-me pegar minha, er — Ele olha para mim, e depois em direção à entrada do nosso dormitório.

— O quê? Você já está vestido para sair. Você está ótimo. Vamos lá. — Ela puxa seu braço, entrelaçando com o dela. — Foi bom conhecer você, Anna.

Eu respondo. — Sim. Prazer em conhecê-la, também. — Viro-me para St. Clair, mas ele não está olhando para mim propriamente. Bem. Que seja. Dou-lhe o meu melhor sorriso eu-não-me-importo-que-você-tenha-namorada e um cordial — Tchau!

Ele não reage. Certo, hora de sair. Eu pego a minha chave para entrar no edifício, mas antes de abrir a porta, não posso deixar de olhar para trás. St. Clair e Ellie estão caminhando na escuridão, com os braços ainda entrelaçados, sua boca ainda falando.

Enquanto estou aqui a cabeça de St. Clair se volta para mim. Só por um momento.

É melhor dessa forma. É.

Enquanto os dias passam, percebo que estou feliz que eu tenha conhecido a namorada dele. É realmente um alívio. Há poucas coisas piores do que ter sentimentos por alguém que você não deveria, e eu não gosto para onde meus pensamentos estavam indo. E eu certamente não quero ser outra Amanda Spitterton Watts.

St. Clair é apenas amigável. A escola inteira gosta dele, os professores, os garotos mais populares, as crianças impopulares e por que não? Ele é inteligente e divertido e educado. E, sim, ridiculamente atraente. Embora, para ser tão bem visto, ele não é de sair com muitas pessoas. Apenas com nosso pequeno grupo. E desde que seu melhor amigo é geralmente distraído por Rashmi, ele é levado a sair com, bem... eu.

Desde a nossa noite, ele sentou ao meu lado em cada refeição. Ele brinca comigo sobre tênis, pergunta sobre meus filmes favoritos, e me ajuda na minha lição de casa de Francês. E ele me defende. Como na semana passada em física.

quando Amanda me chamou de moufette em uma forma desagradável e havia segurado o nariz enquanto eu caminhava pela sua mesa, St. Clair disse-lhe para "cair fora" e jogou pequenos pedaços de papel em seu cabelo pelo resto da aula. Eu procurei a palavra depois, e significa "gambá".

Mas então, quando eu sinto as fisgadas novamente, ele desaparece. Eu estava olhando para fora da janela após o jantar, assistindo os trabalhadores do saneamento limpando a rua em seus brilhantes uniformes verdes, quando ele sai do nosso dormitório e desaparece em direção ao metrô.

Rumo a Ellie.

Na maioria das noites estou a estudando na portaria com os nossos amigos, quando ele chega em casa. Ele senta ao meu lado e conta uma piada sobre algum estudante bêbado batendo em uma menina por trás da recepção. (Há sempre um estudante bêbado batendo em uma menina por trás da recepção.) E é minha imaginação, ou o seu cabelo está mais despenteado do que o habitual?

O pensamento de St. Clair fazendo coisas-com-Ellie me dá mais inveja do que eu gostaria de admitir. Toph e eu trocamos e-mail, mas as mensagens nunca passaram de coisas amigáveis. Eu não sei se isso significa que ele ainda está interessado ou se isso significa que ele não está, mas eu sei que e-mail não é o mesmo que beijar. Ou outras coisas. A única que entende a situação de St. Clair é Mer, mas não posso dizer nada a ela. Às vezes eu tenho medo dela pode estar com ciúmes de mim. Quando eu pego ela nos assistindo na hora do almoço, e quando eu peço a ela para me passar um guardanapo, ela faz como se fosse lançá-lo na minha cabeça em vez disso.

Ou quando St. Clair rabisca bananas e elefantes nas margens do meu dever de casa, ela fica rígida e silenciosa.

Talvez eu esteja fazendo um favor a ela. Eu sou mais forte do que ela, desde que eu não o conheço há muito tempo. Desde que ele sempre esteve fora dos limites. Quero dizer, pobre Mer. Qualquer garota confrontada com a atenção diária de um cara lindo com um sotaque fofo e um cabelo perfeito teria que ser muito forte para não desenvolver uma grande, má, dolorosa, que-a-consumisse-por-todo-o-tempo paixão.

Não que isso seja o que está acontecendo comigo.

Como eu disse. É um alívio saber que não vai acontecer. Isso torna as coisas mais fáceis. A maioria das meninas ri demais de suas piadas e encontram desculpas para apertar cuidadosamente seu braço. Para tocá-lo. Em vez disso, me defendo e reviro os olhos e ajo indiferente. E quando eu toco seu braço, eu o empurro. Porque é isso que os amigos fazem. Além disso, tenho coisas mais importantes em minha mente: filmes. Estou na França durante um mês, e apesar de eu ter subido nos elevadores para o topo da Torre Eiffel (Mer levou-me enquanto St. Clair e Rashmi esperaram abaixo sobre o gramado—St. Clair porque ele tem medo de cair e Rashmi porque ela se recusa a fazer qualquer coisa turística), e apesar de eu ter visto da plataforma o Arco do Triunfo (Mer me levou de novo, é claro, enquanto St. Clair ficou abaixo e ameaçou empurrar Josh e Rashmi no círculo do trânsito louco), ainda não fomos ao cinema. Na verdade, eu ainda tenho que sair do campus sozinha. Meio constrangedor. Mas eu tenho um plano. Primeiro, vou convencer alguém a ir a um cinema comigo. Não deve ser muito difícil, todo mundo gosta dos filmes. E então eu vou tomar notas sobre tudo o que eles dizem e fazem, e então eu vou me sentir confortável voltando ao cinema sozinha. E um cinema é melhor do que nenhum cinema.

— Rashmi. O que você vai fazer esta noite?

Estamos esperando La Vie começar. Na semana passada, nós aprendemos sobre a importância de comer alimentos produzidos localmente, e antes disso, como nos escrever um ensaio de aplicação para a universidade. Quem sabe o que nos ensinarão hoje? Meredith e Josh são os únicos que não estão aqui, Josh porque ele é um aluno de penúltimo ano, e Mer porque ela está tomando aulas de espanhol avançado. Para se divertir. Loucura.

Rashmi bate sua caneta contra seu caderno. Ela está trabalhando em seu ensaio para a Brown por duas semanas. É uma das universidades poucas universidades que oferecem Egptologia, e a única que ela quer frequentar. — Você não entende —, diz ela, quando eu perguntei por que ela não tinha terminado ainda. — Brown fica elimina oitenta por cento dos candidatos.

Mas duvido que ela irá ter algum problema. Ela não recebeu menos de um A em nada este ano, e a maioria de suas notas são ótimas. Eu já havia enviado a solicitação para minha universidade. Vai levar um tempo antes que eu tenha a resposta, mas eu não estou preocupada. Ela não é da Yvy League.

Eu estou tentando ser amigável, mas é complicado. Ontem à noite, enquanto



eu estava acariciando seu coelho, Isis, Rashmi lembrou-me duas vezes para não contar a ninguém sobre o coelho, porque os animais são contra as regras no dormitório. Como se eu fosse bisbilhotar. Além disso, não é como se Isis fosse um segredo. O cheiro de xixi de coelho na porta do quarto dela é inconfundível.

— Nada, eu acho, — diz ela, em resposta à minha pergunta sobre a sua noite.

Eu respiro fundo para acalmar os nervos. É ridículo o quão difícil pode ser uma pergunta quando a resposta significa tanto.

— Quer ir ao cinema? Eles estão exibindo *It Happened One Night* no Le Champ.

Só porque eu não tenho saído não quer dizer que não tenha me debruçado sobre o glorioso Pariscopes.

— Eles estão exibindo o quê? E eu não vou te dizer o quanto você acabou de massacrar o nome do cinema.

— *It Happened One Night*. Com Clark Gable e Claudette Colbert. Ganhou cinco prêmios da Academia. Foi um grande filme.

— Em qual século?

— Ha ha. Honestamente, você vai gostar. Ouvi dizer que é ótimo.

Rashmi esfrega as têmporas. — Eu não sei. Eu realmente não gosto de filmes antigos. Sua atuação é tão, Hey camarada. Vamos usar os nossos chapéus e ter um grande mal-entendido.

— Ah, deixe disso — St. Clair olha por cima de um grosso livro sobre a Revolução Americana. Ele se senta do meu lado. É estranho pensar que ele sabe mais história americana do que eu. — Não é esse o encanto? Os chapéus e os mal-entendidos?

— Então por que você não vai com ela? — Rashmi pergunta.

— Porque ele vai sair com Ellie — eu digo.

— Como você sabe o que eu vou fazer hoje? — Pergunta ele.

— Por favor? — Peço a ela. — Por favor? Você vai gostar, eu juro. Também Josh e Mer.

Rashmi abre a boca para protestar justo quando o professor chega. Toda semana é alguém novo, às vezes alguém da administração, às vezes um professor.

Desta vez, estou surpresa em ver Nate. Eu acho que todos os funcionários são forçados a pegar um horário. Ele coça a cabeça raspada e sorri agradavelmente para nossa classe.

— Como você sabe o que eu estou fazendo hoje? — St. Clair repete.

— Por favooooooooooooooooo — eu digo para ela.

Ela faz uma careta. — Tudo bem. Mas eu escolho o próximo filme.

Oba!

Oba!

Nate pigarreia, e Rashmi e St. Clair olham para cima. Isso é uma coisa que

eu gosto sobre os meus novos amigos. Eles respeitam os professores. Fico louca quando vejo os alunos falar deles pelas costas ou ignorá-los, porque minha mãe é professora. Eu não quero que ninguém seja rude com ela.

— Tudo bem, pessoal, já é o suficiente. Amanda, já é o suficiente. — Com seu jeito discreto, mas firme, Nate a corta. Ela sacode os cabelos e suspira, com um olhar em direção a St. Clair.

Ele a ignora. Ha.

— Eu tenho uma surpresa para vocês —, diz Nate. — Desde que o tempo está mudando e não há muitos dias quentes, eu arranjei para vocês passarem a semana ao ar livre.

Estamos indo para fora da classe para obter créditos. Eu amo Paris!

— Eu organizei uma caçada. — Nate segura uma pilha de papéis. — Há duas centenas de artigos nesta lista. Vocês vão ser capazes de encontrar todos em nosso bairro, mas vocês podem ter que pedir ajuda para os moradores.

Oh não, inferno.

— Vocês vão tirar fotos dos itens, e vocês estarão trabalhando em duas equipes.

Ufa! Alguém pode falar com os habitantes locais.

— A equipe vencedora será determinada pelo número total de itens encontrados, mas eu vou ter de encontrar fotografias no telefone de todos ou na câmera, se você espera ganhar crédito.

NÃOOOOOOOOOOO.

— Há um prêmio. — Nate sorri novamente, agora que ele finalmente tem a atenção de todos. — A equipe que encontrar a maioria dos itens até o final da aula de quinta-feira...pode faltar a aula na sexta-feira.

Agora que pode valer a pena. A sala explode em palmas e assobios. Nate escolhe capitães com base em quem recebe mais aplausos. Steve Carver— O cara com o falso cabelo de surfista — e a melhor amiga de Amanda, Nicole, são escolhidos. Rashmi e eu gememos em um raro momento de camaradagem. Steve lança o punho no ar. A seleção começa, e Amanda é escolhida primeiro. Claro que sim. E então, o melhor amigo de Steve. Claro que sim. Rashmi me cutuca. — Aposto que 5 euros que vou ser escolhida por último.

— Vou levar essa aposta.

Amanda se volta de seu assento e abaixa sua voz. — É uma aposta segura, garota gambá. Quem ia se querer em sua equipe?.

Minha mandíbula cai estupidamente.

— St. Clair! — A voz de Steve me assusta. É óbvio que St. Clair seria escolhido cedo. Todo mundo olha para ele, mas ele está olhando para Amanda.

— Eu — ele diz, em resposta a pergunta dela. — Eu quero Anna na minha equipe, e você teria sorte de tê-la.

Ela afasta a vista e rapidamente se vira, mas não antes de atirar-me outra

adaga. O que eu tinha feito contra ela?

Mais nomes são chamados. Mais nomes que não são os meus. St. Clair tenta chamar a minha atenção, mas eu finjo que não percebo. Eu não suporto olhar para ele. Estou muita humilhada. Logo, a seleção é entre Rashmi, um cara magro que, por qualquer razão, é chamado de Cheeseburger e eu. Cheeseburger está sempre usando esta expressão de surpresa, como se alguém acabasse de dizer seu nome, e ele não conseguisse descobrir de onde a voz está vindo.

— Rashmi, — Nicole diz sem hesitação.

Meu coração afunda. Agora é entre mim e alguém chamado Cheeseburger. Eu concentro minha atenção sobre a minha mesa, o desenho de mim que Josh fez hoje cedo em História. Eu estou vestida como uma camponesa medieval (estamos estudando a Peste Negra), e eu tenho uma carranca feroz e um rato morto pendurado na minha mão. Amanda cochicha no ouvido de Steve. Sinto seu sorriso para mim, e meu rosto queima.

Steve pigarreia. — Cheeseburger.

Você me deve cinco dólares — eu digo.

Rashmi sorri. — Eu vou comprar o seu ingresso para o cinema.

Pelo menos estamos no mesmo time. Nicole dividiu a lista de Nate, então Rashmi e eu saímos por nossa conta. A semana não deve ser muito ruim. Por causa de Rashmi, eu vou realmente ganhar o crédito da classe. Ela deixa eu tirar algumas das fotos - uma estátua de um cara chamado Buda e um grupo de crianças jogando futebol na rua, mesmo sendo ela a pessoa que encontrou os dois itens.

— Sinto falta do futebol — diz Meredith quando nós contamos a ela a nossa história. Mesmo seus cachos flexíveis estavam parecendo triste esta noite. Uma brisa fria corre pela grande avenida e nós nos aconchegamos em nossos casacos. Uma varredura de folhas marrons entra debaixo dos nossos pés, como outono em Paris.

— Não existe um campeonato que você possa participar ou algo assim? — Josh pergunta, colocando o braço sobre Rashmi. Ela se aconchega nele. — Eu vejo as pessoas jogando por aqui o tempo todo.

— Boo! — Uma cabeça desgrehada e familiar aparece entre Mer e eu, e nós pulamos como gatos assustados.

— Caramba, — diz Mer. — Quase me deu um infarto. O que você está fazendo aqui?.

— It Happened One Night — disse St. Clair. — Le Champo, certo?

— Você não tem planos com Ellie? — Rashmi pergunta.

— Eu não estou convidado? — Ele cruza o caminho entre Meredith e eu.

— É claro que você está convidado — diz Mer. — Nós apenas supomos que você estaria ocupado.

— Você está sempre ocupado — Rashmi diz.

— Eu não estou sempre ocupado.

— Você sempre está — diz ela. — E você sabe o que é estranho? Mer é a única que viu Ellen este ano. Ela é muito boa para nós agora?.

— Ah, sai dessa, Não isso outra vez.

Ela encolhe os ombros. — Eu só estou dizendo.

St. Clair balança a cabeça, mas não escapa da nossa atenção que ele não está negando. Ellie pode ser uma pessoa bastante amigável, mas está claro que ela já não necessita de seus amigos da SOAP. Até eu posso ver isso.

— O que vocês fazem toda noite? — As palavras escapam antes que eu possa detê-las.

— Eles fazem — Rashmi diz. — Eles fazem. Ele nos abandona para fodê-la.

St. Clair cora. — Você sabe, Rash, você é tão vulgar quanto os estudantes de penúltimo ano do meu andar... Dave não-me-importo-seu-nome e Mike Reynard. Deus, eles são uns estúpidos.

Mike Reynard é o melhor amigo de Dave-de-Francês-e-História. Eu não sabia que viviam próximos dele.

— Cuidado, St. Clair — Josh diz. Há algo diferente em seu comportamento normalmente descontraído.

Rashmi belisca o rosto de St. Clair. — Você está me chamando de estúpida?.

— Não, mas se você não cair fora, talvez sim.

Seus corpos estão tensos, como se estivessem prestes a bater os chifres, como em um documentário sobre a natureza. Josh tenta puxar Rashmi de volta, mas ela o sacode fora.

— Deus, St. Clair, você não pode ser amigável durante o dia e nos mandar dar o fora durante a noite! Você não pode voltar sempre que quiser e fingir que está tudo bem.

Mer tenta cortá-los. — Hey, hey, hey.

— Tudo está bem! O que há de errado com você?

— HEY! — Mer usa sua altura e força e entra entre eles. Para a minha surpresa, ela começa a suplicar para Rashmi. — Eu sei que você sente falta da Ellie.

Eu sei que ela era sua melhor amiga, desde quando ela se mudou, mas você ainda tem a nós. E St. Clair...Ela está certa. Dói-me não vê-lo mais. Quero dizer, fora da escola. — Ela faz um som como se estivesse quase chorando. — Nós costumávamos ser tão próximos.

Josh coloca o braço ao redor dela, e ela o abraça firmemente. Ele olha fixamente para St. Clair através de seus cachos. Isso é sua culpa. Concerte-o.

St. Clair suspira. — Yeah. Okay. Você está certa.

Não é bem um pedido de desculpas, mas Rashmi acena. Mer suspira em alívio. Josh se retira e se junta a sua namorada novamente. Caminhamos em silêncio. Então Rashmi e Ellie costumavam ser melhores amigas. É bastante difícil estar separada de Bridge, mas não posso imaginar o quão terrível seria se ela me abandonasse completamente. Eu me sinto culpada. Não é de admirar que Rashmi esteja tão amarga.

— Desculpe, Anna — St. Clair diz depois de um tempo calado. — Eu sei que você estava animada pelo filme.

— Está tudo bem. Não é da minha conta. Meus amigos brigam também. Quero dizer...meus amigos mais próximos. Não que vocês não sejam meus amigos. Só estou dizendo...todos os amigos brigam.

Argh. Como é angustiante.

Ficamos melancólicos. Retorno com meus pensamentos. Desejo que Bridge estivesse aqui. Desejo que St. Clair não estivesse com Ellie, e Ellie não tivesse ferido Rashmi e Rashmi fosse como Bridge. Desejo que Bridge estivesse aqui.

— Hey — diz Josh. — Olhem só.

E então a escuridão dá lugar ao néon branco. Uma fonte no estilo Arte Deco,

queima na noite, anunciando a nossa chegada ao Cinema Le Champo. As letras anunciam: Cinema. Existe uma palavra mais bonita? Meu coração dispara quando passamos pelos cartazes de filmes coloridos e atravessamos a porta brilhante. A portaria é menor do que eu estou acostumada, e apesar de sentir falta da pipoca com manteiga artificial, há algo no ar que eu reconheço, algo um tanto azedo e reconfortante. Fiel à sua palavra, Rashmi paga o meu ingresso. Aproveito a oportunidade para pegar um pedaço de papel e uma caneta que eu havia escondido em meu casaco para esse propósito. Mer é a próxima na linha, e transcrevo suas palavras foneticamente.

Oon ploss see voo play.

St. Clair inclina-se sobre meu ombro e sussurra. — Você está escrevendo errado. Eu fico constrangida, mas ele está sorrindo. Eu abaixo meu rosto, de modo que meu cabelo tampe minhas bochechas coradas por causa do seu sorriso. Seguimos a corda com luzes azuis pelo corredor do cinema. Eu me pergunto se elas são azuis em todos os lugares por aqui, ao invés do brilho dourado dos cinemas americanos. Meu coração bate mais rápido. O resto é o mesmo. Mesmos assentos. Mesma tela. Pela primeira vez em Paris, me sinto em casa.

Sorrio para os meus amigos, mas Mer, Rashmi e Josh estão distraídos, discutindo sobre algo que aconteceu durante o jantar. St. Clair me vê e sorri de volta.

— Bom?

Eu aceno. Ele parece satisfeito e uns idiotas sentam atrás de mim. Eu sempre sento quatro fileiras depois do centro, e hoje temos lugares perfeitos. As cadeiras são de um vermelho clássico. O filme começa, a tela pisca com o título.

— Ugh, temos que sentar logo nos créditos? — Rashmi pergunta. Eles passam primeiro, como em todos os filmes antigos.

Eu os leio alegremente. Eu amo créditos. Eu amo tudo sobre filmes. O cinema fica escuro, exceto pelo movimento súbito da tela em tons de negro, branco e cinza. Clark Gable finge dormir e coloca a mão no centro de um banco vazio no ônibus. Após um momento de irritação, Claudette Colbert cautelosamente tira a mão dele e se senta. Gable sorri para si, e St. Clair também sorri.

É estranho, mas eu continuo ficando distraída pelos seus brancos dentes através da escuridão. E como seus cabelos ondulados se agitam pela cabeça. Até seu aroma suave de detergente da lavanderia. Ele me cutuca silenciosamente oferecendo seu ombro, mas eu rejeito e ele se afasta. Seu braço está junto ao meu, ligeiramente elevado. Olho para suas mãos. As minhas são pequenas em comparação as dele. E, de repente, eu quero tocá-lo.

Não um empurrão, ou não um impulso, ou mesmo um abraço amigável. Eu quero sentir os vincos em sua pele, esfregar meus dedos em seu pulso. Ele muda

de posição. Eu tenho a estranha sensação de que ele está tão consciente de mim como eu estou dele. Não consigo me concentrar. Os personagens na tela estão em ação para mim, eu não sei o que dizer. Há quanto tempo eu não estava prestando atenção?

St. Clair tosse e muda de posição novamente. Sua perna está roçando a minha. Ele permanece lá. Estou paralisada. Eu deveria me mover, me sinto muito esquisita. Como ele não se da conta que sua perna está tocando na minha? Do canto do meu olho, eu vejo o perfil de seu queixo e nariz, e — oh, meu Deus, a curva de seus lábios.

Ele olhou para mim. Eu sei que ele olhou.

Olho para o telão, tentando provar que estou realmente interessada neste filme. St. Clair endurece, mas não move a perna. Ele está segurando sua respiração? Eu acho que ele está. Eu estou segurando a minha. Inspiro e respiro isso soa tão antinatural.

Mais uma vez. Um outro olhar. Dessa vez eu me viro, automaticamente, assim ele disfarça. É como uma dança, e agora há um sentimento no ar como se um de nós devesse dizer alguma coisa.

Foco, Anna. Foco.

— Você gostou? — Sussurro.

Ele faz uma pausa. — Do filme?.

Eu sou grata pelas sombras esconderem meu constrangimento.

— Eu gostei muito dele — diz ele.

Eu arrisco um olhar, e St. Clair me encara. Profundamente. Ele não olha para mim como antes. Eu me viro primeiro, e sinto-o desviar depois.

Eu sei que ele está sorrindo, sinto meu coração acelerado.

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreak.net>

**De:** James Ashley <james@jamesashley.com>

**Assunto:** Gentil Recordação

*Olá, querida. Faz tempo que nos falamos. Você verificou seu correio de voz? Eu chamei várias vezes, mas eu suponho que você esteja ocupada para checar. Bem, este é apenas um lembrete para ligar para seu querido velho pai e lhe dizer como estão indo seus estudos. Você já domina Francês? Provou o foie gras? Quais os museus emocionantes que você visitou? Falando de algo emocionante, tenho certeza que você ouviu a boa notícia. „O Incidente” estreou como número um no NY Times! Parece que eu ainda tenho o toque mágico. Eu estou saindo para uma turnê no sul na próxima semana, então eu vou ver o seu irmão e dar-lhe-ei seus melhores desejos.*

*Mantenha-se centrada na escola, TE vejo no Natal.*

Josh inclina seu corpo esguio por cima do meu ombro e se foca no meu laptop. — Sou apenas eu, ou esse TE é uma espécie de ameaça?.

— Não. Não é apenas você — eu digo.

— Eu pensei que seu pai era um escritor. O que há com essa merda de \_gentil recordação\_ e mantenha-se \_centrada\_?

— Meu pai é fluente em frase feita. Obviamente, você nunca leu um dos seus romances. — Faço uma pausa. — Eu não posso acreditar que ele tem o descaramento de dizer que ele vai dar a Seany meus \_melhores desejos\_.

Josh balança a cabeça em desgosto. Meus amigos e eu estamos passando o fim de semana no salão, porque está chovendo novamente. Ninguém fala disso, mas acontece que Paris é tão chuvosa quanto Londres. De acordo com St. Clair, isto é, o nosso único membro ausente.

Ele foi para alguma amostra de fotografia na faculdade de Ellie.

Na verdade, ele já deveria estar de volta.

Está atrasado. Como sempre.

Mer e Rashmi estão enroladas em um dos sofás da portaria, lendo a nossa mais nova missão em Inglês, Balzac e a Costureirinha Chinesa.

Retorno ao e-mail do meu pai.

Gentil recordação... sua vida é uma merda.

Minha memória volta ao início da semana, eu sentada ao lado de St. Clair, no cinema escuro, a perna contra a minha, o olhar que se passou entre nós, e me encho de vergonha. Quanto mais eu penso nisso, mais eu me convenço de que nada aconteceu.

Porque NADA aconteceu.

Quando saímos do cinema, Rashmi anunciou: — O final foi muito inesperado. Nós não conseguimos ver nenhuma das coisas boas.

E no momento em que eu terminei de defender o filme, já estávamos de



volta dentro do dormitório. Eu queria falar com St. Clair, obter um sinal de que algo entre nós havia mudado, Mer nos interrompeu e lhe deu o abraço de boa noite. Eu não podia abraçá-lo sem expor meu coração acelerado, fiquei para trás. E então nós tivemos este adeus xoxo.

E então eu fui para a cama, confusa como sempre. O que aconteceu? Tão emocionante como era, eu devo ter exagerado na minha imaginação, porque ele não agiu de forma diferente no café da manhã no outro dia. Nós tivemos uma conversa amigável, como sempre. Além disso, ele tem Ellie. Ele não precisa de mim. Tudo que eu posso imaginar é que eu devo ter montado meus próprios sentimentos frustrados em relação a St. Clair.

Josh está examinando-me atentamente. Decido fazer uma pergunta antes que ele possa me fazer uma.

— Como sua lição está indo? — Minha equipe em La Vie realmente ganhou (não graças a mim), então Rashmi e eu, não temos que ir na sexta-feira. Josh abandonou sua última aula para passar uma hora com a gente. Isso lhe valeu uma detenção e várias páginas de lição de casa adicional.

— Eh. — Ele se joga na cadeira ao meu lado e pega seu caderno. — Eu tenho coisas melhores para fazer.

— Mas...você não vai arrumar mais problemas se você não fizer? — Eu nunca abandono. Eu não entendo como ele pode simplesmente dar as costas para tudo.

— Provavelmente. — Josh flexiona a mão e estremece.

Eu franzo as sobrancelhas. — Qual é o problema?

— Está difícil — diz ele. — Para desenhar. Tudo bem, é sempre assim.

Estranho. Eu nunca considerei antes que a arte pudesse causar lesões.

— Você é muito talentoso. É isso que você quer fazer? Para viver, eu quero dizer?.

— Eu estou trabalhando em um romance gráfico.

— Sério? Isso é legal. — Eu empurro meu laptop para longe. — Sobre o que é?.

O canto de sua boca aumenta em um sorriso malicioso. — Um cara obrigado a frequentar um estúpido internato, porque seus pais não o querem mais por perto.

Eu solto um grunhido. — Eu já ouvi isso antes. O que seus pais fazem?

— Meu pai é um político. Estão trabalhando em sua campanha de reeleição. Eu não tenho conversado com o ‘senador Wasserstein’ desde que a escola começou.

— O senador? Como um senador senador?

— O senador como senador senador. Infelizmente.

Mais uma vez. O que meu pai estava pensando? Enviando-me para a escola com filhos de senadores dos EUA?

— Todo mundo tem um pai terrível? — Eu pergunto. — É um requisito para participar?.

Ele acena para Rashmi e Mer. — Elas não. Mas o pai de St. Clair é uma obra de arte.

— Eu ouvi sobre isso. — Curiosidade bate em mim, e eu baixo a minha voz. — Qual é o problema dele?

Josh dá de ombros. — Ele é um imbecil. Ele mantém uma rédea curta sobre St. Clair e sua mãe, mas é muito amigável com todos os outros. De alguma forma, isso o torna pior.

De repente, estou distraída olhando um gorro de malha esquisito roxo e vermelho passando pela entrada. Josh se vira para ver o que eu estou olhando. Meredith e Rashmi notam o seu movimento, e olham por cima de seus livros.

— Oh Deus — Rashmi diz. — Ele está usando O Chapéu.

— Eu gosto Do Chapéu — diz Mer.

— Certamente você gosta — diz Josh.

Meredith fecha a cara. Viro-me para dar uma olhada melhor No Chapéu, e estou surpresa ao perceber que quem está usando O Chapéu é St. Clair.

— Então, O Chapéu está de volta — diz Rashmi.

— Sim — diz ele. — Eu sei que vocês sentiram falta.

— Existe uma história por trás Do Chapéu? — Eu pergunto.

— Só que a mãe dele fez para ele no inverno passado, e todos concordaram que era o acessório mais horrível em Paris — Rashmi diz.

— Ah, é? — St. Clair o tira e ajeita sobre a cabeça de Rashmi. Suas duas tranças negras sobressaem comicamente abaixo dele. — Fica muito bem em você. Realmente muito atraente.

Ela franzi a sobancelha e depois levanta, em seguida, ele o tira e empurra-o sobre seu cabelo bagunçado novamente, e eu tenho que concordar com Mer. É realmente muito bonito. Ele parece, como um ursinho de pelúcia.

— Como foi à mostra? — Mer pergunta.

Ele dá de ombros. — Nada espetacular. O que vocês estão fazendo?

— Anna está lendo a ‘Gentil Recordação’ do pai dela — diz Josh.

St. Clair faz uma cara de nojo.

— Eu prefiro não ler novamente, obrigada — Fecho meu laptop.

— Se estiver terminado, tenho algo para te mostra — diz St. Clair.

— O quê? A mim?

— Lembra quando eu prometi que faria você se sentir menos americana?.

Eu sorrio. — Você tem meu passaporte francês? — Eu não tinha esquecido da sua promessa, mas percebo que essa conversa foi semanas atrás. Estou surpresa que ele lembrou e fico lisonjeada.

— Melhor. Chegou pelo correio ontem. Vamos lá, está no meu quarto. — E, com isso, ele põe as mãos nos bolsos do casaco e sob as escadas.

Enfio meu computador na bolsa, e dou de ombros para os meus amigos. Mer parece aborrecida, e por um momento eu me sinto culpada. Mas não estou roubando ele dela. Eu sou amiga dele, também. Eu o sigo a cinco degraus pela escada, e O Chapéu se sacode a minha frente. Chegamos ao seu andar e ele me conduz pelo corredor. Estou nervosa e emocionada. Eu nunca vi seu quarto. Nós sempre nos encontramos na sala ou no meu quarto.

— Lar doce lar — Ele pega o chaveiro — Eu me deixei em São Francisco<sup>4</sup>. Outro presente de sua mãe, eu suponho. Colado à sua porta está um esboço dele usando um chapéu de Napoleão. Trabalho de Josh.

— Ei, 508!, Seu quarto é acima do meu. Você nunca me disse.

St. Clair sorri. — Talvez eu não quisesse que você me culpasse por mantê-la acordada durante a noite com minhas pisadas fazendo barulho.

— Cara. Você faz barulho.

— Eu sei. Sinto muito. — Ele ri e mantém a porta aberta para mim. Seu quarto é mais limpo do que eu esperava. Eu sempre imagino os caras com quartos nojentos com montanhas de sujeira, bermudas e camisetas manchadas de suor, camas desfeitas, cartazes de cerveja com mulheres em biquínis, latas de refrigerante vazias, sacos de batatas fritas, pedaços aleatórios de aeromodelos e jogos de videogame espalhados. Isso é como o quarto de Matt parecia. Ele sempre me surpreendia. Eu nunca soube quando eu poderia sentar em um pacote de molho do Taco Bell. Mas o quarto de St. Clair é arrumado. Sua cama está feita, e só há uma pequena pilha de roupas no chão. Não há cartazes de mau gosto, apenas um mapa mundi antigo pregado acima da sua mesa e duas pinturas coloridas acima de sua cama. E os livros. Eu nunca vi tantos livros em um quarto.

Eles estão empilhados ao longo de suas paredes como torres, livros grossos de História e brochuras esfarrapadas e... um OED. Assim como Bridge.

— Eu não posso acreditar que eu conheço duas pessoas loucas o suficiente para ter seu próprio OED.

— Ah, é? Quem é a outra?

— Bridge. Deus, o seu é novo? — As páginas são limpas e brilhantes. O de Bridgette tem algumas décadas a mais, e suas folhas estão um pouco sujas e feias.

St. Clair parece envergonhado. Um Dicionário de Inglês de Oxford novo custa em torno de mil dólares, e mesmo que nós nunca conversemos sobre isso, ele sabe que eu não posso gastar dinheiro como o resto dos nossos colegas. Está bem claro que sempre procuro a coisa mais barata no cardápio cada vez que comemos fora. Meu pai queria me dar uma educação de contos de fadas, mas ele não está preocupado com as minhas despesas diárias. Pedi-lhe duas vezes um aumento na minha mesada semanal, mas ele recusou, dizendo que eu preciso aprender a viver dentro das minhas possibilidades.

O que é difícil, quando ele não me dá meios suficientes para começar.

— O que aconteceu com ela e essa banda? — Pergunta ele, mudando de assunto. — Será que ela vai ser a baterista?

— Sim, seu primeiro ensaio é este fim de semana.

— É a banda desse cara — O das Costeletas, certo?

St. Clair sabe o nome de Toph. Ele está tentando obter algo de mim, então eu ignoro.

— Yeah. Então o que você tem para mim?

— Está aqui mesmo. — Ele me entrega um envelope amarelo acolchoado que estava em sua mesa, eu sento borboletas dançarem em meu estômago como se fosse meu aniversário. Eu rasgo o envelope. Um pequeno pacote cai no chão. É uma bandeira canadense.

Eu pego. — Hum. Obrigada?

Ele joga O Chapéu em sua cama e esfrega o cabelo. Ele voa em todas as direções. — É para sua mochila, para que as pessoas não pensem que você é americana. Os europeus aceitam mais os canadenses.

Eu rio. — Então, eu adorei isso. Obrigada.

— Você não está ofendida?

— Não, isso é perfeito.

— Eu tive que encomendá-la online, foi por isso que demorou tanto. Não sabia onde eu poderia encontrar uma em Paris, me desculpe. — Ele procura na gaveta e pega um alfinete. Ele tira a pequena bandeira das minhas mãos e coloca no bolso da minha mochila. — Aí está. Você agora é oficialmente canadense. Tente não abusar do seu novo poder.

— Tanto faz. Hoje seguramente vou sair.

— Bom — Ele diz depois de um tempo. — Você deveria.

Nós dois estamos parados. Ele está tão perto de mim. Seu olhar está parado no meu, e meu coração bate dolorosamente em meu peito. Eu dou um passo para trás e olho para longe. Toph. Eu estou com Toph, não St. Clair. Por que eu tenho de ficar me lembrando disso? St. Clair já tem dona.

— Você que pintou estes? — Estou desesperada para mudar o humor. — Esses acima de sua cama? — Eu olho para trás, e ele ainda está me encarando.

Ele morde a unha do dedo polegar antes de responder. Sua voz é estranha. — Não. Minha mãe que pintou.

— Sério? Uau, eles são bons. Realmente, realmente...bom.

— Anna...

— Isso é aqui em Paris?.

— Não, é a rua em que eu cresci. Em Londres.

— Oh.

— Anna...

— Hmm? — Eu estou de costas para ele, tentando examinar as pinturas. Elas realmente são ótimas. Eu simplesmente não consigo me focar. Claro que não é

Paris. Eu deveria ter percebido—

— Aquele cara. O das costeletas. Você gosta dele?

Minhas costas se contorcem. — Você já me perguntou isso antes.

— O que eu quis dizer foi — diz ele, confuso. — Seus sentimentos não mudaram? Desde que estás aqui?

Leva um instante para eu examinar a questão. — Não é uma questão de como eu me sinto — digo finalmente. — Eu estou interessada, mas...eu não sei se ele ainda está interessado em mim.

St. Clair chega mais perto. — Será que ele ainda te liga?

— Yeah. Quero dizer, não freqüentemente. Mas sim.

— Certo. Certo, bem — diz ele, piscando. — Aí está sua resposta.

Eu me afasto. — Eu deveria ir. Tenho certeza que você tem planos com Ellie.

— Sim. Quer dizer, não. Quer dizer, eu não sei. Se você não está fazendo nada—

Eu abro a porta. — Então eu te vejo mais tarde. Obrigado pela cidadania canadense. — Eu bato no bolso da minha bolsa.

St. Clair parece estranhamente magoado. — Sem problemas. Fico feliz por servir.

Desço a escada de dois em dois degraus até meu andar. O que aconteceu? Um minuto nós estávamos bem, e no próximo era como se eu não pudesse ter saído rápido o suficiente. Preciso sair daqui. Eu preciso deixar o dormitório. Talvez eu não seja uma americana corajosa, mas acho que posso ser uma canadense corajosa. Pego o Pariscope no meu quarto e me dirijo às escadas. Estou indo ver Paris. Sozinha.

Un place s'il vous plait.

Um lugar, por favor. Verifico duas vezes minha pronúncia antes de ir à bilheteria e deslizar meus euros. A mulher não pisca, apenas divide o bilhete ao meio e me dá o de cima. Aceito graciosamente e gaguejo meus agradecimentos. Dentro do cinema uma guarda examina meu pedaço. Ela rasga um pouco, e eu sei que quando eu ver meus amigos tenho que dar uma pequena dica sobre esta tradição inútil. Eu toco na bandeira do Canadá para dar sorte, mas eu não preciso disso. A entrada é fácil.

Eu fiz isso. Eu fiz isso!

O meu alívio é tão profundo que eu quase nem noto meus pés fazendo o caminho até minha fileira favorita. O cinema está quase vazio. Três meninas da minha idade estão na parte traseira, e um casal de idosos está sentado diante de mim, compartilhando uma caixa de bombons. Algumas pessoas se queixam quanto a ir ao cinema sozinhas, mas eu não. Porque quando as luzes se apagam, a única relação que fica na sala é entre o filme e eu.

Eu afundo em minha cadeira e me perco nos trailers. Comerciais franceses estão intercalados entre eles, me divirto tentando adivinhar o que são antes do produto ser apresentado. Dois homens se perseguem por toda a Grande Muralha da China para fazer uma propaganda de roupas. Uma mulher seminua se esfrega contra um pato grasnando para vender móveis. Uma batida techno e silhuetas dançando querem que façamos o quê? Irmos a um Clube? Embriagar-nos?

Eu não tenho idéia.

E então, Mr. Smith Goes to Washington, começa. James Stewart interpreta um homem ingênuo e idealista enviado ao Senado, onde todos acreditam que podem tirar proveito dele. Eles pensam que ele vai falhar e ser expulso, mas Stewart mostra a todos. Ele é mais forte do que eles lhe deram crédito, mais forte do que eles são. Eu gosto.

Eu penso em Josh. Eu me pergunto que tipo de senador é seu pai.

O diálogo é traduzido na parte inferior da tela em cor amarela. O cinema está silencioso, respeitosamente, até a primeira piada. Os parisienses e eu rimos juntos. Às duas horas passam voando, e logo estou iluminada pelos postes da rua, perdida em um sonho confortável, pensando no que eu pudesse ver amanhã.

— Indo ver filme de novo hoje à noite? — Dave confere o número da minha página e abre seu livro de Francês no capítulo sobre a família. Como de costume, nos colocaram com dupla no exercício de habilidades para a conversação.

— Sim. The Texas Chain Saw Massacre. Você sabe, para entrar no espírito do feriado. — Halloween é este fim de semana, mas eu não vejo nenhuma decoração por aqui.

Isso deve ser uma coisa americana.

— O original ou o remake? — Professeur Gillet passa entre as nossas mesas e

Dave rapidamente acrescenta:

— Je te presente ma famille. Jean-Pierre est... l'oncle.

— Hum. O quê?

— Quoi — Professeur Gillet corrige. Eu espero que ela fique, mas ela segue em frente. Ufa.

— Original, é claro. — Mas estou impressionada que ele saiba sobre o remake.

— Isso é engraçado, eu não jamais pensaria que você fosse fã de filme de terror.

— Por que não? — Não concordo com a insinuação. — Eu aprecio qualquer filme bem-feito.

— Sim, mas a maioria das meninas é sensível em relação a esse tipo de coisa.

— O que é que isso quer dizer? — minha voz se eleva, e Madame Guillotine balança a cabeça do outro lado da sala. — Marc est mon...frere — eu digo, olhando para baixo na primeira palavra francesa que eu vejo. Irmão. Marc é meu irmão. Opa. Desculpe Sean.

Dave coça o nariz com sardas. — Você sabe. As garotas sugerem filmes de terror para seus namorados assim elas podem ficar com medo e se agarrar neles.

Eu solto um gemido. — Por favor. Eu já vi tantos namorados terem medo e saírem na metade de um filme—

— E quantos filmes estive presente essa semana mesmo assim, Oliphant? Quatro? Cinco?

Seis, na verdade. Eu vi dois no domingo. Eu me conformei em uma rotina: escola, casa, jantar, cinema. Aos poucos eu vou fazendo meu caminho por toda a cidade, cinema por cinema.

Dou de ombros, não querendo admitir isso a ele.

— Quando você vai me convidar para ir junto, hein? Talvez eu goste de filmes de terror, também.

Eu me fixo a estudar a árvore genealógica do meu livro. Esta não é a primeira vez que ele deu a entender este tipo de coisa. E Dave é bonito, mas eu não gosto dele assim. É difícil levar a sério um cara quando ele ainda se volta para cadeira de trás, só para irritar um professor.

— Talvez eu goste de ir sozinha. Talvez isso me dê tempo para pensar sobre minhas resenhas. — O que é verdade, mas abstenho-me a mencionar que normalmente eu não fico sozinha.

Às vezes, Meredith se junta a mim, às vezes Rashmi e Josh. E, sim, às vezes St. Clair.

— Certo. Suas resenhas — Ele puxa meu caderno que está debaixo do meu livro de Francês Nível Um.

— Ei! Devolva-me!

— Qual é seu website de novo? — Dave folheia as páginas enquanto tento agarrar meu caderno. Eu não tomo notas enquanto assisto aos filmes, eu prefiro adiar até ter tempo para pensar sobre eles. Mas eu gosto de anotar as minhas primeiras impressões depois de vê-los.

— Como se eu fosse lhe dizer. Devolva-me.

— Qual é o problema com isto, afinal? Por que você não vai ao cinema para se divertir, como uma pessoa normal?

— É divertido. E eu já lhe disse antes, é uma boa prática. E eu não posso ver clássicos como estes em casa. — Sem falar que não posso vê-los em tal silêncio glorioso. Em Paris, ninguém fala durante um filme. Que os Céus ajudem a pessoa que trouxe uns petiscos crocantes ou amassar um celofane.

— Por que você precisa de prática? Não é como se fosse difícil ou algo assim.

— É mesmo? Eu gostaria de ver você escrever uma resenha de seiscentas palavras sobre um filme. \_Eu gostei. Foi legal. Houve explosões.\_ — Tento pegar meu caderno outra vez, mas ele mantém acima de sua cabeça.

Ele ri. — Cinco estrelas por explosões.

— Dá. Isso. De VOLTA!.

Uma sombra cai sobre nós. Madame Guillotine está sobre nós, esperando que continuemos. O resto da classe está olhando. Dave devolve meu caderno, e eu recuo.

— Hum...tres bien, David — eu digo.

— Quando vocês tiverem terminado sua fascinante discussão, por favor retornem a tarefa e, — Seus olhos estreitam — E deux páginas sobre vos familles, en francais, pour lundi matin.

Nós acenamos timidamente, e seus saltos fazem barulho enquanto ela se vai. — Para lundi matin? Que diabos isso significa? — Eu sussurro para Dave.

Madame Guillotine não para de caminhar. — Para segunda de manhã, Mademoiselle Oliphant.

No almoço, eu bato minha bandeja de comida contra a mesa. Gotas da sopa de lentilha derramam ao lado da minha bandeja, enviando minha ameixa longe. St. Clair a pega. — O que está te perturbando? — ele pergunta.

— Francês.

— Não está indo bem?

— Não vai bem.

Ele coloca a ameixa de volta na minha bandeja e sorri. — Você vai pegar o jeito dele.

— Fácil para você dizer, Monsieur Bilingue.

Seu sorriso se desvanece. "Certo. Você tem razão, isso foi injusto. Eu esqueço, às vezes.



Mexo minhas lentilhas agressivamente. — Professeur Gillet sempre faz-me sentir estúpida. Eu não sou estúpida.

— É claro que você não é. Seria louco esperar que já tenhas fluência. Leva tempo para aprender alguma coisa, sobretudo um idioma.

— Eu só estou cansada de ir lá fora, — aponto para as janelas — e me sentir impotente.

St. Clair fica surpreso pelo que digo. — Você não é impotente. Você sai todas as noites, muitas vezes sozinha. Isso é muito diferente do que quando você chegou. Não seja tão dura consigo mesma.

— Hmph.

— Hey — Ele chega mais perto. — Lembra o que Professeur Cole disse quando estava falando sobre a falta de romances traduzidos na America? Ela disse que é importante nos expor a outras culturas, outras situações. E isso é exatamente o que você está fazendo. Você está saindo testando as águas. Você deve se orgulhar de si mesma. Que se foda a aula de Francês, com isso quero dizer tudo.

Esboço um sorriso por causa do seu acento britânico. Falando em tradução. — Sim, mas Professeur Cole estava falando sobre livros, não sobre a vida real. Há uma grande diferença.

— Há alguma? E sobre os filmes? Não é você aquela que sempre fala sobre cinema como uma reflexão da vida? Ou era outra famosa crítica de filmes que eu conheço?

— Cale a boca. Isso é diferente.

St. Clair ri, sabendo que me pegou. — Está vendo? Você deveria gastar menos tempo se preocupando com Francês, e mais tempo... — Ele se detém, sua atenção está em algo atrás de mim. Sua expressão é de repulsa.

Viro-me para encontrar Dave, ajoelhado no chão do refeitório atrás de nós. Sua cabeça está inclinada, e ele empurra um pequeno prato em minha direção.

— Permita-me apresentar este eclai7 com as minhas humildes desculpas.

Minha cara queima. — O que você está fazendo?

Dave olha para cima e sorri. — Desculpe pela tarefa extra. Foi minha culpa.

Estou sem palavras. Como eu não pego a sobremesa, ele levanta-se e entrega na minha frente com um grande floreio. Todo mundo está olhando. Ele pega uma cadeira da mesa atrás de nós e se senta entre St. Clair e eu.

St. Clair está incrédulo. — Sinta-se em casa, David.

Dave parece não ouvir. Ele molha o dedo na cobertura de chocolate pegajosa e lambe.

Suas mãos estão limpas?

— Então. Hoje à noite. Texas Chain Saw Massacre. Eu nunca acreditarei que você não tem medo de filmes de terror, se não me deixas te levar.

Oh meu Deus. Dave NÃO está convidando-me para sair na frente de St.

Clair.

St. Clair odeia Dave, eu lembro-me dele dizendo isso antes de vermos It Happened One Night.

— Uh... Desculpe. — Procuro uma desculpa. — Mas eu não vou. Mais. Tenho algo para fazer.

— Vamos lá. Nada poderia ser tão importante como uma noite de sexta-feira. — Ele aperta meu braço, e eu olho desesperadamente para St. Clair.

— Projeto de Física — ele corta, olhando para a mão de Dave. — De último minuto. Temos que fazer. Nós somos parceiros.

— Vocês tem todo o fim de semana para fazer trabalhos de casa. Solte-se, Oliphant. Viva um pouco.

— Na verdade, — St. Clair diz, — parece que Anna tem um pouco de trabalho adicional para fazer neste fim de semana. Graças a você.

Dave finalmente vira-se para St. Clair. Eles trocam carrancas.

— Sinto muito. — eu digo. E eu quero dizer isso. Eu me sinto horrível por dizer não, especialmente na frente de todos. Ele é um cara legal, apesar do que pensa St. Clair.

Mas Dave olha St. Clair novamente. — Está bem — diz ele após um momento. — Eu entendo.

— O quê? — Estou confusa.

— Eu não havia percebido... — Dave movimenta sua cabeça entre St. Clair e eu.

— Não! Não. Não há nada. Não há. Eu quero dizer, nós faremos algo em breve. Só estou ocupada hoje. Com a coisa de Física.

Dave parece aborrecido, mas ele dá de ombros. — Não tem problema. Ei, você vai a festa amanhã à noite?

Nate está planejando uma festa de Halloween na Résidence Lambert. Eu não estava planejando ir, mas eu minto para fazê-lo se sentir melhor. — Sim, provavelmente. Eu te vejo lá.

Ele se levanta. — Legal... te espero lá.

— Certo. Claro que sim. Obrigado pelo eclair! — Eu digo quando ele está indo.

— De nada, linda.

Linda. Ele me chamou de linda! Mas espere. Eu não gosto de Dave.

Eu gosto de Dave?

— Idiota — diz St. Clair, no momento em que ele já está longe.

— Não seja rude.

Ele olha para mim com uma expressão insondável. — Você não estava reclamando quando eu dei uma desculpa para você.

Eu empurro o eclair para longe. — Ele me colocou em uma situação difícil, isso é tudo.

— Você deveria me agradecer.

— Obrigado — eu digo com sarcasmo. Estou ciente dos outros olhando para nós.

Josh pigarreia e aponta para a minha sobremesa borrada por um dedo. — Você vai comer isso? — pergunta ele.

— Fique a vontade.

St. Clair se levanta tão de repente que sua cadeira faz barulho.

— Aonde você vai? — Mer pergunta.

— Em nenhum lugar. — Ele fala, deixando-nos em um silêncio surpreso.

Após um momento, Rashmi se inclina para frente. Ela levanta as sobrancelhas escuras. — Vocês sabem, Josh e eu os vimos brigando umas noites atrás.

— Quem? St. Clair e Dave? — Mer pergunta.

— Não, St. Clair e Ellie. Isso é o que está acontecendo, sabem.

— É? — Eu pergunto.

— Sim, ele tem estado no limite durante toda a semana — diz Rashmi.

Eu penso nisso. — Isso é verdade. Tenho ouvido muitos barulhos do seu quarto. Ele não costumava fazer isso. — Não é como se eu fizesse questão de ouvir, mas agora que sei que St. Clair vive acima de mim, não posso deixar de notar suas idas e vindas.

Josh me dá um olhar estranho.

— Onde você os viu? — Mer pergunta a Rashmi.

— Em frente ao metrô Cluny. Nós íamos dizer oi, mas quando vimos suas expressões, fomos por outro caminho. Definitivamente não é uma conversa que eu gostaria de interromper.

— Sobre o que eles estavam brigando? — Mer pergunta.

— Não sei. Não foi possível ouvi-los.

— É ela. Ela está tão diferente agora.

Rashmi grunhe. — Ela acha que é muito melhor do que nós, agora que está na Parsons.

— E a maneira como ela se veste — diz Mer, com uma camada cruel. — Como se ela pensasse que realmente é parisiense.

— Ela sempre foi desse jeito. — Sopra Rashmi.

Josh ainda está calado. Ele termina o eclair, limpa a camada branca em seus dedos, e puxa seu caderno. A maneira como ele se concentra nele, desviando-se da conversa entre Meredith e Rashmi, é... proposital. Tenho a sensação de que ele sabe mais sobre a situação de St. Clair do que ele está deixando passar. Será que os caras falam de coisas como essas entre eles? Poderia ser possível?

St. Clair e Ellie estão terminando?

Vocês todos não acham uma espécie de clichê fazer um piquenique em um graveyard<sup>59</sup> no Halloween?

Nós cinco — Mer, Rashmi, Josh, St. Clair, e eu — estamos perambulando pelo Cimetière du Père-Lachaise, situado numa colina que se vê desde toda Paris. É como uma miniatura de cidade. Espaçosas vias são como estradas através de bairros de túmulos elaborados. Eles me lembram de minúsculas mansões góticas, com suas portas em arco e janelas de vitrais e estatuas. Um muro de pedra com guardas e portões de ferro rodeia o perímetro. Castanhas maduras estiram seus ramos para cima e mostram suas últimas folhas douradas restantes. É uma cidade mais silenciosa do que Paris, mas não menos impressionante.

— Ei, ouviram que Anna disse 'vocês todos'? — Josh pergunta.

— Oh meu Deus, eu que não escutei.

— Você que escutou, sim —, diz Rashmi. Ela ajusta a sacola em seus ombros e segue Mer estabelecendo ainda um outro caminho. Estou contente por meus amigos saberem o caminho de volta, porque eu estou perdida. — Eu disse que você tem sotaque.

— É um cemitério, não um graveyard, — disse St. Clair. — Há uma diferença? — Eu pergunto, grata pela oportunidade de ignorar O Casal.

— Um cemitério é um lote de terras especificamente destinadas para enterros, enquanto um graveyard está sempre localizado em uma igreja. Claro, agora as palavras são praticamente intercambiáveis, por isso realmente não importa—

— Você sabe as coisas mais inúteis, St. Clair. Ainda bem que você é tão maldito bonito —, diz Josh.

— Eu acho que é interessante —, diz Mer.

St. Clair sorri. — Pelo menos 'cemitério' soa com mais classe. E você tem que admitir—esse lugar é muito elegante. Ou, me desculpe. — Ele se vira para mim. — Você preferia estar na festa Lambert? Eu ouvi dizer que Dave Higgenbottom está levando seu barril de cerveja.

— Higgenbaum.

— Isso foi o que eu disse. Higgenbum.

— Oh, deixe-o em paz. Além disso, no momento em que este lugar fechar, ainda teremos tempo de sobra para festejar. — Reviro os olhos nesta última palavra. Nenhum de nós tem planos para participar, apesar do que eu disse a Dave ontem no almoço.

St. Clair me dá um pequeno golpe com uma garrafa térmica. —Talvez você está chateada porque ele não vai ter a oportunidade de enchê-la com seu conhecimento surpreendente sobre corridas de urbanas de rua.

Eu rio. — Pára com isso.

— E eu ouvi dizer que ele tem um gosto requintado por filmes. Talvez ele vá levá-la para uma apresentação à meia-noite de Scooby-Doo 2.

Eu bato em St. Clair com minha sacola, e ele se esquia para o lado, rindo.

— Aha! Aqui está! — Mer diz, depois de ter localizado um lugar adequado na grama. Ela desenrola um lençol no grama rala, enquanto Rashmi e eu desempacotamos maçãs pequenas e sanduíches de presunto e queijo fedido de nossas mochilas. Josh e St. Clair perseguem um ao outro em torno dos monumentos próximos. Eles me lembram dos colegiais franceses que eu vejo em nosso bairro. Tudo que eles precisam são as suéteres de lã combinando.

Mer coloca café da garrafa térmica de St. Clair para todos, e eu saboreio feliz, curtindo o calor agradável que se espalha por todo meu corpo. Eu costumava pensar que café amargo era nojento, mas como todo mundo, tomo até várias xícaras por dia. Nós abrimos os alimentos e, como mágica, os caras estão de volta. Josh fica com as pernas cruzadas ao lado Rashmi, enquanto St. Clair fica entre Meredith e eu.

— Você tem folhas em seu cabelo. — Mer risadinhas e puxa uma dos cabelos de St. Clair. Ele pega dela, amassa até virar pó, e sopra nos cachos dela. Eles riem, e sinto uma pontada.

— Talvez você deveria colocar O Chapéu, — eu digo. Ele me pediu para levá-lo antes de sairmos. Eu solto minha bolsa em seu colo, talvez um pouco forte demais. St. Clair faz um oofs e empurra ela para frente.

— Cuidado. — Josh morde uma maçã rosada e fala com a boca cheia. — Ele tem partes ali que você não tem.

— Ooo, partes, — eu digo. — Intrigante. Diga-me mais.

Josh sorri tristemente. — Desculpe. Informações privilegiadas. Somente as pessoas com partes pode saber sobre essas ditas partes.

St. Clair sacode o restante das folhas de seu cabelo e coloca O Chapéu. Rashmi faz uma careta. — Sério? Hoje? Em público? — Pergunta ela.

— Todo dia, — diz ele. — Enquanto você estiver comigo.

Ela bufa. — Então, o que Ellen vai fazer esta noite?

— Ugh. Ellie estará em alguma festa com pessoas com fantasias terríveis.

— Você não gosta de festas a fantasia? — Mer pergunta.

— Eu não uso fantasias.

— Só chapéus, — Rashmi diz.

— Eu não sabia que alguém fora do SOAP estava comemorando o Halloween, — eu digo.

— Poucas pessoas, — diz Josh. — Os lojistas tentaram transformá-lo em uma coisa comercial anos atrás. Isso não pegou. Mas dê a uma garota da faculdade a oportunidade vestir-se como uma enfermeira sacana, e ela vai pegar a chance.

St. Clair atira um pedaço de queijo de cabra na cabeça de Josh, e golpeia sua bochecha. — Asno. Ela não está indo como uma enfermeira sacana.

— Vai como uma normal? — Digo inocentemente. — Com um vestido decotado e seios realmente grandes?

Josh e Rashmi quebram de rir, e St. Clair coloca O chapéu sobre os olhos. — Ughhh, eu odeio todos vocês.

— Hey. — Meredith soa ferida. — Eu não disse nada.

— Ughhh, eu odeio todos vocês, menos Mer.

Um pequeno grupo de turistas americanos aparece sobre nós. Eles parecem confusos. Um homem barbudo com seus vinte anos abre a boca para falar, mas Rashmi interrompe. — Jim Morrison é para lá. — Ela aponta o caminho. O barbudo sorri aliviado, agradece a ela, e segue em frente.

— Como você sabe o que eles queriam? — Eu pergunto.

— É o que eles querem sempre.

— Quando eles não estão procurando Victor Noir, — diz Josh. Todos os demais riem.

— Quem? — É frustrante estar no escuro.

— Victor Noir. Ele foi um jornalista morto por Pierre Bonaparte, — St. Clair diz, como se isso explicasse algo. Ele tira O Chapéu de cima dos seus olhos. — A estátua em seu túmulo é suposta a ajudar com ... a fertilidade.

— As pessoas esfregam sua virilha até ficar brilhante, — Josh elabora. — Para dar sorte.

— Por que estamos falando de partes de novo? — Mer pergunta. — Nós não podemos falar em outras coisas?

— Sério? — Eu pergunto. — Virilha brilhante?

— Muito, — disse St. Clair.

— Agora, isso é algo que eu tenho que ver. — Eu tomo o resto do café, limpo as migalhas de pão da minha boca, e levanto. — Onde está o Victor?

— Permita-me. — St. Clair pula para seus pés e sai correndo. Eu o persigo. Ele corta através de um grupo de árvores desnudas, e eu bato nos galhos para ir atrás dele. Nós dois estamos rindo quando terminamos o percurso e nos chocamos contra um guarda. Ele franze o cenho debaixo de seu gorro estilo militar. St. Clair dá um sorriso angelical e encolhe os ombros. O Guarda balança a cabeça, mas permite-nos passar.

St. Clair sempre consegue o que quer.

Nós damos uma volta com uma calma exagerada, e ele aponta uma área ocupada com pessoas tirando fotos. Nós ficamos para trás e esperamos a nossa vez. Um gato preto e magro sai de trás de um altar coberto de rosas e garrafas de vinho, e corre para o mato.

— Pois bem. Isso foi suficientemente assustador. Feliz Halloween.

— Você sabia que este lugar é a casa de três mil gatos? — St. Clair pergunta.

— Claro. Está arquivado no meu cérebro em — Felinos, Paris.

Ele ri. Os turistas passam para a próxima foto, e estamos ambos sorrindo

enquanto nos aproximamos de Victor Noir. Sua estátua em tamanho real está deitada sobre o solo acima de sua tumba. Seus olhos estão fechados, sua cartola ao lado dele. E apesar do fato dele estar vestindo sua pátina cinza-verde, calça tem um bojo notável que tem, aliás, foi traçado em bronze brilhante.

— Se eu tocar nele, eu consigo outro desejo? — Eu pergunto, lembrando do Ponto Zero.

— Não... Victor se trata estritamente de fertilidade.

— Vá em frente. Esfregue-se.

St. Clair escora em outro túmulo. — Não, obrigado. — Ele ri de novo. — Eu não preciso desse tipo de problema. — Meu próprio riso fica na minha garganta quando eu entendo o significado disso.

Se mova, Anna. Não deixe isso te incomodar. Não deixe que ele veja como isso te incomoda.

— Pois bem. Se você não vai tocá-lo, eu vou. Eu não estou em perigo com isso. — Eu baixo minha voz a um sussurro. — Você sabe, eu ouvi que você realmente tem que ter sexo para engravidar.

Eu vejo a questão imediatamente passar em sua cabeça. Merda. Talvez eu tenha sido muito apressada com minha piada. St. Clair parece meio envergonhado, meio curioso. — Então, er, você é virgem, então?

ARGH! EU E MINHA BOCA GRANDE.

Meu desejo irresistível é mentir, mas a verdade vem à tona. — Eu nunca conheci alguém que me importasse muito. Quer dizer, eu nunca namorei alguém que me importasse muito. — Eu coro e toco em Victor. — Eu tenho uma regra.

— Elabore.

A estátua ainda está quente por causa dos visitantes anteriores. — Eu me pergunto-se o pior acontecer-se eu tiver engravidado, eu teria vergonha de dizer ao meu filho quem é seu pai? Se a resposta é, em qualquer lugar, mesmo que remotamente perto sim, então nada feito.

Ele acena lentamente. — Essa é uma boa regra.

Eu percebo que estou descansando minha mão no Victor de Victor e arranco-a fora.

— Espera espera espera. — St. Clair pega o telefone. — Uma vez mais, para a posteridade.

Coloco minha língua para fora e mantenha uma pose ridícula. Ele tira uma foto.

— Brilhante, isso vai ser o que eu verei toda vez que você me cham.. — seu celular toca e acende. — Assustador.

— É o fantasma de Víctor, querendo saber por que você não vai tocá-lo.

— É só minha mãe. Espere um pouco.

— Woooooo, me acaricie, St. Clair.

Ele responde, tentando manter uma cara séria, enquanto Meredith, Rashmi e

Josh chegam até nós. Eles estão carregando os restos mortais do nosso piquenique.

— Obrigada por nos abandonar, — diz Rashmi.

— Não é como se eu não lhes dissesse para onde estávamos indo, — eu digo.

Josh pega as partes privadas da estátua. — Acho que isso são sete anos de — má sorte.

Mer suspira. — Joshua Wasserstein, o que diria sua mãe?

— Ela estaria orgulhosa de que a Fina Instituição de Aprendizagem me ensine modos tão refinadas. — Ele se inclina e lambe Victor.

Mer e Rashmi e eu gritamos.

— Você vai ficar com herpes bucal. — Eu saco meu desinfetante para mãos e aperto um pouco em minhas mãos. — Sério, você deveria colocar um pouco disso em seus lábios.

Josh balança a cabeça. — Você é tão neurótica. Você leva isso em todo lugar?.

— Você sabe, — Rashmi diz — Já ouvi falar, se você usar muito esse material, você pode realmente dessensibilizar-se a germes e ficar mais doente.

Eu congelo. — O quê? Não.

— HA! — Diz Josh.

— Ohmeudeus, você está bem?

Ao som do alarme de Mer, eu rapidamente viro minha cabeça. St. Clair cai contra um túmulo. É a única coisa que o mantém para não entrar em colapso no chão. Nós quatro corremos para o lado dele. Ele ainda está segurando o telefone em sua orelha, mas ele não está ouvindo mais. Falamos uns por cima dos outros. — O que aconteceu? Você está bem? O que foi isso?.

Ele não nos responde. Ele não olha para cima. Trocamos olhares preocupados. Não, apavorados. Algo está muito errado. Josh e eu o sustentamos antes que ele caia no chão. St. Clair olha para cima, surpreso por encontrar-nos segurando ele. Seu rosto está branco. — Minha mãe.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Ela está morrendo.



St. Clair está bêbado.

Seu rosto está enterrado entre minhas coxas. Em circunstâncias favoráveis, isso seria emocionante. Considerando que ele está a alguns minutos de vomitar, é menos que atraente. Eu acomodo sua cabeça em meus joelhos em uma posição menos difícil, e ele se queixa. É a primeira vez que toco seus cabelos. É macio, como o de Seany quando ele era um bebê.

Josh e St. Clair apareceram há quinze minutos, fedendo a cigarro e álcool. Como nenhum deles fuma, eles, obviamente, foram a um bar. — Desculpe. Ele disse que tínhamos que vir aqui — Josh arrastou o corpo inerte de seu amigo para dentro do meu quarto. — Não parava de falar isso. Isso. Ha ha.

St. Clair arrastou uma pesada pronuncia britânica. — O meu pai é um bastardo. Eu vou matar ele. Eu vou matar, eu estou tão chateado. — Então, sua cabeça rodou, e seu queixo bateu violentamente contra seu peito. Alarmada, eu gitei ele até minha cama e o coloquei contra a lateral.

Josh olhou para a foto de Seany na minha parede. — Isso —, disse ele.

— Ahhh, nuhhh, ele é um burro. Estou falando sério. — St. Clair arregalou os olhos para dar ênfase.

— Eu sei, eu sei que ele é. — Mesmo que eu não soubesse. — Você vai parar com isso? — Eu bati em Josh. Ele estava na minha cama com o nariz pressionado contra a imagem da Seany.

— Ele está bem?

— Sua mãe está morrendo. Eunãoachoqueeleestá BEM. — Josh tropeçou e pegou o meu telefone. — Eu disse para Rashmi que ia ligar para ela.

— Sua mãe não está você-sabe-o quê. Como você pode dizer isso? — Voltei para St. Clair.

— Ela vai ficar bem. Sua mãe está bem, está me ouvindo?.

St. Clair arrotou.

— Jesus. — Eu não estava tão preparada para este tipo de situação.

— Câncer — Ele abaixou a cabeça. — Ela não pode ter câncer.

— Rashmi sssou eu —, disse Josh em meu telefone. — Mer? Coloque Rashmi. Éééé uma emergência.

— Não é uma emergência! — Eu gritei. — Eles estão bêbados.

Segundos depois, Meredith bateu na minha porta, e eu a deixei entrar — Como você sabia que estávamos aqui? — Josh enrugou a testa perplexo. — Onde está Rashmi?

— Eu o ouvi através da parede, idiota. E você ligou no meu telefone, não no dela.

— Ele ergueu o celular e, em seguida, discou para Rashmi, que chegou um minuto depois.

Elas só ficaram olhando, enquanto St. Clair balbuciava e Josh continuava a

olhar chocado pela suas súbitas aparições. Senti que o meu pequeno quarto ficou ainda menor recheado com cinco corpos.

Por fim, Mer se ajoelhou. — Ele está bem? — Ela sentiu a testa de St. Clair, mas ele bateu sua mão para longe. Ela ficou magoada.

— Eu estou bem. Meu pai é um asno, e minha mãe está morrendo e—oh meu Deus—estou muito puto. — St. Clair olhou para mim novamente. Seus olhos estavam vidrados como bolas de gudes pretas. —Puto. Puto. Puto.

— Sabemos que você está puto com seu pai, — eu disse. — Está okay. Você está certo, ele é um idiota. — Quer dizer, o que eu poderia dizer? Ele só acabou de descobrir que sua mãe tem câncer.

— Puto é bêbado para os britânicos, — disse Mer.

— Oh, — eu disse. — Bem. Você definitivamente está isso também.

Enquanto isso, o casal estava brigando. — Onde você estava? — Rashmi perguntou. — Você disse que estaria em casa há três horas!

Josh revirou os olhos. — Fora. Fomos para fora. Alguém tinha que ajudá-lo...

— E você chama isso de ajudar? Ele está totalmente destroçado. Catatônico. E você! Deus, você cheira a cano de escape e axilas...

— Ele não podia beber sozinho.

— Você deveria estar olhando ele! E se algo acontecesse?

— Cerveja. Licor. Foi isso que aconteceu. Não seja tão puritana, Rash.

— Foda-se, — Rashmi disse. — Sério, Josh. Vá se foder.

Ele se apressou, e Mer o empurrou com força de volta para a minha cama. O peso do seu corpo, batendo no colchão sacudi St. Clair, sua cabeça caiu para frente novamente, e o queixo bateu no peito com outro smack perturbador. Rashmi saiu correndo. Uma pequena multidão se formou no corredor, e ela gritou mais obscenidades enquanto lutava para passar por eles. Mer correu atrás dela — Rashmi! RASHMI! — E minha porta se fechou.

E esse foi o momento em que a cabeça de St. Clair pousar entre as minhas coxas.

Respire, Anna. Respire.

Josh parece estar desmaiado. Legal. Bom. Menos um rapaz para eu cuidar.

Eu provavelmente deveria começar a dar para St. Clair um pouco de água. Não é isso o que você deve dar às pessoas bêbadas? Assim eles não ficam com intoxicação por álcool ou algo assim? Eu relaxo as minhas pernas, e ele agarra meus pés. — Eu já volto — eu digo. — Eu prometo.

Ele funga. Oh, não. Ele não vai chorar, não é? Porque mesmo que seja doce quando os caras choram, eu não estou tão preparada para isso. As garotas escoteiras não me ensinaram o que fazer com os meninos emocionalmente instáveis e bêbados. Pego uma garrafa de água da minha geladeira e agacho. Eu ergo sua cabeça — pela segunda vez eu toco em seus cabelos — e coloco a garrafa na frente de seus lábios.

— Beba.

Ele sacode a cabeça lentamente. — Se eu beber mais, eu vou vomitar.

— Não é álcool. É água. — Eu inclino a garrafa e a água se derrama por sua boca e escorre em seu queixo. Ele pega a garrafa e depois a deixa cair. A água jorra pelo meu chão.

— Ohhh não — ele sussurra. — Sinto muito, Anna. Sinto muito.

— Está tudo bem — E ele parece tão triste que eu me deito ao lado dele. A poça encharca o branco do meu jeans. *Ack*. — O que aconteceu?

St. Clair suspira. É profundo e esgotado. — Ele não vai deixar eu visitar minha mãe.

— O quê? O que você quer dizer?

— É que meu pai faz, o que ele sempre tem feito. É sua forma de estar no controle.

— Eu não entendo.—

— Ele tem ciúmes. Porque ela me ama mais do que ama ele. Então ele não quer deixar-me visitá-la.

Minha mente gira. Isso não faz nenhum sentido, nenhum. — Como ele pode fazer isso? Sua mãe está doente. Ela vai precisar de quimioterapia, ela *precisa* de você lá.

— Ele não quer que eu a veja até o feriado de Ação de Graças.

— Mas isso é dentro de um mês! Ela poderia estar...—eu paro. No momento que termino a frase na minha cabeça, me sinto doente. Mas não tem jeito. Pessoas da minha idade não têm pais que morrem. Ela vai fazer quimioterapia, e é claro que vai funcionar. Ela ficará bem. — Então o que você vai fazer? Voar para São Francisco, de todas as formas?

— Meu pai me mataria.

— Então? — Estou indignada. — Você ainda conseguiria vê-la!

— Você não entende. Meu pai ficaria muito, muito zangado. — Ele diz de uma maneira tão alterada que envia um calafrio pela minha espinha.

— Mas ... ela não pedirá que você vá? Quero dizer, ele não pode dizer que não, ou pode? Não quando ela está doente...

— Ela não vai desobedecer meu pai.

Desobedecer. Como se ela fosse uma criança. Está rapidamente se tornando claro o porquê de St. Clair nunca falar sobre seu pai. O meu pode ser egoísta, mas ele nunca me manteria longe de minha mãe. Eu me sinto horrível. Culpada. Meus problemas são tão insignificantes em comparação aos dele. Quero dizer, meu pai me mandou para a França. *Boo-freaking-hoo*.

— Anna?

— Sim?

Ele faz uma pausa. — Não se preocupe—

— O quê?

— Nada.

Mas o tom definitivamente não é *nada*. Dirijo-me a ele, e seus olhos estão fechados. Sua pele esta pálida e cansada. — O quê? — Peço mais uma vez, me sento. St. Clair abre seus olhos, percebendo que eu mudei de posição. Ele luta, tentando sentar-se, também, e eu ajudo ele. Quando eu me afasto, ele coloca a mão em cima da minha para me impedir.

— Eu gosto de você, — diz ele.

Meu corpo está rígido.

— E eu não quero dizer como um amigo.

Parece que eu engoli minha língua. — Uh. Hum. O que...? — Eu puxo minha mão para longe dele. O peso de seu nome fica pesado e eu não posso dizer.

— Não está bem. Não está nada bem, não desde o dia em que te conheci. — Seus olhos se fecham novamente, e ele balança seu corpo.

Ele está bêbado. Ele está bêbado.

Calma, Anna. Ele está bêbado, e ele está passando por uma crise.

Não há nenhuma maneira de que ele saiba do que está falando agora. Então o que eu faço? Oh meu Deus, o que devo fazer?

— Você gosta de mim? — St. Clair pergunta. E ele olha para mim com aqueles grandes olhos castanhos, que, bem, estão um pouco vermelhos por causa da bebida e talvez de alguns choros e isso quebra meu coração.

*Sim, St. Clair. Eu gosto de você.*

Mas eu não posso dizer isso em voz alta, porque ele é meu amigo. E os amigos não deixam outros amigos bêbados fazerem declarações e esperam suas ações nos próximos dias.

Então de qualquer forma ... é St. Clair.

Lindo, perfeito, maravilhoso—

E especial. Simplesmente especial.

E ele vomita em mim.

Estou limpando a bagunça dele com uma toalha quando escuto uma batida na minha porta. Eu abro com meus cotovelos para evitar sujar a maçaneta com o vômito.

É Ellie. Eu quase largo minha toalha. — Oh.

Enfermeira cretina. Não acredito nisso. Um minúsculo vestido branco de botão até em cima, cruzes vermelhas sobre os seios. A cidade do decote.

— Anna, me perdooooo — St. Clair geme atrás de mim e ela corre para o seu lado.

— Aimeudeus, St. Clair! Você está bem? — Mais uma vez, sua voz rouca me assusta. Como se a enfermeira peituda não fosse o suficiente pra fazer me sentir completamente juvenil e inadequada.

— Claro que ele não está bem — Josh reclama na cama — Ele simplesmente vomitou na Anna.

Josh está acordado?

Ellie deu uma tapa nos pés de Josh que balançam na beira da minha cama.

— Levanta. Ajude-me a levá-lo para o quarto dele.

— Eu posso levantar malditamente sozinho — St. Clair tenta se levantar sozinho e Ellie e eu estendemos as mãos para firmá-lo. Ela me olha e eu recuo.

— Como você sabia que ele estava aqui? — Eu pergunto.

— Meredith chamou, mas eu já estava a caminho. Eu recebi a mensagem dele. Ele ligou poucas horas atrás, mas eu não atendi, porque eu estava me arrumando para essa festa idiota. — Ela gesticula como ela sempre faz quando está zangada com ela mesma. — Eu deveria estar aqui. — Ela tira o cabelo da testa de St. Clair. — Tudo bem, querido. Estou aqui.

— Ellie? — St. Clair parecia confuso, como se ele só a notasse agora. — Anna? Por que Ellie está aqui? Não era pra ela estar aqui.

Sua namorada me atirou um olhar cheio de ódio e eu encolho constrangida. — Ele está muito, muito bêbado. — Eu digo.

Ela bate em Josh de novo e ele rola para fora da cama. — Tá legal! Tá legal! — Surpreendentemente ele levanta e puxa St. Clair do chão. Eles o equilibram entre seus ombros.

— Abre a porta. — Ela diz severamente. Eu abro e eles saem cambaleando.

St. Clair me olha de novo. — Anna. Anna, me perdoa.

— Ok Já limpei tudo. Está tudo bem, não foi nada demais.

— Não. Sobre todas as outras coisas.

Ellie vira seu rosto para mim, com a cara irritada e confusa. Mas eu não ligo. Ele parece que está péssimo. Eu espero que eles o coloquem lá embaixo. Assim ele poderia dormir na minha cama hoje e eu poderia ficar com Mer. Mas eles já o estavam colocando naquele elevador raquítico. Eles empurram para o lado a grade de metal e o espremem dentro. St. Clair olha pra mim triste quando as

portas fecham.

— Ela vai ficar bem! Sua mãe vai ficar bem!

Eu não sei se ele me escuta. O elevador range subindo. Eu o observo até desaparecer.

Domingo, 1 de novembro, Dia de Todos os Santos. Estranhamente, este é o dia que os parisienses visitam os cemitérios. Digo, pessoas vão até o túmulo dos entes queridos deixarem flores e objetos pessoais.

O pensamento me deixa doente. Espero que St. Clair não lembre que hoje é feriado. Quando eu acordo, dou de cara com Meredith. Ela já esteve no quarto dele. Ou ele está com frio, ou não está aceitando visitas. Acho que um pouco dos dois.

— É melhor deixá-lo dormir. — Ela diz. E eu tenho certeza que ela está certa, mas eu não posso evitar ligar meus ouvidos no andar de cima. Os primeiros movimentos começam no final da tarde, mas até estes estão abafados. Farfalhares lentos e barulhos de grande esforço. Ele não sairá para jantar.

Josh, que é cínico e escorregadio, diz que deu uma olhada nele no caminho para cá — uma pizzaria, onde nós sempre comemos no domingo a noite — e St. Clair não queria companhia. Josh e Rashmi tinham consertado as coisas. Ela parece contente em vê-lo sofrer com a ressaca.

Minhas emoções estão em conflito. Eu estou preocupada pela mãe de St. Clair e estou preocupada por St. Clair, mas também estou furiosa com o pai dele. E eu não consigo focar em nada mais que um segundo antes que minha mente gire de volta para isso: *St. Clair gosta de mim. Mais do que como uma amiga.*

Eu senti a verdade por trás de suas palavras, mas como eu posso ignorar o fato de que ele estava bêbado? Absolutamente, positivamente, cento e dez por cento de certeza. Por mais que eu quisesse vê-lo, e me assegurar com meus próprios olhos que ele ainda está vivo, eu não sei o que dizer. Nós falamos sobre isso? Ou eu ajo como se nada tivesse acontecido?

Ele precisa de amizade agora, e não um drama. O que é uma merda. E está mais difícil me enganar que a atenção de St. Clair não tem sido tão lisonjeira — ou tão bem-vinda — como tem sido.

Toph liga próximo da meia-noite. Nós não conversávamos pelo telefone a semanas, mas com tudo acontecendo aqui. Eu estou distraída o tempo todo. Eu só quero voltar para cama. Isso é tão confuso. Tudo é tão confuso.

St. Clair não foi de novo ao café da manhã. E eu penso que ele nem virá para aula hoje (e quem poderia culpá-lo?), quando ele aparece na aula de inglês quinze minutos depois. Eu estou preocupada que a *Professeur* Cole irá gritar com ele, mas o corpo discente deve ter sido notificado da situação, porque ela não diz uma palavra. Ela apenas lhe dá um olhar compassivo e prossegue com a nossa lição. — Então, por que os americanos não estão interessados em romances traduzidos? Por que tão poucas obras estrangeiras são publicadas em inglês todos

os anos?

Eu tento encontrar o olhar de St. Clair, mas ele olha fixamente para sua cópia de *Balzac e a Costureirinha Chinesa*. Ou melhor, olha através dela. Ele está pálido, praticamente translúcido.

— Bem, — ela continua. — Frequentemente é sugerido, que culturalmente, nós só estamos interessados em gratificação imediata. Fast food. Checkout rápido. Download de músicas, filmes e livros. Café instantâneo, sites de descontos, mensagem rápidas. Perda de peso rápida! Preciso continuar?

A turma ri, mas St. Clair está quieto. Eu o observo nervosa. Uma barba cerrada escura está começando a sombrear seu rosto. Eu não percebi que ele precisava se barbear com tanta frequência.

— Romances estrangeiros são menos orientados para a ação. Eles têm um ritmo diferente; eles são mais reflexivos. Eles nos desafiam a olhar para a história, encontrar a história dentro da história. Pegue Balzac. Que história é essa? Do narrador? Da costureirinha? Da China?

Eu quero alcançá-lo e apertar sua mão e dizer para ele que tudo daria certo. Ele não deveria estar aqui. Eu não posso imaginar o que eu faria se estivesse na situação dele. O pai dele deveria tê-lo tirado da escola. Ele deveria estar na Califórnia.

*Professeur* Cole bate na capa do romance. — Dai Sijie, nasceu e cresceu na China. Mudou pra França. Ele escreveu Balzac em francês, mas definiu a história em sua terra natal. E então foi traduzido para o inglês. Então, a quantos passos de nós está isso? Esse é um, francês ou inglês? Ou será que nós contamos a primeira tradução, o autor só fez em sua mente, do chinês para o francês? O que perdemos cada vez que a história é reinterpretada?

Eu só escuto metade do que ela diz. Depois da aula, Meredith, Rashmi e eu andamos em silêncio com St. Clair, para aula de cálculo, trocando olhares preocupados quando ele não está olhando. Eu tenho certeza que ele sabe que estamos fazendo isso de qualquer maneira. Isso me faz sentir pior.

Minhas suspeitas sobre o corpo docente são confirmadas quando *Professeur* Babineaux leva-o para um canto, antes do início da aula. Eu não consigo acompanhar toda a conversa, mas eu o escuto perguntar se St. Clair não preferiria ficar uma hora na enfermaria. St. Clair aceita. Logo que ele sai, Amanda Spitterton-Watts está na minha frente.

— O que tem St. Clair?

— Nada. — Como se eu fosse contar para ela.

Ela sacode seu cabelo e eu percebo com satisfação que uma mecha fica presa no seu gloss. — Porque Steve disse que ele e Josh estavam totalmente estragados no sábado à noite. Ele os viu cambaleando pela festa de Halloween, e St. Clair estava surtando por causa do pai.

— Bem, ele escutou errado.

— Steve disse que St. Clair queria matar seu pai.

— Steve só fala merda — Rashmi interrompe. — E onde você estava no sábado, Amanda? Tão suja que tinha que confiar no Steve para espalhar as notícias?.

Mas isso a calou temporariamente. Na hora do almoço, ficou claro que toda a escola sabia. Eu não tenho certeza de quem espalhou – se foram os professores, ou se foi Steve, ou um dos seus amigos idiotas lembraram mais do que St. Clair disse – mas o corpo estudantil todo está zumbindo. Quando St. Clair finalmente chega ao refeitório, é como se fosse uma cena de um filme de adolescentes maus. A conversa estridente dá uma parada. Bebidas param no meio do caminho da boca.

St. Clair pára na porta, avalia a situação, e marcha de volta. Nós quatro saímos atrás dele. Nós o encontramos empurrando as portas da escola, indo para o pátio. — Eu não quero falar sobre isso. — E vira de costas para gente.

— Então, nós não vamos falar sobre isso. — Josh diz. — Vamos almoçar.

— Crepes? — Mer pergunta. — É a comida favorita de St. Clair.

— Parece maravilhoso. — Rashmi comemora.

— Estou morrendo de fome, — Josh diz. — Vamos. — Nós nos movemos para frente, esperando que ele siga. Ele segue, e é tudo que podemos fazer para não dar sinal de alívio. Mer e Rashmi vão à frente enquanto Josh vai atrás com St. Clair. Josh fala sobre coisas insignificantes — uma caneta nova que comprou para sua aula de arte, o rap que o seu vizinho mantém explodindo sobre seu rabo suado — e isso ajuda. Pelo menos, St. Clair mostra mínimos sinais de vida. Ele murmura algo em resposta.

Eu perambulo entre os grupos. Eu sei que é fofo da minha parte, mas dos mesmo jeito que estou preocupada com St. Clair, também estou preocupada com a saída. Eu não quero me meter em problemas. Eu olho de volta para SOAP e Josh me dá um olhar que diz: *A escola não vai ligar hoje*.

Espero que ele esteja certo.

Nossa *creperia* favorita é só alguns minutos daqui, e o meu medo de matar aula diminui quando eu vejo o homem do crepe colocar a concha da massa na assadeira. Eu peço o meu como eu sempre faço aqui, apontando a foto do crepe de Nutella com banana e dizendo, por favor. O homem despeja o creme morno de chocolate com avelã e espalha bem fino sobre a massa do crepe; enrola com banana dentro e, então, mais chuveiros de Nutella por cima. Como floreio final, ele adiciona uma bola de sorvete de baunilha. Baunilha de verdade, que é caramelo com manchas pretas. Eu gemo enquanto afundo na primeira mordida. Quente, pegajoso, achocolatado e perfeito.

— Você está com Nutella no queixo, — Rashmi diz, apontando com seu garfo.

— Mmm, — Eu respondo.



— É uma boa aparência, — Josh diz. — Como uma pequena mancha na alma.

Eu mergulho meu dedo no chocolate e pinto um bigode. — Melhor?

— Talvez, se você não quiser fazer um Hitler, — Rashmi diz.

Para minha surpresa, St. Clair dá uma risada. Eu me encorajo. Eu mergulho de novo e pinto um redemoinho em um dos lados.

— Você está fazendo errado, — Josh diz. — Vem cá. — Ele enxuga seu dedo na borda do meu molho e coloca a outra metade cuidadosamente, com suas habilidosas mãos de artista, e então toca minha metade. Eu olho para o meu reflexo no copo do restaurante e me vejo com um bigode maciço e enrolado. Eles riem e aplaudem, e Mer tira uma foto.

Os homens com lenços com amarrações elaboradas sentados na mesa ao nosso lado olham com cara de nojo, tanto que eu tenho a idéia de torcer as pontas do meu bigode de Nutella. Os outros gargalhar e finalmente, finalmente, St. Clair dá o mais adolescente dos sorrisos adolescentes. É um sinal maravilhoso. Eu limpo o chocolate do meu rosto e sorrio. Ele sacode a cabeça. Os outros começam uma discussão sobre pelos faciais bizarros – Rashmi tem um tio que uma vez raspou todos os pelos, exceto o que crescia em volta do rosto – e St. Clair se inclina para falar comigo. Seu rosto está perto do meu e seus olhos estão vazios. Sua voz está irregular.

— Sobre a outra noite...

— Esquece isso, não foi nada, — eu digo. — Eu já arrumei tudo.

— O que você arrumou?

Whoops. — Nada.

— Eu quebrei alguma coisa? — Ele olha confuso.

— Não! Você não quebrou nada. Você só, tipo, você sabe... — Eu faço uma mímica.

St. Clair deixa sua cabeça cair e fala baixo. — Me desculpa, Anna. Eu sei como você mantém seu quarto limpo.

Eu olho para o horizonte, envergonhada por ter lembrado isso. — Está tudo bem. De verdade.

— Pelo menos foi na pia? Ou no chuveiro?

— Foi no chão. E nas minhas pernas. Mas só um pouco! — Eu acrescento, vendo a expressão horrorizada no seu rosto.

— Eu vomitei nas suas pernas?

— Tá tudo bem! Eu teria feito exatamente a mesma coisa se eu estivesse na sua situação. — As palavras saíram antes de eu ter a chance de pará-las. E eu estava tentando tanto não falar sobre isso. Seu rosto está cheio de dor, mas ele passa desse assunto para outro igualmente doloroso.

— Eu ... — St. Clair olha para os outros, sob o cabelo no rosto, confirmando se eles ainda estão distraídos. Eles estão. Ele encosta sua cadeira ainda mais perto e

baixa a voz. — Eu disse alguma coisa diferente para você? Naquela noite?.

Uh-oh. — Diferente?

— É que... eu só me lembro vagamente de estar no seu quarto. Mas eu poderia jurar que tivemos uma conversa sobre... alguma coisa.

Meu coração bate mais rápido, e fica difícil respirar. Ele se lembra. Um pouco. O que isso significa? O que eu devo dizer? Eu estou tão ansiosa por respostas, mas não estou preparada para esta conversa. Eu preciso de mais tempo.

— Sobre o quê?

Ele está desconfortável. — Eu disse alguma coisa estranha sobre ...nossa amizade?.

E aqui está. — Ou minha namorada?

E lá está.

Eu dou uma longa olhada nele. Olheiras escuras. Cabelos sem lavar. Ombros para baixo. Ele estava tão infeliz, tão fora de si. Eu não seria a pessoa que aumentaria sua miséria, não importa o quanto eu queira a verdade. Eu não posso questioná-lo. Porque se ele gosta de mim, ele não está em condições de começar um relacionamento. Ou lidar com o término de um antigo. E se ele não gosta, então, provavelmente eu perderia sua amizade. As coisas ficariam tão estranhas.

E neste momento St. Clair precisa de amizade.

Eu mantenho meu rosto em branco, mas sincero. — Não. Nós conversamos sobre sua mãe. Só isso.

É a resposta certa. Ele olha aliviado.

*Apatisserie* tem tábuas grossas de madeira rangente e um lustre coberto com cordas tilintantes de cristais de topázio. Elas brilham como gotas de mel. A mulher por detrás do balcão coloca bolos extravagantes em caixas listradas-de-marrom-e-branco e laços em cada pacote, com fita turquesa e é um sino prata. Havia uma longa fila, mas todos aqui estão pacientes e desfrutando do ambiente.

Mer e eu esperamos entre exposições diferentes, tão altas quanto nós mesmas. Uma delas é uma árvore feita de *macarons*, biscoitos recheados redondos com crostas tão frágeis quanto ovos e recheios tão úmidos e saborosos que eu desmaio só de ver. A outra é um arranjo de bolos em miniaturas, *gateaux*, com cobertura de amêndoas e torrões de açúcar.

Nossa conversa está de volta em St. Clair. Agora é o único que falamos. — Eu só estou com medo que o expulsem, — digo cuidadosamente. Estou tentando espiar dentro da vitrine de vidro a minha frente, mas um homem em uniforme listrado, carregando um filhote de cachorro abanando rabo, bloqueia minha vista. Há vários cães dentro da loja hoje, o que não é incomum em Paris.

Mer balança a cabeça, e seus cachos escapam por baixo do seu chapéu tricotado. Ao contrário de St. Clair, o dela é como um ovo azul<sup>64</sup> de Robin<sup>65</sup> e muito digno de respeito.

Eu gosto mais do de St. Clair. É melhor.

— Ele não vai ser expulso, — diz ela. — Josh nunca foi expulso, e ele mata aulas por muito mais tempo. E a diretora nunca iria expulsar alguém cuja mãe está ... você sabe.

Ela não está indo bem. Câncer cervical. Fase 2B. Um estágio avançado.

Palavras que eu jamais quero ouvir associadas a alguém que eu amo — radioterapia externa, quimioterapia — são agora uma parte da vida diária de St. Clair. Susan, sua mãe, começou o tratamento uma semana após o Halloween. Seu pai está na Califórnia, levando-a cinco dias da semana para a radioterapia e uma vez por semana para quimioterapia.

St. Clair está aqui.

Eu quero matar seu pai. Seus pais viveram separados durante anos, mas seu pai não deixa sua mãe se divorciar. E ele mantém amantes em Paris e em Londres, enquanto que Susan mora sozinha em São Francisco. Todos os meses, seu pai vai visitá-la. Fica por algumas noites. Restabelece o domínio ou o que seja que exerce sobre ela. E então ele sai de novo.

Mas agora *ele* é o único a observá-la, enquanto St. Clair sofre a seis mil milhas de distância. A situação toda me deixa tão doente que mal posso suportar pensar isso. Obviamente, St. Clair não está sendo ele mesmo nessas últimas semanas. Ele está mal na escola e suas notas estão caindo. Ele não vem mais para o café da manhã, e ele come cada jantar com Ellie. Além das aulas e almoço, onde ele senta frio e pétreo ao meu lado, as únicas vezes que o vejo é de

manhã quando o acordo para ele ir a escola. Meredith e eu revezamos. Se não esmurramos sua porta, ele não aparece na escola.

A porta da *patisserie* abre e um vento frio chicoteia sobre a loja. O lustre balança como gelatina. — Eu me sinto tão inútil, — eu digo. — gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer.

Mer treme e esfrega seus braços. Seus anéis são de cristal fino hoje. Eles parecem feitos de açúcar. — Eu sei. Eu também. E eu ainda não posso acreditar que seu pai não vai deixá-lo visitá-la na Ação de Graças.

— Ele não vai? — Estou chocada. — Quando isso aconteceu?

E por que Mer sabe isso sobre ele e não eu?

— Desde que seu pai ouviu falar sobre suas notas baixas. Josh me disse que a diretora ligou para seu pai, porque ela estava preocupada com ele e — em vez de deixá-lo ir para casa — disse que St. Clair não podia voltar, até que começasse a agir de forma responsável de novo.

— Mas ele não vai ser capaz de se concentrar em *nada* até que ele a veja! E ela precisa dele lá, ela precisa de seu apoio. Eles devem ficar juntos!

— Isto é tão típico do pai dele, usar uma situação como esta contra ele.

A curiosidade está me roendo novamente. — Alguma vez você já o conheceu? O pai dele? — Eu sei que ele mora perto da SOAP, mas eu nunca o vi. E St. Clair certamente não possui um porta-retrato dele.

— Sim —, diz ela com cautela. — Eu conheci.

— E?

— Ele foi ... agradável.

— AGRADÁVEL? Como ele pode ser agradável? O homem é um monstro!.

— Eu sei, eu sei, mas ele tem esses... modos pessoais impecáveis. Sorri muito. Muito elegante. — Ela muda de assunto de repente. — Você acha que Josh é uma má influência sobre St. Clair?

— Josh? Não. Quero dizer, talvez. Eu não sei. Não. — Eu balanço minha cabeça, e a fila se move. Estamos quase tendo uma visão ampla da vitrine. Eu vejo um pouco de *tarte tatins* de maçã dourada. A borda de uma brilhante *gateau* de chocolate-e-framboesa.

No início, tudo parecia muito sofisticado para o meu gosto, mas depois de três meses aqui, entendo porque os franceses são famosos por sua culinária. As refeições aqui são deliciosas. Os restaurantes servem em horas, não minutos. É tão diferente da America. Os parisienses vão aos mercados todos os dias para as mais maduras frutas e legumes, e lojas especializadas em queijo, peixe, carne, frango e vinho. E bolo.

Minhas favoritas são as lojas de bolos.

— Simplesmente parece como se Josh lhe houvesse dito que tudo bem parar de se importar, — Mer pressiona. — Sempre sinto que sou a vilã. *‘Levante-se. Vá para a escola. Faça sua lição de casa’*. Você sabe? Enquanto que Josh é como,

'Dane-se, Cara. Apenas deixe'.

— Sim, mas eu não acho que ele está dizendo isso por não se importar com St. Clair. Ele só sabe que St. Clair não pode lidar com as coisas agora. — Mas me retorço um pouco. Eu gostaria que Josh apoiasse de uma forma mais animadora.

Ela abre a boca para argumentar, quando eu interrompo. — Como está o soccer?

— O football, — diz ela, e seu rosto se ilumina. Meredith se juntou a Liga local de meninas no mês passado, e ela pratica a maioria das tardes. Ela me atualiza das suas últimas aventuras nos treinos de futebol até que chegamos à frente do caixa. Que brilha com fileiras de *tarte citrons*<sup>68</sup> em forma quadrada, bolos esponjosos com chocolate derretido, *eclairs* de caramelo como sapatilhas de balé, e bolos de frutas vermelhas com frutas silvestres polvilhados com açúcar em pó.

E mais *macarons*.

Prateleira após prateleiras de *macarons* de todos os sabores e cores imagináveis. Verde grama, vermelho-rosado e amarelo luz do sol. Enquanto Mer debates sobre bolos, eu seleciono seis.

Rosa. Groselha negra. Laranja. Figo. Pistache. Violeta.

E então eu avisto um *praline* de avelã e canela, e quero morrer ali mesmo. Rastejar até o balcão e passar meus dedos por sua delicada crosta e lambar o recheio perfumado, eu até já não posso respirar. Eu estou tão distraída que levo um instante para perceber que o homem de trás de mim está falando comigo.

— Huh? — Volto-me para ver um cavalheiro com um *basset hound*. Ele está sorrindo para mim e apontando minha caixa listrada. O homem parece familiar. Eu juro que já o vi antes. Ele fala amigavelmente, num francês ligeiro.

— Uhh — Eu faço um gesto debilmente e dou de ombros. — *Je ne parle pas* ...—

Eu não falo ...

Ela desacelera, mas ainda estou boiando. — Mer? Ajuda? Mer?

Ela vem ao meu resgate. Eles falam por um minuto, e seus olhos estão brilhando até que ela diz algo que o faz ofegar. — *Ce n'est pas possible!*

Eu não precisava falar a língua para reconhecer um — *Oh, não!* — quando eu ouço. Ele me olha tristemente, e depois diz adeus. Acrescento minha própria despedida incerta.

Mer e eu pagamos por nossos doces — ela está selecionando um *millefeuille*, uma massa folhada com creme — e nós saímos da loja.

— Quem era ele? O que ele queria? O que vocês estavam falando?

— Você não o reconheceu? — Ela está surpreendida. — É o homem que dirige o cinema na *rue des ecoles*, o pequeno com luzes vermelhas e brancas. Ele caminha com Pouce na frente do nosso dormitório o tempo todo. Nós escolhemos nosso caminho passando por um bando de pombos, que não se

importam que estejamos prestes a pisar neles. Eles deslocam-se com assobios e batem suas asas deslocando-se no ar.

— Pouce?

— O basset hound.

Uma lâmpada se acende. É claro que eu os vi por aí. — Mas o que ele queria?

— Ele estava me perguntando por que não tem visto seu namorado já a algum tempo. St. Clair —, acrescenta ela, a minha expressão fica confusa. A voz dela é amarga. — Eu acho que vocês viram alguns filmes juntos?

— Vimos lá uma retrospectiva *spaghetti-western* no mês passado. — Estou perplexa. Ele pensou que St. Clair e eu estávamos namorando?

Ela está calada. Ciumenta. Mas Meredith não tem motivos para invejar. Não há nada — *nada* — acontecendo entre mim e St. Clair. E eu estou bem com isso, eu juro.

Eu estou muito preocupada com St. Clair para pensar nele dessa *outra* maneira. Ele precisa da coisa familiar agora, e Ellie é sua família.

Eu estive pensando sobre minha família, também. Eu sinto falta de Toph de novo. Eu sinto falta de seus olhos verdes, e sinto saudades daquelas noites no cinema quando ele me fazia rir tão forte que eu chorava. Bridge diz que ele pergunta sobre mim, mas eu não falei com ele ultimamente, porque a sua banda está tão ocupada. As coisas estão boas para os Penny Dreadfuls. Eles finalmente marcaram seu primeiro show. Será pouco antes do Natal, e eu, Anna Oliphant, estarei presente.

Um mês. Eu mal posso esperar. Eu deveria estar vendo eles na próxima semana, mas meu pai não acha que vale a pena gastar dinheiro para eu ir para casa em umas férias tão curtas, e minha mãe não pode pagar. Então, eu estou passando a Ação de Graças aqui sozinha. Exceto ... Eu não estou mais.

Recordo a notícia que Mer falou minutos atrás. St. Clair não estará indo para casa na Ação de Graças também. E todos os outros, inclusive sua namorada, estarão regressando aos Estados Unidos. O que significa que nós dois estaremos aqui para o fim de semana de quatro dias. Sozinhos. O pensamento me distrai todo o caminho de volta para o dormitório.

— feliz Ação de graças para você! Feliz Ação de Graças para vocêeeee!  
Feliz Ação de Graças, St Clairrr....

Sua porta se abre de um empurrão, e ele me olha com os olhos pesados. Ele está usando uma simples camiseta branca e pijama branco com listras azuis. — Pára. De cantar.

— St. Clair! Que bom encontrá-lo aqui! — Eu lhe dou o meu sorriso mais grande. — Você sabia que hoje é feriado?

Ele se arrasta de volta para a cama, mas deixa a porta aberta. — Isso eu tenho ouvido, — diz ele irritado.

Eu entro em seu quarto. Esta... mais bagunçado do que a primeira vez que eu vi. Roupas sujas e toalhas estão montoadas no chão. Garrafas de água pela metade por todos os lados. O conteúdo de sua mochila esparramado debaixo de sua cama, documentos amassados e planilhas de cálculo em branco. Dou uma respiração vacilate. Úmido. Tem cheiro úmido.

— Amei o que você fez com esse lugar. Está muito na moda.

— Se você está aqui para criticar, você pode ir por onde entrou, — ele murmura através de seu travesseiro.

— Nah. Você sabe como me sinto sobre os desastres. Eles estão cheios de *possibilidades*.

Ele suspira, um ruído longo de sofrimento.

Eu movo uma pilha de livros fora de sua cadeira e vários rascunhos caem de suas páginas. São todos desenhos feitos com carvão de corações anatômicos. Eu só vi seus rabiscos antes, nada sério. E enquanto Josh é um melhor artista técnico, esses são bonitos. Violentos. Apaixonados. Eu os recolho do chão. — São surpreendentes. Quando você fez?

Silêncio.

Delicadamente, coloco os corações de volta ao seu livro de governo, tomando cuidado para não sujar mais do que eles já estão.

— Então. Vamos celebrar hoje. Você é a única pessoa que eu conheço que ficou aqui em Paris.

Um grunhido. — Não há muitos restaurantes que servem peru recheado.

— Eu não preciso de peru, apenas o reconhecimento de que hoje é um dia importante. Não há ninguém lá fora, — Aponto para sua janela, mesmo ele não olhando — tens ideia.

Ele segura seu cobertor mais apertado. — Eu sou de Londres. Eu não celebro tampouco.

— Por favor. Você me disse no primeiro dia que é americano. Lembra-se? Você não pode mudar de nacionalidade segundo suas necessidades. E hoje nosso país está se empanturrando de pizzas e caçarolas, e temos que fazer parte disso.

— Hmph.

Isso não está acontecendo conforme o planejado. Hora de mudar de tática. Sento-me à beira de sua cama e mexo seu pé. — Por favor? Por favor?

Silêncio.

— Vamos lá. Eu preciso fazer algo divertido, e você precisa sair deste quarto.

Silêncio.

Minha frustração aumenta. — Você sabe, hoje é péssimo para nós dois. Você não é o único preso aqui. Eu daria tudo para estar em casa agora.

Silêncio.

Eu respiro lento e profundo. — Bem. Você quer saber a verdade? Estou preocupada com você. Estamos *todos* preocupados com você. Caramba, isso é o mais que temos falado essa semana, e eu sou a única está abrindo a boca aqui! É chato o que aconteceu, e é mais chato porque não há *nada* que qualquer um de nós possa dizer ou fazer para mudar isso. Quero dizer que não há nada que eu possa fazer, o que me irrita, porque eu odeio ver você assim. Mas você sabe o quê? — Me levanto. — Eu não acho que sua mãe gostaria de ver você jogando com algo que não pode controlar. Ela não iria gostar que parasses de tentar. E eu acho que ela vai querer ouvir a maioria das casas boas quando você for para casa o mês que vem...

— Se eu voltar para casa no mês que vem...

— QUANDO você for para casa no mês que vem, ela vai querer te ver feliz.

— Feliz? — Agora ele está louco. — Como eu posso...

— Ok, feliz não, — digo rapidamente. — Mas ela não vai querer-te ver desse jeito tampouco. Ela não vai querer ouvir que você parou de frequentar as aulas, parou de tentar. Ela vai querer saber que você se formou, se lembra? Você está tão perto, St. Clair. Não arruine nisso.

Silêncio.

— Tudo bem. — Não é justo, nem racional, da minha parte estar tão chateada com ele, mas não posso evitar. — Seja um amontoado. Abandone tudo. Desfrute seu miserável dia na cama — Vou para a porta. — Talvez você não seja a pessoa que pensei que fosse.

— E quem é esse? — A resposta é ácida.

— O tipo de cara que sai da cama, mesmo quando as coisas são uma merda. O tipo de cara que telefona para sua mãe para desejar feliz ação de graças, em vez de evitar falar com ela, porque tem medo do que ela pode dizer-lhe. O tipo de cara que não deixa seu pai idiota ganhar. Mas eu acho que estou errada. Isto — Faço um gesto ao redor do seu quarto, mesmo quando está me dando as costas; está muito quieto. — Deveria estar funcionando para você. Boa sorte com isso. Bom feriado. Eu estou caindo fora.

A porta está quase fechada quando escuto. — Espera...

St. Clair abre a porta. Seus olhos estão desfocadas, seus braços moles. — Eu não sei o que dizer, — ele finalmente diz.



— Então, não diga nada. Tome um banho, coloque uma roupa quente, e venha me encontrar. Eu vou estar no meu quarto.

Ele chega ao meu quarto vinte minutos depois, estou aliviada ao encontrar seu cabelo molhado. Ele tomou banho.

— Vem aqui. — Eu o coloco no chão em frente a minha cama e pego uma toalha. Esfrego seu cabelo escuro. — Você vai pegar um resfriado.

— Isso é um mito, você sabe. — Mas ele não me pára. Após um minuto ou dois, ele dá um pequeno suspiro, um tipo de liberação. Eu trabalho lenta, metodicamente. — Então, para onde estamos indo? —, Ele pergunta quando eu termino. Seu cabelo ainda está úmido, e alguns cachos estão se formando.

— Você tem um lindo cabelo —, eu digo, resistindo à vontade de penteá-lo com meus dedos.

Ele grunhi.

— Eu estou falando sério. Estou certa de que as pessoas lhe dizem isso o tempo todo, mas realmente você tem um bom cabelo.

Eu não posso ver a expressão dele, mas sua voz fica mais baixa. —Obrigado.

— De nada, — eu digo com formalidade. — E não tenho certeza para onde estamos indo. Pensei que simplesmente íamos sair e... saberíamos quando chegarmos lá.

— O quê? — Pergunta ele. — Sem plano? Não há um itinerário minuto-a-minuto?

Eu golpeio a parte de trás da sua cabeça com a toalha. — Cuidado. Eu vou fazer um.

— Deus, não. Tudo menos *isso*. — Eu penso que ele diz isso a sério, até que ele se vira com metade de um sorriso no rosto. Golpeio-lhe outra vez, mas sinceramente, estou tão aliviada por aquele meio sorriso que eu poderia chorar. É mais do que eu tenho visto nas últimas semanas.

Foco, Anna. — Sapatos. Eu preciso de sapatos. — Ponho meu sapato, pego meu casaco de inverno, chapéu e luvas. — Onde está seu chapéu?

Ele entrecerra os olhos para mim. — Mer? É você? Preciso do meu cachecol? Estará muito frio, mamãe?

— Tudo bem, você vai se congelar até a morte. Veja se eu me importo. — Mas ele puxa o seu gorro de malha para fora do bolso do casaco e coloca-o sobre sua cabeça. Desta vez seu sorriso é completo e deslumbrante, e me pega desprevenida. Meu coração pára.

Eu o encaro até que seu sorriso desvanece. Ele me olha interrogativamente.

Desta vez, é minha voz que soa baixa. — Vamos.

— Aí está! Esse é meu plano.

St. Clair segue meu olhar para a enorme cúpula. O céu cinza-violeta, é o mesmo céu que se tem visto todos os dias em Paris desde que a temperatura caiu, sujeitando isso, arrancando seu brilho dourado, mas eu não estou menos intrigada.

— O Panteão? — Ele pergunta com cautela.

— Você sabe, eu tenho estado aqui há três meses, e eu ainda não tenho ideia do que é. — Caminho pela faixa de pedestres que conduz para a estrutura gigantesca.

Ele dá de ombros. — É um panteão.

Eu paro para deslumbrar, e ele me empurra para frente para que eu não seja atropelada por um ônibus azul. — Ah, certo. Um panteão. Por que não pensei nisso antes?

St. Clair me olha pelo canto de seus olhos e sorri. — Um panteão significa um lugar para túmulos — de pessoas famosas, pessoas importantes para a nação.

— É só isso? — Estou decepcionada. Parece que ele deveria ter pelo menos alguns reis coroados ou algo assim.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Quero dizer, existem túmulos e monumentos em todo lugar por aqui. O que é diferente sobre esse? — Nós subimos os degraus, e a altura total das colunas é esmagadora. Eu nunca estive tão perto.

— Eu não sei. Nada, eu suponho. É um pouco como de segunda categoria, de qualquer maneira.

— Segunda categoria? Você deve estar brincando. — Agora estou ofendida. Eu gosto do Panteão. Não, EU AMO o Panteão. — Quem está enterrado aqui? — Eu exijo.

— Er. Rousseau, Marie Curie, Louis Braille, Victor Hugo...

— O cara do Corcunda de Notre-Dame?

— Ele mesmo. Voltaire. Dumas. Zola.

— Uau. Viu? Você não pode dizer que não é impressionante. — Reconheço os nomes, mesmo que eu não saiba o que todos fizeram.

— Eu não disse. — Ele pega a carteira e paga a nossa entrada. Eu tento pagar, desde que foi minha ideia, em primeiro lugar, mas ele insiste. — Feliz Ação de Graças, — diz ele, entregando-me o meu bilhete. — Vamos ver algumas pessoas mortas.

Somos recebidos por um número inimaginável de cúpulas, colunas e arcos. Tudo é enorme e redondo. Afrescos enormes de santos, guerreiros e anjos estão pintados nas paredes. Nós damos uma volta por toda escultura em silêncio, exceto quando ele aponta para alguém importante como Joana d'Arc ou Santa Genoveva, padroeira de Paris. Segundo ele, Santa Genoveva salvou a cidade da

fome. Creio que ela é uma pessoa real, mas sou muito tímida para perguntar. Quando estou com ele, eu sempre estou consciente do muito que não sei.

Uma esfera de metal pendurada no ponto mais alto da cúpula central balança. Ok, agora eu não posso evitar. — O que é isso?

St. Clair encolhe os ombros e busca em volta por uma sinalização.

— Estou chocada. Eu pensei que você sabia de tudo.

Ele encontra a sinalização. — Pêndulo de Foucault. Oh. Claro — Ele olha com admiração.

A sinalização está escrita em Francês, assim eu espero por sua explicação. Ela não vem. — Sim?

St. Clair aponta para o anel de medições no chão. — É uma demonstração da rotação da Terra. Veja? O plano de oscilação do pêndulo gira a cada hora. Sabe, é engraçado, — diz ele, olhando todo o caminho até o teto — mas a experiência não precisa ser tão grande para provar seu ponto.

— Como francês.

Ele sorri. — Vamos lá, vamos ver a cripta.

— Cripta? — Eu congelo. — Como, uma *cripta* cripta?

— Onde você acha que os corpos estão?

Eu tusso. — Certo. Claro que sim. A cripta. Vamos.

— Se você está com medo...

— Eu não tive um problema no cemitério, não foi? — Ele endurece, e eu estou mortificada. Eu não posso acreditar que eu trouxe a tona o Père-Lachaise. Rápido. Preciso de uma distração! Eu deixo escapar a primeira coisa que vem à mente. — Uma corrida! — E eu corro para a entrada mais próxima da cripta. Meus pés batem e fazem eco em todo o edifício, e os turistas ficam todos olhando.

Eu. Vou. Morrer. De. Vergonha.

E então — ele me ultrapassa. Eu rio, surpresa e pego velocidade. Estamos cabeça a cabeça, quase lá, quando um guarda irritado aparece em frente a nós. Tropeço sobre St. Clair tentando parar. Ele tranquiliza o guarda com mensagens em francês. Meu rosto esquenta, mas antes que eu possa tentar me desculpar, St. Clair faz isso por nós. O guarda suaviza e nos deixa ir depois de um minuto de uma suave repreensão.

É como se fosse Père-Lachaise novamente. St. Clair está praticamente escorado.

— Você escapa de tudo.

Ele ri. Ele não argumenta, porque ele sabe que é verdade. Mas seu humor muda no momento em que as escadas aparecem. A escada em espiral que vai até a cripta é íngreme e estreita. Minha irritação é substituída por preocupação quando vejo o terror em seus olhos. Eu tinha esquecido sobre seu medo de altura.

— Sabe... Eu realmente não quero ver a cripta — eu digo.

St. Clair me lança um olhar, e eu calo a boca. Determinado, ele agarra a parede de pedra abruptamente e se move lentamente para baixo. Passo. Passo. Passo. Não é uma longa escadaria, mas o processo é insuportável. Finalmente chegamos ao fim, e um enorme grupo de turistas impacientes sai como uma manada atrás de nós. Eu começo a desculpar-me. Foi tão estúpido trazê-lo aqui, mas ele fala sobre mim. — É maior do que eu pensava. A cripta. — Sua voz é tensa e apressada. Ele não olha para mim.

Desvio. Está bem. Aproveito a deixa. — Você sabe, — eu digo com cuidado — acabo de ouvir alguém dizer que a cripta cobre toda a área embaixo do prédio. Eu estava esperando infinitas catacumbas decoradas com ossos, mas isso não é tão ruim.

— Sem crânios ou fêmur, pelo menos. — Um sorriso falso.

De fato, a cripta está bem iluminada. Está muito frio aqui embaixo, mas também é limpo e branco. Não é exatamente uma masmorra. Mas St. Clair ainda está agitado e constrangido. Eu precipito-me em direção a uma estátua. — Ei, olhe! Isso é Voltaire?

Seguimos em frente pelos corredores. Estou surpreendida como tudo está desnudo. Um monte de espaço vazio, espaço para futuros túmulos. Depois de explorar por um tempo, St. Clair relaxa novamente, e nós conversamos sobre pequenas coisas, como o teste de cálculo da semana passada, a tão peculiar jaqueta de couro que Steve Carver tem vestido ultimamente. Nós não tivemos uma conversa normal em semanas. É quase como fazíamos... antes. E depois ouvimos uma voz americana atrás de nós.

— Não ande atrás deles. Nós vamos ficar presos aqui durante todo o dia.

St. Clair fica tenso.

— Ele deveria ter ficado em casa se tem tanto medo de um par de escadas.

Eu começo a me virar, mas St. Clair aperta meu braço. — Não. Ele não vale a pena — Ele orienta-me para o próximo corredor, e estou tentando ler um nome esculpido na parede, mas estou tão furiosa que estou vendo manchas. St. Clair está rígido. Eu tenho que fazer alguma coisa.

Eu fixo o nome até que ele entra em foco. — Emily Zola. Esta é apenas a segunda mulher que eu vejo aqui embaixo. O que há com isso?

Mas antes que St. Clair possa responder, a voz de antes diz: — É Émile. — Nós demos a volta para encontrar um cara presunçoso em uma camisa da Euro Disney. — Émile Zola é um homem.

Meu rosto queima. Eu procuro o braço de St. Clair para nos afastar novamente, mas St. Clair já está em cima do cara. — Emile Zola *foi* um homem, — ele corrige. — e você é um estúpido. Por que você não cuida de seus próprios assuntos e a deixa em paz!

*A deixa em paz, a deixa em paz, a deixa em paz!* Sua mensagem ecoa através da cripta. Euro Disney, assustado com a explosão, se volta para sua esposa, que

grunhe. Todos os outros estão com a boca aberta. St. Clair puxa minha mão e me arrasta para as escadas, eu estou nervosa, assustada com o que vai acontecer. A adrenalina o deixa subir um espiral inteiro, mas depois é como se seu corpo percebesse o que está acontecendo, e ele de repente pára e balança perigosamente para trás.

Eu estou firme atrás dele. — Estou aqui.

Ele me dá em meus dedos um aperto de morte. Eu gentilmente ando para cima, até estarmos de volta sob as cúpulas, colunas e arcos, o espaço aberto do piso principal. St. Clair me solta e cai no banco mais próximo. Ele abaixa a cabeça, como se estivesse prestes a ficar doente. Eu espero que ele fale.

Ele não fala.

Sento-me no banco ao lado dele. É um memorial a Antoine de Saint-Exupéry 74, que escreveu O Pequeno Príncipe. Ele morreu em um acidente de avião, então eu suponho que não haja seus restos em uma tumba lá embaixo. Eu observo as pessoas tirando fotos da pintura. Eu vejo o guarda que gritou conosco antes. Eu não vejo St. Clair.

Finalmente, ele levanta a cabeça. Sua voz é calma. — Devemos ir buscar Peru para o nosso jantar?

\*\*\*

Nos tomamos horas examinar menus até acharmos algo adequado. A busca se transforma em um jogo, uma missão, algo em que nos perdemos. Nós necessitamos esquecer o homem da cripta. Necessitamos esquecer que não estamos em casa.

Quando finalmente descobrimos um restaurante com o título “Jantar de ação de graças americano”, nós vibramos, e executamos uma dança da vitória. O *maitre* está alarmado com o nosso entusiasmo, mas mesmo assim nos dá um assento. — Brilhante — St. Clair diz quando chega o prato principal. Ele ergue seu copo de água com gás e sorri. — Para o êxito de haver encontrado um jantar apropriado com peru em Paris.

Eu sorrio de volta. — Para a sua mãe.

Seu sorriso e hesita por um momento, e depois é substituído por um que é mais suave. — Para minha mãe. — Nós brindamos.

— Então, hum. Você não tem que falar sobre isso se você não quiser, mas o que ela está fazendo? — As palavras escapam da minha boca antes que eu possa detê-las. — Será que a radioterapia está fazendo ela se cansar? Ela está comendo o suficiente? Eu li que se você não colocar creme toda noite, você pode obter queimaduras, e eu só estava me perguntando... — Eu paro de falar quando vejo sua expressão. É como se tivesse brotado presas em mim. — Sinto muito. Eu estou sendo intrometida, eu vou me calar...

— Não — ele interrompe. — Não é isso. É só... você é a primeira pessoa que sabe algo disso. Como... como sabes...?

— Ah. Hum. Eu só estava preocupada, então eu fiz alguma pesquisa. Você sabe, então eu sei... — eu terminei sem jeito.

Ele fica quieto por um momento. — Obrigado.

Eu olho para o guardanapo no colo. — Não é nada...

— Não, isso é uma coisa. Uma coisa grande. Quando eu tento falar com Ellie sobre isso, ela não tem nenhuma ideia... — Ele se interrompe, como se tivesse falado muito. — De qualquer maneira. Obrigado.

Eu me encontro com seu olhar de novo, e ele olha maravilhado. — De nada — eu digo.

Passamos o resto do jantar falando sobre sua mãe. E quando saímos do restaurante, nós continuamos a falar sobre ela. Caminhamos ao longo do Sena. A lua está cheia e as lâmpadas estão acesas, e ele fala que é como se tivesse tirado um peso do tamanho de uma pessoa.

Ele pára. — Eu não queria fazer isso.

Respiro profundamente, inalando o cheiro do rio agradável. — Estou feliz que você tenha feito.

Estamos na rua que se dirige ao nosso dormitório. Ele olha para ela, hesitante, e, em seguida, deixa escapar: — Vamos ver um filme. Eu não quero voltar ainda.

Ele não tem que me perguntar duas vezes. Encontramos um cinema mostrando uma nova versão de *Slacker*, uma comédia americana, e ficamos para a sessão dupla. Eu não lembro a última vez que ri tanto, e ao meu lado, St. Clair ri ainda mais. São duas da manhã, antes de voltarmos para o dormitório. A mesa da recepção está vazia, e as luzes de Nate estão apagadas.

— Eu acho que somos os únicos no prédio — diz ele.

— Então, ninguém vai se importar quando eu fizer isso! — Eu pulo em cima da mesa e desfilo para frente e para trás. St. Clair canta uma canção, e eu danço ao som de sua voz. Quando ele termina, Inclino-me com uma grande mesura.

— Rápido! — diz ele.

— O quê? — Eu pulo de cima da mesa. Nate está aqui? Viu-me?

Mas St. Clair corre para a escada. Ele abre a porta e grita. O eco nos faz saltar e, em seguida, juntos, gritamos de novo com o máximo de nossos pulmões. É emocionante. St. Clair me persegue até o elevador, e chegamos no telhado. Ele fica para trás, mas ri quando eu cuspo, tentando atingir um anúncio de lingerie. O vento está forte, e meu objetivo está longe, assim eu corro de volta dois lances de escada. Nossa escadaria é larga e firme, então ele está apenas uns poucos metros atrás de mim. Chegamos ao seu andar.

— Bem — diz ele. Nossa conversa se interrompe pela primeira vez em horas.

Eu olho para ele. — Hum. Boa noite.

— Vejo você amanhã? Tomamos café da manhã na creperia?

— Isso seria bom.

— A menos que...— ele se interrompe.

A menos que? Ele está hesitante, muda de ideia. O momento passa. Dou-lhe um olhar interrogativo, mas ele se afasta.

— Tudo bem. — É difícil afastar a decepção da minha voz. — Vejo você pela manhã. — Eu vou andando para baixo e olho para trás. Ele está olhando para mim. Eu levanto minha mão e aceno. Ele está parado e estranho. Eu empurro a porta do meu piso, sacudindo a cabeça. Eu não entendo porque as coisas sempre vão de perfeitas a estranhas conosco. É como se fôssemos incapazes de ter uma interação humana normal. Esqueça isso, Anna.

A porta da escada de abre.

Meu coração para.

St. Clair parece nervoso. — Foi um bom dia. Este foi o primeiro dia bom que eu tive em muito tempo. — Ele caminha lentamente em direção a mim. — Eu não quero que isso acabe. Eu não quero ficar sozinho agora.

— Uh. — Eu não posso respirar.

Ele para diante de mim, examinando o meu rosto. — Estaria tudo bem se eu ficasse com você? Eu não quero fazer você se sentir desconfortável...

— Não! Quero dizer... — Minha cabeça gira. Eu mal posso pensar em linha reta. — Sim. Sim, é claro, está tudo bem.

St. Clair fica parado por um momento. E então ele concorda.

Eu retiro o meu colar e insiro a minha chave na fechadura. Ele espera atrás de mim. Minha mão treme quando eu abro a porta.

St. Clair está sentado no meu chão. Ele arranca as botas pelo meu quarto e elas batem forte na minha porta. É o primeiro barulho que fizemos desde viemos pra cá.

— Desculpa — Ele está constrangido. — Onde devo colocá-las?

Mas antes que eu possa responder, ele tagarela. — Ellie pensa que eu devo ir pra São Francisco. Eu quase comprei, por várias vezes, bilhetes num avião de carga. Mas não é o que mamãe gostaria. Se meu pai não quer, ela também não vai querer. Isso piora a situação.

Eu estou assustada com sua explosão.

— Às vezes, eu imagino se ela — Ellie — se ela, você sabe... — A voz dele fica baixa. — Quer que eu vá.

Ele nunca fala sobre sua namorada. Por que agora? Eu não acredito que tenho de defendê-la. Eu alinho suas botas ao lado da minha porta para evitar olhar para ele. — Ela provavelmente só está cansada de te ver tão deprimido. Como todos nós estamos. — Eu adiciono. — Eu tenho certeza... Eu tenho certeza que ela é louca por você como sempre.

— Hmm — Ele me observa ficar de pé e esvaziar meus bolsos. — E você? — Ele pergunta depois de um minuto.

— E eu?

St. Clair examina seu relógio. — Costeletas. Você irá vê-lo no próximo mês.

Ele está reestabelecendo... o quê? O limite? Que ele tomou e eu delimitei? Exceto porque eu não delimitei. Não mesmo.

Mas eu não consigo dizer isso agora que ele mencionou Ellie. — Yeah. Eu não posso esperar para vê-lo de novo. Ele é um cara engraçado, você gostaria dele. Vou ver a banda dele tocar no Natal. Toph é um cara legal. Você gostaria dele. Oh. Eu já disse isso. Não disse? Mas você gostaria. Ele é mesmo... engraçado.

Cala boca, Anna. Cala. A boca.

St. Clair desabotoa e reabotoa e desabotoa sua pulseira.

— Estou derrotada — Eu falo. E é verdade. Como sempre, nossa conversa tem me deixado exausta. Eu rastejo para a cama e me pergunto o que ele vai fazer. Deitar no meu chão? Vai voltar para o quarto dele? Mas ele coloca o relógio na minha mesa e se inclina para minha cama. Ele escorrega para perto de mim. Ele está em cima dos cobertores e eu embaixo. Nós ainda estamos totalmente vestidos, exceto os sapatos, e toda a situação é além de embaraçosa.

Ele fica mais tenso. Eu tenho certeza que ele está prestes a partir, e eu não sei se fico aliviada ou desapontada, mas... ele apaga minha luz. Meu quarto está escuro como breu. Ele se enrola em volta da minha cama e bate nela.

— Oof — ele diz.

— Hey, tem uma cama aqui.



— Obrigado por me avisar.

— Sem problemas.

— Está congelando aqui. Você está com um ventilador ou outra coisa?

— É o vento. Minha janela não fecha toda. Eu coloco uma toalha embaixo, mas não adianta muito.

Ele dá a volta na cama e desliza em volta. — Oh — Ele diz.

— Sim?

— Meu cinto. Seria estranho ...

Eu agradeço que ele não possa ver eu corando. — Claro que não — E eu escuto o barulho do couro quando ele puxa pelos passadores. Ele coloca suavemente no meu chão duro de madeira

— Humm — ele diz. — Seria estranho...

— Sim.

— Oh, que bobeira!. Eu não estou falando da calça. Eu só quero ficar debaixo dos cobertores. A brisa é horrível. — Ele desliza para baixo das cobertas, e agora estamos deitados lado a lado. Na minha cama estreita. Engraçado, mas eu nunca imaginei que minha primeira noite com um garoto fosse para dormir.

— Tudo que nós precisamos agora são *Dezesseis Velas* e um jogo de Verdade ou Consequência.

Ele tosse.. — O-o quê?

— O filme, pervertido. Eu estava só pensando que tem um tempo desde que eu tive um hóspede.

Uma pausa. — Oh.

— ...

— ...

— St. Clair?

— Sim?

— Seu cotovelo está matando minhas costas.

— Merda! Desculpa. — Ele muda e então muda de novo e então de novo, até nós ficarmos confortáveis. Uma de suas pernas descansa contra a minha. Apesar das duas camadas de calças entre a gente, eu me sinto nua e vulnerável. Ele muda de novo e minha perna inteira, da panturrilha a coxa, descansa sobre a dele. Eu cheiro seu cabelo. Mmm.

NÃO!

Eu engulo, e é tão alto. Ele tosse de novo. Eu estou tentando não me contorcer. Depois do que parecem horas, mas são só minutos, sua respiração se acalma e seu corpo relaxa. Eu finalmente começo a relaxar também. Eu quero memorizar sua essência e o toque da sua pele — um dos seus braços, agora contra o meu — e a solidez do seu corpo. Não importa o que aconteça, eu lembrarei disso pra resto da minha vida.

Eu estudo seu perfil. Seus lábios, seu nariz, seus cílios. Ele é tão bonito.

O vento sacode as vidraças, e as luzes fazem um zumbido baixinho na sala. Ele dorme profundamente. Quanto tempo faz desde que eu tive uma noite de descanso decente? Existe outra luta desconfortável no meu coração. Por que eu me importo tanto com ele? E por que eu desejo que não me importasse? Como pode uma pessoa me deixar tão confusa toda hora?

O que é isso? Será luxúria? Ou alguma outra coisa junto? E se é possível que eu me sinta desse jeito por ele sem que estes sentimentos sejam recíprocos? Ele disse que gosta de mim. Ele disse. Mesmo que ele estivesse bêbado, ele não teria dito se não tivesse um pouco de verdade. Certo?

Eu não sei.

Como todas as vezes que eu estou com ele, eu não sei de nada. Ele escorrega para mais perto de mim enquanto dorme. Sua respiração está quente contra meu pescoço. Eu não sei de nada. Ele é tão bonito, tão perfeito. Eu imagino se ele...se eu...

Um raio de luz brilha nos meus olhos e eu aperto os olhos desorientada. Luz do dia. Os números vermelhos do meu relógio marcam 11:27. Huh. Significa que eu adormeci? Que dia é hoje? E então eu vejo um corpo na cama próximo a mim. E eu quase saio do meu corpo.

Então, isso não era um sonho.

Sua boca está aberta e os lençóis estão para fora. Uma de suas mãos está sobre o estômago. Sua blusa está levantada, e eu posso ver o abdômen dele. Eu olho estupefata.

Oh, merda! Eu acabo de dormir com St. Clair.

Quero dizer, eu não DORMI com ele. Obviamente, Mas eu dormi com ele.

Eu dormi com um garoto! Eu faço um túnel e volto para baixo dos lençóis e rio. Eu não posso ESPERAR para contar para Bridge. Exceto... se ela conta para Toph? E eu não posso contar para Mer, porque ela fica com ciúmes, o que significa que eu não posso contar para Rashmi ou Josh também. Eu percebo que eu não posso contar para ninguém a respeito disso. Isso significa que é errado?

Eu fico na cama o máximo que eu posso, mas uma hora minha bexiga vence. Quando eu volto do banheiro, ele está olhando pela minha janela. Ele vira e ri. — Seu cabelo. Está espetado em várias direções diferentes. — St. Clair pronuncia direções<sup>77</sup> e ilustra o que está falando apontando seus dedos para cima em volta da cabeça como se fossem chifres.

— É você que está falando.

— Ah, mas parece que é de propósito. Levei anos pensando na melhor forma de conseguir um penteado bagunçado desses para ignorá-lo completamente.

— Então você está dizendo que isso está uma porcaria? — Eu olho no espelho e fico alarmada ao descobrir que eu pareço com uma besta com chifres.

— Não. Eu gosto. — Ele ri e pega seu cinto do chão. — Café da manhã?

Eu entrego suas botas. — É meio-dia.

— Obrigado. Almoço?

— Deixa eu tomar banho primeiro.

Nós nos separamos por uma hora e nos encontramos no quarto dele. A porta dele está encostada, e o rock punk francês está tocando baixo no quarto. Eu fico chocada quando entro e descubro que está tudo arrumado. Os montes de roupas e toalhas foram organizados pelos tipos de lavagem, e as garrafas vazias e os sacos de batatas fritas foram jogados fora.

Ele olha pra mim cheio de esperança. — É um começo.

— Parece bom. — E parece ainda melhor. Eu sorrio.

Nós passamos o dia passeando de novo. Nós pegamos uma parte do festival de cinema Danny Boyle e damos outro passeio ao lado do Sena. Eu o ensino como pular pedras; eu não acredito que ele não sabe. Começa a garoar, então nós corremos para uma livraria em frente à Catedral de Notre-Dame. Em um letreiro verde e amarelo lê-se SHAKESPEARE AND COMPANY

Dentro, nós somos atingidos pelo caos. Uma horda de clientes enche o balcão. E para todo lugar que eu viro têm livros, livros e mais livros. Mas ela não é parte de uma cadeia, onde tudo é perfeitamente organizado em prateleiras, mesas e títulos. Aqui os livros balançam em pilhas desequilibradas, caem dos acentos das cadeiras, e derramam de prateleiras flácidas. Tem caixas de papelão transbordando de livros e um gato preto descansando do lado de uma pilha nas escadas. Mas o que é mais surpreendente é que todos os livros são em inglês.

St. Clair repara minha expressão de espanto. — Você nunca veio aqui?

Eu sacudo minha cabeça e ele se surpreende. — É muito famosa. Ei, olha... — Ele segura uma cópia de Balzac e a Costureirinha Chinesa. — Este é familiar. Não é?

Eu vagueio estupefata, meio emocionada por estar cercada por meu próprio idioma, meio horrorizada para perturbar qualquer coisa. Um toque errado pode quebrar a loja inteira. Poderia entrar em colapso e nós seríamos enterrados numa avalanche de páginas amarelas.

A chuva bate forte contra as janelas. Eu faço meu caminho entre um grupo de turistas e examino a seção de ficção. Eu não sei por que procuro por ele, mas não posso evitar. Eu ando para trás. Christie, Cather, Caldwell, Burroughs, Bronte, Berry, Baldwin, Auster, Austen. Ashley. James Ashley.

Uma fileira de livros do meu pai. Seis deles. Eu puxo uma cópia de capa dura do *The Incident*, e tremo com o pôr do sol familiar da capa.

— O que é isso? — St. Clair pergunta. Eu me assusto. Eu não tinha percebido que ele estava parado do meu lado.

Ele pega o romance de mim, e seus olhos estão enormes com o reconhecimento. Ele vira para o final, e a foto do papai como autor do livro está sorrindo para nós. Meu pai está super bronzeado, e seus dentes brilham com o falso branco. Ele está usando uma camisa polo lilás e seu cabelo voa gentilmente com o vento.

St. Clair levanta suas sobranceiras. — Eu não vejo a relação. Ele é muito mais bonito.

Eu falo toda enrolada por causa do nervoso e ele bate no meu braço com o livro. — É pior do que eu pensei. — Ele ri. — Ele sempre é assim?

— Sim.

Ele vira, abre e lê a capa. Eu observo seu rosto ansiosamente. Sua expressão fica enigmática. Eu o vejo parar e voltar para ler algo de novo. St. Clair olha para mim. — É sobre câncer — ele diz.

Oh. Meu. Deus.

— Essa mulher tem câncer. O que acontece com ela?

Eu não consigo engolir. — Meu pai é um idiota. Eu te disse, ele é um completo cretino.

Uma excruciante pausa. — Ele vende muito disso. Não vende?

Eu aceno.

— E as pessoas gostam disso? Eles acham isso divertido. Não é?

— Me perdoe, St. Clair. — Lágrimas estão brotando em meus olhos. Eu nunca odiei tanto meu pai como agora. Como ele pôde? Como ele ousa ganhar dinheiro com algo tão horrível? St. Clair fecha o livro e o coloca de volta na prateleira. Ele escolhe outro, *The Entrance*. O romance sobre leucemia. Meu pai usa uma camisa com os primeiros botões casualmente abertos. Seus braços estão cruzados, mas ele tem o mesmo sorriso ridículo.

— Ele é um monstro — eu falo. — Um total ... monstro das trevas.

St. Clair bufá. Ele abre sua boca para falar alguma coisa, quando me vê chorando. — Não, Anna. Anna, me desculpe.

— Me perdoe. Você não deveria ter visto isso. — Eu agarrei o livro e coloquei de novo na prateleira. Outra pilha de romances desequilibra e se espatifa no chão entre nós. Nós abaixamos para pegá-los e batemos nossas cabeças.

— Ow! — Eu falo.

St. Clair esfrega sua cabeça. — Tá tudo bem?

Eu agarro os livros das mãos dele. — Estou bem. Bem mesmo. — Eu os empilho de volta na estante e vou tropeçando para parte de trás da loja, longe dele, e tão longe quanto é possível do meu pai. Mas minutos depois, St. Clair está de volta ao meu lado.

— Não é sua culpa — ele diz baixinho. — Você não escolhe seus pais. Eu sei disso tão bem quanto qualquer pessoa, Anna.

— Eu não quero falar sobre isso.

— É justo. — Ele segura uma coleção de poesia. Pablo Neruda. — Já leu este?

Eu sacudo minha cabeça.

— Bom. Porque eu já comprei para você.

— O quê?

— Está na sua grade para o próximo semestre em inglês. Você tem que comprar de qualquer jeito. Abra. — Ele diz.

Confusa, eu abro. Tem uma figura na primeira página. SHAKESPEARE AND COMPANY, Kilometro Zero Paris. Eu pisco. — Kilometro Zero? É a mesma coisa que Ponto Zero? — Eu lembro da nossa primeira caminhada juntos pela cidade.

— Pelos velhos tempos. — St. Clair sorri. — Vamos, a chuva parou. Vamos sair daqui.

\*\*\*\*\*

Eu ainda estou quieta na rua. Nós atravessamos a mesma ponte, igual ao que fizemos na nossa primeira noite — eu do lado de fora de novo e St. Clair do lado de dentro — e ele mantém a conversa por nós dois. — Eu já te contei quando eu fui para uma escola na América?

— O quê? Não.

— É verdade, por um ano. Oitava série. Foi terrível.

— Oitava série é terrível para todo mundo — Eu digo.

— Bem, foi pior para mim. Meus pais tinham acabado de se separar, e minha mãe voltou para Califórnia. Eu não tinha voltado lá desde que eu era criança, mas eu fui com ela. E fui colocado nessa escola pública horrorosa...

— Oh, não. Escola pública.

Ele me cutuca com o ombro. — As outras crianças eram implacáveis. Eles faziam piada de tudo a meu respeito — meu peso, meu sotaque, o modo que eu me vestia. Eu jurei nunca mais voltar.

— Mas garotas americanas adoram o sotaque inglês. — Eu falo rápido sem pensar. Então, eu rezo para que ele não perceba que eu fico vermelha.

St. Clair pega uma pedrinha e arremessa no rio. — Não no ginásio, elas não gostam. Especialmente quando estão ligadas a um cara que só chega até seu joelho.

Eu rio.

— Então, quando o ano acabou, meus pais acharam uma nova escola pra mim. Eu queria voltar para Londres, onde meus amigos estavam, mas meu pai insistiu em Paris para que ele pudesse manter um olho em mim. E foi assim que acabei na SOAP.

— Com que frequência você volta? Para Londres?

— Não tão frequente quanto eu gostaria. Eu ainda tenho amigos na Inglaterra, e meus avós — os pais do meu pai — moram lá. Então, eu costumava dividir meus verões entre Londres e São...

— Seus avós são ingleses?

— Meu avô é, mas minha avó é francesa. Meus outros avós são americanos, claro.

— Uau. Você realmente é um vira-lata.

St. Clair sorri. — Eu estou dizendo que puxei mais meus avó ingles, mas só por causa do sotaque.

— Eu não sei. Eu acho que você é mais inglês do que qualquer outra coisa. E você não só fala como um, mas parece também.

— Eu pareço? — Ele está surpreso.

Eu sorrio. — Sim, isso é... uma aparência misturada. Quero dizer da melhor forma possível — eu acrescento, ao ver sua expressão alarmada. — Honestamente.

— Huh. — St. Clair me olha de lado. — De qualquer forma, no último verão eu não poderia nem mesmo encarar meu pai. Então, foi a primeira vez que eu passei todo o feriado com minha mãe.

— E como foi? Eu aposto que as garotas não te sacaneiam mais por causa do seu sotaque.

Ele ri. — Não. Elas não provocam. Mas eu não posso evitar minha altura. Eu sempre serei pequeno.

— E eu sempre serei uma aberração, como meu pai. Todo mundo me diz que eu pareço com ele. Ele é do tipo... compulsivo<sup>80</sup> com organização e limpeza, como eu.

Ele parece genuinamente surpreso. — Qual o problema de ser compulsivo? Eu queria ser mais organizado. E, Anna, eu nunca conheci seu pai, mas eu

garanto que você não é nada parecida com ele.

— Como você saberia?

— Bem, por uma coisa, ele parece com o boneco Ken. E você é linda.

Eu tropeço e caio na calçada.

— Está tudo bem? — Seus olhos estão cheios de preocupação.

Eu olho para longe e ele pega minha mão e me ajuda a levantar. — Estou bem. Bem! — Eu digo, espanando os grãos das minhas mãos. Oh, meu Deus. Eu sou uma aberração.

— Você viu o jeito que os homens olharam para você. Não viu? — Ele continuou.

— Se eles estão olhando, é porque eu continuo me fazendo de boba. — Eu seguro minhas mãos arranhadas.

— O cara logo ali está olhando você agora.

— O que ? — Eu viro para achar um homem jovem com cabelo preto longo me encarando. — Por que ele está olhando para mim?

— Eu acho que ele gosta do que vê.

Eu coro, e ele continua falando. — Em Paris, é comum reconhecer que alguém é atraente. Os franceses não desviam seu olhar como em outras culturas. Você não notou?

St. Clair me acha atraente. Ele me chamou de linda.

— Humm, não — Eu digo. — Eu não notei.

— Bem. Abra os olhos.

Mas eu olho para os galhos das árvores nuas, para as crianças com balões, para um grupo de turistas japoneses. Qualquer lugar, menos para ele. Nós paramos em frente a Notre Dame de novo. Eu aponto para a estrela familiar e limpo minha garganta. — Quer fazer outro pedido?

— Vai você primeiro. — Ele está me observando, enigmático, como se ele estivesse tentando imaginar alguma coisa. Ele morde seu dedão.

Esta hora eu não consigo evitar. Durante todo o dia eu pensei sobre isso. Nele. Nosso segredo.

*Eu desejo que St. Clair passe a noite comigo outra vez.*

Ele dá um passo para a estrela de bronze acobreada logo depois de mim e fecha os olhos. Eu imagino que ele deve estar pedindo por sua mãe, e me sinto culpada que ela nem tenha passado por minha mente. Meus pensamentos são somente para St. Clair.

Por que ele está comprometido? As coisas seriam diferentes se eu o tivesse conhecido antes de Ellie? As coisas seriam diferentes se a mãe dele não estivesse doente?

Ele disse que sou linda, mas eu não sei se isso é um flerte, ou um modo St. Clair de ser amigo-de-todo-mundo, ou se isso veio de alguma coisa pessoal. Eu vejo o mesmo St. Clair que todos veem? Não. Eu acho que não. Mas eu poderia

estar confundindo amizade com alguma coisa maior, porque eu queria confundir com alguma coisa maior.

A preocupação gradualmente vai embora durante o jantar. Nosso restaurante está coberto com hera e agradáveis lareiras com madeiras queimando. Depois, mergulhamos em um confortável transe com a barriga cheia de mousse de chocolate. — Vamos para casa — ele diz. A palavra faz meu coração palpitar.

Casa. Minha casa é a casa dele também.

Ainda não tem ninguém atrás do balcão da frente quando voltamos, mas Nate colocou sua cabeça para fora da sua porta. — Anna! Étienne!

— Ei, Nate — nós falamos.

— Vocês tiveram um bom Dia de Ação de Graças?

— Sim. Obrigado, Nate — nós falamos.

— Eu preciso verificar você mais tarde? Vocês sabem das regras. Não pode dormir no quarto de pessoas do sexo oposto.

Meu rosto inflama, as bochechas e St. Clair ficam manchadas. É verdade. É uma regra, uma que meu cérebro — meu cérebro que ama regras e que faz questão de regras — convenientemente bloqueou na última noite. É também uma regra que é notoriamente ignorada pelos funcionários.

— Não, Nate — nós dissemos.

Ele sacode sua cabeça raspada e volta para o seu apartamento. Mas a porta abre rapidamente de novo, e uma mão cheia de alguma coisa é jogada para gente antes que a porta se feche com força.

Camisinhas. Ah, meu Deus! Que humilhação!

St. Clair está com o rosto completamente vermelho agora, enquanto ele pega os pequenos quadradinhos prateados do chão e os enfia dentro do bolso do casaco. Nós não falamos, nem mesmo olhamos para o outro, enquanto subimos as escadas para o meu andar, ou Nate arruinou a chance disso?

Nós alcançamos o piso, e St. Clair coça sua cabeça. — Er ...

— Então ...

— Vou me vestir para dormir. Está tudo bem? — A voz dele está seria, e ele observa minha reação cuidadosamente.

— Sim. Eu também. Vou me vestir para... ficar pronta pra dormir, também.

— Vejo você em um minuto?

Eu inspiro aliviada. — Aqui ou lá em cima?

— Acredite em mim, você não quer dormir na minha cama. — Ele ri e eu tenho que virar meu rosto para o lado, porque eu quero. Droga! Como eu quero. Mas eu sei o que ele quer dizer. É verdade que minha cama é mais limpa. Corro para o meu quarto e me jogo no pijama de morango e uma camisa do Atlanta Film Festival. Não que eu esteja planejando seduzi-lo.

Eu nem sei como.

St. Clair bate poucos minutos depois e está vestindo sua bermuda branca com



listras azuis novamente e uma camisa preta que eu reconheço o logo como sendo de uma banda francesa que ele estava escutando mais cedo. Eu estou tendo problemas para respirar.

— Serviço de quarto — ele diz.

Minha mente fica ... em branco. — Ha há — Eu falo fraco.

Ele sorri e apaga a luz. Nós nos deitamos na cama, e é absolutamente, positivamente, completamente desajeitado. Como normalmente. Eu rolo para o meu canto da cama. Ambos estamos rígidos e retos, com cuidado para não tocar a outra pessoa. Eu devo ser uma masoquista para continuar a me meter nessas situações. Eu preciso de ajuda. Eu preciso consultar um psiquiatra, ou ser trancada em uma cela acolchoada, ou uma camisa de força, ou algo assim.

Depois que parece uma eternidade, St. Clair suspira alto e muda de posição. Sua perna bate na minha, e eu desvio. — Desculpe — ele diz.

— Tudo bem.

— ...

— ...

— Anna?

— Sim?

— Obrigado por me deixar dormir aqui de novo. Ontem...

A pressão dentro do meu peito é torturante. O quê? O quê, o quê, o quê?

— Fazia anos que eu não dormia tão bem assim.

O quarto está silencioso. Depois de um tempo, eu rolo por cima. Eu devagarzinho estico minha perna até meu pé esfregar o tornozelo dele. Sua inspiração está intensa. E, então, eu sorrio, porque eu sei que ele não pode ver minha expressão no escuro.

Osábado é outro dia para vagabundear, comida e filmes, seguidos por uma conversa incômoda na escadaria. Seguido por um corpo quente em minha cama. Seguido por toques vacilantes. Seguido por dormir.

Inclusive com os momentos incômodos, nunca tive um recesso escolar melhor.

Mas no domingo pela manhã, isto muda. Quando nos levantamos, St. Clair se estica e acidentalmente bate em meus seios. O que não apenas *dói* como deixa nós dois mortificados. Depois no café da manhã, ele fica distante novamente. Verifica seu telefone por mensagens enquanto eu falo. Fica olhando para as janelas do refeitório. E em vez de explorar Paris, diz que tem tarefas para fazer no quarto.

E estou certa de que se as tem, não estive muito consciente delas ultimamente. Mas seu tom me envia fora, e sei a verdadeira razão de sua partida. Os estudantes estão chegando. Josh, Rashmi e Mer vão estar aqui esta tarde.

Ellie também.

Trato de não levar isso como algo pessoal, mas dói. Considero ir ao cinema, mas em vez disso trabalho em minha tarefa de história. Pelo menos, isso é o que digo a mim mesma que estou fazendo. Meus ouvidos estão atentos aos movimentos de seu quarto. Está tão perto e ao mesmo tempo tão longe. A medida que os estudantes vão chegando, a Résidence Lambert fica mais ruidosa, e fica difícil escutar sons individuais. Nem sequer sei se ele ainda está aqui.

Meredith aparece por volta das oito, e vamos jantar. Ela fala sobre suas celebrações em Boston, mas minha mente está em outro lugar. Ele provavelmente está com Ellie agorinha mesmo. Lembro da primeira vez que os vi juntos, seus beijos, suas mãos enroladas em seus cabelos, e perco meu apetite.

— Está muito calada — diz Mer. — Como foi seu descanso? Conseguiu tirar St. Clair de seu quarto?

— Um pouco — Não posso dizer-lhe sobre nossas noites, mas por alguma razão, não quero contar sobre nossos dias tampouco. Quero manter as memórias para mim, escondidas. São minhas.

O beijo deles. Suas mãos enroladas em seu cabelo. Meu estômago revira.

Ela dá de ombros. — Eu estava esperando que ele talvez sáísse de sua caverna. Caminhar, tomar um pouco de ar fresco. Você sabe algo louco, como isso .

Seu beijo. Suas mãos enroladas...

— Ei — Ela diz. — Você não fez alguma loucura enquanto estávamos fora? Ou fez?

Estive a ponto de me engasgar com o café.

\* \* \*

As seguintes semanas são borradas. Classes com professores ansiosos para

chegar à metade do caminho de seus planos de aula. Nós virando a noite para manter o ritmo, e nos preparar para os exames finais. Pela primeira vez, eu percebo quão competitiva é essa escola. Os estudantes aqui levam os estudos a sério, e o dormitório está quase tão tranquilo quanto estava na Ação de Graças.

Chegam cartas das universidades. Eu fui aceita em todas que me inscrevi, mas não há tempo para celebrar. Rashmi foi aceita em Brown, e Meredith foi aceita em suas próprias escolhas, também, uma em Londres, e uma em Roma. St. Clair não fala sobre a universidade. Nenhum de nós sabe onde ele se inscreveu ou se sequer se inscreveu, e ele muda de assunto quando começamos a falar disso.

Sua mãe vai para a quimioterapia e é sua última semana de radioterapia. Na próxima semana, quando estivermos em casa, terá seu primeiro tratamento de quimioterapia. Terá que ficar três dias no hospital, e estou contente que St. Clair estará lá para isso. Ele disse que seu espírito está confiante, e ela disse que está indo bem, é o melhor que se pode esperar dada as circunstâncias, mas ele está impaciente por vê-la com seus próprios olhos.

Hoje é o primeiro dia de Hanukkah e, em sua honra, o colégio nos deu um descanso das tarefas, inscrições e provas.

Bem, em honra a Josh.

— O único judeu em toda *SOAP*, — ele diz, revirando seus olhos. Está compreensivelmente irritado, porque tontos como Steve Carver estavam batendo em seu braço e agradecendo-lhe no café da manhã.

Meus amigos e eu estamos em uma loja de departamento, tentando comprar enquanto temos uma tarde livre. A loja é bonita de uma maneira familiar. Vermelho brilhante e faixas douradas penduradas com coroas de flores. Guirlandas verdes e luzes brancas brilhantes estão cobrindo a escadaria e os balcões de perfume. E músicas americanas tocam pelos alto-falantes.

— Falando nisso — diz Mer a Josh. — Você deveria estar aqui?

— Ao pôr do sol, minha querida amiga católica, ao pôr do sol. Mas, na verdade, — olha para Rashmi. — temos que ir, se quisermos pegar o jantar no bairro de Marais a tempo. Estou ansiando por latkes como ninguém mais.

Ela olha o relógio de seu celular. — Tem razão. Melhor irmos rápido.

Dizem adeus, e logo somos somente nós três. Estou feliz de que Meredith ainda esteja aqui. Desde a Ação de Graças, as coisas entre St. Clair e eu só retrocederam. Ellie é sua namorada, e eu sou sua amiga-que-é-uma-garota, e acho que ele se sente culpado por passar desses limites. Sinto-me culpada por fomentá-lo.

Nenhum dos dois menciona nada sobre esse fim de semana, inclusive quando nos sentamos juntos para comer agora, esta coisa está entre nós. A facilidade de nossa amizade acabou.

Agradecidamente, ninguém percebe. Eu acho. Uma vez peguei Josh dizendo

algo para St. Clair e depois fazendo sinais para mim. Não sei o que ele disse, mas fez com que St. Clair sacudisse sua cabeça em sinal de que se calasse. Mas poderia ser sobre qualquer coisa.

Algo me chama a atenção. — Esse é... o tema dos Looney Tunes?

Mer e St. Clair inclinam seus ouvidos.

— Bom, sim. Acho que sim — diz St. Clair.

— Eu escutei Love Shack faz uns minutos — diz Mer.

— É oficial — digo. — A América finalmente arruinou a França.

— Assim já podemos ir? — St. Clair levanta uma pequena sacola. — Já terminei.

— Ooh, o que você comprou? — Pergunta Mer. Agarra a sacola e tira uma delicada e brilhante echarpe.

— É para Ellie?

— Merda.

Mer para. — Você não comprou nada para Ellie?

— Não, é para mamãe. Arrrgh — Ele passa uma mão por seu cabelo. — Você se importariam se passássemos por Sennelier antes que voltemos para casa? — Sennelier é uma pequena loja bonita de artigos de arte, do tipo que eu gostaria de ter uma desculpa para comprar as pinturas a óleo e pastéis. Mer e eu fomos com Rashmi no fim de semana passado. Ela comprou um novo bloco de desenho para Josh pelo Hanukkah.

— Uau. Parabéns, St. Clair — digo. — Ganhador do prêmio o Pior Namorado. E eu que pensei que Steve era ruim. Viram o que aconteceu em cálculo?

— Você se refere quando Amanda o pegou mandando mensagens sujas para Nicole? — pergunta Mer. — Pensei que ia apunhalá-lo no pescoço com seu lápis.

— Eu estive ocupado — diz St. Clair.

Olho para ele. — Só estava brincando.

— Bem, não tem que ser uma imbecil sobre isso.

— Não estava sendo uma *imbecil*. Nem sequer estava sendo uma *idiota* ou uma *estúpida*, ou qualquer de seus estúpidos insultos britânicos...—

— Pare de se preocupar — Ele agarra a sacola das mãos de Mer e franze o cenho para mim.

— Ei — diz Mer. — É Natal. Ho-ho-ho. Salas decoradas. Deixem de brigar.

— Não estávamos brigando — dizemos ao mesmo tempo.

Ela sacode sua cabeça. — Vamos, St. Clair tem razão. Vamos embora. Este lugar me dá arrepios.

— Eu acho bonito — digo. — Além disso, prefiro ver filmes do que coelhos mortos.

— Não outra vez — St. Clair diz. — Você é tão irritante quanto Rashmi.

Lutamos entre a multidão de Natal. — Posso ver por que está chateada! A

forma como eles ficam, como se tivessem morrido de hemorragia nasal. É horrível. Pobre Isis — Todas as lojas de Paris superaram a si mesmas com vitrines elaboradas, e a carnificina não é exceção. Passo pelos coelhos mortos toda vez que vou ao cinema.

— Se você não tiver notado — ele diz. — Isis está perfeitamente viva e bem no sexto andar.

Caminhamos através das portas de vidro para a rua. Compradores tropeçam em nós, e por um momento, parece como se eu estivesse visitando meu pai em Manhattan. No entanto, os postes, bancos e avenidas famosas aparecem e a ilusão desaparece. O céu está cinza. Parece como se estivesse prestes a nevar, mas não neva. Nós seguimos nosso caminho entre a multidão até o metrô. O ar está frio, mas não amargo, e tingido com fumaça das chaminés.

St. Clair continua discutindo sobre os coelhos. Sei que ele também não gosta da vitrine, mas por alguma razão, quer discutir. Mer está exasperada. — Vocês poderiam parar? Estão matando meu espírito de Natal.

— Falando de espíritos mortos — Olho deliberadamente para St. Clair antes de falar com Mer. — Eu ainda quero montar uma dessas rodas da fortuna que ficam ao longo do Champs-Élysées. Ou essa outra grande na Place de la Concorde, que tem as luzes bonitas.

St. Clair olha para mim.

— Eu pediria para você que viesse — eu digo. — Mas sei qual vai ser a sua resposta.

É como se eu tivesse lhe esbofetado. Oh, Deus. O que há de errado comigo?

— Anna — diz Mer.

— Desculpe — Olho para meus sapatos com horror. — Não sei porque disse isso.

Um homem com bochechas vermelhas em frente ao supermercado xinga ruidosamente. Está vendendo cestas cheias de ostras com gelo. Suas mãos devem estar congelando, mas mudaria de lugar com ele em um segundo. *Por favor, St. Clair. Por favor, diga algo.*

Ele dá de ombros, mas é forçado. — Está bem.

— Anna, você ouviu sobre Toph ultimamente? — Pergunta Mer, desesperada para mudar de assunto.

— Sim. Na verdade, enviou uma mensagem para mim ontem à noite — Para ser honesta, por um momento parei de pensar em Toph. Mas já que St. Clair está claramente e definitivamente sendo movido da foto outra vez, meus pensamentos voltaram para as férias de Natal. Não ouvi muito de Toph ou de Bridge, porque estão muito ocupados com a banda, e todos nós temos estado ocupados com os exames finais, assim foi surpreendente (e emocionante) receber a mensagem dele ontem.

— Então, o que dizia? — Pergunta Mer.

*“Perdão por não ter escrito. Tudo está uma loucura com a prática. Foi engraçado os pombos franceses sendo alimentados com sementes contraceptivas. Esses loucos parisienses. Deveriam colocar na pizza da escola aqui, já houve seis gravidezes esse ano. Bridge disse que você vai ver nosso show. Estou esperando por isso, Annabel Lee. Falamos logo. Toph.”*

— Não muito. Mas está esperando para me ver — Acrescento.

Mer sorri. — Você deve estar muito animada.

Nos assustamos com o som do vidro quebrando. St. Clair chutou uma garrafa no bueiro.

— Você está bem? — Pergunta Mer para ele.

Mas ele se vira para mim. — Você já teve oportunidade de ler o livro de poesia que comprei para você?

Estou surpresa, leva um momento para que eu possa responder. — Uh, não. Não temos que lê-lo até o próximo semestre, certo? — Olho para Mer para explicar-lhe. — Ele comprou para mim o livro de Neruda.

Ela vira sua cabeça para St. Clair, que afasta seu rosto para longe de seu olhar. — Sim, bom. Só estava me perguntando. Já que você não mencionou...—

Ele para de falar, desanimado.

Dou-lhe uma olhada divertida e me viro para Mer. Ela está chateada também, e temo que perdi alguma coisa. Não, sei que perdi alguma coisa. Eu balbucio para encobrir o silêncio peculiar. — Estou tão feliz em ir para casa. Meu voo sai às, tipo, seis da manhã deste sábado, então tenho que acordar muito cedo, mas valerá a pena. Devo chegar a tempo de ver os Penny Dreadfuls. Seu show será a noite — Acrescento.

A cabeça de St. Clair dispara. — Quando sai seu voo?

— Seis da manhã — repito.

— O meu também — diz. — Meu voo de conexão é através de Atlanta. Aposto que estamos no mesmo avião. Deveríamos partilhar um táxi.

Algo aponta em meu interior. Não sei se quero. Tudo é estranho com a briga e a não briga. Estou procurando por uma desculpa quando passamos por um homem sem-teto com uma barba suja. Está deitado na frente do metrô, uma caixa ao redor dele para esquentá-lo. St. Clair procura em seus bolsos e joga todos os seus euros no copo do homem. — *Joyeux Noel* — Se vira para mim. — O que diz? Um táxi?

Olho para o homem sem-teto antes de responder. Está maravilhado, atônito pela quantidade de dinheiro em suas mãos. A gelada capa de meu coração se racha.

— A que horas nos encontramos?

Uns punhos tocam a minha porta. Meus olhos se abrem, de repente, e meu primeiro pensamento coerente é: *-ai, -as, -a, -ames, -ates, -erent*. Por que estou sonhando com as terminações dos verbos no passado? Estou exausta. Tão cansada. Tão dolorida... O QUE QUE QUE? Outra rodada de rápidos golpes me acorda e procuro meu relógio. Quem está tocando minha porta às quatro da manhã? Espera. Quatro da manhã? Eu não deveria fazer algo...?

Oh, não. NÃO NÃO NÃO.

— Anna? Anna está aí? Eu esperei no vestibulo por quinze minutos — Um ruído de golpe e as maldições de St. Clair. — E vejo suas luzes apagadas. Brilhante. Poderia ter mencionado que iria sem mim.

Levanto-me com um salto da cama. Adormeci! Não posso acreditar que adormeci! Como isso aconteceu?

Os passos de St. Clair soam afastando-se, e sua mala se arrasta pesadamente por trás dele. Abro minha porta.

Apesar de estar mais fraca a esta hora da noite, as luzes de cristal no corredor me fazem abrir e fechar os olhos.

St. Clair se vira para me enfocar. Parece atônito. — Anna?

— Ajuda — Ofego. — Me ajuda.

Ele deixa cair sua mala e corre para mim. — Está bem? O que aconteceu?

Afasto-me dele e acendo a luz. O quarto está iluminado e bagunçado em sua totalidade. Minha mala com seu zíper aberto e as roupas empilhadas na parte superior como acrobatas. Artigos de higiene pessoal dispersos ao redor da pia. Lençóis enroscados na cama. E eu. Tardamente, recordo que não apenas meu cabelo está uma confusão e o rosto manchado de creme de grão, como também estou vestindo um pijama do Batman.

— Não pode ser — ele está jubiloso. — Você adormeceu? E eu te acordei?

Deixo-me cair no chão e começo a meter minha roupa na mala.

— Ainda não empacotou?

— Eu ia terminar isto amanhã! VOCÊ PODERIA ME AJUDAR? — Fecho o zíper. Fica preso pelo símbolo de uma camisa amarela, e grito em frustração.

Vamos perder nosso voo. Vamos perder, e é minha culpa. E quem sabe quando sai o próximo voo, e vamos ficar presos aqui todo o dia e nunca chegarei a tempo para o show de Bridge e Toph. E a mãe de St. Clair chorará quando tiver que ir ao hospital sem ele para sua primeira rodada de radioterapia, porque ele estará preso no aeroporto do outro lado do mundo, e TUDO. É. MINHA. CULPA.

— Está bem, está bem — Ele puxa o zíper e separa de minhas calças de pijama. Faz um som estranho entre um gemido e um grito. A mala finalmente se fecha, e St. Clair descansa seus braços sobre meus ombros para estabilizá-los. — Vista-se. Limpe seu rosto. Eu me encarrego do resto.

Sim, uma coisa de cada vez. Posso fazer isto. Posso fazer isto.

ARRRGH!

Ele empacota minhas roupas. *Não pense nele tocando suas roupas íntimas. NÃO pense nele tocando suas roupas íntimas.* Agarro minha roupa de viagem (já acomodada na noite anterior) e congelo. — Humm.

St. Clair olha para cima e me vê segurando minhas calças. Ele pigarreia. — Eu vou, vou sair...

— Vire-se. Só vire-se porque não há tempo!

Ele vira-se rapidamente, e seus ombros se colocam sobre minha mala para provar por sua postura que dificilmente poderia olhar. — Assim que, o que aconteceu?

— Não sei — Olho outra vez para me assegurar de que ele continua no estado de não-olhar, e depois tiro minha roupa. Estou oficialmente e completamente nua em meu quarto com o garoto mais bonito que conheço. Engraçado, mas isto não foi como imaginei.

Não. Não é engraçado. Cem por cento exatamente o oposto de engraçado.

— Acho que talvez, lembro de ter apertado o botão do alarme — Murmuro para cobrir minha mortificação. — Só que acho que foi o botão de desligar. Mas também tinha o alarme do celular, assim não sei o que aconteceu.

Roupa íntima, posta.

— Você aumentou o volume outra vez ontem à noite?

— O que? — Salto em minhas calças, um som que ele parece determinado a ignorar. Suas orelhas estão da cor vermelho maçã.

— Você foi ver um filme, verdade? Não coloca seu celular no silencioso no cinema?.

Tem razão. Sou tão estúpida. Se não tivesse ido com Meredith ver *A Hard Day's Night*, um filme dos Beatles que sei que ela ama, provavelmente não teria colocado meu celular no silencioso. Estaríamos em um táxi indo para o aeroporto neste momento. — O táxi! — Coloco o suéter sobre minha cabeça e olho para cima para me encontrar parada refletida em um espelho.

Um espelho em frente de St. Clair.

— Está tudo bem — diz — Disse ao motorista que esperasse enquanto subia aqui. Só vamos ter que pagar um pouco mais — Sua cabeça ainda estava abaixada. Não acho que viu nada. Pigarreio, e ele olha para cima. Nossos olhos se encontram no espelho, e ele salta.

— Deus! Eu não... Quer dizer, não até este momento!

— Ótimo. Sim, bem — Tento olhar para o outro lado, e ele faz o mesmo. Suas bochechas estão vermelhas. Vou em direção a pia e limpo a camada branca de meu rosto enquanto ele lança minha escova de dentes, desodorante e maquiagem em minha mala, e logo corremos enquanto descemos as escadas e estamos no vestibulo.



Graças a Deus, o motorista estava esperando, fumaça de cigarro saindo da sua boca e uma expressão incômoda em seu rosto. Nos diz coisas com indignação em francês, e St. Clair diz algo rapidamente em resposta, e logo estamos voando através das ruas de Paris, zunindo por luzes vermelhas e lançando-nos entre os carros. Agarro o assento com terror e fecho meus olhos.

O táxi para e nós também. — Chegamos. Você está bem? — Pergunta St. Clair.

— Sim, bem — Minto.

Paga o motorista, que se afasta sem contar o dinheiro. Tento dar algum dinheiro para St. Clair, mas ele sacode a cabeça e diz que a viagem é por sua conta. Pela primeira vez, estou tão assustada que não discuto. Não até que nós corremos para o terminal correto, depois de verificado nossas malas, passado pela segurança e localizado nossa porta que St. Clair diz. — Então, Batman, hein?

Engraçado St. Clair.

Cruzo meus braços e afundo nos assentos de plástico. Não tenho humor para isso. Ele assume a cadeira ao meu lado e coloca o braço relaxado no encosto da cadeira de seu outro lado. O homem a nossa frente está concentrado em seu laptop, e eu pretendo estar concentrada em seu laptop também. Bem, a parte de trás deste.

St. Clair cantarola baixinho. Quando não respondo, diz silenciosamente. — Sirene, Batman cheira, Robin voa longe... (*Jingle bells, Batman smells, Robin flew away...*)...

— Sim, bem, entendi. Há há. Eu sou uma estúpida.

— O quê? Só é uma canção de Natal — Ele sorri e continua mais forte. — O batmóvel perdeu uma roda na auto-estrada M1, Ei! (*Batmobile lost a wheel, on the M1 motorway*), *¡Hey!* ...

— Espera — Franzo o cenho. — O quê?

— O quê?

— Você está cantando errado.

— Não, não estou cantando errado — Ele para. — Como é que se canta?

Toco meu casaco, procurando meu passaporte. Ufa. Ainda está aí. — É. Sirene, Batman cheira, Robin pôs um ovo... (*Jingle bells, Batman smells, Robin laid an egg...*).

St. Clair bufa. — Pôs um ovo? Robin não pôs um ovo...

— O batmóvel perdeu uma roda, e o Coringa fugiu... (*Batmobile lost a wheel, and the Joker got away...*).

Ele me olha por um momento, e depois diz com perfeita convicção. — Não.

— Sim. Quero dizer, seriamente, o que é essa coisa de auto-estrada?

— Auto-estrada M1. Conecta Londres a Leeds.

Eu sorrio. — Batman é americano. Ele não pega a auto-estrada M1.

— Quando é a temporada de férias ele a pega.

— Quem disse que Batman tem tempo para férias?

— Por que estamos discutindo sobre Batman? — Ele se inclina para frente. — Nós estamos saindo da verdadeira questão. O fato de que você, Anna Oliphant, ficou dormindo.

— Obrigada.

— Você — Ele empurra minha perna com seu dedo. — Ficou dormindo.

Concentro-me no homem com o laptop outra vez. — Sim. Já mencionou isso.

Ele mostra um sorriso torto e dá de ombros, esse movimento de corpo inteiro que o converte de um inglês para francês. — Ei, conseguimos, não? Não tivemos problemas.

Tiro um livro de minha mochila, *Your Movie Sucks* uma coleção de Robert Ebert de suas resenhas favoritas de filmes ruins. Um sinal para que ele me deixe em paz. St. Clair entende a indireta. Ele se deixa cair e bate seu pé no tapete azul feio.

Sinto-me culpada por ser tão dura. Se não fosse por ele, teria perdido meu voo. Os dedos de St. Clair batem distraidamente em seu estômago como se fosse um tambor. Seu cabelo escuro está mais bagunçado do que o normal. Estou certa de que não se levantou muito mais cedo do que eu, mas, como sempre, o estilo mais despenteado é muito atraente nele. Com uma pontada dolorosa, recordo as nossas outras manhãs juntos. Ação de Graças. Do que ainda não tínhamos conversado.

Uma mulher entediada chama para que nossa fila ande, primeiro em francês e depois em inglês. Decido me comportar e guardo o livro. — Onde vamos nos sentar?

Ele inspeciona seu cartão de embarque. — Quarenta e cinco G. Ainda tem seu passaporte?

Sinto meu casaco outra vez. — Tenho.

— Bem — E logo sua mão está dentro do meu bolso. Meu coração acelera, mas ele não percebe. Tira meu passaporte e o abre.

ESPERA. POR QUE ESTÁ COM MEU PASSAPORTE?

Suas sobrancelhas se elevam. Tento agarrá-lo, mas ele mantém fora do meu alcance. — Por que seus olhos estão cruzados? — Ele ri. — Você fez algum tipo de cirurgia ocular da qual não sei?

— Devolve! — Outra tentativa de pegar e outro fracasso. Mudo de tática e ao invés disso ataco seu casaco. Tiro seu passaporte.

— NÃO!

Abro e ele... é o bebê St. Clair. — Amigo. Quão velha é essa foto?

Ele me lança meu passaporte e pega o seu. — Foi na escola fundamental.

Antes que possa responder, nossa seção é anunciada. Mantemos nossos passaportes e entramos na fila. A entediada assistente de voo desliza seu bilhete através da máquina que o rompe, e ele entra. Dou o meu. — Este embarque é

para passageiros do quarenta ao cinquenta. Por favor, sente-se até que chame sua fila — Devolve-me o bilhete, e suas unhas pintadas fazem um clique contra o papel.

— O que? Eu estou na quarenta e cinco...

Mas não estou. Lá, impresso em tinta preta, está minha fila. Vinte e três. Esqueceu que não nos sentaríamos juntos, o que é bobagem, por que não é como se houvéssemos feito nossas reservas juntos. É uma coincidência que estejamos no mesmo voo. St. Clair espera por mim na passarela. Dou de ombros sem poder fazer nada e seguro o cartão de embarque. — Fila vinte e três.

Sua expressão é surpresa. Ele também se esqueceu.

Alguém resmunga em francês. Um homem de negócios com o cabelo preto impecável está tentando dar seu bilhete para a aeromoça. Murmuro minhas desculpas e me afasto. Os ombros de St. Clair afundam. Despede-se e desaparece no canto.

Por que não podemos sentar juntos? Qual é o ponto da reserva de lugares, de qualquer forma? A mulher entediada chama minha seção, e penso em coisas **horríveis** sobre ela enquanto desliza meu bilhete através de sua máquina. Pelo **menos**, tenho um assento na janela. O centro e o corredor estão ocupados por mais homens de negócios. Estou procurando meu livro outra vez (vai ser um longo voo) quando um educado sotaque inglês fala com o homem ao meu lado.

— Perdoe-me, mas eu me perguntava se nós não poderíamos mudar de assentos. Veja, essa é minha namorada, e ela está grávida. E já que ela fica um pouco enjoada em aviões, pensei que talvez precise de alguém que segure seu cabelo enquanto... Bem... — St. Clair segura o saco de vômito e o agita. O papel se amassa de forma dramática.

O homem salta do assento enquanto meu rosto fica em chamas. *Sua namorada grávida?*

— Obrigada. Estava na quarenta e cinco G — Ele se desliza no assento vago e espera que o homem desapareça antes de falar outra vez. O garoto do outro lado nos olha com horror, mas St. Clair não se importa. — Eles me colocaram ao lado desse horrível casal com camisas havaianas combinando. E não há nenhuma razão para sofrer este voo sozinho quando podemos sofrer juntos.

— Isso é lisonjeiro, obrigada — Mas rio, e ele parece satisfeito, até a partida, quando agarra o braço da poltrona e fica com uma cor inquietantemente similar a uma torta de limão. Distraí-o com uma história da vez que quebrei meu braço atuando como Peter Pan. Acaba que voar precisa mais do que apenas pensamentos felizes e pular pela janela. St. Clair relaxa, uma vez que estamos acima das nuvens.

O tempo passa rapidamente para um voo de oito horas.

Não falamos sobre o que nos espera do outro lado do oceano. Não sobre sua mãe. Não sobre Toph.

Em vez disso, vemos o SkyMall. Jogamos o jogo de se-tivéssemos-que-comprar-uma-coisa-de-cada-página. Ele ri quando eu escolho a torradeira de cachorro quente, e zombo dele sobre o espelho embaçado no chuveiro e o maior quebra-cabeça do mundo.

— Pelo menos, são práticos — diz.

— O que vou fazer com um quebra-cabeça gigante? Oh, sinto muito, Anna. Não posso ir ao cinema esta noite. Estou trabalhando no Canto do Pássaro da Noruega.

— Pelo menos, não estou escolhendo uma grande rocha de plástico para esconder mensagens feias que possam ser úteis. Você percebe que não tem grama?

— Posso esconder outras coisas. Como... provas reprovadas de francês. Ou um equipamento ilegal brilhante — Ele se dobra com essa maravilhosa risada masculina, e eu sorrio. — Mas o que você vai fazer com um flutuador para piscina?

— Usá-lo na banheiro — Ele seca uma lágrima de sua bochecha. — Ooh, olha! Uma estátua para o jardim do Monte Rushmore. Justo o que precisava, Anna. E só quarenta dólares! Uma pechincha!

Ficamos perplexos com a página de acessórios para golfe, assim começamos a desenhar fotos grosseiras das outras pessoas no avião, seguido por fotos grosseiras do garoto Euro Disney. Seus olhos brilham enquanto desenha o homem caindo da escada em espiral do Panteão.

Há muito sangue. E orelhas do Mickey Mouse.

Depois de algumas horas, ele dorme. Sua cabeça afunda no meu ombro. Não me atrevo a mexer-me. O sol está saindo, e o céu está da cor rosada e laranja, e me faz pensar em um sorvete. Cheiro seu cabelo. Nada estranho. Simplesmente está... aí.

Ele devia ter levantado mais cedo do que eu pensei, por que cheira a banho. Limpo. Saudável. Hmmm, eu durmo um sono pacífico, e a próxima coisa que sei, é a voz do capitão crepitando através do avião. Chegamos.

Estou em casa.

u estou nervosa. É como se a banda animatrônica de Chuck E. Cheese estivesse comemorando no meu estomago. Eu sempre odiei Chuck E. Cheese. Por que estou pensando em Chuck E. Cheese? Eu não sei por que estou nervosa. Eu só estarei vendo minha mãe de novo. E Seany. E Bridge! Bridge disse que ela viria. O vôo de St. Clair para São Francisco não sairá em três horas, então nós pegamos um dos trens que andam entre os terminais, e ele anda comigo até a área de desembarque. Estamos quietos desde que saímos do avião. Eu acho que ambos estamos cansados. Nós chegamos ao posto de segurança, e não podemos ir mais longe do que isso. Estúpidas normas do TSA. Eu gostaria de poder apresentá-lo a minha família. A banda Chuck E. Cheese chuta mais forte, o que é estranho, porque eu não estou nervosa sobre deixar *ele*. Eu o verei em duas semanas.

— Tudo bem, Banana. Suponho que isso é um adeus. — Ele agarra as alças de sua mochila, e eu faço o mesmo. Este é o momento em que é suposto nos abraçarmos. Por alguma razão, eu não posso fazê-lo.

— Dê a sua mãe oi por mim. Quero dizer, eu sei que eu não a conheço. Ela parece ser muito legal. E eu espero que ela esteja bem.

Ele sorri suavemente. — Obrigado. Eu direi a ela.

— Liga para mim?

— É, tanto faz. Você estará tão ocupada com Bridge e qualquer-seja-o-nome-dele que você irá esquecer tudo sobre o seu companheiro Inglês, St. Clair.

— Ha! Então você é Inglês agora — Eu lhe soco no estômago.

Ele agarra minha mão e nós lutamos, rindo. — Eu... não... reivindico... nacionalidade.

Eu me solto. — Seja como for eu acabo totalmente com você. Ow! — Um homem de cabelos grisalhos usando óculos de sol colide sua mala vermelha xadrez em minhas pernas.

— Ei, você! Peça desculpas! — St. Clair diz, mas o cara já está longe demais para ouvir. Eu esfrego minhas canelas. — Está tudo bem, nós estamos no meio do caminho. Eu devo ir.

Hora do abraço novamente. Por que não conseguimos fazer isso? Finalmente eu dou um passo à frente e coloco meus braços em torno dele. Ele está rígido e isso é estranho, especialmente com nossas mochilas no meio do caminho. Eu cheiro o cabelo dele novamente. Oh céus. Nos separamos. — Se divirta a noite no show — ele diz.

— Eu vou. Tenha um bom vôo.

— Obrigado — Ele morde sua unha, e então eu estou passando pela segurança e descendo a escada rolante. Eu olho para traz uma ultima vez. St. Clair está saltando para cima e para baixo, acenando para mim. Eu caio na gargalhada, e seu rosto se ilumina. A escada rolante desce mais. Ele sai de vista.

Eu engulo em seco e me viro. E então — Lá estão eles. Mamãe tem um sorriso gigantesco e Seany esta pulando e acenando, como St. Clair.

— Pela última vez, Bridgette disse que ela sente muito. — Mamãe paga a mulher mal-humorada do pedágio do estacionamento do aeroporto. — Ela teve que praticar para o show.

— Certo. Porque não é como se nós não nos víssemos nos últimos quatro meses.

— Bridge é uma ESTRELA DO ROCK — Seany diz do banco traseiro. Sua voz é cheia de adoração.

Uh-oh. Alguém tem uma quedinha. — Ah, é?

— Ela diz que a banda dela estará num programa da MTV algum dia, mas não qualquer um, só os mais legais que você só pode ver com um pacote a cabo especial.

Eu me viro. Meu irmão parece estranhamente presunçoso. — E como você sabe sobre pacotes a cabo especial?

Seany balança as pernas. Um de seus joelhos sardento está coberto com Band-Aids de *Star Wars*. Como, sete ou oito deles. — Duh, Bridge me disse.

— Ah. Eu vejo.

— Ela também me disse sobre o louva-deus mantises. Como a mantis menina come a cabeça do mantis menino. E ela me contou sobre o Jack Estripador e a NASA, ela me ensinou como fazer macarrão com queijo. Do tipo bom, com o pacote de queijo ralado.

— Mais alguma coisa?

— *Muitas* outras coisas. — Há algo por traz disso. Uma ameaça.

— Ah. Hey, eu tenho algo para você. — Eu abro minha mochila e tiro dela uma caixa plástica. É o personagem *Sand* original da *Star Wars*. A compra dele pelo *Ebay* comeu todo meu fundo para refeição de uma semana, mas valeu a pena. Ele realmente queria isso. Eu estava guardando para mais tarde, mas ele claramente precisa de persuasão para voltar para o meu lado. Eu ergo a estatueta empacotada para a pequena figura irritada no banco de trás.

— Feliz Natal adiantado.

Seany cruza os braços. — Eu já tenho um desse. Bridge deu para mim.

— Sean. O que eu lhe disse sobre agradecer as pessoas? Diga obrigado a sua irmã. Ela deve ter passado por um monte de problemas para conseguir isso para você.

— Está tudo bem — Eu murmuro, colocando o brinquedo de volta na minha bolsa. É incrível o quão mau um pivete de sete anos pode fazer eu me sentir.

— Ele só sentiu sua falta, isso é tudo. Ele falou sobre você sem parar. Ele só não sabe como expressar isso agora que você esta aqui. Sean! Pare de chutar o banco! O que eu disse sobre chutar a minha cadeira quando estou dirigindo?

Seany fica carrancudo. — Podemos ir ao McDonald's?

Mamãe olha para mim. — Você esta com fome? Será que eles te alimentaram no avião?

— Eu poderia comer.

Nós saímos da interestadual e entramos no *drive-thru*. Eles ainda não estão servindo o almoço, a Seany finge um desmaio. Nós decidimos pegar batatas fritas. Mamãe e Seany pegam cocas, e eu café.

— Você bebe café agora? — Mamãe olha para mim, surpresa.

Dou de ombros. — Todo mundo bebe café na escola.

— Bem, eu espero que você ainda esteja bebendo leite, também.

— Como Sean bebendo leite agora?

Mamãe range seus dentes. — É uma ocasião especial. A irmã mais velha dele esta em casa para o natal. — Ela aponta para a bandeira Canadense na minha mochila. — O que é isso?

— Meu amigo St. Clair comprou para mim. Então eu não me sentiria fora de lugar.

Ela levanta suas sobrancelhas e volta para a estrada. — Existem muitos Canadenses em Paris?

Meu rosto aquece. — Eu me senti, você sabe, idiota por um tempo. Como um daqueles turistas americanos idiotas com tênis brancos e câmeras penduradas em torno de seus pescoços? Então ele comprou para mim, então eu não me sentiria... envergonhada. Americana.

— Ser americana não é nada para se envergonhar — ela protesta.

— Deus, mamãe, eu sei. Eu só quis... esqueça isso.

— Esse é o menino Inglês com o pai Francês?

— O que isso tem a ver? — Eu estou com raiva. Eu não gosto que ela esteja implicando. — Além disso, ele é americano. Ele nasceu aqui. Sua mãe mora em São Francisco. Sentamos lado a lado no avião.

Paramos em um sinal vermelho. Mamãe olha para mim. — Você gosta dele.

— OH DEUS, MÃE...—

— Você gosta. Você gosta desse garoto.

— Ele é apenas um amigo. Ele tem namorada.

— ANNA TEM UM NAMORADOO!

— Eu não tenho!

— ANNA TEM UM NAMORADOOO!

Eu tomo um gole do meu café e me engasgo. Isso é nojento. É lodo. Não, isso é pior do que lodo — pelo menos o lodo é orgânico. Seany ainda está me provocando. Mamãe gira ao redor e pega uma das pernas, que estão chutando sua cadeira novamente. Ela me vê fazendo uma careta para a minha bebida.

— Meu Deus. Um semestre na França, e de repente estamos com a Miss Sofisticada. Seu pai ficará emocionado.

Como se fosse minha escolha! Como se eu tivesse pedido para ir para Paris!

E como ela *ousa* mencionar papai.

— ANNNN-A TEM UM NAAAMMOORADOOOOOOOO!

Nós entramos novamente na interestadual. É a hora de mais movimento, e o trânsito de Atlanta parou de se mover. O carro atrás de nós balança com os golpes do baixo. Os carros à nossa frente jogam uma nuvem de fumaça do escape direto no nosso ar. Duas semanas. Só mais duas semanas.



Sofia esta morta. Porque mamãe só saiu com ela três vezes desde que eu me fui, agora ela esta presa numa oficina mecânica na avenida Ponce de Leon. Meu carro pode ser um pedaço de sucata de metal vermelho, mas ela é o meu pedaço de sucata de metal vermelho. Eu paguei com meu próprio dinheiro, ganho com cheiro de pipoca em meu cabelo e manteiga artificial em meus braços. Nomeei-a por causa da minha direta favorita, Sofia Coppola. Sofia cria esses filmes atmosféricos e impressionistas com este estilo tranquilo, mas *impecável*. Ela também é uma das duas únicas mulheres americanas nomeada para o Oscar de Melhor Diretor, por *Lost in Tranlation*.

Ela deveria ter ganhado.

— Por que você não pega carona com seus amigos? — Mamãe pergunta quando eu reclamo sobre dirigir a mini van dela para o show da Penny Dreadfuls.

— Porque Bridge e Toph já estarão lá. Eles têm que se preparar. — O Capitão Jack faz *weeek weeek weeeks* por sua ração de porquinho da índia, então eu coloco um pedaço de laranja em sua gaiola e coço a penugem atrás de suas orelhas.

— Não é possível Matt levar você?

Eu não falei com ele nos últimos meses. Eu acho que ele estará indo, mas ugh, isso significa que *Cherrie Milliken* também irá. Não obrigado. — Eu não vou ligar para Matt.

— Bem, Anna. É o Matt ou a minivan. Eu não estou fazendo a escolha para você.

Eu escolho o meu ex. Nós costumávamos ser bons amigos, então eu estou um pouco ansiosa para vê-lo novamente. E talvez Cherrie não esteja tão ruim quanto eu me lembro. Exceto que ela está. Ela está totalmente. Após apenas 5 minutos na companhia dela, eu não consigo entender como Bridge fica sentada com ela na hora do almoço todos os dias. Ela se vira para olhar para mim no banco de trás, e seu cabelo se agita com sua recente hidratação, como em um comercial de shampoo. — Então. Como são os caras em Paris?

Eu dou de ombros. — Parisienses.

— Ha ha. Você é engraçada.

Sua risada sem vida é um dos seus menores atributos. O que Matt vê nela?

— Ninguém em especial? — Matt sorri e me olha pelo espelho retrovisor. Eu não sei por que, mas eu esqueci que ele tem olhos castanhos. Porque eles fazem com que umas pessoas fiquem *surpreendentes* e outras completamente medíocres? É a mesma coisa com o cabelo castanho. Estatisticamente falando, St. Clair e Matt são bastante semelhantes. Olhos: Castanhos. Cabelos: Castanhos.

Raça: Caucasiana. Há uma diferença significativa na altura, mas ainda assim. É como comparar uma trufa gournet com um Mr. Goodbar.

Eu penso sobre a trufa gournier. E sua namorada. — Não exatamente.

Cherrie puxa Matt em uma história sobre algo que aconteceu no coro, uma conversa que ela sabe que eu não posso participar. Mr. Goodbar enche-me sobre os detalhes de quem-é-quem, mas minha mente voa longe. Bridgette e Toph. Irá Bridge ter a mesma aparência? Toph e eu pularemos de onde nós paramos? Essa realidade me bateu agora. Eu estou prestes a ver Toph. A última vez que estivemos juntos *nos beijamos*. Eu não posso ajudar, mas fantasio sobre o nosso reencontro. Toph olhando-me no meio da multidão, sendo incapaz de tirar seus olhos de mim, dedicando músicas para mim. Encontrá-lo nos bastidores. Beijá-lo em cantos escuros. Eu posso estar à beira de passar as *férias de inverno inteiras* com Toph. No momento em que nós chegamos ao clube, meu estômago está em nós, mas em uma maneira tão boa. Exceto quando Matt abre minha porta, eu percebo que não estamos em um clube. Mais como... uma pista de boliche. — Esse é o lugar certo?

Cherrie acena. — Todas as bandas menores de idade tocam aqui.

— Ah. — Bridge não tinha mencionado que ela estava tocando em uma pista de boliche. Mas tudo bem, ainda assim é um grande negócio. E eu tinha esquecido sobre a coisa toda de menores de idade. O que é bobagem, porque não é como se eu vivesse tanto tempo na França. Lá dentro, somos informados que temos de comprar uma pista a fim de permanecer no show. Isso também significa que temos de alugar sapatos de boliche. Hum, não. Não há forma de eu usar esses sapatos. Centenas de pessoas usam essas coisas e, o que? Supõe-se que uma borrifada de Lysol matará todos os germes desagradáveis e fedidos do pé? Eu não acho isso.

— Tudo bem — Eu digo quando o homem os deixa sobre o balcão. — Você pode ficar com eles.

— Senhorita. Você não está autorizada a jogar sem os sapatos.

— Eu não estou jogando.

— Senhorita. Pegue os sapatos. Você está indo para a pista.

Matt os pega. — Desculpe. — Ele sacode a cabeça. — Eu esqueci como você é com coisas como esta. — E então ele gira para Cherrie, então ele agarra os calçados dela, também. Ele os esconde sob algumas cadeiras de plástico laranja, e nós passamos ao longo do palco, que está contra a parede oposta. Uma pequena multidão está reunida. Bridge e Toph não estão em nenhum lugar por perto, e eu não reconheço ninguém.

— Eu acho que eles serão os primeiros — Matt diz.

—Você quer dizer que eles farão a abertura em uma pista de boliche para menores de idade? — Eu pergunto.

Ele olha para mim com olhos entrecerrados, e eu sinto que perdi dois pés de altura. Porque ele está certo. Isso ainda é impressionante! É o primeiro show deles! Mas o sentimento de queda volta quando nós passeamos ao redor. Camisas

esticadas sobre monstruosas barrigas de cerveja. Jaquetas felpudas da NFL e papadas gordas. Concedido, eu estou em uma pista de boliche, mas a diferença entre os Americanos e os Parisienses é chocante. Eu tenho vergonha de ver o meu país pela forma que os Franceses devem nos ver. Não foi possível para essas pessoas pelo menos escovar o cabelo antes de sair de suas casas?

— Eu preciso de uma corda de alcaçuz — Cherrie anuncia. Ela marcha em direção ao carrinho de lanches, e tudo o que eu posso pensar é *essas pessoas são o seu futuro*. O pensamento me faz um pouco mais alegre.

Quando ela volta, eu a informo que apenas uma mordida de seu lanche corante vermelho #40 poderia matar o meu irmão. — Deus, isso é doentio. — Ela diz. O que me faz pensar em St. Clair novamente. Porque quando eu lhe disse a mesma coisa três meses atrás, em vez de me acusar de morbidade, ele me perguntou com curiosidade genuína — Por quê?

O que é uma coisa educada a se fazer quando alguém lhe oferece um pedaço de conversa tão interessante. Eu me pergunto se St. Clair já viu sua mãe. Hmm, ele está na Califórnia a duas horas. Seu pai ia buscá-lo e levá-lo direto para o hospital. Ele provavelmente está com ela agora. Eu deveria enviar-lhe uma mensagem, alguns desejos de melhora. Pego o celular assim que uma pequena multidão irrompe em aplausos.

Eu esqueço a mensagem.

A Penny Dreadfuls aparece, pulsando com entusiasmo e energia, da... sala dos funcionários. Ok Então isso não é tão glamoroso como emergindo dos bastidores, mas eles estão ÓTIMOS. Bem, dois deles estão. O baixista é o mesmo de sempre. Reggie só vem ao trabalho pedir ingressos grátis a Toph para os últimos filmes dos livros da Comics. Ele tem essa longa franja que se inclina sobre metade de seu rosto e cobre seus olhos, e eu nunca posso dizer o que ele pensa sobre nada. Eu fico como, — Como foi o novo Homem de Ferro? — E ele diz, — Legal. — Em uma voz entediada. E porque os olhos dele estavam escondidos, eu não sabia se ele queria dizer um muito legal, ou mais ou menos legal, ou um ruim legal. Isso era irritante.

Mas Bridgette está radiante. Ela está vestindo um top que mostra seus braços tonificados, e seu cabelo loiro está como o da Princesa Leia com pauzinhos através dele. Eu me pergunto se isso foi ideia do Seany. Ela me encontra imediatamente, e seu rosto se ilumina como uma árvore de natal. Eu olho como ela levanta as baquetas acima de sua cabeça, conta fora do som, e então ela está voando. Reggie toca uma linha de baixo correspondendo e Toph — Eu o deixei por último, porque eu sei que uma vez que meus olhos pararem sobre ele, eles não estarão se movendo.

Porque Toph. Ainda é. Totalmente. Quente.

Ele esta tocando sua guitarra como se ele quisesse usá-la para golpear alguém, e ele tem esse grito punk rock furioso, e sua testa e costelas já estão

brilhando de suor. As calçar apertadas de um xadrez azul brilhante, algo que eu sei que mais NINGUÉM que eu conheço poderia usar, e isso me fez lembrar sua boca de framboesa azul, e é tão extremamente sexy que eu poderia morrer.

E então... ele me vê.

Toph levanta as sobrancelhas e sorri, um sorriso preguiçoso que faz meu interior explodir. Matt e Cherrie e eu saltamos ao redor, e é tão divertido que eu não me importo nem mesmo que estou dançando com Cherrie Milliken.

— Bridge é fantástica! — Ela diz.

— Eu sei! — Meu coração explode de orgulho. Porque ela é minha melhor amiga, e eu sempre soube o quão talentosa ela é. Agora todo mundo sabe também. E eu não sei o que eu estava esperando — talvez que a franja de Reggie ficasse no caminho enquanto ele tocava — mas ele também está muito bom. Sua mão passando sobre o baixo, empurrando as linhas em um frenesi. A única minúscula fraqueza em toda a coisa é... Toph. Não me interpretem mal. Sua letra anti-sistema e eu-sou-um-perdedor é perfeita. Cativante. Há tanta fúria e paixão que mesmo o cara dos sapatos lá atrás está balançando a cabeça. E, é claro, a aparência de Toph é assombrosa.

É sua atual forma de tocar guitarra que é fraca. Mas não é como se eu soubesse muito sobre guitarras. Eu tenho certeza que é um instrumento difícil, e ele vai ficar totalmente melhor com mais prática. É difícil dominar algo se você está sempre preso atrás de um balcão de lanche. E ele toca alto, e isso nos anima. Eu esqueço que estou em uma pista de boliche, e eu esqueço que estou pulando junto com meu ex-namorado e sua atual namorada, e isso termina rápido demais.

— Nós somos os Penny Dreadfuls, obrigado por virem nos ver. Meu nome é Toph, o que está no baixo é Reggie, e a gata lá atrás é Bridge.

Eu grito e berro.

Ela sorri para Toph. Ele olha para trás arqueia suas sobrancelhas volta-se para a multidão, nos dá uma mirada maliciosa e diz. — E, ahh sim, Não transe com ela, porque eu já estou. CHUPE ISSO, ATLANTA. BOA NOITE!

Espere. O quê?

Desculpe, o que ele acabou de falar?

Toph chuta o pedestal do microfone, grande idiota, e três deles saltam para fora do palco. É um pouco menos dramático quando eles têm que voltar para desmontar as suas coisas antes que a próxima banda venha. Tento chamar atenção da Bridge, mas ela não vai olhar para mim. Seu olhar está fixo no seu instrumento de pratos. Toph toma um gole de água, me dá um aceno, então agarra o seu amplificador e vai para o estacionamento.

— Wow! Eles foram ótimos! — Cherrie fala.

Matt bate nas minhas costas. — O que você pensava? Ela tocou algumas de suas músicas para mim algumas semanas atrás, então eu sabia que ia ser incrível.

Estou sentindo as lágrimas. — Humm. O que ele disse?

— Ele disse que ela tocou algumas músicas para a gente algumas semanas atrás — Cherrie fala, bem perto da minha face.

Eu me afasto. — Não. O que Toph acabou de dizer? Antes da parte de Atlanta.

— O que, “Não transe com a minha namorada”? — Cherrie pergunta.

Eu não posso respirar. Estou tendo um ataque cardíaco.

— Você está bem? — Matt pergunta.

Porque Bridge não olha para mim? Eu tropeço para frente, mas Matt me segura. — Anna. Você sabia que ela e Toph estavam namorando, certo?

— Eu tenho que falar com a Bridge. — Minha garganta está fechando. — Eu não entendo...

Matt pragueja. — Eu não posso acreditar que ela não te disse.

— Faz. faz quanto tempo?

— Desde o Dia de Ação de Graças — ele fala.

— Dia de Ação de Graças? Mas ela não disse... ela nunca disse...

Cherrie está alegre. — Você não sabia?

— NÃO, EU NÃO SABIA.

— Vamos, Anna. — Matt tenta me levar embora, mas eu empurro-o para o lado e salto ao palco. Eu abro a minha boca, mas as palavras não saem.

Bridge finalmente olha para mim. — Sinto muito. — Ela sussura.

— Você sente muito? Você tem namorado o Toph desde mês passado, e você *sente muito*?

— Aconteceu de repente. Eu pretendia te contar, eu queria te contar...

— Mas você perdeu o controle sobre sua boca? Porque é fácil, Bridge. Falar é fácil. Olhe para mim! Eu estou falando...

— Você sabe que não foi tão fácil! Eu não queria que isso acontecesse, apenas aconteceu...

— Oh, você não queria arruinar a minha vida? Apenas aconteceu!

Bridge fica em pé atrás dos seus tambores. É impossível, mas ela está mais alta do que eu agora. — O que quer dizer com destruir a sua vida?

— Não se faça de idiota, você sabe exatamente o que eu quero dizer. Como você pôde fazer isso comigo?

— Fazer o quê? Não é como se vocês estivessem namorando!

Eu grito de frustração. — Nós certamente não vamos estar agora!

Ela zomba. — É meio difícil namorar com alguém que não está interessado em você.

— MENTIROSA!

— O que, você se livra de nós para ir para Paris e espera que nós coloquemos nossas vidas em espera por você?

Meu queixo cai. — Eu não me livre de vocês. Eles me mandaram embora.

— Ah, claro. Para Paris. Enquanto isso, eu estou presa aqui em Merdatlanta, Geórgia, na mesma escola de merda, fazendo a mesma merda de emprego de babá...—

— Se ficar de babá com o meu irmão é tão ruim, porque você faz isso?

— Eu não quis dizer...

— Porque você queria virar o meu irmão contra mim, também? Bem. Parabéns, Bridge. Funcionou. Meu irmão ama você e me odeia. Então você está convidada para se mudar para a minha casa quando eu sair de novo, porque é isso que você quer, certo? Minha vida?

Ela se agita de raiva. — Vá para o inferno.

— Leve a minha vida. Você pode tê-la. Apenas fique esperta para a parte onde MINHA MELHOR AMIGA ME DÁ UMA FACADA PELAS COSTAS! — Eu bato em um instrumento de pratos, e as placas de bronze caem no palco com um barulho ensurdecido que repercute através do boliche. Matt chama meu nome. Ele tem me chamado esse tempo todo? Ele pega o meu braço e me leva em torno dos plugues e cabos elétricos do chão e longe, longe. Longe.

Todo mundo na pista de boliche está olhando para mim.

Eu inclino a minha cabeça para o meu cabelo cobrir o meu rosto. Eu estou chorando. Isso nunca teria acontecido se eu não tivesse dado a Toph o número dela. Todos esses ensaios durante a noite e ... ele disse que já tinham feito sexo! E se eles fizeram isso na minha casa? Será que ele vem quando ela está cuidando do Seany? Será que eles vão para o meu quarto?

Eu vou passar mal, eu vou passar mal, eu vou...

— Você não vai passar mal — Diz Matt, e eu não sabia que eu estava falando em voz alta, mas eu não me importo porque a minha melhor amiga está namorando o Toph. Ela está namorando o Toph. Ela está namorando o Toph. Ela está namorando o — Toph.

Toph está aqui.

Bem na minha frente, no estacionamento. Seu corpo delgado está relaxado, e ele inclina o seu quadril contra o seu carro. — O que houve Annabel Lee?

Ele nunca esteve interessado em mim. Ela disse.

Toph abre os braços para um abraço, mas eu já estou buscando o carro do Matt. Eu ouço a sua irritação, — O que há com ela? — e Matt responde algo com nojo, mas eu não sei o quê, e eu estou correndo e correndo e correndo, e eu quero estar tão longe deles, tão longe dessa noite, quanto possível. Eu queria estar na cama. Eu queria estar em *casa*.

Eu queria estar em Paris.

Anna. Anna, acalme-se. Bridgette está namorando o Toph? — St. Clair me pergunta ao telefone.

— Desde o Dia de Ação de Graças. Ela está mentindo para mim esse tempo todo!

A silhueta da cidade de Atlanta é um borrão fora da janela do carro. As torres estão iluminadas com luzes azuis e brancas. Elas são mais desarticuladas do que os edifícios em Paris, elas não tem nenhuma relação. São apenas retângulos estúpidos desenhados para serem maiores, melhores do que os outros.

— Eu preciso que você respire fundo — diz ele. — Tudo bem? Respire fundo e comece desde o início.

Matt e Cherrie me olham pelo espelho retrovisor enquanto eu conto a história novamente. A linha fica tranquila. — Você está aí? — Eu pergunto. Eu estou assustada quando um tecido rosa aparece perto do meu rosto. Está ligado à mão da Cherrie. Ela parece culpada.

Eu aceito o tecido.

— Eu estou aqui. — St. Clair está bravo. — Eu só lamento que eu não esteja aí. Com você. Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer.

— Quer vir espancá-la para mim?

— Estou empacotando minha insígnia de estrela agora mesmo.

Eu fungo e limpo o meu nariz. — Eu sou uma idiota. Eu não consigo acreditar que pensei que ele gostava de mim. Essa é a pior parte, saber que ele nunca esteve nem mesmo interessado.

— Porcaria. Ele estava interessado.

— Não, ele não estava — Eu digo. — Bridge também disse.

— Porque ela está com ciúmes! Anna, eu estava lá naquela primeira noite em que ele te ligou. Eu vi como ele olhava para você nas fotos. — Eu protesto, mas ele interrompe. — Qualquer cara com um pau funcionando seria insano para não gostar de você.

Há uma pausa chocada, em ambas as pontas da linha.

— Porque, é lógico, do quão inteligente você é. E engraçada, Não que você não seja atraente. Porque você é. Atraente. Oh, merda ...

Eu espero.

— Você ainda está aí, ou você desligou porque eu sou um idiota que dá pena?

— Eu estou aqui.

— Deus, você me fez suar aqui.

St. Clair falou que eu sou atraente. Essa é a segunda vez.

— Você é tão fácil de falar — continua ele, — que às vezes eu esqueço que você não é um dos caras.

Apague isso. Ele acha que eu sou o Josh. — Apenas desligue. Eu não consigo ser comparada com um cara agora...



— Não foi isso que eu quis dizer...

— Como está a sua mãe? Desculpe-me, eu monopolizei a conversa inteira, e isto era supostamente para ser sobre ela, e eu nem sequer perguntei...

— Você perguntou. Essa foi a primeira coisa que você falou quando você respondeu. E tecnicamente eu te liguei. E eu estava ligando para saber como foi o show, que é sobre o que nós estávamos falando.

— Ah. — Eu mexo com o panda de pelúcia no assoalho do carro do Matt. Ele está carregando um coração de cetim que se lê *Eu te amo*. Um presente para Cherrie, sem dúvida. — Mas como ela está? Sua mãe?

— Mamãe...tudo bem. — A voz dele de repente está cansada. — Eu não sei se ela está melhor ou pior do que eu esperava. Em alguns aspectos, ela está em ambos. Imaginei o pior – machucada e esquelética – e eu estou aliviado de que não é este o caso, mas vendo ela em pessoa... ela perdeu muito peso. E ela está exausta, e na radioterapia no quarto do hospital. Com todos esses tubos de plástico.

— Você tem permissão para ficar com ela? Você está aí agora?

— Não, eu estou no apartamento dela. Eu tenho permissão apenas para uma breve visita por causa da exposição à radiação.

— O seu pai está aí?

Ele não fala nada por um momento, e eu estou com medo de ter cruzado a linha. Mas finalmente ele fala. — Ele está aqui. E eu estou lidando com ele. Pelo bem da mamãe.

— St. Clair?

— Sim?

— Sinto muito.

— Obrigado. — A voz dele é calma como o arranque do carro do Matt no meu bairro.

Eu suspiro. — Eu preciso ir. Nós estamos quase em casa. Matt e Cherrie estão me dando uma carona.

— Matt? O seu ex-namorado, Matt?

— Sofia está na loja.

Uma pausa. — Hunf.

Nós desligamos enquanto Matt estaciona na minha garagem. Cherrie se vira e olha. — Isso foi interessante. Quem era?

Matt parece triste. — O quê? — Eu pergunto a ele.

— Você vai falar com aquele cara, mas não vai mais falar com a gente?

— Desculpa — Eu murmuro, e saio do carro dele. — Ele é apenas um amigo. Obrigada pela carona.

Matt sai também. Cherrie começa a seguir, mas ele lhe atira um olhar afiado. — Então o que isso significa? — Ele chama. — Nós não somos mais amigos? Você está se desprendendo da gente?

Eu marcho em direção à casa. — Estou cansada, Matt. Eu estou indo para a cama.

Ele segue de qualquer maneira. Eu pego minha chave de casa, mas ele agarra o meu pulso para me impedir de abrir a porta. — Escute, eu sei que você não quer falar sobre isso, mas eu só tenho uma coisa para dizer antes de você ir para lá e chorar até dormir...

— Matt, por favor...

— Toph não é uma cara legal. Ele nunca foi um cara legal. Eu não sei o que você viu nele. Ele fala pelas costas de todos, ele é completamente inconfiável, ele usa aquelas estúpidas roupas falsas...

— Por que você está me contando isso? — Eu estou chorando de novo. Eu puxo o meu pulso de sua mão.

— Eu sei que você não gostava de mim tanto quanto eu gostava de você. Eu sei que você teria preferido ficar com ele, e eu lidei com isso muito tempo atrás. Para mim chega.

A vergonha é imensa. Mesmo sabendo que Matt estava ciente de que eu gostava do Toph, é terrível ouvi-lo dizer isso em voz alta.

— Mas eu ainda sou seu amigo. — Ele está irritado. — E eu estou cansado de ver você desperdiçar a sua energia com aquele idiota. Você perdeu todo esse tempo com medo de falar sobre o que estava acontecendo entre vocês dois, mas se você tivesse se preocupado em apenas perguntar a ele, você teria descoberto que ele não valia a pena. Mas você não fez. Você nunca perguntou a ele, não é?

O peso da dor está insuportável. — Por favor, saia — Eu sussurro. — Apenas saia.

— Anna. — Seu nível de voz aumenta, e ele espera que eu olhe para ele. — Ainda está errado ele e Bridge não lhe contarem. Ok? Você merece coisa melhor do que isso. E eu sinceramente espero que a pessoa com quem você estava falando - Matt aponta para o telefone na minha bolsa - seja melhor do que isso.

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** FELIZ NATAL

*Você já se acostumou com a diferença do horário? Maldição, eu não consigo dormir. Eu teria ligado, mas eu não sei se você está acordada ou fazendo alguma coisa em família ou o sei lá o quê.*

*O nevoeiro da baía está tão espesso que eu não consigo ver para fora da minha janela. Mas se eu pudesse, tenho certeza de que eu descobriria que sou a única pessoa viva em São Francisco.*

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** Eu esqueci te contar.

*Ontem eu vi um cara usando uma camiseta do Festival de Filme de Atlanta no hospital. Eu perguntei se ele te conhecia, mas ele não conhecia. Eu também encontrei um enorme e peludo homem em um traje insolente de Sra. Claus. Ele estava distribuindo presentes para pacientes com câncer. Mamãe tirou a foto em anexo. Eu sempre pareço tão assustado?*

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** Você já está acordada?

*Acorda. Acorda, Acorda, Acorda.*

---

**Para:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**De:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**Assunto:** RE: Você já está acordada?

*Eu estou acordada! Seany começou a pular na minha cama, tipo, três horas atrás. Nós estávamos abrindo presentes e comendo biscoitos doces para o café da manhã. Papai me deu um anel de ouro em forma de coração. "Para o amor do papai," ele falou. Como se eu fosse o tipo de garota que usaria um anel em forma de coração. DO PAI DELA. Ele deu a Seany toneladas de coisas de Star Wars e um kit de polimento de pedra, e eu prefiro ter um desses. Eu não acredito que mamãe o convidou para vir aqui no Natal. Ela fala que é porque o divórcio deles é amigável (hum, não) e Seany e eu precisamos de uma figura paterna em nossas vidas, mas tudo o que eles fazem é brigar. Esta manhã foi sobre o meu cabelo. Papai quer que eu pinte-o novamente, porque ele acha que eu pareço uma "prostituta comum", e mamãe quer que eu deixe mais claro. Cada um tem uma palavra a dizer. Opa, tenho que correr. Meus avós acabaram de chegar, e vovó está chamando pela sua moça bonita. Essa seria eu.*

*P.S. Amei a foto. Sra. Claus está olhando para o seu bumbum. E Feliz Natal,*

esquisito.

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** HAHAHA!

*Era um ANEL DE COMPROMISSO? O seu pai lhe deu um ANEL DE COMPROMISSO?*

---

**Para:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**De:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**Assunto:** RE: HAHAHA!

*Eu não vou responder isso.*

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** Prostitutas Incomuns

*Eu não tenho nada a dizer sobre prostitutas (a não ser que você seria um prostituta terrível, a profissão é muito impura). Eu só queria dizer isso. Não é estranho ambos passarmos o Natal com os nossos pais? Falando em assuntos desagradáveis, você tem falado com a Bridge ultimamente? Eu estou pegando o ônibus para o hospital agora. Eu espero uma relação detalhada do seu jantar de Natal quando eu voltar. Até agora eu tive um tigela de cereais. Como mamãe come esse lixo? Eu sinto como se estivesse roendo madeira.*

---

**Para:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**De:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmeilmfreaknet>

**Assunto:** Jantar de Natal

*Cereais? É Natal e você está comendo cereal? Eu estou mentalmente te mandando um prato da minha casa. O peru está no forno, o molho sobre o fogão, e o purê de batatas e caçarolas estão sendo preparados enquanto eu digito isso. Espere. Eu aposto que você come pudim de pão e torta de carne ou alguma coisa, não é? Bem, eu estou mentalmente lhe enviando pudim de pão. O que quer que isso seja. Não, eu não falei com a Bridge. Mamãe continua me incomodando para atender as ligações dela, mas a parada de inverno já está bastante ruim. (POR QUE meu pai está aqui? SÉRIO, FAÇA-O SAIR. Ele está usando esse suéter gigante de malha branca, ele parece um boneco de neve pomposo, e ele continua reorganizando o material nos armários da nossa cozinha. Mamãe está prestes a matar ele. RAZÃO PELA QUAL ELA NÃO DEVERIA CONVIDÁ-LO PARA AS FÉRIAS). Enfim, eu prefiro não adicionar drama.*

*P.S. Eu espero que sua mãe esteja melhor. Eu sinto muito por você ter que passar o dia de hoje em um hospital. Eu realmente gostaria de poder enviar um prato de peru para vocês dois.*

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** Re: Jantar de Natal

*VOCÊ sente muito por MIM? Não sou eu que nunca provei pudim de pão. O hospital foi a mesma coisa. Eu não vou lhe incomodar com detalhes. Embora eu tive que esperar uma hora para pegar o ônibus de volta, e começou a chover. Agora que eu estou no apartamento, meu pai saiu para o hospital. Estamos cada um fazendo o trabalho eminente de fingir que o outro não existe.*

*P.S. Mamãe me mandou dizer “Feliz Natal”. Então Feliz Natal da minha mãe, mas Ótimo Natal de mim.*

---

**Para:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**De:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**Assunto:** SALVE-ME

*Pior. Jantar. De todos. Levou menos de cinco minutos para as coisas explodirem. Meu pai tentou forçar Seany a comer feijão verde, e como ele não comeu, papai acusou mamãe de não alimentar o meu irmão com vegetais suficientes. Então ela jogou o garfo, e falou que papai não tinha o direito de dizer a ela como criar os seus filhos. Então ele veio com o “Eu sou o pai deles” porcaria, e ela veio com o “Você os abandonou” porcaria. E enquanto isso, Nanna meio surda gritava “ONDE ESTÁ O SAL! EU NÃO POSSO SENTIR O FEIJÃO. PASSE O SAL!” E aí vovô reclamou que o peru da mamãe estava “um pouquinho seco”, e ela se descontrolou. Quero dizer, mamãe apenas começou a gritar.*

*Isso assustou o Seany, e ele correu para o quarto chorando, e quando eu fui ver como ele estava, ele estava DESEMBRULHANDO UM BASTÃO DE DOCE. Eu não tenho ideia de onde ele veio. Ele sabe que não pode comer Vermelho morte#40! Então eu peguei isso dele, e ele chorou mais alto, e minha mãe veio e entrou correndo e gritou para MIM, como se eu tivesse dado a ele a coisa estúpida. Nenhum “Obrigado por salvar a vida do meu único filho, Anna” E aí papai chegou e os combates recomeçaram. Então, eu levei-o para fora e lhe dei biscoitos, e agora ele está correndo em círculos, e meus avós ainda estão na mesa, como se todos nós fôssemos voltar a sentar e terminar a refeição.*

*O QUE TEM DE ERRADO COM A MINHA FAMÍLIA? E agora papai está batendo na minha porta. Ótimo. Tem como este feriado estúpido ficar pior??*

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** SALVANDO VOCÊ

*Estou me teletransportando para Atlanta. Eu estou te pegando, e nós vamos para um lugar onde nossas famílias não podem nos achar. Nós vamos levar Seany. E nós vamos deixá-lo correr até ele cansar, e então você e eu vamos fazer uma longa caminhada. Como no dia de Ação de Graças. Lembra? E nós vamos conversar sobre tudo EXCETO nossos pais... ou talvez nós não vamos falar nada. Nós vamos apenas caminhar. E vamos continuar caminhando até o resto do mundo*

*deixar de existir.*

*Sinto muito, Anna. O que o seu pai queria? Por favor, me diga o que eu posso fazer.*

---

**Para:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**De:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**Assunto:** Aah. Eu adoraria isso.

*Obrigada, mas foi tudo bem. Papai queria se desculpar. Por uma fração de segundo, ele foi quase humano. Quase. E aí mamãe se desculpou, e agora eles estão lavando a louça e fazendo de conta que nada aconteceu. Eu não sei. Eu não pretendia ser a rainha do drama, quando os seus problemas são bem piores do que os meus. Sinto muito.*

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** Você está doida?

*Meu dia foi chato. Seu dia foi um pesadelo. Você está bem?*

---

**Para:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**De:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**Assunto:** Re: Você está doida?

*Eu estou bem. Estou feliz por ter você para conversar.*

---

**Para:** Anna Oliphant <bananaelephant@femmefilmfreaknet>

**De:** Étienne St. Clair <Étiennebonaparte@soap.fr>

**Assunto:** Então...

*Isso significa que eu posso te ligar agora?*

Na história das festas terríveis, esta ocupava um lugar como a pior. Pior do que o Quatro de Julho quando vovô apareceu para ver os fogos de artifícios com uma saia escocesa e insistiu em cantar “Flor da Escócia” em vez de “América Bonita”. Pior que o Halloween quando Trudy Sherman e eu fomos para a escola vestidas de Glinda, a Bruxa Boa, e ela disse para todo mundo que sua fantasia era melhor do que a minha, porque podia ver minha calcinha roxa da “Segunda” através de meu vestido E PODIA VÊ-LA TOTALMENTE.

Não estou falando com Bridgette. Ela liga todos os dias, mas eu a ignoro. Está acabado. O presente de Natal que comprei para ela, um pequeno pacote envolto em papel vermelho com listras brancas, foi empurrado para o fundo da minha mala. É um modelo da Ponte Neuf, a ponte mais velha de Paris. Fazia parte de um conjunto de modelos de trens, e devido aos meus pobres conhecimentos do idioma, St. Clair passou quinze minutos convencendo o comerciante para que me vendesse a ponte em separado.

Espero que possa devolver.

Só fui ao Royal Midtown 14 uma vez, e inclusive vi Hércules, Toph estava lá, também. E estava assim. — Ei, Anna, por que não fala com Bridge? — e tive que correr para o banheiro. Uma das garotas novas me seguiu e disse que acha que Toph é um estúpido e imbecil insensível, e que eu não deveria deixar que me afetasse. Isso foi doce, mas não ajudou. Depois disso, Hércules e eu vimos o último filme brega de Natal e zombamos dos suéteres combinando dos atores. Contou-me sobre o misterioso pacote de rosbife que encontrou na sala seis, e disse que esteve olhando minha página na web. Acha que minhas resenhas estão melhorando. Pelo menos, isso foi bom.

Também foi bom quando papai foi embora. Ele me seguiu perguntando sobre os monumentos franceses e fazia essas ligações irritantes para seu publicitário. Todos ficaram aliviados em vê-lo ir. O único ponto consistente foi St. Clair. Falávamos todos os dias, por telefone, e-mails, mensagens. Não escapou de minha atenção que desde que eu e Toph nos separamos, nossa comunicação se apagou, mas agora que não estou vendo St. Clair todos os dias, conversamos mais.

O que me faz sentir pior sobre Toph. Se tivéssemos sido melhores amigos, teríamos mantido contato. Foi idiotice pensar que talvez pudéssemos conseguir isso. Não posso acreditar que Matt, de todas as pessoas, foi quem apontou o quão ruim eu estava lidando com isso. E, honestamente, agora que tenho tempo para pensar nisso, Toph nem sequer é uma grande perda. Só me dói muito pensar nele por causa de Bridgette. Como pôde não contar-me este segredo? Sua traição é infinitamente mais dolorosa.

Não tenho nenhum lugar para ir neste Ano Novo, assim Seany e eu vamos ficar em casa. Mamãe saiu com alguns amigos do trabalho. Peço uma pizza de

queijo, e vemos *A Ameaça Fantasma*. Isto é o máximo que quero demonstrar para meu irmão que o amo. Depois de tudo, ele traz as figuras de ação enquanto vemos a contagem regressiva da Time Square na televisão. — Pkschoo! Pkschoo! — Han Solo se incendeia por meu StormTrooper antes de agachar-se atrás de uma almofada do sofá para se cobrir.

— É bom que esteja usando minha jaqueta com laser — Digo, marchando para frente.

— Não há nada como uma jaqueta com laser. Você está MORTA! — Han vai correndo para trás do sofá. — Siiiiim!

Agarro a Rainha Amidala. — Han, você está em perigo! Vá para o outro lado! O StormTrooper está usando sua jaqueta com laser!

— Ahhhh, Para! Pkschoo Pkschoo!

— Bem — diz Amidala. — Deixa que uma mulher faça o trabalho de um homem — Ela atinge a cabeça do StormTrooper com seu cotovelo. — NÃOOOOOO! — Cai fora do sofá.

Han salta no tapete e começa a atirar novamente.

Agarro o jovem Obi-Wan. — Ooo, Amidala. Você está radiante. *Beijo beijo beijo.*

— Não! — Seany arranca Obi-Wan de minha mão. — Sem beijos.

Pego outra figura da caixa de brinquedos de Seany. É uma Pessoa de Areia, o que Bridgette comprou para ele. Oh, bem. — Ooo, Amidala. *Beijo beijo beijo.*

— As Pessoas de Areia não beijam! Elas ATACAM! RARRRR! — Pega este, também, mas logo se detém para examinar sua cabeça. — Por que não está falando com Bridge? — Pergunta, de repente. — Machucou seus sentimentos?

Estou surpresa. — Sim, Sean. Fez algo que não foi muito bom.

— Isso significa que não vai mais cuidar de mim?

— Não, estou certa de que cuidará de você. Ela gosta de você.

— Eu não gosto dela.

— Sean!

— Fez você chorar. Agora você chora o tempo todo! — Ele joga a Pessoa de Areia em sua caixa. — Você ainda tem o que comprou para mim?

Sorrio. Pego minha mochila e começo a dar-lhe o brinquedo, mas algo me ocorre. Suspiro. — Pode ter isto com uma condição. Tem que ser bom com ela. Ou é Bridgette ou a vovó, essas são as opções de mamãe. E o vovô está muito velho para isso — Faço um gesto em direção ao monte de figuras de ação.

— Certo — diz, timidamente. Dou o pacote para ele, e o mexe. — Obrigado.

O telefone da cozinha toca. Mamãe nos verificando, não há dúvidas. Seany se levanta para atender enquanto eu procuro um namorado decente para Amidala. — Eu não entendo — diz — Por favor fale inglês?

— Sean? Quem é? Só desligue — Aha! Luke Skywalker! Está faltando uma mão, mas está bom. Amidala e Luke se beijam. Espera. Ela não é sua mãe?



Coloco Luke para um lado, como se tivesse me ofendido pessoalmente, e procuro através da caixa outra vez.

— Sua voz é estranha. Sim, ela está aqui.

— Sean?

— Este é seu NAMORADO? — Meu irmão está rindo loucamente.

Eu corro para a cozinha e agarro o telefone. — Olá? St. Clair? — Há uma risada do outro lado da linha. Seany mostra sua língua, e eu o empurro para longe. — Vá.

— Perdão? — diz a voz no telefone.

— Falava com Sean. É você?

— Sim, sou eu.

— Como conseguiu esse número?

— Bem, vejamos, existe esse livro. Tem páginas brancas. E tem todos esses números telefônicos listados nele. Também encontramos na internet.

— Esse é seu namoradoooo? — Pergunta Seany diretamente sobre o receptor.

Afasto-o outra vez. — É um garoto que é um amigo. Vá vê a contagem regressiva.

— O que aconteceu com seu celular? — Pergunta St.Clair. —Esqueceu de carregá-lo?

— Não posso acreditar! Isso soa tão diferente de mim.

— Eu sei, fiquei surpreso ao ser enviado para a caixa postal. Mas estou feliz em ter seu verdadeiro número agora. Apenas para o caso.

O esforço extra que teve para ligar para mim, me deixa feliz. — O que está fazendo? Você não deveria estar comemorando?

— É. Mamãe não estava se sentindo bem, assim fiquei esta noite. Está dormindo, assim acho que eu estarei assistindo a contagem regressiva sozinho — Sua mãe voltou para casa do hospital faz alguns dias. A situação avança e retrocede.

— E Ellie? — As palavras saem antes que eu possa detê-las.

— Eu, er... Eu falei com ela mais cedo. Já é Ano Novo em Paris, afinal. Ela voltou no dia seguinte depois do Natal — Acrescenta.

Eu os imagino fazendo sons de beijos de Amidala pelo telefone. Meu coração afunda.

— Está lá fora celebrando — Sua voz é um pouco triste.

— Sinto muito por ser sua segunda opção.

— Não seja estúpida. Terceira opção. Mamãe está dormindo, se lembra? — Ri outra vez.

— Obrigada. Bem, talvez você deva desligar antes que minha primeira opção durma — Olho para Seany, que está em silêncio no outro cômodo.

— Bobagem. Acabo de ligar. Mas como está seu homem? Soou bem,

principalmente quando não entendeu uma palavra do que eu disse.

— Você fala engraçado — Sorrio. Amo a sua voz.

— Fale por si mesma, Atlanta. Eu ouço o sotaque do sul deslizar...

— Não!

— Sim, várias vezes esta semana.

Eu bufo, mas meu sorriso aumenta. Eu conversei com Meredith algumas vezes nestas férias também, mas ela nunca é tão engraçada quanto St. Clair. Levo o telefone para a sala de estar, onde Seany está sentado com minha Pessoa de Areia. Vemos a contagem regressiva juntos. Eu estou três horas na frente de St. Clair, mas não nos importamos. Quando a minha meia-noite chega, tocamos buzinas imaginárias e jogamos confete imaginário.

E três horas depois quando sua meia-noite chega, comemoramos outra vez.

E pela primeira vez desde que cheguei em casa, estou completamente feliz. É estranho. Lar. Como pude desejá-la por tanto tempo, só para voltar e descobrir que se foi. Estar aqui, em minha casa técnica, e descobrir que lar é um lugar diferente.

Mas isso não está certo, também.

Tenho saudades de Paris, mas não é meu lar. É mais como que... sinto falta disso. Este calor através do telefone. É possível que lar seja uma pessoa e não um lugar?

Bridgette costumava ser o lar para mim. Talvez St. Clair seja meu novo lar.

Eu reflito sobre isso enquanto nossas vozes se cansam e paramos de falar. Simplesmente fazemos companhia um para o outro. Minha respiração. Sua respiração. Minha respiração. Sua respiração.

Nunca poderia dizer-lhe isto, mas é verdade.

Isto é lar. Nós dois.

Entristeço-me pelo quanto estou aliviada em voltar para a França. O voo é silencioso e longo. É meu primeiro voo sozinha. No momento em que o avião aterrissa em Charles de Gaulle, estou ansiosa para voltar a Escola da América, inclusive se significa que terei que pegar o metrô sozinha. É quase como se tivesse medo de viajar nele.

Isso não pode ser verdade. Ou é?

Mas o trem que me leva de volta para o Latin Quarter é suave e fácil, e antes que eu perceba, estou abrindo minha porta e desfazendo minha mala. A Résidence Lambert retumba prazerosamente com o som de outros alunos chegando. Espio através das cortinas para o restaurante do outro lado da rua. Não há nenhuma cantora de ópera, mas ainda é tarde. Vai voltar hoje à noite. O pensamento me faz sorrir.

Ligo para St. Clair. Ele desembarcou ontem à noite. O clima está quente e fora de estação, e Josh e ele estão se aproveitando disso. Estão passeando pelas escadarias do Panteão, e disse que eu deveria me unir a eles. Claro que eu vou.

Não posso explicar, mas enquanto passeio pela rua, fico logo atormentada pelos meus nervos. Por que estou tremendo? Foram só duas semanas, mais semanas bem particulares. St. Clair passou de ser essa coisa confusa para meu amigo mais próximo. E ele se sente da mesma maneira. Não tenho que lhe perguntar: eu sei como meu próprio reflexo.

Paro e pego o caminho mais longo para o Panteão. A cidade é magnífica. A bela figura de St-Étienne-du-Mont aparece, e penso na mãe de St. Clair embalando almoço para um piquenique e desenhando os pombos. Tento imaginar St. Clair correndo por aqui em um uniforme de criança, com calças curtas e joelhos crostosos, mas não consigo. Tudo que posso ver é a pessoa que conheço, calma e confiada, mãos em seus bolsos, balançando-se ao caminhar. O tipo de pessoa que irradia um campo magnético natural, por quem todo mundo é arrastado, e por quem todo mundo fica deslumbrado.

O sol de janeiro aparece e esquentas minhas bochechas. Dois homens carregando o que só pode ser descrito como bolsas-de-homem param para admirar o céu. Uma mulher baixa em saltos agulha para, maravilhada. Eu sorrio e me movo, passando por eles. E logo viro em outra esquina, e meu peito se contraí com força, tão dolorosamente, que mal consigo respirar.

Por que ali está.

Está absorto em um livro enorme, encurvado e completamente absorvido. Uma brisa move seus cabelos escuros, e morde suas unhas. Josh está sentado a poucos metros de distância, seu caderno preto aberto e sua caneta rabiscando. Várias pessoas estão tomando o raro sol, mas logo que são registradas, são esquecidas. Por ele.

Agarro a borda de uma mesa da cafeteria para evitar cair. As pessoas olham

alarmadas, mas não me importo. Estou tremendo, e me falta ar.

Como posso ser tão estúpida?

Como posso inclusive por um momento imaginar que não estou apaixonada por ele?

Eu o estudo. Ele morde a unha do dedo mindinho, então seu livro deve ser bom. Dedos mindinhos significam empolgado ou feliz, dedão significa pensando ou preocupado. Estou surpresa por saber o significado desses gestos. Quão atentamente eu tenho prestado atenção nele?

Duas mulheres idosas em casacos de pele e chapéus combinando passam. Uma delas para e se vira. Ela me faz uma pergunta em francês. Eu não posso fazer a tradução direta, mas eu sei que ela está preocupada se eu estou bem. Eu assinto e digo obrigado a ela. Ela me dá outra olhada incômoda, mas continua andando.

Eu não posso andar. O que eu deveria dizer? Quatorze dias consecutivos de conversas pelo telefone e agora que ele está aqui em pessoa, eu duvido que eu possa balbuciar um olá. Uma das pessoas que está jantando no café se levanta para me ajudar. Eu solto da mesa redonda e tropeço para o outro lado da rua. Estou fraca nos joelhos. Quanto mais perto eu chego, mais opressivo fica. O Panteão é imenso. Os degraus parecem tão distantes.

Ele levanta o olhar.

Nossos olhares se prendem, e ele rompe em um sorriso lento. Meu coração bate mais e mais rápido. Quase lá. Ele abaixa seu livro e se levanta. E então esse — o momento que ele chama meu nome — é o verdadeiro momento que tudo muda.

Ele não é mais St. Clair, o companheiro de todo mundo, o amigo de todo mundo.

Ele é Étienne. Étienne, como na noite que nos conhecemos. Ele é Étienne; ele é *meu* amigo.

Ele é muito mais.

Étienne. Meus pés saltitam em três sílabas. É-ti-enne, É-ti-enne, É-ti-enne. O nome dele cobre minha língua como chocolate derretido. Ele é tão bonito, tão perfeito.

Minha garganta se fecha quando ele abre seus braços e me envolve em um abraço. Meu coração bate furiosamente, e eu estou envergonhada, porque eu sei que ele sentiu isso. Nós nos separamos, e eu cambaleio para trás. Ele me pega antes que eu caia nos degraus.

— Whoa — ele diz. Mas eu não acho que ele falou em relação a eu cair.

Eu coro e censuro isso desajeitada. — Yeesh, isso poderia ter sido ruim.

Ufa. Uma voz firme.

Ele parece aturdido. — Você está bem?

Eu percebo que as mãos dele ainda estão nos meus ombros, e meu corpo inteiro enrijece embaixo do seu toque. — Yeah. Ótima. Excelente!

— Hey, Anna. Como foi seu feriado?

Josh. Eu esqueço que ele está aqui. Étienne me solta cuidadosamente

enquanto eu agradeço ao Josh, mas o tempo todo em que nós estamos conversando, eu desejo que ele volte a desenhar e nos deixe sozinhos. Depois de um minuto, ele olha para trás de mim — para onde Étienne está parado — e adquire uma expressão divertida em seu rosto. Sua fala desaparece, e ele enterra seu nariz no caderno de esboços dele. Eu olho para trás, mas o próprio rosto de Étienne fica em branco.

Nós sentamos nos degraus juntos. Eu não estive nervosa perto dele desde a primeira semana da escola. Minha mente está emaranhada, minha língua presa, meu estômago está um nó. — Bem — ele diz, depois de um minuto excruciante. — Nós esgotamos toda nossa conversa sobre o feriado?

A pressão dentro de mim ameniza o suficiente para falar. — Acho que eu vou voltar para o dormitório — Eu finjo me levantar, e ele ri.

— Eu tenho uma coisa para você — Ele me puxa para baixo pela minha manga. — Um presente atrasado de Natal.

— Para mim? Mas eu não comprei nada para você!

Ele procura dentro de um bolso no casaco e tira a mão em punho, fechada em volta de alguma coisa muito pequena. — Não é muito, então não fique animada.

— Ooo, o que é isso?

— Eu vi isso quando eu saí com minha mãe, e me fez pensar em você.

— Étienne! Fala sério!

Ele pisca ao ouvir seu primeiro nome. Meu rosto fica vermelho, e sou preenchida com a sensação esmagadora que ele sabe *exatamente* o que eu estou pensando. Sua expressão se transforma em admiração quando ele diz — Feche seus olhos e estenda a mão.

Ainda corando, eu estendo uma mão. Seus dedos roçam contra minha palma, e minha mão se lança para trás como se ele estivesse eletrificado. Alguma coisa vai voando e aterrissa fracamente entre nós. Eu abro meus olhos. Ele está me encarando, igualmente aturdido.

— Ops — eu digo.

Ele inclina sua cabeça para mim.

— Eu acho... eu acho que caiu por aqui. — Eu me abaixo rápido para meus pés, mas sequer sei o que eu estou procurando. Eu nunca senti o que ele colocou nas minhas mãos. Eu só senti *ele*. — Eu não vejo nada! Só pedras e cocô de pombo — eu acrescento, tentando agir normalmente.

Onde está isso? O que é isso?

— Aqui. — Ele pega alguma coisa pequena e amarela do degrau acima dele. Eu me ajeito e estendo minha mão de novo, me apertando para o contato. Étienne pára e então o deixa cair alguns centímetros acima da minha mão. Como se ele estivesse evitando me tocar também.

É uma miçanga de vidro. Uma banana.

Ele clareia a garganta. — Eu sei que você disse que a Bridgette era a única que pode chamar você de „Banana“, mas minha mãe estava se sentindo melhor semana passada, então eu a levei a loja de miçangas favorita dela. Eu vi isso e pensei em você. Espero que você não se importe que alguém mais adicione à sua coleção. Especialmente desde que você e a Bridgette... você sabe...

Eu fecho minha mãe em volta da miçanga. — Obrigada.

— Minha mãe ficou se perguntando por que eu queria isso.

— O que você disse a ela?

— Que isso era para você, é claro. — Ele disse isso tipo como, *duh*.

Eu sorrio. A miçanga é tão leve que eu quase não a sinto, exceto pelo minúsculo fragmento frio que ela deixa na minha palma. Falando em frio...

Eu estremeço. — A temperatura caiu, ou sou só eu?

— Aqui. — Étienne desenrola o cachecol preto que tinha estado frouxamente amarrado em volta do seu pescoço, e estende para mim. Eu o pego, gentilmente, e coloco em volta do meu pescoço. Isso me deixa zozza. Cheira como *garoto* recém tomado banho. Cheira como ele.

— Seu cabelo está legal — ele diz — Você o descoloriu de novo.

Eu toco uma mecha conscientemente. — Mamãe me ajudou.

— Essa brisa está cruel, eu vou tomar um café. — Josh fecha seu caderno de esboços. Eu esqueci que ele estava aqui de novo. — Vocês vêm?

Étienne olha para mim, esperando para ver como eu repondo.

Café! Eu estou morrendo por um verdadeiro copo de café. Eu sorrio para Josh. — Parece perfeito.

E então eu estou descendo os degraus do Panteão, frios, brancos e reluzentes, na cidade mais bonita do mundo. Estou com dois garotos atraentes, inteligentes e engraçados e eu estou sorrindo de orelha a orelha. Se Bridgette pudesse me ver agora.

Quero dizer, quem precisa do *Christopher* quando Étienne St. Clair está no mundo?

Mas assim que eu penso no Toph, eu sinto aquela mesma agitação no estômago que eu sempre sinto quando penso nele agora. Vergonha de ter alguma vez pensado que ele iria esperar. De ter desperdiçado tanto tempo com ele. À minha frente, Étienne ri de alguma coisa que Josh diz. E o som me deixa em pânico quando a informação me atinge de novo, de novo e de novo.

O que eu vou fazer? Estou apaixonada por meu novo melhor amigo.

É uma doença física. Étienne. Quanto eu o amo.

Eu amo Étienne.

Eu amo quando ele ergue a sobrancelha sempre que eu digo algo que ele acha inteligente ou engraçado. Eu amo escutar as passadas ruidosas das botas dele quando ele atravessa o chão do meu quarto. Eu amo que o acento sobre seu primeiro nome é chamado de acento agudo, e que ele *tem* um sotaque fofo.

Eu amo isso.

Eu amo sentar ao lado dele na aula de física. De roçar nele durante as aulas de laboratório. Sua letra bagunçada nas nossas planilhas. Eu amo entregar a ele sua mochila quando a aula acaba, porque então meus dedos cheiram como ele nos próximos dez minutos. E quando a Amanda diz alguma coisa patética, e ele me procura para trocar um rolar de olhos — eu amo isso também. Eu amo sua risada de menino e suas camisas enrugadas e seu chapéu tricotado ridículo. Eu amo suas sobrancelhas marrons grossas, e o jeito que ele morde suas unhas, e eu amo tanto seu cabelo que poderia morrer.

Tem apenas uma coisa que eu não amo nele. *Ela*.

Se eu não gostava da Ellie antes, não é nada comparado a como eu me sinto agora. Não importa que eu possa contar quantas vezes nós nos encontramos em uma mão. É aquela primeira imagem, é isso que eu não posso mudar. Debaixo do poste de luz da rua. Seus dedos no cabelo dele. Qualquer hora que eu estiver sozinha, minha mente vagueia para aquela noite. Eu levo isso mais além. Ela toca o peito dele. Eu vou mais além. O quarto dele. Ele desliza o vestido dela, seus lábios se fecham, seus corpos se pressionam, e — oh meu Deus — minha temperatura aumenta, e meu estômago está doente.

Eu fantasio sobre o término deles. Como ele poderia machucá-la, e ela poderia machucá-lo, e de todos os modos eu poderia machucá-la de volta. Eu quero agarrar seu cabelo estilo parisiense e puxar ele tão forte que ele vai ser arrancado do seu crânio. Eu quero afundar minhas garras nos globos oculares dela e *lutar*.

Acaba que eu não sou uma boa pessoa.

Étienne e eu raramente discutimos sobre ela antes, mas ela é completamente um tabu agora. O que me tortura, porque desde que nós voltamos das férias de inverno, eles parecem estar tendo problemas de novo. Como uma perseguidora obsessiva, eu calculo as noites que ele passa comigo versus as noites que ele passa com ela. Eu estou ganhando.

Então por que ele não desiste dela? Por que por que por quê?

Isso me tormenta até que eu colapso, até que a pressão por dentro é tão insuportável que eu tenho que falar com alguém ou arriscar explodir. Eu escolho a Meredith. Do jeito que eu vejo isto, ela é provavelmente tão obcecada pela situação quanto eu. Nós estamos no quarto dela, e ela está me ajudando a



escrever uma redação sobre o meu porquinho-da-índia para a aula de Francês. Ela está usando shorts de futebol com um suéter de caxemira, e mesmo que seja um visual bobo, é adoravelmente apropriado para a Meredith. Ela também está fazendo abdominais. Por diversão.

— Ótimo, mas isso é tempo presente — ela fala. — Você não está alimentando o Capitão Jack com cenouras *nesse momento*.

— Oh. Certo. — Eu tomo nota, mas não estou pensando sobre verbos. Estou tentando descobrir como casualmente mencionar o Étienne.

— Leia isso de novo para mim. Ooo, e faça sua voz engraçada! Aquele francês falso que você pediu *café crème* no outro dia, naquele lugar novo com o St. Clair.

Meu sotaque francês ruim não foi de propósito, mas eu agarro a oportunidade. — Sabe, tem uma coisa, hum, em que eu andei pensando. — Estou consciente do sinal luminoso acima da minha cabeça, piscando o óbvio “EU! AMO! ÉTIENNE!”, mas continuo de qualquer maneira. — Por que ele e a Ellie ainda estão juntos? Quero dizer, eles mal se vêem mais. Certo?

Mer dá uma pausa, no meio da abdominal, e... fui pega. Ela sabe que estou apaixonada por ele também.

Mas então eu a vejo lutando para responder, e percebo que ela está tão presa no drama quanto eu. Ela sequer percebe meu tom de voz esquisito. — É. — Ela volta as costas para o chão devagar. — Mas não é tão simples. Eles estão juntos desde *sempre*. Eles praticamente são um velho casal de pessoas casadas. E, além disso, ambos são realmente... cautelosos.

— Cautelosos?

— É. Você sabe. St. Clair não gosta de perturbar a rotina. E a Ellie é do mesmo jeito. Ela levou séculos para escolher uma universidade, e então ela ainda escolheu a que era a apenas alguns bairros de distância. Quero dizer, Parsons é uma escola prestigiada e tudo, mas ela a escolheu porque era familiar. E agora com a mãe do St. Clair, eu acho que ele está como medo de perder mais alguém. Enquanto isso, ela não vai terminar com ele, não enquanto a mãe dele tem câncer. Mesmo se essa não é mais uma relação saudável.

Eu aperto o botão em cima da minha caneta. Clickclickclickclickclick. — Então você acha que eles estão infelizes?

Ela suspira. — Não infelizes, mas... não estão felizes também. Felizes o bastante, eu acho. Isso faz sentido?

E faz. O que eu odeio. Clickclickclickclickclick

Isso significa que eu não posso dizer nada a ele, porque eu estaria arriscando nossa amizade. Eu tenho que continuar agindo como se nada tivesse mudado, que eu não sinto nada mais por ele do que eu sinto pelo Josh. Quem, no outro dia, está ignorando nossa palestra de história pela bilionésima aula seguida. Ele tem uma história em quadrinhos, O adeus de Craig Thompson, Chunky Rice, escondido no

seu colo. Josh rabisca alguma coisa no caderno de rascunhos abaixo das revistas. Está fazendo anotações, mas não sobre a tomada da Bastilha.

Josh e Rashmi tiveram outra discussão no almoço. Ninguém está mais preocupado sobre Étienne abandonar, mas Josh está matando aula com uma frequência alarmante. Ele parou de fazer o dever de casa completamente. E quanto mais Rashmi o pressiona, mais ele se afasta.

Professor Hansen caminha na frente da sala. Ele é um homem pequeno com óculos grossos e cabelo fino que voam sempre que ele bate nas nossas carteiras para enfatizar. Ele ensina as partes sujas da história e nunca nos faz memorizar datas. Eu posso ver por que Étienne está interessado no assunto quando ele teve um professor como esse por quatro anos.

Eu queria poder parar de trazer tudo de volta para o Étienne.

Eu olho para os alunos do primeiro ano ao meu redor, e descubro que não sou a única devastada pelos hormônios. Emily Middlestone se curva para pegar uma borracha que caiu, e Mike Reynard olha para os peitos dela. Grosseiro. Uma pena para ele que ela está interessada no melhor amigo dele, Dave. A queda da borracha foi deliberada, mas Dave está distraído. Os olhos dele estão vidrados enquanto seguem o professor Hansen caminhar.

Dave me nota encarando e se senta. Eu rapidamente me viro. Emily olha para mim, e eu sorrio suavemente de volta. Ela voltou para a escola com uma mecha no cabelo. A mecha é rosa e o resto é loiro, então não é *completamente* igual ao meu. Ainda.

*Professeur* Hansen retransmite os detalhes da execução de Maria Antonieta. Eu não consigo me concentrar. Étienne e eu vamos ao cinema depois da escola. E, tudo bem, Josh e Rashmi também vão — Mer não pode porque ela tem treino de futebol — mas isso ainda faz o placar dessa semana: Anna 4, Ellie 1. O professor bate em outra carteira, e a ruiva à minha esquerda pula e derruba seus papéis.

Eu me inclino para ajudá-la a pegá-los, e estou chocada por descobrir uma página inteira de rabiscos de uma tatuagem familiar de caveira. Eu olho para cima com surpresa, e o rosto dela fica tão vermelho quanto seu cabelo. Eu olho em direção ao Josh e depois levanto minha sobancelha para ela. Seus olhos se arregalam em horror, mas eu balanço minha cabeça e sorrio. Eu não vou contar.

Qual é o nome dela? Isla. Isla Martin. Ela mora no mesmo andar que eu, mas ela é tão calada que eu frequentemente me esqueço dela. Ela terá que ser mais barulhenta se ela gosta do Josh. Os dois são tímidos. É uma pena, porque eles parecem fofos juntos. Provavelmente brigariam menos do que ele e a Rashmi, também. Por que as pessoas certas nunca acabam juntas? Por que as pessoas têm tanto medo de deixar seus relacionamentos, mesmo se eles souberem que é ruim?

Ainda estou meditando sobre isso mais tarde, enquanto Étienne e eu

esperamos do lado de fora do quarto do Josh no primeiro andar, prontos para o cinema. Étienne pressiona sua orelha contra a porta do Josh, mas então se arremessa para longe como se ela estivesse em chamas.

— O que foi?

Ele faz uma careta. — Eles fizeram as pazes de novo.

Eu o sigo para fora. — Rashmi está lá dentro?

— Eles estão transando — ele diz desajeitadamente. — Eu prefiro não interromper.

Estou feliz que ele esteja na minha frente, assim ele não pode ver meu rosto. Não é como se eu estivesse pronta para dormir com alguém — eu não estou — mas ainda é essa estúpida barreira entre nós. Eu estou *sempre* ciente disso. E agora eu estou pensando sobre o Étienne e a Ellie de novo. As pontas dos dedos dele afagando o ombro nu dela. Os lábios dela separados contra a garganta nua dele. *Pare de pensar nisso, Anna.*

Pare, pare, PARE.

Eu mudo a conversa para a mãe dele. Ela terminou os tratamentos, mas nós não sabemos se a doença acabou até Março. Os médicos têm que esperar até que a radiação deixe o sistema dela antes de poderem fazer o teste nela. Étienne está sempre preso entre a preocupação e a esperança, então eu o guio para a esperança sempre que possível.

Ela está se sentindo bem hoje, então ele também está. Ele me diz alguma coisa sobre a medicação dela, mas minha atenção vacila enquanto eu estudo o perfil dele. Sou sacudida de volta para o dia de Ação de Graças. Aqueles mesmos cílios, aquele mesmo nariz, sua silhueta contra a escuridão do meu quarto.

Deus, ele é lindo.

Nós caminhamos para nosso cinema favorito, o que chamamos de — “Cinema da Mamãe e Papai do cão de caça bassê.” É apenas a algumas quadras, e um trajeto confortável pelo cavaleiro que passeia com o Pouce, o cachorro da *pâtisserie*. Eu não acho realmente que tem uma — “Mãe” por aí — o dono do Pouce é mais o tipo de cara — “Pai e pai” — mas ainda é um apelido apropriado. Nós entramos e o amigável, respeitável homem atrás do balcão chama, — Jo-ja! Atlanna, Jo-ja!

Eu sorrio de volta. Eu tenho praticado meu francês com ele, e ele tem praticado seu inglês. Ele lembra que eu sou de Atlanta, Georgia (Jo-ja!), e nós temos outra breve conversa sobre o tempo. Então eu pergunto a ele se o Pouce é um cachorro feliz e se ele, o cavaleiro, gosta de comer boa comida. Pelo menos estou tentando.

O filme desta tarde é *Feriado Romano*, e o resto do cinema está vazio. Étienne estica suas pernas e relaxa no seu assento. — Certo, eu tenho uma. Ser mal...

— Nunca pareceu tão bom.

— Sim! — Os olhos dele brilham. Esse é um dos nossos jogos favoritos, onde um de nós cria o começo de um clichê e o outro o termina.

— Com amigos como esses...

Ele iguala com a minha voz sombria, — Quem precisa de inimigos?

Quando minha risada repercutiu pelas paredes encobertas, Étienne luta para manter sua expressão séria. Ele falha e sorri mais abertamente por causa disso. A visão faz meu coração pular um batimento, mas eu devo ter feito uma cara esquisita, porque ele cobre a boca. — Pare de encarar.

— O quê?

— Meus dentes. Você está encarando meus dentes inferiores.

Eu rio de novo. — Como se eu tivesse o direito de tirar sarro dos dentes de alguém. Eu posso lançar água a distâncias incríveis por essa fenda, sabe. Bridge costumava me importunar com todos os...— eu me corto, me sentindo mal. Eu ainda não falei com a Bridgette.

Étienne abaixa a mão da boca. Sua expressão é séria, talvez até defensiva. — *Eu gosto do seu sorriso.*

*Eu gosto do seu, também.*

Mas eu não tenho a coragem de dizer isso em voz alta.

A garota da recepção sorri quando me vê. — Tenho um pacote para você!

A porta do Résidence Lambert abre de novo, e meus amigos entram em bando atrás de mim. A garota me entrega uma grande caixa marrom, e eu alegremente assino para recebê-lo. — Da sua mãe? — Mer pergunta. As bochechas dela estão rosadas pelo frio.

— Sim! — Hoje é meu aniversário. E eu sei exatamente o que tem dentro. Eu carrego a caixa avidamente para os sofás da portaria e procuro por alguma coisa para abri-la. Josh puxa a chave do quarto dele e corta a fita.

— AHH! — ele grita.

Rashmi, Mer, e Étienne espiam dentro da caixa, e eu me regojizo triunfantemente.

— Não! — Mer diz.

— Sim — eu digo.

Étienne pega uma delicada caixa verde. — Cookies?

Josh toma a caixa dele. — Não qualquer cookie, meu bom companheiro inglês. *Thin Mints* — Ele se vira para mim. — Posso abrir esse?

— É claro! — Todo ano, minha família celebra meu aniversário com um banquete de cookies *Girl Scout* ao invés de bolo. O *timing* é sempre perfeito.

Rashmi tira uma caixa de *Lemon Chalet Cremes*. — Sua mãe é a melhor.

— O que tem de tão especial sobre... *Tagalongs*? Étienne diz, inspecionando outra caixa.

— TAGALONGS? — Mer os arranca das mãos dele.

— Eles são somente a guloseima mais saborosa do planeta todo — eu explico para Étienne. — Eles só os vendem essa época do ano. Você nunca teve um cookie da *Girl Scout*?

— Alguém disse cookie da *Girl Scout*?

Eu me surpreendo por encontrar Amanda Spitterton-Watts espiando por cima do meu ombro. Os olhos dela se sobressaem quando ela vê meu esconderijo.

— Cookies da *Girl Scout*? — Outro rosto aparece atrás de nós, usando uma expressão familiar de confusão. É o Cheeseburger. Amanda curva seu lábio em desgosto e se vira para mim.

— Você *tem* que me dar um *Thin Mint* — ela diz.

— Uh, certo. Claro — eu digo. Josh faz uma cara, mas eu entrego um mesmo assim. Amanda afunda seus dentes no biscoito de chocolate e agarra o braço do Étienne. Ela suspira de prazer. Ele tenta se esquivar, mas o aperto dela é forte. Ela lambe os lábios. Estou pasma que ela não tem migalhas na boca. Como ela faz isso?

— Você alguma vez já *provou* um desses? — ela pergunta a ele.

— Sim — ele mente.

Rashmi bufa.

Tem uma tossida atrás de mim, e eu encontro o Cheeseburger encarando ansiosamente a minha caixa. Eu olho para Amanda, a Tocadora-de-Braço, e tiro um pacote inteiro de Thin Mints. — Aqui vai, Cheeseburger.

Ele olha para mim surpreso, mas então de novo, é como ele sempre parece. — Wow. Obrigado, Anna. — Cheeseburger pega os cookies e se arrasta pesadamente em direção à escada.

Josh está horrorizado. — *Porque você está dando os cookies?*

— Sério. — Mer dá um olhar irritado para a Amanda. — Vamos para algum lugar privado. — Ela agarra meu pacote e o carrega para o andar de cima. Sempre preparada, ela tem leite fresco no seu frigobar. Eles me desejam feliz aniversário, e nós fazemos um brinde. E então nós nos entupimos até explodir.

— Mmm. — Étienne geme do chão. — *Tagalongs*.

— Eu te disse — Mer diz, lambendo chocolate com manteiga de amendoim dos seus anéis.

— Desculpe não termos comprado nada pra você. — Rashmi desaba. — Mas obrigada por dividir.

Eu sorrio. — Eu fico feliz em dividir.

— Na verdade — Étienne se senta. — Eu estava planejando te dar isso no jantar, mas eu suponho que agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra. — Ele alcança sua mochila.

— Mas você odeia aniversários! — eu digo.

— Não me agradeça ainda. E eu não odeio, eu só não comemoro o meu. Sinto muito não estar embrulhado. — Ele me entrega um caderno de espiral.

Estou confusa. — Hum... obrigada.

— É para canhotos. Vê? — Ele o folheia do outro jeito. — O seu velho está quase cheio com anotações e críticas de filmes, então eu pensei que você ia precisar de novo logo.

Ninguém nunca lembra que eu sou canhota. Um carço surge na minha garganta. — É perfeito.

— Eu sei que não é muito...

— Não. É perfeito. Obrigada.

Ele morde a unha do seu dedo mindinho, e nós sorrimos um para o outro.

— Aw, St. Clair. Que amável — Josh diz.

Étienne joga um dos travesseiros da Mer na cabeça dele.

— Então você nunca explicou isso para mim — Rashmi diz. — Qual é o negócio com isso? As críticas?

— Oh. — Eu afasto meu olhar do Étienne. — É só algo que eu sempre quis fazer. Eu gosto de conversar sobre filmes. E é difícil entrar nesse negócio — é meio que uma posição para a vida toda — então eu preciso de toda a prática que eu puder.

— Por que você não quer ser uma diretora? Ou uma roteirista ou uma atriz ou

algo assim? — ela pergunta. — Ninguém quer ser um crítico, é estranho.

— Não é estranho — Étienne diz. — Eu acho legal.

Eu dou de ombros. — Eu só gosto... de expressar minha opinião. Essa possibilidade de transformar alguém em algo realmente grande. E, eu não sei, eu costumava falar com esse grande crítico em Atlanta — ele morava no bairro do meu cinema, então ele costumava ir lá para fazer triagem — e ele uma vez se gabou sobre como não havia uma crítica do sexo feminino respeitável desde Pauline Kael, porque as mulheres são muito moles. Que nós daremos quatro estrelas para qualquer filme estúpido. Eu quero provar que isso não é verdade.

Mer sorri. — É claro que não é verdade.

Étienne se escora. — Eu não acho que alguém que te conheça iria dizer que é fácil ganhar uma boa crítica sua.

Eu olho para ele, desconcertada. — O que isso significa?

— Yawn — Josh diz, não bocejando de verdade. — Então, qual é o plano?

Eu espero Étienne reponder, mas ele não responde. Eu me viro para o Josh, distraída. — Hein?

— Não vamos ficar sentados aqui a noite toda. Vamos sair.

Ele não se refere ao cinema. Eu me mexo desconfortavelmente. — Eu gosto de ficar em casa.

Os olhos do Josh brilham. — Anna. Você nunca bebeu antes?

— É claro — eu minto. Mas um rubor destrói meu disfarce. Todos eles gritam.

— Como você passou metade do ano escolar sem beber? — Rashmi pergunta.

Eu me retorço. — Eu só... não bebo. Parece ilegal.

— Você está na França — Josh diz. — Você devia pelo menos tentar.

E agora eles todos estão pulando para cima e para baixo. Você pensaria que eles simplesmente mudaram de idade. — SIM! Vamos deixar a Anna bêbada! — eles dizem.

— Eu não sei...

— Não bêbada — Étienne sorri. Ele é o único que ainda está sentado. — Só... feliz.

— Porre de aniversário — Josh diz.

— Feliz — Étienne repete. — Vamos, Anna. Eu sei o lugar perfeito para comemorar.

E porque é ele, minha boca responde antes que meu cérebro. — Certo — eu digo.

Nós concordamos em nos encontrar mais tarde essa noite. O que eu estava pensando? Eu preferiria muito mais ficar em casa e aguardar uma maratona de Michel Gondry. Estou um pilha de nervos, e leva séculos para eu achar alguma coisa para vestir. Meu guarda-roupas não é exatamente estocado com roupas

para ir de bar em bar. Quando eu finalmente desço para a portaria, todo mundo já está lá, até o Étienne. Estou surpresa que ele não está atrasado pela primeira vez. As costas dele estão voltadas para mim.

— Certo — eu digo. — Vamos começar essa festa.

Ao som da minha voz, ele se vira. E a cabeça dele quase cai.

Eu estou usando um saia curta. É a primeira vez que eu uso uma aqui, mas meu aniversário parece a ocasião apropriada. — Woo, Anna! — Rashmi falsamente ajusta seus óculos. — Por que você esconde essas coisas?

Étienne está encarando minhas pernas. Eu comprimo meu casaco ao meu redor conscientemente, e ele se assusta e se choca com a Rashmi.

Talvez ela esteja certa. Talvez eu devesse usar saias mais frequentemente.



A banda no clube está tocando muito, guitarras gritando e bateria furiosa e letras gritadas, eu mal posso me ouvir pensar. A única coisa que eu sei é que eu me sinto bem. Realmente bem. Por que eu nunca estive bêbada antes? Eu fui tão idiota – não é grande coisa. Eu totalmente entendo agora por que as pessoas bebem. Eu não tenho certeza *o que* eu estive bebendo, mas eu sei que era algo de fruta. No começo era nojento, mas quanto mais eu bebia, melhor ficava. Ou menos eu notava. Algo assim. Cara, eu me sinto estranha. Poderosa.

Onde está o Étienne?

Eu procuro pelo ambiente escuro, através dos corpos da desiludida juventude parisiense se debatendo, extravasando sua raiva com uma dose saudável de punk rock francês. Eu finalmente encontro ele encostado contra uma parede falando com a Mer. Por que ele está falando com ela? Ela ri e joga o seu cabelo encaracolado. E então ela toca o braço dele.

Meredith havia se transformado em uma tocadora de braço. Eu não acredito.

Antes que eu perceba, meus pés estão impulsionando o resto do meu corpo na direção deles. A música pulsa nas minhas veias. Eu tropeço nos pés de algum cara. Ele me xinga em francês, e eu murmuro uma desculpa enquanto eu me afasto. Qual é o problema dele?

Étienne. Eu preciso falar com o Étienne.

— Ei. — Eu grito na cara dele, e ele recua.

— Credo, Anna. Você está bem? Quanto você bebeu? — Mer pergunta.

Eu aceno a minha mão. Três dedos. Quatro dedos. Cinco. Algo assim

— Dança comigo — eu digo para o Étienne. Ele está surpreso, mas ele entrega a cerveja dele para a Mer. Ela me lança um olhar sujo, mas eu não ligo. Ele é mais meu amigo do que dela. Eu pego a mão dele e puxo-o para a pista. A música muda para algo ainda mais turbulento, eu deixo ela me dominar. Étienne segue o meu corpo com os olhos. Ele encontra o ritmo, e nós nos movemos juntos.

O ambiente gira ao nosso redor. O cabelo dele está suado. O meu cabelo está suado. Eu o puxo mais para perto, e ele não protesta. Eu desço pelo corpo dele com a música. Quando eu subo, seus olhos estão fechados, sua boca levemente aberta.

Nós combinamos a investida um com o outro. A banda começa uma nova música. Mais e mais alta. O público entra em um frenesi. Étienne grita o refrão com o resto deles. Eu não conheço a letra — mesmo se eu soubesse francês, eu duvido que eu conseguisse entender as letras através do rugido — tudo o que eu sei é que esta banda é tão melhor que o Penny Dreadfuls. HÁ!

Nós dançamos até que nós não conseguimos dançar mais. Até que nós estamos sem ar e nossas roupas estão encharcadas e nós mal podemos ficar de pé. Ele me leva para o bar, e eu me agarro lá com tudo o que resta de mim. Ele

cai ao meu lado. Nós estamos rindo. Eu estou chorando, de tanto rir.

Uma garota estranha grita para nós em francês.

— *Pardon?* — Étienne vira, e seus olhos se arregalam com o choque quando ele a vê. A garota tem cabelo liso e um rosto severo. Ela continua gritando, e eu consigo entender alguns xingamentos. Ele responde em francês, e eu posso dizer pela sua postura e tom de voz que ele está se defendendo. A garota grita de novo, dando a ele um sorriso final de escárnio, e então se vira para longe, forçando seu caminho através da massa pulsante.

— O que foi isso? — eu pergunto.

— Merda.

*Merda.*

— Quem era aquela? O que aconteceu? — Eu ergo o meu cabelo para pegar um pouco de ar no meu pescoço. Estou quente. Está tão quente aqui.

Étienne procura em seus bolsos, em pânico. — Merda. Onde está o meu telefone?

Eu mexo na minha bolsa e tiro o meu celular. — USE O MEU! — eu grito por cima da música.

Ele balança a cabeça. — Eu não posso usar o seu. Ela vai saber. Porra, ela vai saber. — Ele puxa o cabelo, e antes que eu perceba, ele está saindo pela porta. Eu estou atrás dele. Nós explodimos pelo clube e saímos para a noite fria.

Flocos de neve estão caindo. Eu não acredito. Nunca neva em Paris! E está nevando no meu aniversário! Eu tiro minha língua para fora, mas eu não sinto nenhuma delas. Eu a estico ainda mais. Ele ainda está procurando freneticamente pelo telefone. Finalmente, ele o encontra no bolso do casaco. Ele liga para alguém, mas a pessoa não deve ter atendido, porque ele grita.

Eu pulo para trás. — O que está acontecendo?

— O que está acontecendo? *O que está acontecendo?* Eu te digo o que está acontecendo. Aquela garota lá, aquela que queria me matar? Ela é a colega de quarto da Ellie. E ela nos viu dançando, e ela ligou para ela, e ela contou para ela tudo.

— E daí? Nós estávamos dançando. Quem liga?

— Quem liga? Ellie já está encanando com você desde antes! Ela odeia quando nós estamos juntos, e agora ela vai achar que algo está acontecendo...—

— Ela me odeia? — Estou confusa. O que eu fiz para ela? Eu nem havia *visto* ela há meses.

Ele grita de novo e chuta a parede, e então rugi de dor. — PORRA!

— Acalme-se! Deus, Étienne, o que você tem?

Ele balança a cabeça, e sua expressão fica em branco. — Não era para terminar assim. — Ele passa uma mão pelo seu cabelo encharcado.

O que era para terminar? Ela ou eu?

— Já está tudo desmoronando há tanto tempo...—

Oh meu Deus. Eles estão terminando?

— Mas eu apenas não estou pronto para isso — ele termina.

Meu coração se endurece e vira gelo. Que se dane ele. Sêrio. QUE. SE. DANE. ELE. — Por que não, *St. Clair*? Por que você não está pronto para isso?

Ele olha para cima para mim quando eu digo o nome dele. *St. Clair*, não Étienne. Ele está magoado, mas eu não ligo. Ele é *St. Clair* de novo. Paquerador, amigo de todos, o *St. Clair*. Eu ODEIO ele. Antes que ele possa responder, eu estou tropeçando pela calçada. Eu não posso mais olhar para ele. Eu fui tão estúpida. Eu sou tão idiota.

É o Toph, tudo de novo.

Ele me chama, mas eu continuo seguindo em frente. Um pé na frente do outro. Eu estou me concentrando tanto nos meus passos que eu acerto um poste. Eu xingo e o chuto. Várias vezes e de repente *St. Clair* está me puxando para trás, puxando-me para longe do poste, e eu estou chutando e gritando e eu estou tão cansada e eu só quero ir para CASA.

— Anna! Anna!

— O que está acontecendo? — Alguém pergunta. Meredith e Rashmi e Josh nos cercam. Quando eles chegaram aqui? Por quanto tempo eles estiveram nos assistindo?

— Está tudo bem — *St. Clair* diz. — Ela só está um pouco bêbada...—

— Eu não ESTOU BÊBADA.

— Anna, você está bêbada, e isso é ridículo. Vamos apenas ir embora.

— Eu não quero ir embora com você!

— Que diabos você tem?

— Que diabos *eu* tenho? Você é muito corajoso em me perguntar isso. — Eu cambaleio até a Rashmi. Ela me estabiliza enquanto olha para Josh horrorizada. — Só me diga uma coisa, *St. Clair*. Eu só quero saber uma coisa.

Ele me encara. Furioso. Confuso.

Eu pauso para estabilizar a minha voz. — Por que você ainda está com ela?

Silêncio.

— Ótimo. Não me responda. E você sabe do que mais? Não me ligue também. Acabamos. *Bonne nuit*.

Eu já estou caminhando a passos largos quando ele responde.

— Por que eu não quero ficar sozinho agora. — Sua voz ecoa pela noite.

Eu me viro para encará-lo uma última vez. — Você não *estava* sozinho, idiota.

— Uau, Anna. Você é uma bêbada tão má.

Eu puxo as cobertas por cima da minha cabeça. Rashmi está no telefone. Minha cabeça está me matando.

— Quanto você e o St. Clair beberam ontem a noite?

Étienne. O que aconteceu ontem à noite? Eu me lembro do clube. Eu me lembro da música e — teve dança? Eu acho que teve dança — e, oh sim, alguma garota gritando conosco, e então nós fomos lá fora e... oh, não.

Oh não, oh não, oh não.

Eu sento rapidamente e *ohmeudeusdocéu* minha cabeça está latejando. Eu fecho meus olhos para impedir a luz dolorosa, e lentamente, bem lentamente volto para a cama.

— Vocês praticamente transaram na pista de dança.

Nós transamos?

Eu abro os meus olhos de novo e me arrependo imediatamente. — Eu acho que estou com gripe — eu resmungo. Estou com sede. Minha boca está seca. Nojento. Parece como o fundo da gaiola do Capitão Jack.

— Tá mais para uma ressaca. Você deve beber um pouco de água. Mas não muito, você pode vomitar de novo.

— De novo?

— Olhe na sua pia.

Eu resmungo. — Eu prefiro não olhar.

— Josh e eu praticamente te carregamos para casa. Você deveria estar me agradecendo.

— *Obrigada*. — Eu não estou nem um pouco a fim de agüentar a Rashmi agora. — O Étienne está bem?

— Não vi ele. Ele foi na Ellie ontem à noite.

Bem, quando eu acho que não posso me sentir pior. Eu viro as pontas do meu travesseiro. — Eu, uh, disse algo estranho para ele ontem à noite?

— Fora você agir como uma namorada ciumenta e dizer que você nunca mais queria falar com ele? Não. Nada nem um pouco estranho. — Eu resmungo enquanto ela reconta a noite pancada por pancada. — Escuta — ela diz quando termina — qual é a de vocês dois?

— O que você quer dizer?

— Você sabe o que eu quero dizer. Vocês dois são inseparáveis.

— Exceto quando ele está com a namorada dele.

— Certo. Então qual é o negócio?

Eu dou um gemido de novo. — Eu não sei.

— Vocês já... sabe... fizeram algo?

— Não!

— Mas você gosta dele. E ele gosta de você.

Eu paro de enfocar o meu travesseiro. — Você acha?

— Por favor. O menino tem uma ereção toda vez que você entra em um lugar.

Meus olhos se abrem de novo. Ela quer dizer isso figurativamente ou ela realmente viu algo? Não. Concentre-se, Anna. — Então por que...

— Por que ele ainda está com a Ellie? Ele te disse ontem à noite. Ele está solitário, ou pelo menos ele está com medo de ficar sozinho. Josh diz que é por causa de todo o negócio com a mãe dele, ele está baratinado de mudar mais alguma coisa na vida dele.

Então Meredith estava certa. Étienne tinha medo de mudanças. Por que eu não tinha falado sobre isso com a Rashmi antes? Parecia óbvio agora. Claro que ela tinha informações internas, porque o Étienne fala com o Josh, e o Josh fala com a Rashmi.

— Você realmente acha que ele gosta de mim? — Eu não consigo me agüentar.

Ela suspira. — Anna. Ele te provoca o tempo todo. É a clássica síndrome do menino-que-puxa-o-rabo-de-cavalo-da-menina. E sempre que alguém mesmo que remotamente, faz isso, ele sempre fica do seu lado e diz para a pessoa parar.

— Huh.

Ela pausa. — Você realmente gosta dele, não é?

Eu estou lutando para não chorar. — Não. Não é assim.

— Mentirosa. Então você vai levantar hoje ou não? Você precisa de sustentação.

Eu concordo em encontrá-la na lanchonete em meia hora, mas eu não tenho ideia do por que, porque no momento que eu saio da cama, eu quero me arrastar de volta para lá. Eu estou enjoada, e minha cabeça parasse que levou uma pancada com um taco de beisebol. E falando pancada, é aí que eu sinto o meu cheiro. Os meus poros estão com cheiro de álcool e azedos. O meu cabelo fede a cigarros. E as minhas roupas. Oh, *nojento*. Eu corro para a pia, arfando.

E é aí quando eu descubro o vômito de ontem à noite. E eu vomito de verdade. De novo.

No chuveiro, eu encontro estranhas contusões nas minhas pernas e nos pés. Eu não tenho ideia de onde elas surgiram. Eu me encolho no meu cantinho de azulejos e deixo a água quente correr. E correr. E correr. Estou vinte minutos atrasada para o café da manhã. Almoço. Sei lá. Paris está coberta por diversos centímetros de neve. Quando isso aconteceu? Como eu pude dormir durante a primeira nevasca? O brilho branco me faz cobrir os meus olhos.

Agradecidamente, Rashmi está sozinha em nossa mesa quando eu chego lá tropeçando. Eu não poderia encarar ninguém agora. — Bom dia, raio de sol. — Ela sorri do meu cabelo molhado e olhos inchados.

— O que eu não consigo entender é como as pessoas realmente acham que

beber é divertido.

— Você estava se divertindo quando estava dançando ontem à noite.

— Pena que eu não me lembro.

Rashmi desliza um prato de torrada seca na minha direção. — Coma isso. E beba um pouco de água, mas não muito. Você pode vomitar de novo.

— Eu já vomitei.

— Bem. Você está começando bem.

— Onde está o Josh? — Eu dou uma pequena mordida na torrada. *Eca*. Eu não estou com fome.

— Você se sentirá melhor se comer. — Ela acena para o meu prato. — Ele ainda está dormindo. Nós não passamos todos os minutos juntos, sabia.

— Sim. Certo. É por isso que você e eu saímos toda hora.

Opaaa.

As sobrancelhas castanhas da Rashmi ficam avermelhadas. — Eu sei que isso vai ser chocante para você, Anna, mas você não é a única com problemas. Josh e eu não estamos exatamente nos melhores termos nesse momento.

Eu me encolho no meu assento. — Sinto muito.

Ela mexe com a tampa de seu suco. — Que seja.

— Então... o que está acontecendo? — Leva um minuto de estímulo, mas quando ela começa, é como se uma represa tivesse explodido. Parece que eles estão brigando mais vezes do que eu pensava. Sobre o Josh matando aula. Sobre ela pressionar ele. Ela acha que ele está chateado porque ela está indo embora ano que vem, e ele não está. Nós todos estamos saindo para a faculdade, e ele não está.

Eu não havia pensado nisso antes.

E ela está chateada por causa de sua irmã mais nova, Sanjita, que está saindo com a turma da Amanda, e preocupada com o irmão dela, Nikhil, que está sendo atormentado, e brava com os seus pais, que não param de compará-la com a sua irmã mais velha, Leela, que foi a oradora da turma na Escola da América há dois anos. E Mer está sempre muito ocupada com o futebol para sair, e Étienne e eu estamos sempre juntos, e... ela perdeu sua melhor amiga.

Ellie ainda não havia ligado para ela.

E o tempo todo que ela estava desabafando, eu me senti tão envergonhada. Eu nunca percebi que ela não tinha ninguém para conversar. Quer dizer, eu sei que a Ellie era a melhor amiga dela, e ela não estava por perto mais, mas de alguma forma eu esqueci que isso significava que a Rashmi não tinha mais ninguém. Ou talvez eu presumi que o Josh era o bastante.

— Mas nós vamos nos entender — ela diz sobre ele. Ela está tentando não chorar. — Nós sempre nos entendemos. Só é difícil. — Eu entrego um guardanapo para ela, e ela soa o nariz. — Obrigada.

— Claro. Obrigada pela torrada.

Ela me dá um meio sorriso, mas ele desaparece assim que ela nota algo atrás de mim. Eu me viro na cadeira e sigo o seu olhar.

E lá está ele.

Seu cabelo está totalmente desganhado, e ele está usando sua camiseta do Napoleão, que está mais amassada do que nunca. Ele se arrasta na direção do *Monsieur Boutin* com um prato de... torrada seca. Parece que ele não dorme a uma semana. E ele ainda está lindo. Meu coração se despedaça. — O que eu digo? O que eu devo dizer para ele?

— Respire fundo — Rashmi diz. — Respire bem fundo.

Respirar é impossível. — E se ele não quiser falar comigo? Eu disse para ele não falar comigo mais.

Ela estica o braço e aperta a minha mão. — Você está bem. E ele está vindo para cá, então eu vou te soltar agora. Aja naturalmente. Você está *bem*.

Certo. Estou bem. Certo.

A caminhada dele até a nossa mesa é dolorosamente lenta. Eu fecho os meus olhos. Eu estou preocupada que ele não vai se sentar conosco, que ele realmente NUNCA mais vai falar comigo de novo, quando a sua bandeja faz barulho do meu lado oposto. Eu não me lembro da última vez que ele não se sentou ao meu lado, mas está tudo bem. Contanto que ele esteja aqui.

— Ei — ele diz.

Eu abro os meus olhos. — Ei.

— Droga! — Rashmi diz. — Eu tenho que ligar para o Josh. Eu disse que acordaria ele antes que eu comesse, e eu esqueci totalmente. *Veja você depois*. — E ela se afasta apressadamente como se nós fôssemos contagiosos.

Eu empurro a minha torrada pelo prato. Tento dar outra mordida. Dá-me enjôo.

Étienne tosse. — Você está bem?

— Não. Você?

— Me sentindo como o inferno.

— Você parece como o inferno.

— Diza garota com o cabelo pingando como um cachorro molhado.

Eu dou uma meia risada. Ele meio que dá de ombros.

— Muito obrigada, Étienne.

Ele cutuca sua torrada, mas não a pega. — Então eu sou Étienne de novo?

— Você tem muitos nomes.

— Eu tenho apenas um nome. As pessoas o dividem estranhamente.

— Que seja. Sim. Você é Étienne de novo.

— Bom.

Eu me pergunto se essa interação conta como uma desculpa. — Como ela está? — Eu não quero dizer o nome dela.

— Raivosa.

— Sinto muito. — E eu não sinto, mas eu tenho uma vontade esmagadora de provar que nós ainda podemos ser amigos. Há uma dor de verdade dentro de mim que precisa dele. — Eu não quis estragar as coisas, eu não sei o que deu em mim...—

Ele esfrega suas têmporas. — Por favor, não se desculpe. Não é culpa sua.

— Mas se eu não tivesse te arrastado para dançar...—

— Anna. — Étienne fala lentamente. — Você não me fez fazer nada que eu não quisesse fazer.

Meu rosto esquenta enquanto o conhecimento explode dentro de mim como dinamite.

Ele gosta de mim. Étienne realmente gosta de mim.

Mas logo que a informação é digerida, é substituída por confusão, por uma noção tão doentia que joga as minhas emoções para o lado oposto do espectro. — Mas... você ainda está com ela?

Ele fecha seus olhos com dor.

Eu não consigo controlar a minha voz. — Você passou a noite com ela!

— Não! — Étienne diz abrindo os olhos rapidamente. — Não, não passei. Anna, eu não... *passo* uma noite com a Ellie há muito tempo. — ele me olha suplicante. — Desde antes do Natal.

— Eu não entendo porque você não termina com ela. — Estou chorando. A angústia de estar tão perto do que eu quero, e mesmo assim tão longe.

Ele parece estar em pânico. — Eu estou com ela há muito tempo. Nós passamos por muita coisa juntos, é complicado...

— Não é complicado. — Eu fico de pé e empurro a minha bandeja para o outro lado da mesa. A torrada balança para fora do prato e cai no chão. — Eu me coloco a disposição, e você me rejeita. Eu não vou cometer esse erro de novo.

Eu saio tempestivamente.

— Anna! Anna, espera!

— Oliphant! Sentindo-se melhor? — Eu pulo para trás, quase batendo de frente com o Dave. Ele está sorrindo. Seus amigos Mike e Emily Middlestone, conhecida como a Garota com a Mecha Rosa, esperam atrás dele com as bandejas.

— Hum. O quê? — Eu olho para trás, e o Étienne está de pé. Ele está prestes a me seguir, mas agora que ele viu o Dave, ele não está mais tão certo.

Dave ri. — Eu vi você no saguão ontem à noite. Acho que você não se lembra. Os seus amigos estavam lutando para colocar você no elevador, então eu os ajudei a te carregar.

Rashmi não mencionou isso.

— Você descarregou algo feroz em sua pia.

Dave estava no meu quarto?



— Você está bem hoje? — Ele enfia uma mecha desgrenhada de cabelo atrás da orelha.

Outra olhada no Étienne. Ele dá um passo para frente, mas então hesita de novo. Eu me viro de volta para o Dave, algo novo e feio se endurece dentro de mim. — Estou bem.

— Legal. Então nós vamos para um pub irlandês em Montmartre hoje à noite. Quer ir?

Eu já bebi o bastante por um bom tempo. — Obrigada, mas eu vou ficar em casa.

— Tudo bem. Talvez outra hora? — Ele sorri e me cutuca. — Quando você estiver se sentindo melhor?

Eu quero punir Étienne, machucá-lo da mesma maneira que ele me machucou. — Sim. Eu gostaria disso.

As sobrancelhas de Dave se levantam, talvez de surpresa. — Legal. Vejo você por aí, então. — Ele sorri de novo, tímido desta vez, e então segue os seus amigos para a mesa de sempre deles do outro lado do salão.

— Legal — Étienne diz atrás de mim. — Foi realmente legal falar com você, também.

Eu me viro. — Qual é o seu problema? Então você pode continuar namorando a Ellie, mas eu nem posso falar com o Dave?

Étienne parece envergonhado. Ele encara suas botas. — Desculpa.

Eu nem sei o que fazer com a desculpa dele.

— Desculpa — ele diz de novo. E desta vez, ele está olhando para mim. Implorando-me. — E eu sei que não é justo pedir isso para você, mas eu preciso de mais tempo. Para resolver as coisas.

— Você teve o ano inteiro. — Minha voz está fria.

— Por favor, Anna. Por favor, seja minha amiga.

— Sua amiga. — Eu dou uma risada amarga. — Certo. Claro.

Étienne olha para mim impotente. Eu quero dizer não para ele, mas eu NUNCA fui capaz de dizer não para ele. — Por favor — ele diz de novo.

Eu cruzo os meus braços, me protegendo. — Claro, *St. Clair*. Amigos.

— Eu não posso acreditar que você almoçou com o David. — Mer olha para ele gingando pelo corredor e balança a cabeça. Nós estamos seguindo na direção oposta dele, em direção à física.

— Dave — eu corrijo. — O quê? Ele é um cara legal.

— Se você gosta de roedores — St. Clair diz. — E com esses grandes dentes tortos, alguém poderia pensar que fosse difícil para ele mastigar.

— Eu sei que você não gosta dele, mas você poderia pelo menos tentar ser civilizado. — Eu deixo de apontar que nós já havíamos tido uma conversa sobre os nossos próprios nada perfeitos dentes. As últimas semanas têm sido terríveis. St. Clair e eu ainda somos amigos — na teoria — mas agora essa *coisa* está de volta, ainda maior e mais horrível do que foi depois do Dia de Ação de Graças. É tão enorme que parece físico, um peso de verdade, um corpo que nos impedem de nos aproximarmos.

— Por quê? — Sua voz está desconfiada. — Vocês dois estão saindo agora?

— Sim, nós marcamos o nosso primeiro encontro logo depois que ele pediu para eu casar com ele. Por favor. Nós somos apenas amigos.

Mer sorri. — Dave não quer ser somente amigo.

— Ei, vocês pegaram qual foi a nossa tarefa na aula de inglês? — eu pergunto.

— Mudança de assunto, o seu nome é Anna — Rashmi diz. Mas de uma maneira amigável. Desde o café da manhã pós-aniversário, as coisas ficaram mais fáceis entre nós.

— Eu não estou mudando de assunto. Eu só não escutei qual foi a nossa tarefa.

— Isso é estranho — St. Clair diz. — Porque eu vi você anotando.

— Eu anotei?

— Sim — ele diz. — É um desafio.

— Oh, vamos lá, gente — Mer diz. Nossos amigos estão cansados de nos ver brigar, mesmo que eles ainda não saibam dos detalhes da nossa situação atual. Que é como eu prefiro. — Anna, é uma redação comparativa entre duas histórias no livro *‘Kitchen’*. Lembra?

Claro que eu lembro. Eu estou na verdade ansiosa para essa tarefa. Nós acabamos de ler um livro da Banana Yoshimoto, uma autora japonesa, e é o meu favorito até agora. Ambas as histórias dela são sobre coração partido e pesar, mas ambas são tingidas com uma... simplicidade e romance. Eu não consigo evitar pensar no trabalho do meu pai.

Ela escreve sobre amor e morte, também. Mas enquanto os livros dele são cheios de melodramas bregas, Yoshimoto reflete no processo de cura. Seus personagens estão sofrendo também, mas eles estão colocando suas vidas em ordem. Aprendendo a amar de novo. As histórias dela são mais difíceis, mas elas

também são mais compensadoras. Os personagens sofrem no começo e no meio, mas não no final. Há uma resolução positiva.

Eu deveria mandar pelo correio uma cópia para o meu pai. Circular os finais felizes de vermelho.

— Er — St. Clair diz. — Devemos trabalhar no trabalho juntos, então? Hoje à noite?

Ele está fazendo um esforço para ser amigável. Soa doloroso. Ele continua tentando, e eu continuo cortando ele. — Eu não sei — eu digo. — Eu tenho que tirar as medidas para o meu vestido de noiva.

O rosto de St. Clair cintila com frustração, mas por alguma razão, isso não me satisfaz tanto quanto deveria. Argh, tudo bem. — Claro — eu digo. — Isso seria... legal.

— Sim, eu preciso das suas anotações de cálculo emprestadas — Mer diz. — Eu devo ter perdido algo. Hoje não estava dando certo para mim.

— Oh — St. Clair diz. Como se ele tivesse acabado de notar que ela estava ali. — Sim. Você pode pegá-las emprestado. Quando você se juntar a nós.

Rashmi ri, mas não diz nada.

Ele se vira novamente para mim. — Então você gostou do livro?

— Gostei. — O desconforto permanece entre nós. — Você gostou?

St. Clair considera por um momento. — Eu gostei mais do nome da autora — ele finalmente diz. — Ba-na-na.

— Você está pronunciando errado — eu digo.

Ele me cutuca gentilmente. — Eu ainda prefiro assim.

\* \* \*

— Oliphant, o que você pôs na número nove? — Dave sussurra.

Nós estamos fazendo um teste surpresa. Eu não estou indo tão bem, porque conjugar verbos não é o meu ponto forte. Substantivos eu posso lidar — barco, cadarço, arco-íris. *Le bateau, le lacet, l'arc-en-cie*. Mas verbos? Se ao menos tudo pudesse ser dito no tempo presente.

*Eu vá para a loja para comprar leite!*

*Ontem à noite ele anda de ônibus por duas horas!*

*Uma semana atrás, eu canto para o seu gato na praia!*

Eu confirmo que a *Professeur Gillet* está distraída antes de responder ao Dave. — Não tenho idéia — eu sussurro. Apesar de que eu na verdade sei a resposta. Eu só odeio trapacear. Ele segura seis dedos para cima, e eu balanço minha cabeça. E eu não sei a resposta para aquela.

— Número seis? — ele sibila, sem ter certeza de que eu tenha entendido ele.

— *Monsieur Higgenbaum!*

Dave fica tenso enquanto a *Madame Guillotine* avança. Ela tira o teste das mãos dele, e eu não preciso falar francês para entender o que ela diz. Pego no flagra. — E você, *Mademoiselle Oliphant*. — Ela pega o meu teste também.

Isso é tão injusto! — Mas...

— Eu não tolero trapaça. — E a sua careta é tão severa que eu quero me esconder debaixo da mesa. Ela marcha de volta para frente da sala de aula.

— Que inferno? — Dave sussurra.

Eu falo para ele ficar quieto, mas ela se vira novamente. — *Monsieur! Mademoiselle!* Eu pensei que havia sido clara, não há conversa durante os testes.

— Desculpa, *professeur* — Eu digo enquanto o Dave protesta que ele *não* estava dizendo nada. O que é estúpido, porque todo mundo ouviu ele.

E então... a *Professeur* Gillet nos chuta para fora.

Eu não acredito. Eu nunca fui chutada para fora de uma aula antes. Nós fomos instruídos para esperar no corredor até a aula acabar, mas Dave tem outros planos. Ele vai na ponta dos pés embora e faz um sinal para eu seguir. — Vamos. Vamos para a escada para que possamos conversar.

Mas eu não quero ir. Nós já estamos com problemas o suficiente.

— Ela nunca saberá. Nós estaremos de volta antes da hora terminar — ele diz — Eu prometo.

Dave pisca, e eu balanço minha cabeça, mas o sigo de qualquer jeito. Por que eu não consigo dizer não para os caras bonitos? Eu espero que ele vá parar uma vez que nós chegamos às escadas, mas ele desce o trajeto inteiro. Nós vamos para fora e de lá para a rua. — Melhor, certo? Ele pergunta. — Quem quer ficar preso dentro de um lugar em um dia como hoje?

Está congelando, e eu *preferia* estar dentro da escola, mas eu seguro a minha língua. Nós sentamos em um banco gelado, e o Dave está tagarelando sobre snowboarding ou esqui ou algo. Estou distraída. Eu me pergunto se a *Professeur* Gillet irá me deixar recuperar os pontos do teste. Eu me pergunto se ela está checando o corredor. Eu me pergunto se eu estou prestes a me meter em mais confusão.

— Sabe, estou meio que feliz por sermos chutados para fora — Dave diz.

— Hum? — Eu viro minha atenção de volta para ele. — Por quê?

Ele sorri. — Eu nunca consigo te ver sozinha.

E então — desse jeito — Dave se inclina, e nós estamos nos beijando.

Eu. Estou beijando. Dave Higgenbaum.

E é... bom.

Uma sombra cai por cima de nós, e eu me separo dos lábios dele, que já se tornaram hiperativos. — Merda, nós perdemos o sinal? — ele pergunta.

— Não — St. Clair diz — Vocês ainda têm mais cinco minutos de ranger os dentes para desfrutar.

Eu me encolho mortificada. — O que você está fazendo aqui?

Meredith está de pé atrás dele, segurando uma pilha de jornais. Ela sorri. — Nós deveríamos estar te perguntando essa questão. Mas nós estamos fazendo uma coisa para a *Professeur* Hansen.

— Oh — eu digo.

— Oiii, Dave — Mer diz.

Ele acena para a Mer, mas ele está assistindo St. Clair, cujo rosto está gelado e duro.

— De qualquer forma! Nós vamos deixar vocês continuarem... o que vocês estavam fazendo. — Os olhos da Mer brilham enquanto ela puxa o braço de St. Clair. — Vejo você depois, Anna. Tchau, Dave!

St. Clair enfia suas mãos nos bolsos. Ele não encontra o meu olhar enquanto ele vai embora, e o meu estômago se revira. — Qual é o problema daquele cara? — Dave pergunta.

— Quem? Étienne? — Estou surpresa quando este nome sai da minha boca.

— Étienne? — Ele ergue uma sobrancelha. — Eu pensei que o nome dele fosse St. Clair.

Eu quero perguntar, *Então por que você o chamou de aquele cara?* Mas isso é rude. Eu dou de ombros.

— Por que você anda com ele, de qualquer forma? As meninas sempre estão falando sobre ele, mas eu não vejo o que é tão legal assim.

— Por que ele é engraçado — eu digo. — Ele é um cara realmente legal.

*Legal.* Foi assim que eu descrevi o Dave para o St. Clair no outro dia. O que está errado comigo? Como se o Dave fosse de alguma forma parecido com o St. Clair. Mas ele parece exasperado, e eu me sinto mal. Não é justo elogiar o St. Clair na cara do Dave. Não depois de beijá-lo.

Dave enfia suas mãos nos bolsos. — Nós deveríamos voltar.

Nós nos arrastamos para o andar de cima, e eu imagino a *Professeur Gillet* esperando por nós, fumaça saindo de suas narinas como um dragão enfurecido. Mas quando nós chegamos lá, o corredor está vazio. Eu olho para dentro da janela da sala dela enquanto ela termina a sua aula. Ela nos vê e acena.

Eu não acredito.

Dave estava certo. Ela nunca soube que nós saímos.

Ok, então Dave não é tão atraente quanto St. Clair. Ele é do tipo desengonçado, e tem enormes dentes, mas seu nariz bronzeado e cheio de sardas é bonito. E eu gosto de como ele tira seu cabelo desgrehado dos olhos, e o seu sorriso sedutor sempre me pega fora de guarda. E, com certeza, ele é *um pouco* imaturo, mas nada como seu amigo Mike Reynard, que sempre está falando sobre os peitos da Garota com mechas rosa. Mesmo quando ela esta perto o suficiente para ouvir. E embora eu não ache que Dave se animará com um livro de História ou em usar um chapéu engraçado feito por sua mãe, o importante é isso: Dave está disponível. St. Clair não.

Está Fazendo uma semana desde que nós nos beijamos, e agora nós estamos saindo. Mais ou menos. Temos tido alguns passeios, e ele tem pagado algumas refeições, e nós temos nos encontrado em vários lugares no campus. Mas eu não saio com seus amigos, e ele nunca sai com os meus. O que é bom, porque eles me provocam sobre Dave implacavelmente.

Eu estou vadiando com eles pelo lobby. É noite de sexta-feira, então aqui não há uma multidão. Nate esta atrás da recepção, porque os trabalhadores regulares estão em greve. Alguém sempre está em greve em Paris, e isso teria que acontecer aqui mais cedo ou mais tarde. Josh esta desenhando Rashmi, que está falando no telefone com seus pais em Hindi. Enquanto St. Clair e Meredith fazem um quiz para outro teste de Governo. Eu estou verificando meu e-mail. Eu me assusto quando um de Bridgette aparece. Ela não tem escrito em quase dois meses.

*"Eu sei que você não quer ouvir falar de mim, mas eu pensei em tentar uma ultima vez. Desculpe-me por não ter dito para você sobre o Toph. Eu estava com medo, porque eu sabia o quanto você gostava dele. Eu espero que um dia você entenda que eu não queria machucá-la. Eu espero que o seu segundo semestre na França esteja indo bem. Eu estou animada porque há apenas dois meses para a formatura, e eu não posso esperar para o baile! O SOAP tem um baile? Você vai com alguém? O que aconteceu com aquele cara Inglês? Isso soou como uma situação mais-que-amigos para mim. Enfim. Eu sinto muito, e eu espero que você esteja bem. E eu não vou incomodá-la novamente. E eu não usei palavras grandes porque eu sei que você odeia isso."*

— Está tudo bem, Anna? — St. Clair pergunta.

— O que? — Eu fecho meu notebook

— Você está parece como se o cinema Mamãe e Papai do cão bassê tivesse fechado — ele diz.

Bridgette e Toph vão para o baile. Por que eu estou chateada? Antes eu nunca me importei com o baile. Mas eles vão conseguir essas fotos tamanho carteira. Ele estará em um smoking no estilo punk-rock com alguns alfinetes e ela estará em um vestido vintage fabuloso, ele terá suas mãos na cintura dela em uma incomoda pose e eles serão capturados juntos por toda a eternidade. E eu nunca

vou ao baile.

— Não é nada. Eu estou bem. — Eu fico de costas para ele e enxugo meus olhos.

St. Clair se senta. — Isso não é nada. Você está chorando.

A porta da frente é aberta, e o nível de decibéis aumenta quando Dave, Mike, e três meninas do penúltimo-ano chegam. Eles foram beber, e eles estão rindo muito alto. Emily Middlestone, a Garota com a mecha rosa, se agarra ao braço de Dave. Uma das mãos dele repousa casualmente na cintura dela. Foto de baile. A pontada de ciúmes me surpreende. A face de Emily se ilumina, e ela ri mais do que ninguém. Mer me cutuca com a ponta do sapato. Os outros, mesmo Josh e Rashmi, observam a situação com interesse. Abro meu notebook, determinada a não parecer chateada como me sinto.

— Anna! — Dave me dá um gigante e exagerado aceno. O rosto de Emily se azeda. — Você perdeu! — Ele a sacode fora e vem para mim com os braços vacilantes. Ele se parece como um filhote recém nascido com as asas inúteis. — Você sabe o Café com as janelas azuis? Nós roubamos deles as mesas e cadeiras que ficam do lado de fora e as colocamos na fonte. Você deveria ter visto o olhar na cara dos garçons quando eles as encontraram. Foi incrível!

Eu olho para os pés de Dave. Eles estão, de fato, molhados.

— O que você está fazendo? — Ele se abaixa ao meu lado. — Verificando seu e-mail?

St. Clair bufa. — Dê ao rapaz uma medalha por sua brilhante habilidade de dedução.

Meus amigos sorriem. Eu estou envergonhada de novo, tanto por Dave quanto por mim. Mas Dave sequer olha para St. Clair, ele simplesmente continua sorrindo. — Bem, eu vi o notebook, e eu vi a linda careta que significa que ela está se concentrando em algo difícil, e eu somei dois mais dois...

— NÃO — Eu digo a St. Clair, quando ele abre a boca para dizer alguma coisa. Ele a fecha, surpreso. — Quer Ir lá em cima? — Dave pergunta. — Nós vamos descansar por um tempo no meu quarto. Eu provavelmente deveria. Ele é meio que meu namorado. Além disso, eu estou irritada com St. Clair. Seu olhar hostil só me deixa mais determinada. — Claro.

Dave grita e me puxa para os meus pés. Ele tropeça em um livro de St. Clair, e St. Clair parece pronto para cometer um assassinato.

— É apenas um livro — Eu digo.

Ele faz uma carranca de desgosto.

Dave me leva para o quinto andar. O andar de St. Clair. Eu me esqueci que eles eram vizinhos. Seu quarto é o lugar mais... americano que eu vi em Paris. As paredes estão cobertas por cartazes vulgares – 99 GARRAFAS DE CERVEJA NA PAREDE, *Reefer Madness*, uma mulher com peitos enormes e biquíni branco. O decote dela é coberto com areia, e ela está fazendo beicinho como se

disse: *Você pode acreditar nisso? Areia! Na praia!*

As garotas se empilham em cima da cama desfeita do Dave. Mike se atira em cima delas, e elas guincham e batem nele. Eu flutuo na porta até que Dave me puxa para dentro e para o seu colo. Nós sentamos na cadeira dele. Outro cara aparece. Paul? Pete? Algo assim. Uma das garotas, a garota com o cabelo escuro e jeans apertados, se estica em um movimento destinado a mostrar o seu piercing do umbigo para Paul/Pete. *Oh, por favor.*

A festa se divide e algumas pessoas saem. Emily não tem um parceiro, assim ela sai, mas não antes de atirar-me um olhar mal-intencionado. A língua de Dave está na minha boca, mas eu não posso relaxar, porque ele está babando essa noite. Sua mão se arrasta debaixo da minha camisa e repousa contra as minhas costas. Eu olho para baixo para a sua outra mão e percebo que elas não são muito maiores que as minhas. Ele tem mão de menino.

— Eu preciso mijar. — Mike Reynards anuncia, fazendo seu encontro de hoje cair no chão. Eu espero que ele saia do quarto, mas, em vez disso, ele faz o imperdoável. Ele abre sua calça – bem lá na frente de todos nós – e faz xixi no chuveiro de Dave.

E ninguém diz nada.

— Você não vai pará-lo?

Mas Dave não responde a minha pergunta. Sua cabeça cai para trás, e sua boca está aberta. Ele está dormindo?

— Todo mundo mijar no chuveiro. — Mike curva seus lábios para mim. — O que, você espera na fila para o banheiro?

Eu luto contra a repulsa enquanto eu estou descendo as escadas para o meu andar. O que eu estava pensando? Eu poderia ter contraído alguns números de doenças potencialmente fatais. Não há maneira alguma de Dave SEMPRE limpar o seu quarto. Eu penso no espaço de St. Clair, arrumado, e eu tenho ciúmes de Ellie de uma maneira inteiramente nova. St. Clair nunca penduraria um cartaz de garrafas de cerveja ou organizaria festas no seu quarto usando seu chuveiro como banheiro.

Como que eu termino com o Dave? Nunca foi uma decisão, isso apenas aconteceu. Eu só estava com ele porque eu sou louca por St. Clair? O pensamento atinge um nervo. Agora eu me sinto envergonhada assim como estúpida. Eu procuro pelo meu chaveiro, e um novo tipo de pânico se estabelece. Chave. Eu não tenho a minha chave. Onde eu fui deixá-la? Eu amaldição, porque de maneira alguma eu volto para o quarto do Dave. Talvez esteja no térreo. Ou talvez eu nunca as peguei em primeiro lugar. Isso significa que eu tenho que ir a recepção? Exceto – eu almodioo de novo – eles estão em greve. O que significa que eu tenho que ir para o Nate, o que significa que eu tenho que acordá-lo no meio da noite. O que significa que ele ficará bravo comigo.

A porta da Mer se abre. É St. Clair. — Noite — Ele diz, fechando a porta. Ela



diz boa noite de volta. Ele olha para mim, e eu recuo. Ele sabia que eu estava aqui fora.

— Você e o Higgenbaum tiveram um tempo legal? — Ele zomba.

Eu não quero falar sobre Dave. Eu quero encontrar a chave do meu quarto, e eu quero que St. Clair vá embora.

— Sim. Grande. Obrigada. St. Clair pisca. — Você está chorando. Essa é a segunda vez essa noite. — Uma nova borda na sua voz. — Ele machucou você?

Eu limpo meus olhos. — O que?

— Eu vou MATAR aquele maldito...

Ele já está a meio caminho para as escadas antes que eu consiga puxar ele de volta. — Não! — St. Clair olha para a minha mão no braço dele, e eu rapidamente a removo. — Eu estou trancada fora. Eu estou apenas chateada porque perdi minha chave estúpida.

— Oh.

Nós ficamos por um momento, sem saber o que fazer com nós mesmos. — Eu estou indo para baixo. — Eu evito o olhar dele. — Talvez eu as deixei lá.

St. Clair me segue, e eu estou muito cansada para discutir. Sua botas ecoam na escada vazia. *Clomp. Clomp. Clomp.* A entrada está escura e vazia... O vento de março balança os vidros da porta da frente. Ele vagueia ao redor e acende uma lâmpada. É uma lâmpada Tiffany, libélulas vermelhas com olhos azul-turquesa bulbosos. Eu começo a levantar as almofadas do sofá. — Mas você estava no chão o tempo todo — Ele diz. Eu penso sobre isso, e ele está certo. Ele aponta para uma cadeira. — Ajude-me a levantar esta. Talvez tenha sido chutada aqui embaixo.

Movemo-nos para o lado. Nenhuma chave. — Você pode ter deixado lá em cima? — Ele está desconfortável, então eu sei o que ele pensa sobre Dave. — Vamos verificar? — Ele pergunta. — Ou... eu devo verificar?

Eu balanço minha cabeça em sinal de não, e fico aliviada quando ele não me pressiona. Ele parece aliviado, também. — Nate?

— Eu não quero acordá-lo.

St. Clair morde sua unha. Ele está nervoso. — Você pode dormir no meu quarto. Eu vou dormir no chão, você pode ficar com a minha cama. Nós não temos que, er, dormir juntos. Mais uma vez. Se você não quiser.

É apenas a segunda vez, além dos e-mails no Natal, que qualquer um de nós menciona aquele fim de semana. Eu estou atordoada. A tentação faz todo o meu corpo doer com saudade. Mas há cem razões diferentes para isso ser uma má idéia.

— Não. Eu-eu prefiro acabar com isso agora. Porque eu ainda teria que ver Nate de manhã, e então eu teria que explicar sobre... sobre estar no seu quarto.

Será que ele está decepcionado? Ele toma um momento antes de responder. — Então eu vou com você.

— Nate vai enlouquecer. Você deve ir para cama. Mas ele marcha para o quarto do Nate e bate. Um minuto depois, Nate abre sua porta. Ele está descalço e vestindo uma camiseta velha e de cueca samba-canção. Eu afasto o olhar, envergonhada. Ele coça sua cabeça raspada. — Ungh?

Eu fico olhando para o seu tapete com estampas de diamantes. — Eu me tranquei para fora.

— Hum?

— Ela esqueceu a chave dela — St. Clair disse. — Ela pode pedir a sua reserva?

Nate suspira, mas manda entrar. Seu lugar é muito maior que o nosso, com um banheiro privado, sala de estar, e uma (embora minúscula pelas normas americanas) cozinha, além de um quarto separado. Ele vai até um armário de madeira em sua sala de estar. É preenchido com chaves cor bronze penduradas em pregos, com um número pintado em ouro em cima de cada uma. Ele pega a 408 e a entrega para mim. — Eu quero isso de volta antes do almoço.

— Claro — Eu agarro a chave tão forte que minha mão fica marcada. — Sinto muito.

— Fora. — Ele diz, e nós nos apressamos para o corredor. Eu pego um vislumbre da sua taça de preservativos, que traz de volta outra memória inquieta do dia de Ação de Graças.

— Viu? — St. Clair desliga a lâmpada de libélula. — Isso não foi tão terrível.

A entrada se esconde na escuridão novamente, a única luz vem do protetor de tela do computador no balcão da frente. Eu tropeço a frente, batendo nas paredes. St. Clair esbarra em mim.

— Desculpe — Ele diz. Sua respiração é quente em meu pescoço. Mas ele não ajusta seu corpo. Ele fica perto de mim enquanto nós esbarramos pelo corredor. A minha mão bate na porta da escadaria. Eu a abro, e nós protegemos nossos olhos do brilho repentino. St. Clair a fecha atrás de nós, mas nós ainda não subimos. Ele ainda está pressionado em mim. Eu me viro. Seus lábios estão a apenas um sopro dos meus. Meu coração bate tão forte que está praticamente estourando, mas ele hesita e se afasta. — Então, você e Dave...?

Eu fico olhando para sua mão apoiada na porta. Elas não são mãos de menino. — Nós estávamos saindo — Eu digo. — Não mais. Ele faz uma pausa, e em seguida dá um passo a frente novamente. — E eu presumo que você não vai me dizer sobre o que foi aquele e-mail?

— Não. Outro passo mais perto. — Mas você se aborreceu. Por que você não vai me dizer?

Eu dou um passo para trás. — Porque é vergonhoso, e isso não é da sua conta.

St. Clair enrugua seu rosto em frustração. — Anna, se você não pode dizer ao seu melhor amigo o quê a está incomodando, para quem você dirá?

E só com isso, eu tenho que lutar para não chorar uma terceira vez. Porque

mesmo com toda a estranheza e hostilidade, ele ainda me considera sua melhor amiga. A notícia me alivia mais do que eu teria imaginado. Eu tenho saudades dele. Eu odeio estar brava com ele. Antes que eu perceba, as palavras sobre Bridgette e Toph estão derramadas, e ele escuta com atenção, nunca tirando seus olhos de mim. — E eu nunca vou a um! Quando meu pai me matriculou aqui, ele tirou isso de mim também.

— Mas... bailes são estúpidos — St. Clair está confuso. — Eu pensei que você estava feliz por não ter um.

Nós nos sentamos juntos no último degrau. — Eu estava. Até agora.

— Mas... Toph é um babaca. Você o odeia. E Bridgette! — Ele olha para mim. — Nós ainda odiamos a Bridgette, certo? Eu não perdi nada?

Eu balanço minha cabeça. — Continuamos a odiá-la. — Tudo bem, isso é uma punição adequada. Pense nisso, ela vai ficar toda embonecada em uma dessas monstruosidades de cetim que nenhuma garota racional usaria algum dia, e eles vão tirar uma daqueles fotos horríveis...

— A foto — Eu lamento.

— Não. Elas são *terríveis* Anna. — E ele parece genuinamente revoltado. — As poses são incomodas e o slogan é terrível. *‘Uma noite para recordar’, ‘Este mágico momento’...*

— *‘Do que são feitos os sonhos’.*

— Exatamente. — Ele me cutuca com o cotovelo. — Ah, e não se esqueça da foto comemorativa para o chaveiro. Bridgette é obrigada a comprar uma. E isso vai constranger Toph, e ele vai terminar com ela, e será isso. A foto do baile será sua ruína completa.

— Eles ainda vão ter que se fantasiar.

— Você odeia se fantasiar.

— Eles ainda podem dançar.

— Você dança aqui! Você dançou sobre a mesa da entrada no dia de Ação de Graças. — Ele ri. — Não há nenhuma maneira de Bridgette começar a dançar sobre uma mesa no baile.

Eu estou tentando continuar chateada. — A menos que ela seja abandonada.

— Exatamente.

— O que provavelmente ela será.

— Não há *‘provavelmente’* sobre isso. Ela será bombardeada fora de seu crânio.

— Então será muito vergonhoso quando perder o seu jantar... — Ele joga suas mãos para cima. — A comida horrível do baile! Como eu poderia ter esquecido? Borracha de frango, molho de salsa engarrafado...

— Nos sapatos do Toph.

— *Mortificante* — Ele diz. — E isso vai acontecer durante a sessão de fotos, eu garanto.

Eu finalmente abro um sorriso, e ele sorri. — Assim é como eu gosto.

Nós seguramos um o olhar do outro. Seu sorriso se amacia e ele me cutuca de novo. Eu descanso minha cabeça em seu ombro quando as luzes da escada se apagam. Elas estão no temporizador.

— Obrigada, Étienne.

Ele se enrijece ao ouvir seu primeiro nome. Na escuridão, eu trago uma de suas mãos para o meu colo e a aperto. Ele aperta de volta. Suas unhas mordidas estão curtas, mas eu amo as suas mãos. Elas são do tamanho certo.

Agora eu sei por que as pessoas estão sempre falando sobre Paris na primavera. As folhas são verde-claras quando nascem, as castanheiras estão agrupadas, com botões de rosas, e as calçadas estão revestidas com tulipas amarelo-lima. Em todo lugar que eu olho, os parisienses estão sorrindo. Eles trocaram os seus cachecóis de lã por lenços que são mais finos, mais leves e mais macios. *Le Jardin Du Luxembourg*, o Jardim de Luxemburgo, está bem cheio hoje, mas é uma multidão agradável. Todo mundo está feliz porque é o primeiro dia quente do ano. Nós não víamos a luz do sol fazia meses.

Mas eu estou grata por uma razão diferente.

Esta manhã, Étienne recebeu um telefonema. Susan St. Clair não iria ser protagonista de um livro de James Ashley. A sua tomografia estava limpa – sem evidência de câncer. Ela ainda seria testada a cada três meses, mas agora, neste momento, a mão dele estava viva no sentido mais completo da palavra.

Nós saímos para celebrar.

Étienne e eu estamos deitados diante do *Grand Bassin*, uma piscina octogonal popular para barcos à vela de brinquedo. Meredith está jogando uma partida de futebol em um campo coberto do outro lado da rua, e Josh e Rashmi estão assistindo. Nós assistimos também, por um tempo. Ela é fantástica, mas a nossa atenção para esportes organizados não durava muito. Quinze minutos assistindo, e Étienne estava sussurrando no meu ouvido e me cutucando com sobrancelhas levantadas.

Não precisou muito para me convencer. Nós voltaremos daqui a pouco, para pegar o final.

É estranho que esta seja a minha primeira vez aqui, porque o jardim está localizado no *Latin Quarter*. Eu estive perdendo. Até agora o Étienne me mostrou uma escola de apicultura, um pomar, um teatro de marionetes, um carrossel, e um pátio de senhores perdidos no bocha, um boliche na grama. Ele diz que nós estamos no melhor parque em toda Paris, mas eu acho que é o melhor parque do mundo. Eu queria poder trazer o Seany aqui.

Um pequeno barco à vela passa atrás de nós, e eu suspiro alegremente. — Étienne?

Nós estamos deitados um ao lado do outro, encostados contra a borda da Bassin. Ele se mexe, e suas pernas encontram um lugar confortável contra as minhas. Nossos olhos estão fechados. — Humm? — ele pergunta.

— Isso é tãooo melhor que um jogo de futebol.

— Humm, é, não é?

— Nós somos tão podres — eu digo.

Ele dá uma tapa com um braço preguiçoso, e nós rimos silenciosamente. Algum tempo depois, eu percebo que ele está me chamando.

— O quê? — Eu devo ter pegado no sono.

— Há um barco à vela no seu cabelo.

— Hein?

— Eu disse, \_há um barco á vela no seu cabelo\_.

Eu tento levantar minha cabeça, mas ela volta para trás, presa. Ele não estava brincando. Um garoto agitado com a idade aproximadamente do Seany se aproxima, falando um francês rápido. Étienne ri enquanto tenta tirar as velas do brinquedo da minha cabeça. O barco vira de lado, e o meu cabelo mergulha no *Bassin*. O jovem garoto grita comigo.

— Olá, ajuda? — Eu dou um olhar exasperado para Étienne, cuja risada se reduz a um ataque de risos. Ele luta para se levantar enquanto o garoto estica a mão até o meu cabelo, puxando os emaranhados molhados.

— AI!

Étienne briga com ele, e o garoto solta. Os dedos do Étienne se enroscam no meu cabelo e gentilmente tiram o tecido e as cordas e a madeira dele. Ele entrega o barco de volta para o garoto e diz algo mais, desta vez com uma voz mais suave, espero que avisando ele para manter o barco longe dos transeuntes inocentes. O garoto agarra o seu brinquedo e corre para longe.

Eu torço o meu cabelo. — Ugh.

— Esta é uma água bem limpa. — Ele sorri.

— Claro que é. — Mas eu amo como ele sabe o que eu estou pensando.

— Vamos. — Ele fica de pé e oferece a mão. Eu a pego, e ele me ajuda a levantar. Eu espero que ele a solte, mas ele não faz. Ao invés disso, ele me guia para um lugar seguro para longe da piscina.

É bom ficar de mãos dadas. Confortável.

Eu gostaria que amigos ficassem de mãos dadas com mais frequência, como as crianças que eu vejo nas ruas algumas vezes. Eu não estou certa do por que temos que crescer e ficarmos com vergonha sobre isso. Nós sentamos na grama embaixo de um dossel de flores rosa. Eu olho ao redor procurando pela Polícia da Grama com seus pequenos chapéus de condutor, sempre ansiosos para tirar os cidadãos dos gramados, mas eu não os vejo. Étienne é um amuleto de boa sorte quando se trata deste tipo de coisa. Meu cabelo está pingando pela parte de trás da minha camiseta, mas, de alguma forma, não é tão ruim agora.

Nós ainda estamos de mãos dadas.

Ok, nós deveríamos soltar. Esta é a hora onde seria normal soltar.

Por que nós não estamos soltando?

Eu forço o meu olhar para o *Grand Bassin*. Ele faz a mesma coisa. Nós estamos vendo os barcos. Sua mão está queimando, mas ele não solta. E então — ele se aproxima. Só um pouco. Eu olho para baixo e vejo que a camiseta dele subiu um pouco, expondo um pedaço de suas costas. Sua pele é macia e pálida.

É a coisa mais sexy que eu já vi.

Ele se mexe de novo, e o meu corpo responde exatamente igual. Nós estamos

com braço contra braço, perna contra perna. Sua mão aperta a minha, fazendo-me olhar para ele.

Eu olho.

Os olhos escuros de Étienne procuram os meus. — O que nós estamos fazendo? — Sua voz está tensa.

Ele é tão lindo, tão perfeito. Eu estou zozza. O meu coração bate forte, minha pulsação se acelera. Eu inclino a minha cabeça na direção da dele, e ele responde com uma idêntica inclinação lenta na direção da minha. Ele fecha os olhos. Nossos lábios se encostam levemente.

— Se você me pedir para te beijar, eu beijo — ele diz.

Seus dedos acariciam a parte interna dos meus pulsos, e eu explodo em chamadas.

— Me beija — eu digo.

Ele beija.

Nós estamos nos beijando feito loucos. Como se nossas vidas dependessem disso. A língua dele desliza dentro da minha boca, gentil, mas exigente, e não é nada como eu já experimentei, e de repente eu entendo porque as pessoas descrevem o beijar como se fossem derreter porque cada parte do meu corpo se dissolve no dele. Meus dedos agarram o seu cabelo, puxando-o para mais perto. Minhas veias pulsam e o meu coração explode. Eu nunca quis tanto alguém assim antes. Nunca.

Ele me empurra para trás e nós estamos deitados, nos agarrando em frente das crianças com seus balões vermelhos e velhos com seus jogos de xadrez e dos turistas com seus mapas laminados e eu não ligo, eu não ligo para nada disso.

Tudo o que eu quero é o Étienne.

O peso do corpo dele em cima do meu é extraordinário. Eu sinto-o — todo ele — pressionado contra mim, e eu sinto o cheiro do seu creme de barbear, o seu xampu, e o cheiro extra que é somente... ele. O cheiro mais delicioso que eu poderia imaginar.

Eu quero respirar ele, lambê-lo, comê-lo, bebê-lo. Os lábios dele têm gosto de mel. O seu rosto tem um leve sinal de barba e esfrega minha pele, mas eu não me importo, eu não me importo nem um pouco. A sensação dele é incrível. Suas mãos estão em todo lugar, e não importa que a boca dele já esteja na minha, eu o quero mais perto, mais perto, mais perto.

E então ele pára. Instinto. O seu corpo está rígido.

— Como você *pôde*? — uma garota chora.

Meu primeiro pensamento é Ellie.

Ellie nos encontrou, e vai me estrangular com suas próprias mãos, justamente aqui, com os títeres, os cavalos de carrossel e apicultores como testemunhas. Minha garganta ficará roxa, e eu vou parar de respirar, e morrer. E depois ela irá para a prisão e escreverá cartas com letras psicóticas para Étienne em pergaminho feito de pele seca pelo resto de sua vida.

O pior é que não é Ellie. É Meredith.

Étienne salta para longe de mim. Ela vira sua cabeça, mas não antes que eu consiga perceber que está chorando.

— Mer! — Ela foge antes que eu possa dizer algo mais. Olho para Étienne, e ele esfrega sua cabeça com descrença.

— Merda — diz.

— Merda é o certo — diz Rashmi. Estou surpresa ao descobrir que ela e Josh estão aqui também.

— Meredith — Gemo. — Ellie — Como deixamos que isso acontecesse? Ele tem uma namorada, e ambos temos uma amiga que está apaixonada por ele, o segredo que não é um segredo e que nunca foi.

Étienne salta sobre seus pés. Sua camisa está coberta com capim seco. E estão já não está mais lá. Corre depois de Meredith, gritando seu nome. Desaparece por trás das copas de uma árvore, e Josh e Rashmi estão falando, mas não compreendo suas palavras.

Étienne acabou de ir? Por Meredith?

Não posso engolir. Minha garganta está fechada. Não só fui pega beijando alguém que não tinha direito de beijar (e não foi somente o melhor momento da minha vida) se não que me rechaçou.

Na frente de todos.

Há uma mão na frente da minha, e em um sonho, sigo seu pulso, seu cotovelo, sua tatuagem de caveira com linhas cruzadas, seu ombro, seu pescoço, seu rosto. Josh. Agarra minha mão e me ajuda a suportar. Minhas bochechas estão molhadas, e nem sequer me lembro de ter começado a chorar. Josh e Rashmi não falam enquanto me levam para um banco. Deixam-me chorar sobre como não sei o que aconteceu, e que eu não queria ferir ninguém, e que, por favor, não contem para Ellie. Que não posso acreditar que fiz isso com Mer, e que nunca falará comigo outra vez, e de que não estou surpresa que Étienne correu para longe por que sou tão horrível. A pior.

— Anna. Anna — Interrompe Josh. — Se tivesse um euro por cada coisa estúpida que eu já fiz, poderia comprar a Mona Lisa. Você vai ficar bem. Ambos vão ficar bem.

Rashmi cruza seus braços. — Seus lábios não eram os únicos trabalhando lá.

— Meredith, ela é tão... — Afogo-me. — Agradável — Outra vez, essa



palavra. Tão inadequada. — Como pude fazer isso com ela?

— Sim. Ela é muito agradável! — Diz Rashmi. — E foi realmente ruim de sua parte fazer isso agora. Em que estavam pensando?

— Não estávamos pensando, simplesmente aconteceu. Eu arruínei tudo. Ela me odeia. Étienne me odeia!

— St. Clair definitivamente não te odeia — diz Josh.

— Embora se eu fosse Mer, o odiaria — Rashmi franze o cenho. — Ele esteve a iludindo por muito tempo.

Josh está indignado. — Ele nunca deu a impressão de que gostava dela mais do que como uma amiga.

— Sim, mas ele nunca a recusou!

— Ele está saindo com Ellie há um ano e meio. Pensaria que isso seria suficiente. Oh. Desculpe, Anna.

Eu choro mais forte.

Eles ficam comigo no banco até que o sol se esconde atrás das árvores, então me levam do jardim de volta para a Résidence Lambert. Quando chegamos, o vestibulo está vazio. Todos os outros ainda estão aproveitando o clima.

— Preciso falar com Mer — digo.

— Oh, não, não precisa — diz Rashmi. — Dê tempo para ela.

Escapulo para meu quarto, irritada, e tiro minha chave. Na noite em que a perdi, simplesmente havia deixado em meu quarto. Os Beatles tocavam desde a parede entre Mer e eu, e lembro minha primeira noite aqui. — Revolution — está cobrindo o som de seu choro? Coloco minha chave de novo em minha camisa e descanso em minha cama. Eu sigo o ritmo de meu quarto, e logo, me viro.

Não sei o que fazer.

Meredith me odeia. Étienne está desaparecido, e não sei se gosta de mim ou me odeia ou se acha que cometeu um erro e que... Deveria ligar para ele? Mas, o que eu diria? — Olá, é Anna. A garota que você beijou no parque e depois abandonou. Quer sair? — Mas tenho que saber por que foi embora. Tenho que saber o que pensa sobre mim. Minha mão treme enquanto coloco meu celular em meu ouvido.

Direto para o correio de voz. Olho meu telhado. Está lá em cima? Não posso dizer. A música de Mer é muito alta para escutar passos, assim tenho que subir. Olho meu reflexo.

Meus olhos estão esbugalhados e vermelhos, e meu cabelo parece uma pastilha.

*Respira. Uma coisa de cada vez.*

*Limpa seu rosto. Escova seu cabelo. Escova seus dentes, por uma boa medida.*

*Respira outra vez. Abre a porta. Sobe as escadas.* Meu estômago se revira enquanto eu bato em sua porta. Ninguém responde. Pressiono meu ouvido contra a imagem dele com um chapéu de Napoleão, tentando ouvir dentro de seu

quarto. Nada. Onde está? Onde ESTÁ?

Volto para meu andar, a voz rouca de John Lennon continua explodindo no corredor. Meus pés ficam mais lentos quando passo por seu quarto. Tenho que me desculpar. Não importa o que disse Rashmi, mas Meredith está furiosa quando abre a porta. — Ótimo. É você.

— Mer... desculpe.

Ela lança uma gargalhada desagradável. — Sim? Não parecia que sentia muito com sua língua na traquéia dele.

— Desculpe — Sinto-me tão impotente. — Simplesmente aconteceu.

Meredith aperta suas mãos, que estranhamente não tem nenhum anel. Tampouco está usando maquiagem. De fato, está completamente bagunçada. Nunca a vi sem se arrumar antes. — Como você pôde Anna? Como pôde fazer isso comigo?

— Eu... Eu...

— Você o quê? Sabia como eu me sentia sobre ele! Não posso acreditar!

— Desculpe — digo novamente. — Não sei em que estávamos pensando...

— Sim, bem, de qualquer forma, não importa. Ele não escolheu nenhuma das duas.

Meu coração para. — O que? O que quer dizer?

— Ele me seguiu. Disse-me que não estava interessado — Sua cara enrubesce. — E foi até Ellie. Está lá, neste momento.

Tudo fica confuso. — Foi até Ellie?

— Simplesmente como sempre faz quando há problemas — Sua voz muda para presumida. — Agora, como se sente? Não tão bem, verdade? — E então fecha sua porta na minha cara.

Ellie. Escolheu Ellie. *Outra vez.*

Corro para o banheiro e abro a tampa do sanitário. Espero perder meu almoço, mas meu estômago só se revira, assim fecho a tampa do sanitário e me sento sobre ele. O que há de errado comigo? Por que sempre me apaixono pelo cara errado? NÃO queria que Étienne fosse outro Toph, mas é. Mas é muito pior por que eu gostava de Toph.

E amo Étienne.

Não posso encarar isso outra vez. Como poderia simplesmente encarar isso outra vez? Quero voltar para Atlanta, quero mamãe. O pensamento me envergonha. Uma garota de dezoito anos não deveria precisar de sua mãe. Não sei quanto tempo estive aqui, mas, de repente, percebo os sons irritados vindos do corredor. Alguém bate na porta.

— Deus, vai ficar aí a noite toda?

Amanda. Como se as coisas só pudessem ficar piores.

Olho meu reflexo. Meus olhos parecem como se tivessem confundido o suco de cereja por Visine, e meus lábios estão inchados como se vespas tivessem me

picado. Abro a torneira de água fria e salpico em meu rosto. Uma toalha de papel para secar, e depois escondo meu rosto com minha mão enquanto escapo do banheiro.

— Olá, bulímica — diz Amanda. — Vi hoje, você sabe.

Minhas costas se eriçam. Viro-me, e seus pálidos olhos aumentam com inocência sobre seu nariz adunco. Nicole está aqui, também, junto com a irmã de Rashmi, Sanjita, e... Isla Martin, a garotinha, cabelo-pintado-de-loiro do terceiro ano. Isla fica para trás. Ela não é parte de seu público, simplesmente alguém esperando na fila para o banheiro.

— Ela estava totalmente *vomitando* seu jantar. Vejam seu rosto. É *nojento*.

Nicole ri maliciosamente. — Anna sempre pareceu nojenta.

Meu rosto enrubesce, mas não reajo, por que é isso que Nicole quer. Não posso, no entanto, ignorar sua amiga. — Você não ouviu nada, Amanda. Não sou bulímica.

— Ouviram que A Moufette acabou de me chamar de *mentirosa*?

Sanjita levanta uma mão com manicure. — Eu ouvi.

Quero bater na irmã de Rashmi, mas me viro. Ignore-as. Amanda pigarreia.

— O que aconteceu com St. Clair e você?

Eu congelo.

— Enquanto você *vomitava*, eu ouvi Rashmi falando com a lésbica através de sua porta.

Viro-me. Ela NÃO disse isso.

Sua voz é como caramelo venenoso, doce, mas letal. — Algo sobre o que vocês dois fizeram, e agora a grande lésbica louca está chorando.

Minha mandíbula cai. Estou sem palavras.

— Não é como se ela tivesse alguma chance, de qualquer forma— diz Nicole.

— Tampouco estou certa do por que Anna acha que tem uma chance com ele. Dave tinha razão. Você é uma puta. Não é o suficientemente boa para ele, e definitivamente não é o suficientemente boa para St. Clair — Amanda torce seu cabelo. — Ele é da lista A. E você da D.

Não posso começar a processar essa informação. Minha voz treme. — Não volte a chamar Meredith assim.

— Como, lésbica? Meredith Chevalier é uma grande. Louca. LÉSBICA!

Bato nela tão forte que atravessamos a porta do banheiro. Nicole está gritando, Sanjita está rindo e Isla está pedindo que paremos. As pessoas correm de seus quartos, rodeando-nos, incitando-nos. E depois alguém me afasta dela.

— Que diabos está acontecendo aqui? — diz Nate, segurando-me. Algo desliza em meu queixo. Limpo e descubro que é sangue.

— Anna atacou Amanda! — Diz Sanjita.

Isla fala. — Amanda estava incitando-a...

— Amanda estava se defendendo! — Diz Nicole.

Amanda toca seu nariz e faz uma careta de dor. — Acho que quebrou. Anna quebrou meu nariz.

Eu fiz o quê? Lágrimas descem em minhas bochechas. O sangue deve ser de algum arranhão das unhas de Amanda.

— Estamos esperando, Mademoiselle Oliphant — diz Nate.

Sacudo minha cabeça enquanto Amanda se lançada em um discurso de acusações. — Basta! — Diz Nate. Ela para. Nunca o ouvimos levantar sua voz.

— Anna, pelo amor de Deus, o que aconteceu?

— Amanda chamou Mer... — Sussurro.

Ele está chateado. — Não consigo escutar.

— Amanda chamou... — Mas interrompo a mim mesma quando vejo os cachos loiros de Meredith aparecendo sobre todos os outros na multidão. Não posso dizer. Não depois de tudo que eu fiz hoje. Olho para minhas mãos e trago saliva. — Desculpe.

Nate suspira. — Vão indo, gente — Faz um gesto para a multidão no corredor. — O show terminou, voltem para seus quartos. Vocês três — Nate aponta para mim, Amanda e Nicole. — Fiquem.

Ninguém se move.

— Voltem para seus quartos!

Sanjita faz uma saída precipitada pelas escadarias e todos os outros tropeçam se afastando. Só somos Nate e nós três. E Isla. — Isla, volte para o seu quarto — diz Nate.

— Mas eu estava aqui — Sua voz suave cresce mais ousada. — Eu vi o que aconteceu.

— Bem. Vocês quatro, para o escritório da sede.

— Que tal um médico? — Se queixa Nicole. — Ela totalmente quebrou o nariz de Amanda.

Nate se inclina e inspeciona Amanda. — Não está quebrado — diz, finalmente.

Eu exalo com alívio.

— Você tem certeza? — Pergunta Nicole. — Eu totalmente acho que deveria ir a um médico.

— Mademoiselle, por favor, abstenha-se de falar até que cheguemos ao escritório da sede.

Nicole fecha a boca.

Não posso acreditar. Nunca fui enviada ao escritório do diretor! O diretor em Clairemont nem sequer sabia meu nome. Amanda avança com dificuldade até o elevador, e eu me coloco por trás com um temor cada vez maior. No momento, em que Nate vira suas costas, ela se endireita, estreita seus olhos, e diz sem emitir nenhum som:

*Vai cair. Cadela.*

A diretora me deu detenção.

EU. DETENÇÃO.

Amanda levou por uma semana, mas eu tenho detenção depois da escola por duas semanas. — Estou decepcionada com você, Anna — A diretora diz, massageando seu pescoço de bailarina. — O que seu pai dirá?

Meu pai? Quem se importa com meu pai? O que dirá mamãe? Vai me matar. Estará tão irritada que me deixará aqui, presa na França para sempre. Terminarei como um desses vagabundos perto do Rio Sena que fedem a axilas e repolho. Vou ter que ferver meu próprio sapato para me alimentar como Charlie Chaplin em A Quimera de Ouro. Minha vida está ARRUINADA.

A detenção foi dividida injustamente porque me recusei a dizer o que Amanda tinha dito. Porque odeio essa palavra. Como se ser gay fosse algo vergonhoso. Como se porque Mer gosta de esportes, isso automaticamente a torna lésbica. O insulto nem sequer tem sentido. Se Meredith fosse gay, porque estaria irritada com Étienne e eu?

Odeio Amanda.

Quando a diretora pergunta a Isla sobre o que aconteceu, ela me defende, que é a razão pelo qual não preciso passar o resto do ano na detenção. Ela também me entendeu; não disse para a diretora o que Amanda disse sobre Mer. Agradeço, silenciosamente, com meus olhos.

Voltamos para a Résidence Lambert, e todos estão caminhando ao redor do vestibulo. Palavras sobre nossa briga se difundiram, e nossos companheiros de classe, estão procurando contusões.

Gritam-nos perguntas, como se fosse uma conferência de imprensa para celebridades, mas os ignoro e empurro meu caminho para passar. Amanda já está falando, difundindo sua versão da história.

Tanto faz. Estou muito furiosa para encarar essa merda agora.

Passo por Dave e Mike na escada. Mike faz essa bobagem que os idiotas fazem, de propósito, quando batem seu ombro com o seu para fazer com que perca o equilíbrio.

— Qual é o seu problema? — Grito.

Dave e Mike trocam sorrisos surpresos e satisfeitos.

Entro em meu quarto. Todos me odeiam. Étienne me deixou por sua namorada. OUTRA VEZ. Meredith me odeia, e Rashmi e Josh certamente não estão satisfeitos. Dave e Mike me odeiam. E Amanda e suas amigas, e todos no vestibulo, também. Se simplesmente tivesse seguido o conselho de Rashmi. Se simplesmente tivesse ficado no quarto, Mer não teria gritado comigo. Eu não teria descoberto que Étienne escolheu Ellie. Não teria atacado Amanda. E não teria ficado em detenção por duas semanas.

POR QUE ÉTIENNE ESCOLHEU ELLIE? POR QUÊ?

Étienne. Que tem lábios perfeitos e beijos perfeitos. Quem sabe mel. Quem nunca, nunca, NUNCA, deixará sua namorada estúpida! Sobressalto com uma batida na porta. Estou trabalhando em tal frenesi que não escutei os passos.

— Anna? Anna está aí?

Meu coração para. A voz é inglesa.

— Está bem? Amanda está no andar de baixo, falando um monte de besteiras. Ela disse que você bateu nela? — Bate outra vez, mais forte. — Por favor, Anna. Temos que conversar.

Abro minha porta. — Conversar? Ah, agora gostaria de conversar?

Étienne me olha, surpreso. O branco dos meus olhos ainda está vermelho, tenho dois arranhões na bochecha, e meu corpo está posicionado para atacar. — Anna?

— O que, você não achou que eu iria descobrir que você estava com Ellie?

Ele está confuso. — O q... que?

— Bem? — Cruzo meus braços. — Você estava com ela?

Não esperava que eu soubesse isto. — Sim, mas... mas...

— Mas, o que? Você acha que eu sou uma idiota completa, certo? Que simplesmente sou qualquer idiota que esperaria por você no banco para sempre? simplesmente estarei bem com isso?

— Não é assim!

— SEMPRE é assim!

Étienne abre sua boca, mas logo a fecha. Sua expressão muda entre fúria e dor, um milhão de vezes. E logo se endurece. E se afasta, chateado.

— PENSEI QUE QUERIA CONVERSAR!

Chuto minha porta.

Vamos ver. Ontem eu: (1) Me beijei com meu melhor amigo, inclusive quando jurei que não faria isso, (2) Traí outra amiga por causa da mesma sessão de beijos, (3) Briguei com uma garota que já estava preparada para brigar comigo, (4) Ganhei duas semanas de detenção, e (5) Ataquei verbalmente meu melhor amigo até que ele correu para longe.

Correção. Até que correu para longe *outra vez*.

Se houvesse um concurso para ver quem poderia fazer mais mal para si mesmo em um dia, estou bastante confiante de que ganharia. Minha mãe cuspiu fogo quando descobriu que eu briguei com Amanda, e agora não estou permitida sair por todo o verão. E nem sequer posso enfrentar meus amigos. Estou envergonhada do que fiz com Meredith, e Rashmi e Josh claramente estão do seu lado, e St. Clair nem sequer me olha.

St. Clair. Outra vez, já não é Étienne, *meu Étienne*.

Isso dói mais do que tudo.

Toda manhã é horrível. Pulo o café da manhã e entro no inglês no último minuto. Meus amigos não reconhecem minha existência, mas todos os outros sussurram e olham. Suponho que estão ao lado de Amanda. Simplesmente espero que não saibam da situação de St. Clair, o que é pouco provável considerando quão forte gritei com ele ontem no corredor. Entro na aula escondida dele. Está tão exausto que mal consegue manter seus olhos abertos, e não acredito que tenha tomado banho.

Mas ainda é bonito. Odeio isso. E me odeio por esperar tão desesperadamente que me olhe, e odeio ainda mais o fato de que Amanda me pegou olhando para ele, porque depois sorri de uma forma que diz, *Vê? Eu disse a você que não tinha chance*.

E Mer. Ela não tem que virar seu corpo na sua cadeira como St. Clair (Embora realmente faz isso, ambos) porque suas ondas de hostilidade chocam contra mim, uma e outra vez, por todo o período. Cálculo é uma extensão dessa miséria. Quando o *Professeur* Babineaux nos devolve nossas tarefas, St. Clair passa a pilha de papéis por trás de sua cabeça sem me olhar. — Obrigada — Murmuro. Ele se congela, só por um momento, antes de reintegrar-se a um estado rígido de ignorância ao meu ser.

Não tento falar com ele outra vez.

Francês é previsivelmente ruim. Dave se senta o mais longe possível de mim, mas a forma com que me ignora é estranha e determinada. Alguns dos calouros me chateiam por isso, mas não é o problema de Dave, e pensar nele só me faz sentir asquerosa por dentro. Digo aos irritantes companheiros de classe que me deixem em paz, e Madame Guillotine se irrita comigo. Não porque disse que me deixassem em paz, e sim *porque não disse em francês*. O que se passa nesta escola?



No almoço, estou de volta ao banheiro como no meu primeiro dia.

Não tenho apetite, de qualquer forma.

Em física, estou agradecida por não termos laboratório, porque não posso suportar o pensamento de St. Clair pedindo um novo companheiro. O *Professeur* Wakefield fala monotonamente sobre buracos negros, e na metade de sua leitura, Amanda se estica exageradamente e deixa cair um pedaço de papel dobrado por trás de sua cabeça. Aterrissa em meu pé. Leio por debaixo da minha mesa.

EI, GAROTO GAMBÁ, SE METE COMIGO DE NOVO E EU TE DAREI MAIS DO QUE UM ARRANHÃO. DAVE DISSE QUE VOCÊ É UMA PUTA.

Uau. Ninguém nunca me chamou assim antes. Mas porque Dave está falando para Amanda sobre mim? Essa é a segunda vez que Amanda diz algo assim. Eu não posso acreditar que esteja sendo chamada de puta só por beijar alguém! Faço uma bola com a nota e jogo na parte de trás de sua cabeça. Para o bem ou para o mal, minha mira é tão ruim que acerto a parte de trás de sua cadeira. Move-se e se prende em seu longo cabelo. Ela não sente. Sinto-me um pouco melhor. A nota ainda está presa em seu cabelo.

Ainda está.

Ainda, oh – Whoops. Ela se move, e cai no chão, mas o *professeur* Wakefield escolhe esse momento para passear pelo corredor. Oh, não. E se encontrar e ler em voz alta? Eu realmente não preciso de outro apelido nesta escola. Ao meu lado, St. Clair também está vendo a nota. O *professeur* Wakefield está quase na nossa mesa quando St. Clair desliza sua bota casualmente e pisa na nota. Espera que o *professeur* se afaste antes de recuperar o papel. Ouço-o abrir, e meu rosto enrubesce. Olha para mim pela primeira vez em todo o dia. Mas ainda não diz nada.

Josh está calado em história, mas ao menos não muda de assento. Isla sorri para mim, e incrivelmente, este momento de amabilidade ajuda. Por aproximadamente trinta segundos. Depois Dave, Mike, e Emily se amontoam, e ouço meu nome enquanto caminham em minha direção e riem. Esta situação, qualquer que seja, está ficando pior.

*La Vie* é um período livre. Rashmi e St. Clair vão para sua aula de arte enquanto eu pretendo enterrar meu nariz na tarefa. Há uma pequena risada atrás de mim.

— Talvez se não fosse uma pequena puta, garota gambá, ainda teria alguns amigos.

Amanda, o maior clichê do colégio. A garota linda e má. Pele perfeita, cabelo perfeito. Sorriso de gelo, coração de gelo.

— Qual é o seu problema? — Pergunto.

— Você.

— Excelente. Obrigada.

Ela enrola seu cabelo. — Não quer saber o que as pessoas estão *falando* sobre

você? — Não respondo, porque sei que me dirá de qualquer forma. Faz. — Dave disse que você só *fez* com ele para deixar St. Clair *ciumento*.

—O QUÊ?

Amanda ri outra vez e cantarola enquanto se afasta. — Dave tinha razão ao dar um pé na sua bunda.

Estou surpresa. Como se eu tivesse dormido com Dave! E ele disse para todo mundo que terminou comigo? Como se atreve? É o que todo mundo pensa de mim? Oh, meu Deus, isso é que St. Clair pensa de mim? St. Clair pensa que eu *fiz* com Dave?

O resto da semana, eu estou entre o desespero total e a fúria ao fogo lento. Tenho detenção todas as tardes, e cada vez que caminho pelos corredores, escuto meu nome em voz baixa, gente fofocando. Espero que no fim de semana seja melhor, termina sendo pior. Termino minhas tarefas na detenção assim não tenho nada para fazer. Passo meu fim de semana no cinema, mas estou tão perturbada que não consigo nem desfrutar.

A escola arruinou o cinema. É oficial. Não há nada pelo que valha a pena viver.

Na segunda pela manhã, meu humor está tão ruim que tenho coragem de falar com Rashmi durante a fila do café da manhã. — Por que não está falando comigo?

— Desculpa? — Pergunta. — Você que não está falando comigo.

— O que?

— Nunca expulsei você da nossa mesa. Você deixou de vir— Sua voz é apertada.

— Mas você estava irritada comigo! Pelo... Pelo que fiz a Mer!

— Todos os amigos brigam — Ela cruza seus braços, e percebo que está me citando. Eu disse depois que ela brigou com St. Clair sobre Ellie.

Ellie. Eu abandonei Rashmi, como Ellie.

— Sinto muito — Meu coração afunda. — Não faço nada certo.

Rashmi afrouxa seus braços, uma puxa uma de suas longas tranças. Está incomodada, uma emoção incomum nela. — Só promete que da próxima vez que for atacar Amanda, na verdade, quebrará algo.

— Não queria brigar com ela!

— Tranquilize-se — Ela me dispara um olhar inquieto. — Não percebi que você era tão sensível.

— Você sabe, ainda tenho uma semana de detenção por causa dessa briga.

— Isso foi um castigo duro. Por que você simplesmente não disse para a diretora o que Amanda disse?

Quase deixo cair minha bandeja. — Que? Como sabe o que disse?

— Não sei — Rashmi franze o cenho. — Mas devia ser algo seriamente asqueroso para fazer você reagir assim.

Eu afasto meus olhos, aliviada. — Amanda simplesmente me pegou em um mal momento — O que não é inteiramente falso. Coloco meu pedido com Monsieur Boutin (Um prato grande de iogurte com granola e mel, meu favorito) e me viro para ela. — Os garotos... vocês não acreditam no que Amanda e Dave estão dizendo, ou acreditam?

— Dave é um imbecil. Se eu acreditasse que você dormiu com ele, não estaríamos conversando agora.

Estou agarrando minha bandeja tão forte que meus nós dos dedos ficaram brancos. — Assim que, St. Clair sabe que eu nunca dormi com ele?

— Anna. *Todos* achamos que Dave é um imbecil.

Fico calada.

— Deveria falar com St. Clair — diz.

— Não acho que queira falar comigo.

Ela empurra sua bandeja para longe. — E eu acredito que sim.

Como o café da manhã só outra vez, porque ainda não conseguia enfrentar Mer. Estou cinco minutos atrasada para o inglês. A *professeur* Cole está sentado na parte superior de sua mesa, bebendo café. Ela entrecerra seus olhos enquanto me arrasto até meu assento, mas não diz nada. Seu vestido laranja se move enquanto ela balança seus pés.

— Gente. Acordem — Diz — Estamos falando sobre os aspectos técnicos da tradução outra vez. Tenho que fazer todo o trabalho aqui? Quem pode me dizer um dos problemas que os tradutores enfrentam?

Rashmi levanta sua mão. — Bem, a maioria das palavras tem significados diferentes.

— Bem — Diz a *professeur* Cole. — Mais. Elabore.

St. Clair está sentado ao lado de Rashmi, mas não está ouvindo. Ele rabisca algo ferozmente na margem de seu livro. — Bem — diz Rashmi. — É trabalho do tradutor determinar qual definição se refere o autor. E não só isso, senão, poderia haver diferentes significados em relação ao contexto.

— Então o que está dizendo — diz a *professeur* Cole. — É que o tradutor tem muitas decisões que tomar. Que há múltiplos significados para encontrar em cada palavra, em cada frase. Em cada situação.

— Exatamente — diz Rashmi. E depois lança um olhar para mim.

A *professeur* Cole ri. — E estou certa que nenhum de nós já confundiu algo que alguém disse ou fez, dando outro significado, verdade? E estamos falando o mesmo idioma. Podem ver quão difícil isso pode ser uma vez que... expressões de linguagem são acrescentadas. Algumas coisas simplesmente não se traduzem entre culturas.

Más interpretações enxameiam minha cabeça. Toph. Rashmi. St. Clair?

— Ou que há com isso? — A *professeur* Cole passeia até as grandes janelas.

— O tradutor, não importa quão fiel ele pensa que se apegue ao texto, ainda traz

suas próprias experiências de vida e opiniões das decisões que toma. Talvez não *conscientemente*, mas cada vez que uma decisão é tomada sobre o significado de uma palavra ou de outra, o tradutor determina qual usar baseado no que acha correto, baseado em sua própria história pessoal com o tema.

História pessoal. Como porque St. Clair sempre corria de volta para Ellie, eu assumi que faria outra vez. É isso? E ele fez isso? Já não estou certa. Passei todo meu último ano sufocada entre luxúria e dor, êxtase e traição, e só ficava cada vez mais difícil ver a verdade. Quantas vezes nossas emoções podem estar presas a mais alguém (serem presas, retorcidas e apertadas) antes de que se rompam? Antes que não possam se reparar mais?

A aula termina, e me dirijo rapidamente para cálculo. Estou quase lá quando ouço. Tão baixo, inclusive poderia ser alguém clareando a garganta. — Puta.

Congelo.

Não. Continue se movendo. Agarro meus livros mais forte e continuo pelo corredor.

Um pouco mais forte desta vez. — Puta.

E, enquanto me viro, a pior parte é que nem sequer sei quem poderia ser. Tanta gente me odeia agora. Hoje, é Mike. Ele zomba, mas olho além dele, para Dave. Dave coça sua cabeça e olha para outro lado.

— Como você pode? — Pergunto.

— Como você pode? — diz Mike. — Sempre disse a Dave que você não valia a pena.

— Sim? — Meus olhos ainda estão presos em Dave. — Bem, ao menos eu não sou uma mentirosa.

— Você é uma mentirosa — Mas Dave diz em voz baixa.

— O que foi isso? O que você disse?

— Você me ouviu — A voz de Dave está mais forte, mas ele se retorce, piscando para seu amigo. Uma onda de desgosto passa sobre mim. O mulherengo do Mike. É claro. Por que não vi isso antes? Minhas mãos se apertam. Uma palavra mais dele, uma palavra.

— Puta — diz.

Dave cai no chão.

Mas não foi meu punho.

— Arghhh! — St. Clair segura sua mão.

Mike vai aos tropeços até St. Clair, e eu salto entre eles. — Não!

Dave geme do chão. Mike me empurra para um lado, e St. Clair o joga para um lado, sua voz cheia de raiva. — Não a toque!

Mike fica pasmo, mas o empurra. — Seu psicopata! — E se lança para St. Clair justo quando o *professeur* Hansen passa entre eles, preparando-se para os golpes.

— Ei, ei, EI! O que está ACONTECENDO aqui? — Nosso professor de história olha para sua aluno favorito. — Monsieur St. Clair. Para o escritório da diretora. AGORA — Dave e Mike simultaneamente proclamam inocência, mas o *professeur* Hansen os interrompe. — Calem-se, ambos, ou sigam Étienne — Eles se calam e St. Clair não encontra meus olhos, simplesmente se afasta irritado na direção indicada.

— Está bem? — Pergunta para mim o *professeur* Hansen. — Um destes tontos bateu em você?

Estou em choque. — St. Clair estava me defendendo. Não – Não foi sua culpa.

— Não nos defendemos com os punhos nesta escola. Sabe disso — Me dá uma olhada irônica antes de partir até as escadarias para se unir a St. Clair no escritório da diretora.

O que acaba de acontecer? Quero dizer, sei o que aconteceu mas... O que acaba de acontecer? Isto significa que St. Clair não me odeia? Sinto minha primeira onda de esperança, embora exista a possibilidade de que simplesmente ele odeie mais a Dave e Mike. Não o vejo no resto do dia, mas quando chego na detenção, já está sentado na parte de trás.

St. Clair parece cansado. Certamente esteve aqui toda a tarde. O professor encarregado hoje ainda não chegou, então somos só nós dois. Pego meu assento habitual (é triste que eu tenha um assento habitual) no lado oposto da sala. Ele olha suas mãos. Estão manchadas com carbono, assim sei que esteve desenhando.

Clareio a garganta. — Obrigada. Por me defender.

Não há resposta. Bem. Volto-me para o quadro.

— Não me agradeça — diz um minuto depois. — Eu deveria ter batido em Dave faz anos — Suas botas batem no piso de mármore.

Olho para ele outra vez. — Você pegou quanto tempo de detenção?

— Duas semanas. Uma por besteiras.

Dou um pequeno resfôlego de risada, e sua cabeça se sacode para cima. Minha própria esperança se reflete em sua expressão. No entanto, desaparece quase ao mesmo tempo. Isso dói.

— Não é verdade — digo, amargamente. — O que Dave e Amanda estão

dizendo.

St. Clair fecha seus olhos. Não fala por vários segundos. Quando abre outra vez, não posso evitar notar quão aliviado ele aparenta. — Eu sei.

Sua reação demorada me irrita. — Você tem certeza disso?

— Sim. Tenho — Enfrenta-me pela primeira vez em uma semana. — Mas ainda é agradável ouvir de seus lábios, está bem?

— Claro — Viro. — Eu só posso imaginar.

— E o que exatamente significa isso?

— Esqueça.

— Não. Não vou esquecer. Estou doente e cansado de esquecer, Anna.

— *Você* está cansado de esquecer? — Minha voz treme. — Não pude fazer nada mais EXCETO esquecer. Acha que é fácil sentar em meu quarto todas as noites pensando em Ellie e você? Acha que tudo isto está sendo fácil para mim?

Seus ombros se afundam. — Sinto muito — Suspira.

Pior já estou chorando. — Você disse que sou bonita, que gostava do meu cabelo e do meu sorriso. Descansou sua perna contra a minha em cinemas escuros, e depois age como se nada tivesse acontecido depois que as luzes se acendem. *Dormiu em minha cama* por três noites seguidas, e depois você simplesmente... me apagou do mapa no mês seguinte. O que eu deveria fazer com isso, St. Clair? Disse no meu aniversário que tinha medo de ficar sozinho, mas estive aqui todo este tempo. *Todo este tempo*.

— Anna — Ele se levanta e se dirige até mim. — Sinto tanto ter machucado você. Tomei decisões terríveis. E percebo de que é possível que não mereça seu perdão, porque levou tanto tempo para eu chegar até aqui. Pior, não entendo porque não está me dando a oportunidade. Nem sequer me deixou explicar na semana passada. Simplesmente me afastou de tudo, esperando o pior de mim. Mas a única verdade que sei é o que sinto quando estamos juntos. Pensei que você confiava nesses sentimentos também. Pensei que confiava em mim, pensei que me *conhecia*...—

— Mas isso, é só isso! — Me levanto da cadeira, e de repente ele está em cima de mim. — Não conheço você. Conto tudo para você, St. Clair. Sobre meu pai, sobre Bridgette e Toph, sobre Matt e Cherrie. Disse para você que sou *virgem* — Olho para longe, humilhada em dizer isso em voz alta. — E você o que me disse? Nada do que saiba. Nada sobre seu pai, nada sobre Ellie...—

— Você me conhece melhor do que ninguém — Está furioso. — E se houvesse se incomodado em prestar atenção, entenderia que as coisas com meu pai estão na merda agora. E não posso acreditar que você pensa tão pobremente de mim que assumiu que eu esperaria o ano inteiro para beijar você, e depois que acontece, eu... eu estaria *terminando* com você. É CLARO que estava com Ellie essa noite. ESTAVA TERMINANDO COM ELA!

O silêncio é ensurdecedor.

Terminaram? Oh, Deus. Não posso respirar. Não posso respirar. Não posso...

Olha diretamente para meus olhos. — Disse que tenho medo de ficar sozinho, e é verdade. Tenho. E não estou orgulhoso disso. Mas tente dar uma boa olhada em si mesma, Anna, porque não sou o único nesta sala que sofre deste problema.

Está parado tão perto que sinto que peito subindo e descendo, rápido e furioso. Meu coração bate contra o seu. Ele engole. Eu engulo. Ele se inclina, vacilante, e meu corpo reage e imita o seu em resposta. Ele fecha seus olhos. Eu fecho os meus.

A porta se abre, e nos afastamos em um sobressalto.

Josh entra na detenção e dá de ombros. — Abandonei pré-cálculo.

Não posso vê-lo pelo resto da detenção. Como posso ter medo de estar sozinha, se foi assim que estive ultimamente? Não é como se eu tivesse tido um namorado todo o ano, como ele teve uma namorada. Apesar de que me aferrei a ideia de Toph. Mantendo-o como (o pensamento me faz fazer uma careta de dor) um reserva. E Dave. Bom. Ele estava aí, e eu estava aí, e ele estava disposto, e eu também. Eu estive ocupada porque estava saindo com Dave só porque estava irritada com St. Clair, mas talvez... talvez estava cansada de estar sozinha.

Mas, isso é muito ruim?

Isso significa que também não é ruim que St. Clair tampouco queria estar sozinho? Tem medo de mudar, medo de tomar grandes decisões, mas eu também. Matt disse que se tivesse falado com Toph, eu teria evitado meses de angústia. Mas eu estava tão assustada em arruinar a relação que nós talvez tivéssemos tido, muito assustada para fazer frente ao que realmente tínhamos. E se talvez tivesse me incomodado em escutar o que Matt estava tentando dizer, talvez St. Clair e eu tivéssemos tido esta conversa há anos.

Mas St. Clair devia ter dito algo! Não sou a única com culpa.

Espera. Não era isso que queria dizer? Que tínhamos culpa? Rashmi disse que fui eu quem se afastou dela. E tinha razão. Ela e Josh, na verdade, me ajudaram naquele dia no parque, e eu os abandonei. E Mer.

Oh, meu Deus, Meredith.

O que está acontecendo comigo? Por que não tentei me desculpar outra vez? Sou incapaz de continuar com uma amiga? Tenho que falar com ela. Hoje. Agora. Imediatamente. Quando o *Professeur* Hansen nos deixa sair da detenção, me lanço pela porta. Mas algo me detém quando chego ao corredor. Faço uma pausa debaixo das pinturas de ninfas e sátiros. Viro-me.

St. Clair está me esperando na porta, olhando-me.

— Tenho que falar com Meredith — Mordo meu lábio.

St. Clair assente lentamente.

Josh aparece por trás dele. Dirigi-se para mim com uma confiança especial. — Ela sente sua falta. Vocês vão ficar bem — Olha para St. Clair. — Ambos vão ficar bem.

Disse-me isso antes. — Sim? — Pergunto.

Josh levanta uma sobrancelha e sorri. — Sim.

Não é até que eu esteja me afastando que me pergunto se — ambos —, quer dizer, Meredith e eu, ou St. Clair e eu. Espero que ambos signifique *ambos*.

Volto para a Residência Lambert, e bato em sua porta depois de uma rápida viagem até meu quarto.

Ela abre sua porta. — Ei — Sua voz é o suficientemente gentil.

Olhamo-nos por um tempo. Seguro as xícaras. — *Chocolat Chaud*?



E parece como se fosse chorar a qualquer momento. Deixa-me entrar e eu coloco uma xícara em sua mesa.

— Eu sinto. Sinto tanto, Meredith.

— Não, *eu* sinto. Fui uma idiota. Não tinha direito de ficar irritada com você.

— Isso não é verdade, eu sabia como você se sentia sobre ele e, de qualquer forma, o beijei. Não foi correto. Deveria ter te dito que eu também gostava dele.

Sentamos-nos em sua cama. Ela move um anel com uma estrela brilhante em seu dedo. — Sabia como se sentiam um ao outro. Todos sabiam como se sentiam um ao outro.

— Mas...

— Não queria acreditar. Depois de tanto tempo, ainda tinha esta... estúpida esperança. Sabia que ele e Ellie tinham problemas, assim pensei que talvez...— Meredith se afoga, e toma um minuto para continuar.

Mexo em meu chocolate quente. É tão denso que é quase um molho. Ela ensinou-me muito bem.

— Costumávamos sair todo tempo. St. Clair e eu. Mas depois que você chegou, dificilmente o via. Se sentava ao seu lado nas aulas, no almoço, no cinema. Em todos os lados. Inclusive quando tinha apenas suspeitas, soube a primeira vez que te ouvir chamá-lo de Étienne, soube que você o amava. E soube pela sua resposta, a forma em que seus olhos brilhavam cada vez que você dizia, soube que ele te amava, também. E eu ignorei, porque não queria acreditar.

A luta se levanta dentro de mim outra vez. — Não sei se me ama. Não sei se me ama, ou se alguma vez me amou. Tudo está uma bagunça.

— É óbvio que ele quer mais que amizade — Mer agarra minha xícara agitada. — Não vê? Sofre cada vez que te vê. Nunca vi alguém tão miserável em minha vida.

— Isso não é verdade — Lembro que ele disse que a situação com seu pai está muito ruim agora. — Ele tem outras coisas em sua cabeça, coisas mais importantes.

— Por que não estão juntos?

A franqueza de sua pergunta me confunde. — Não sei. Algumas vezes penso que há tantas oportunidades... de estar com alguém. E ambos bagunçamos tudo tantas vezes, — Minha voz é mais silenciosa — que perdemos nossa oportunidade.

— Anna — Mer faz uma pausa. — Essa é a coisa mais tonta que já escutei.

— Mas...—

— Mas, o quê? Você o ama, e ele te ama, e vive na cidade mais romântica do mundo.

Sacudo minha cabeça. — Não é tão simples.

— Deixe-me colocar de outra forma. Um bonito garoto te ama, e nem sequer vai tentar fazer funcionar?

Sentia falta de Meredith. Volto para meu quarto, consolada e triste. Se St. Clair e eu não tivéssemos brigado na detenção hoje, eu teria voltado a me desculpar? Provavelmente não. A escola terminaria, nós teríamos seguido caminhos diferentes, e nossa amizade teria acabado para sempre.

Oh, não. A terrível verdade me golpeia.

Como posso não notar? É a mesma coisa. Exatamente. A. Mesma. Coisa.

Bridge não pode evitar. A atração estava lá, e eu não estava lá, e começaram a sair juntos, e ela não pode evitar. E se sentiu culpada por todo este tempo. Eu a fiz se sentir culpada por algo fora de seu controle. Nem sequer tentei escutá-la; não atendi nem uma de suas ligações ou retornei suas mensagens. E ela continuou tentando, de qualquer forma. Lembro do que Matt e Rashmi disseram outra vez. Na verdade, abandonei meus amigos.

Pego minha mala e abro o bolso da frente. Ainda está aí. Um pouco batido, mas o pequeno pacote envolto em papel com listras vermelhas e brancas. A ponte de brinquedo. E logo componho a mensagem mais complicada que já escrevi. Espero que me perdoe.

O resto da minha semana é calma. Envio o pacote para Bridge. Volto a me unir aos meus amigos em nossa mesa, e termino minha detenção. St. Clair e eu ainda não nos falamos. Bem, nos falamos um pouco, mas não sobre algo importante. A maioria das vezes nos sentamos um ao lado do outro, inquietos, o que é ridículo, porque não era tudo isto sobre isso? Que não falaremos?

Mas romper hábitos velhos não é fácil.

Nos sentamos uma fila de distância na detenção. Sinto-o olhando-me toda hora, toda semana. Vejo-o, também. Mas não caminhamos para o dormitório juntos; ele arruma suas coisas lentamente dando-me tempo para ir primeiro. Acho que chegamos a mesma conclusão. Inclusive se pretendemos começar algo, ainda não há esperança para nós. A escola está quase terminando. No próximo ano, irei para a Universidade Estadual de San Francisco para teoria do filme e criticismo, mas ele ainda não me disse para onde irá. Eu perguntei depois da detenção na sexta, e ele balbuciou algo sobre não querer falar disso.

Ao menos não sou a única que acha a mudança difícil.

No sábado, o cinema Mamãe e Papai do cão bassê mostrou meu filme favorito de Sophie Coppola, *Lost in Translation*. Cumprimento o homem digno e o Pouce, e me deslizo em meu assento habitual. É a primeira vez que vejo esse filme desde que me mudei para cá. As semelhanças entre a história e a minha vida não me escapam.

É sobre dois americanos, um homem de meia idade e uma mulher jovem, que estão sós em Tóquio. Estão lutando para entender seus arredores, mas também estão tentando entender suas relações românticas, que parecem estar se desmoronando. E depois se conhecem, e tem uma nova luta, sua atração crescente de um pelo outro, quando ambos sabem que uma relação é impossível.

Trata sobre isolamento e solidão, mas também sobre amizade. Ser exatamente o que a outra pessoa necessita. Em um ponto, a garota pergunta ao homem, — Fica mais fácil? — Sua primeira resposta é — Não, — depois — Sim, — e depois — fica mais fácil —. E depois lhe diz, — Quanto mais sabe quem você é, e o que quer, menos deixa que as coisas te chateiem.

E me dou conta... Está bem. Está bem se St. Clair e eu nunca nos tornarmos mais do que amigos. Sua amizade me fortaleceu de um jeito que ninguém jamais fez. Ele me tirou de meu quarto e me mostrou a independência. Em outras palavras, era exatamente o que eu precisava. E não o esquecerei. E certamente não quero perdê-lo.

Quando o filme termina, olho meu reflexo no banheiro do cinema. Minha mecha não foi retocada desde que mamãe a clareou no Natal. Outra coisa que tenho que aprender a fazer eu mesma. Outra coisa que *quero* aprender a fazer eu mesma. Entro no Monoprix do lado (que é algo assim como um mini supermercado) para comprar clareador de cabelo, e estou caminhando para fora

quando noto alguém familiar do outro lado da avenida.

Não posso acreditar. St. Clair.

Suas mãos estão em seu bolso, e está olhando ao redor como se estivesse esperando alguém. Meu coração incha. Ele sabe que Sophia é minha diretora favorita. Sabia que ia vir aqui, e está esperando que eu apareça. Finalmente, é o momento de conversar. Caminho pela faixa de pedestres para ir para o seu lado da rua. Sinto-me mais feliz do que me senti em anos. E estou a ponto de chamá-lo, quando me dou conta de que já não está sozinho.

Um senhor se uniu a ele. O homem é charmoso de alguma forma que é estranhamente familiar. St. Clair está falando em francês. Não posso ouvi-lo, mas sua boca se move diferente quando está falando francês. Seus gestos e linguagem corporal mudam, ficam mais fluidos. Um grupo de homens de negócios passa e tapa temporariamente minha vista já que St. Clair é mais baixinho que eles.

Um segundo. O homem é baixo, também.

Fico surpresa ao perceber que estou olhando para o pai de St. Clair. Olho mais perto. Está imaculadamente vestido, muito parisiense. Seus cabelos são da mesma cor, embora o seu pai tenha um pouco de prateado e é mais curto, e mais arrumado. E ambos têm esse ar de confiança, embora St. Clair esteja inquieto agora.

Sinto-me envergonhada. Fiz outra vez. Tudo não é só sobre mim. Coloco-me por trás de uma placa do metrô, mas sem saber me coloquei em uma distância que posso ouvir.

O sentimento de culpa se arrasta de novo. Deveria ir, mas... é o maior mistério de St. Clair.

Aqui mesmo.

— Por que você não se registrou? — Diz seu pai. — Foi há três semanas. Está fazendo difícil para convencê-los de que levem você.

— Não quero ficar aqui — diz St. Clair. — Quero ir para a Califórnia.

— Você odeia a Califórnia.

— Quero ir para Berkeley!

— Não sabe o que quer! Simplesmente é como ela. Frouxo, centrado em si mesmo. Não sabe como tomar decisões. Necessita de alguém que as tome por você, e eu digo que você fica na França.

— Não vou ficar na estúpida França, ok? — Grita St. Clair em inglês. — Não vou ficar aqui com você! Respirando no meu pescoço todo tempo!

E é aí quando me pega. Estive seguindo toda sua conversa. Em francês.

Oh. Merda.

— Como se atreve a falar comigo assim? — Seu pai parece enfurecido. — E em público! Precisa de um golpe na cabeça...

St. Clair volta a falar em francês. — Eu gostaria de vê-lo tentar. Aqui, na

frente de todos — Ele aponta para sua bochecha. — Por que não faz isso, papai?

— Por que? Você...

— *Monsieur* St. Clair! — Uma mulher simpática com um vestido curto chama na frente da avenida, e St. Clair e seu pai viram, com surpresa.

*Monsieur* St. Clair. Está falando com o pai de St. Clair. Isso é tão estranho.

Ela passeia até o lugar e beija o pai dele em ambas as bochechas. Ele devolve os beijos, sorrindo graciosamente. Todo este comportamento é transformado enquanto é apresentada para seu filho. Ela parece surpresa pela menção de um filho, e St. Clair (Étienne) franze o cenho.

Seu pai e a mulher conversam, e St. Clair é esquecido. Cruza seus braços. Descruza. Chuta com suas botas. Coloca suas mãos em seu bolso, e tira.

E um nó sobe para minha garganta.

Seu pai segue flertando com a mulher. Ela toca seu ombro e se inclina para ele. Ele mostra um brilhante sorriso, um sorriso deslumbrante (sorriso de St. Clair) e é estranho vê-lo em outra pessoa. E é aí quando percebo que o que Mer e Josh disseram era verdade. Seu pai é encantador. Tem um carisma natural, como seu filho. A mulher continua flertando, e St. Clair avança lentamente, afastando-se. Não percebem. Está chorando? Me inclino para frente para ver melhor e o encontro olhando para mim.

Oh, não. Oh não oh não oh NÃO.

Ele para. — Anna?

— Hm. Olá — Meu rosto está em chamas. Quero voltar esta fita, apagá-lo, destruí-lo.

Sua expressão muda de confusão para ira. — Estava escutando isso?

— Sinto...

— Não posso acreditar que estava espiando!

— Foi um acidente. Estava passando por aqui... e você estava aí. E ouvi tanto de seu pai, e estava curiosa. Sinto muito.

— Bem — diz — Espero que o que você viu tenha alcançado suas expectativas — Passa ao meu lado, mas eu agarro seu braço.

— Espera! Nem sequer falo francês, lembra?

— Promete, — diz, lentamente. — que não entendeu nenhuma palavra de nossa conversa?

Deixo-o ir. — Não. Eu te ouvi. Escutei toda a coisa.

St. Clair não se move. Olha a calçada, mas não está chateado. Está envergonhado.

— Ei — Toco sua mão. — Está bem.

— Anna, não há nada bem *nisso* — Move de uma vez sua cabeça em direção de seu pai, que ainda está flertando com a mulher. Que ainda não percebeu que seu filho desapareceu.

— Não — digo pensando rapidamente. — Mas uma vez você me disse que

ninguém escolhe sua família. Isso também é verdade para você, já sabe.

Olha-me tão fortemente que tenho medo de deixar de respirar. Armo-me de coragem e enlaço seu braço ao meu. Dirijo-o para longe. Caminhamos por uma quadra, e o coloco em um banco ao lado de uma cafeteria pálida com persianas verdes. Um garoto jovem, sentado lá dentro, agarra as cortinas e nos vê. — Fale-me sobre seu pai.

Fica tenso.

— Fale-me sobre seu pai — Repito.

— O ódio — Sua voz é baixa. — O ódio com cada fibra de meu ser. Ódio o que fez com minha mãe e o que fez comigo. Ódio que cada vez que nos encontramos, está com uma mulher diferente, e ódio que todas elas pensam que este é um homem maravilhoso e encantador, quando na realidade é um bastardo viciado que mais cedo me humilhou ao falar de minha educação racional.

— Está escolhendo a universidade por você. Por isso não queria falar sobre isso.

— Não me quer perto dela. Quer nos manter afastado, porque quando estamos juntos somos mais fortes do que ele.

Inclino-me e aperto sua mão. — St. Clair, você é mais forte do que ele *agora*.

— Você não entende — Afasta sua mão longe da minha. — Mamãe e eu dependemos dele. Para tudo! Ele tem todo o dinheiro, e se o chateamos, mamãe vai para a rua.

Estou confusa. — E a arte?

Ele bufá. — Não há dinheiro nisso. E o dinheiro que há nisso, meu pai tem o controle sobre ele.

Fico em silêncio por um momento. Eu culpei muitos de nossos problemas por sua falta de voluntariedade para falar, mas isso não era justo. Não quando a verdade é tão horrível. Não quando seu pai o intimidou toda a sua vida. — Tem que enfrentá-lo — digo.

— Fácil para você dizer...

— Não, *não* é fácil para eu dizer! Não é fácil para eu te ver assim. Mas não pode deixar que ganhe. Tem que ser mais esperto que ele, tem que vencê-lo em seu próprio jogo.

— Seu próprio jogo? — Dá uma risada desgostosa. — Não, obrigada. Prefiro não jogar por suas regras.

Minha mente está trabalhando rápido. — Escuta-me, no segundo em que a mulher apareceu, sua personalidade mudou por completo...

— Oh, notou, não é assim?

— Cale-se e escute, St. Clair. Isto é o que vai fazer. Vai voltar ali *agora*, e se ela ainda estiver lá, vai dizer quão feliz está porque ele está te mandando para Berkeley.

Ele tenta interromper, mas eu o empurro. — E logo vai a sua galeria de arte,

e vai dizer a todos que trabalham lá quão *feliz* você está por ele está te enviando para Berkeley. Depois vai ligar para seus avós, e vai dizer o quão *feliz* você está por ele está te enviando para Berkeley. E depois vai dizer para seus vizinhos, seu taverneiro, ao homem que lhe vende cigarros, TODOS em sua vida o quão feliz *está por ele está te enviando para Berkeley*.

Ele morde a unha de seu polegar.

— E vai estar chateado como o inferno — digo. — E eu não mudaria de lugar com você nem por um segundo. Mas claramente é um homem que acredita em manter as aparências. Assim que, o que vai fazer? Enviar você a Berkeley para salvar sua cara.

St. Clair faz uma pausa. — É ruim, mas... é tão ruim que talvez funcione.

— Nem sempre tem que enfrentar seus problemas sozinho, você sabe. É sobre esse tipo de coisa que as pessoas falam com seus amigos — Sorrio e abro meus olhos para dar ênfase.

Ele sacode sua cabeça, tentando falar.

— VAI! — Digo. — Rápido, enquanto ela continua lá.

St. Clair hesita outra vez, e eu o empurro. — Vai. Vai vai vai!

Ele esfrega a parte posterior de seu pescoço. — Obrigado.

— Vai.

E ele faz isso.

Eu retorno para a Résidence Lambert. Estou ansiosa para saber o que está acontecendo, mas St. Clair tem que lidar com o seu pai sozinho. Ele tem que saber se defender. A banana de conta de vidro na minha cômoda chama a minha atenção, e eu a pego na mão. Ele me deu tantos presentes este ano – a conta, o caderno para canhotos, a bandeira canadense. É uma boa sensação finalmente ter dado algo para ele em troca. Eu espero que a minha ideia funcione.

Eu decido fazer o meu dever de casa. Estou folheando as páginas quando eu descubro um dever de inglês. Nossa última unidade, poesia. O livro do Neruda. Está acomodado na prateleira acima da minha mesa no mesmo lugar que esteve desde o Dia de Ação de Graças. Porque é um livro para a escola, certo? Só outro presente?

Errado. Tão, tão errado.

Quer dizer, é um livro para a escola, mas também é poesia romântica. Poesias românticas realmente *sexys*. Porque ele me daria isso se não significa nada? Ele poderia ter me dado um livro da Banana Yoshimoto. Ou um dos nossos livros de tradução.

Mas ele comprou para mim poesia romântica.

Eu folheio de novo para o início, e o selo me encara. SHAKEESPEARE E COMPANHIA, QUILÔMETRO ZERO PARIS. E eu estou de volta na estrela, naquela primeira noite. Me apaixonando por ele. E estou de volta na estrela, no feriado de Ação de Graças. Me apaixonando por ele. E estou de volta no meu quarto, encarando este livro mal-tratado pelo tempo – Por que ele simplesmente não me *disse*? Por que eu não abri isso quando ele me perguntou sobre ele no Natal passado? – quando eu sou atingida por uma necessidade de retornar ao Ponto Zero.

Eu apenas tenho mais algumas semanas em Paris, e eu ainda não estive dentro de Notre-Dame. O que eu estou fazendo no dormitório em um sábado a tarde? Eu coloco os meus sapatos, corro para fora do prédio, e corro pelas praças na velocidade do som. Eu não posso chegar lá rápido o bastante. Eu tenho que estar lá. Agora. Eu não posso explicar.

Os olhos da cidade estão presos em mim enquanto eu corro através do *Seine* e até a *Ilê de La Cite*, mas desta vez, eu não ligo. A catedral está de tirar o fôlego como sempre. Uma multidão de turistas está reunida ao redor do Ponto Zero, e eu admiro a estrela enquanto eu passo por lá voando, mas eu não espero pela minha vez, eu só continuo empurrando, empurrando, empurrando até que eu estou lá dentro.

Mais uma vez, Paris me deixa embasbacada.

O teto alto abobadado, o vidro manchado intrincado, as estátuas de ouro e mármore, a madeira delicadamente entalhada... Notre-Dame é hipnotizante. Música de órgão e murmúrios em várias línguas me cercam. O cheiro quente



das velas que queimam e preenchem o ar. E eu nunca vi nada mais amável do que a luz com a cor de jóias coloridas brilhando pelas janelas rosadas.

Um guia turístico entusiasmado passa atrás de mim, acenando suas mãos ao redor. — Só imagine! No começo do século dezenove, esta catedral estava em tal estado de desamparo que a cidade considerou derrubá-la. Por sorte nossa, Victor Hugo escutou sobre os planos de destruí-la e escreveu *O Corcunda de Notre-Dame* para conscientizar sobre a sua gloriosa história. E, puxa, funcionou! Os parisienses fizeram campanha para salvá-la, e o prédio foi reformado e polido para o estado prístino que vocês encontram hoje.

Eu sorrio enquanto os deixo, me perguntando que edifício o meu pai tentaria salvar com a sua escrita. Provavelmente um estádio de beisebol. Ou um Burger King. Eu examino o altar alto e as estátuas da Virgem Maria. É pacífico, mas estou inquieta. Eu examino o guia do visitante e a minha atenção é puxada pelas palavras *Galerie des Chimères*.

A quimera. As gárgulas. Claro!

Eu preciso subir, eu preciso ver a cidade enquanto eu ainda posso. A entrada para as torres – para o topo de *Notre-Dame* – é à esquerda das portas principais. Enquanto eu estou pagando para entrar, eu juro que escuto alguém chamar o meu nome. Eu olho para o terreno, mas não vejo ninguém familiar.

Então eu subo as escadas.

O primeiro lance leva para a loja de souvenirs, então eu continuo subindo. Eu subindo. E subindo. *Ufa*. Realmente há muitas escadas. Merda, estas coisas vão terminar alguma hora?

Sério?

MAIS ESCADAS?

Isso é ridículo. Eu nunca vou comprar uma casa com escadas. Eu nem vou ter degraus na minha porta da frente, só uma inclinação leve. Com cada passo, eu odeio as gárgulas cada vez mais, até que eu alcanço a saída e...

Eu estou realmente no alto. Eu segui o corredor apertado que levava da Torre Norte para a Torre Sul. Lá está o meu bairro! E o Panteão! Sua enorme cúpula é impressionante, mesmo daqui, mas os turistas ao meu redor estão tirando fotos das gárgulas.

Não. Não das gárgulas. Quimera.

St. Clair uma vez me disse que a maioria das pessoas pensa quando elas escutam a palavra *gárgula* é na verdade uma Quimera. E as gárgulas eram aquelas coisas finas e retas e são usadas nas calhas de chuva. Eu não me lembro do propósito das quimeras. Elas estavam protegendo a catedral? Um aviso para os demônios? Se ele estivesse aqui, ele me contaria a história de novo. Eu considero ligar para ele, mas ele ainda está provavelmente ocupado com o pai dele. Ele não precisa de mim incomodando-o com perguntas sobre o vocabulário.

A *Galerie des Chimères* é bem legal. As estátuas são metade homens e metade bestas, grotescas, criaturas fantásticas com bicos e asas e caudas. A minha favorita está segurando sua cabeça nas mãos e está mostrando a língua, contemplando a cidade. Ou talvez ele esteja apenas frustrado. Ou triste. Eu olho o campanário. E é... um grande sino.

O que eu estou fazendo aqui?

Um guarda aguarda ao lado de outro lance de escadas. Eu respiro fundo. — *Bonne soirée* — Eu digo. Ele sorri e me deixa passar. Eu me aperto para entrar. É uma espiral apertada, a escadaria se torna cada vez mais estreita conforme eu subo. As paredes de pedra estão frias. Pela primeira vez aqui, eu estou paranoica sobre cair. Estou feliz que estou sozinha. Se alguém descer, alguém apenas um pouco maior do que eu, eu não sei como nós vamos passar um pelo outro. Meu coração bate mais rápido, meus ouvidos levantam para ouvir passos, e estou preocupada que isso era um erro quando...

Estou lá. No topo de Paris.

Como a galeria das quimeras, há uma estrutura de arame de proteção para impedir que as pessoas caíam ou saltem. Eu estou tão lá em cima, que eu estou grata por isso. Eu sou a única aqui, então eu sento em um dos cantos silenciosos de pedra e vejo a cidade.

Estou indo embora logo. Eu me pergunto o que o papai diria se ele pudesse me ver, melancolia para dizer adeus quando eu lutei tanto para ficar em Atlanta. Ele teve boa intenção. Observando os barcos deslizando constantes para baixo do Rio Sena e da orgulhosa Torre Eiffel se esticando acima do *Champ de Mars*, eu sei disso agora. Um barulho na escadaria me assusta – um chiado, seguido de pés batendo. Alguém está correndo pelas escadas. E eu estou sozinha.

Relaxe, Anna. Com certeza é apenas um turista.

Um turista correndo?

Eu me preparo para o ataque, e não demora muito. Um homem entra com tudo na plataforma de observação. Ele está vestindo pequenos shorts de corrida e tênis de atletismo. Ele tinha acabado de subir aquelas escadas *por diversão*? Ele não me deu atenção, somente se alongou, trotou no mesmo lugar por trinta segundos, e então saiu correndo de volta pelas escadas.

Isso foi estranho.

Eu estou me sentando novamente quando eu escuto outro grito. Por que o corredor estaria gritando? Havia mais alguém lá, aterrorizado pelo corredor, com medo de cair. Eu escutei esperando ouvir mais passos, mas eu não escuto nada. Quem quer que seja parou. Eu penso no St. Clair, sobre como ele tem medo de altura. Esta pessoa pode estar presa. Com um crescente tremor, eu percebo que talvez alguém *realmente* caiu.

Eu dou uma olhada nas escadas. — Olá? *Bonsoir? Ça va?* — Sem resposta. Eu desço alguns lances, me perguntando por que eu estou fazendo isso, não o guarda.

— Tem alguém aí? Você precisa de ajuda?

Há um estranho deslocamento, e eu continuo cuidadosamente. — Olá? — Eles não devem falar inglês. Eu os escuto arquejando. Eles estão bem abaixo de mim, já na próxima virada...

Eu grito. Ele grita.

— Que diabos você está fazendo aqui? Credo, St. Clair! Você me assustou, porra.

Ele está agachado, segurando nas escadas, e parecendo mais assustado do que eu já havia visto ele antes. — Então porque você desceu? — ele fala bravo.

— Eu estava *tentando* ajudar. Eu escutei um grito. Eu pensei que talvez alguém estivesse ferido.

Sua pele pálida está vermelha igual a uma beterraba. — Não. Eu não estou ferido.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto de novo, mas ele está em silêncio. — Pelo menos me deixe te ajudar.

Ele fica de pé, e suas pernas tremem igual a um bebê cabra. — Estou bem.

— Você não está bem. Você claramente não está bem. Dê-me a sua mão.

St. Clair resiste, mas eu a pego e começo a levá-lo para baixo. — Espera. — Ele olha para cima e engole. — Eu quero ver o topo.

Eu dou a ele um olhar que eu espero que seja de incredulidade. — Claro que você quer.

— Não, — ele diz com uma nova determinação. — Eu quero ver o topo.

— Tudo bem, vá. — eu largo a mão dele.

Ele somente fica parado lá. Eu pego a mão dele de novo. — Oh, vamos lá. — Nossa subida é dolorosa e lenta. Estou agradecida que ninguém está atrás de nós. Nós não falamos, mas o aperto dele está amassando os meus dedos. — Quase lá. Você está indo bem, tão bem.

— Sai. Fora.

Eu deveria ter empurrado ele de volta para baixo.

Finalmente nós alcançamos o topo. Eu largo a mão dele, e ele desaba no chão. Eu dou alguns minutos para ele. — Você está bem?

— Sim — ele diz miseravelmente.

E eu não tenho certeza do que fazer. Eu estou presa em um pequeno telhado no centro de Paris com o meu melhor amigo, que tem medo de altura e também está aparentemente bravo comigo. E eu não tenho ideia do porque ele está aqui em primeiro lugar. Eu sento, fixo o meu olhar nos barcos, e pergunto uma terceira vez. — O que você está fazendo aqui?

Ele respira fundo. — Eu vim por sua causa.

— E como DIABOS você sabia que eu estava aqui?

— Eu vi você. — Ele pausa. — Eu vim fazer outro desejo, e eu estava de pé no *Point Zéro* quando eu vi você entrar na torre. Eu te chamei, e você olhou ao seu redor, mas você não me viu.

— Então você decidiu apenas... subir? — Estou duvidosa, apesar da prova na minha frente. Deve ter sido necessária uma força sobre-humana para ele subir o primeiro lance de escadas sozinho.

— Eu tive que subir. Eu não podia esperar você descer, eu não podia esperar mais. Eu tinha que ver você agora. Eu tinha que saber...

Ele para de falar, e o meu pulso acelera. O quê, o quê, o quê?

— Por que você mentiu para mim?

A pergunta me surpreende. Não era o que eu estava esperando. Ele ainda está no chão, mas ele me encara. Seus olhos castanhos estão enormes e inconsoláveis. Estou confusa. — Desculpa, eu não sei do que...

— Novembro. Na *crêperie*. Eu te perguntei se nós falamos de alguma coisa estranha naquela noite que eu estava bêbado no seu quarto. Se eu havia dito algo sobre a nossa relação, ou o meu relacionamento com a Ellie. E você disse não.

Oh meu Deus. — Como você soube?

— Josh me contou.

— Quando?

— Novembro.

Estou atordoada. — Eu... eu... — minha garganta está seca. — Se você tivesse visto a sua cara naquele dia. No restaurante. Como eu poderia te contar? Com a sua mãe...

— Mas se você tivesse contado, eu não teria perdido todos estes meses. Eu pensei que você estivesse me rejeitando. Eu pensei que você não estava interessada.

— Mas você estava bêbado! Você tinha uma namorada. O que eu deveria fazer? Deus, St. Clair, eu nem sabia que você estava falando sério.

— Claro que eu estava falando sério. — Ele fica de pé, e suas pernas vacilam.

— Cuidado!

Passo. Passo. Passo. Ele anda devagar na minha direção, e eu estico minha mão até a dele para guiá-lo. Nós estamos tão próximos da beirada. Ele senta ao meu lado e agarra a minha mão com mais força. — Eu falei sério, Anna. Eu falei *sério*.

— Eu não enten...

Ele está exasperado. — Eu estou dizendo que eu estive apaixonado por você durante este maldito ano inteiro!

Minha cabeça gira. — Mas a Ellie...

— Eu a trai todos os dias. Na minha mente, eu pensei em você de maneiras que eu não deveria ter feito, várias vezes. Ela não era nada comparada a você. Eu nunca me senti desse jeito sobre *ninguém* antes...

— Mas...

— O primeiro dia de aula. — Ele se aproxima. — Nós não fomos parceiros por acidente. Eu vi o *Professeur Wakesfield* juntando os parceiros de laboratório de acordo com onde as pessoas estavam sentadas, então eu me inclinei para frente para pegar um lápis teu no momento exato para que ele pensasse que nós

estávamos sentados um ao lado do outro. Anna, eu queria ser o seu parceiro *no primeiro dia*.

— Mas... — eu não consigo pensar direito.

— Eu comprei poesias de amor para você! *„Amo-te como certas coisas obscuras são amadas, secretamente, entre a sombra e a alma“*.

Eu pisquei para ele.

— Neruda. Eu marquei a passagem. — Deus, — ele geme. — Por que você não abriu?

— Por que você disse que era para a *escola*!

— Eu disse que você era linda. Eu dormi na sua cama!

— Você nunca fez nada a respeito! Você tinha uma namorada!

— Não importa o terrível namorado que eu era, eu não iria traí-la de verdade. Mas eu pensei que você sabia. Comigo estando lá, eu pensei que você saberia.

Nós estamos indo em círculos. — Como eu poderia saber se você nunca disse nada?

— Como eu poderia saber se *você* nunca disse nada?

— Você tinha a Ellie!

— Você tinha o Toph! E o Dave!

Eu estou sem fala. Eu pisco para os telhados de Paris.

Ele toca a minha bochecha, puxando o meu olhar de volta para ele. Eu prendo a minha respiração.

— Anna. Sinto muito pelo que aconteceu no *Luxembourg Gardens*. Não por causa do beijo — eu nunca tive um beijo como aquele na minha vida — mas porque eu não te falei o porquê de eu ter corrido. Eu corri atrás da Meredith por *sua* causa.

Me toque de novo. *Por favor, me toque de novo*.

— Tudo o que eu pude pensar foi sobre o que aquele bastardo fez com você no último Natal. Toph nunca tentou explicar ou se desculpar. Como eu poderia fazer aquilo com a Mer? E eu deveria ter te ligado antes de ter ido até a Ellie, mas eu estava tão ansioso em apenas *terminar*, de uma vez por todas, que eu não estava pensando direito.

Eu estico minha mão até ele. — St. Clair...

Ele se afasta. — E isso. Por que você não me chama mais de Étienne?

— Mas... ninguém te chama assim. Era estranho, certo?

— Não. Não era. — Sua expressão fica triste. — E toda vez que você diz *„St. Clair“*, parece que você está me rejeitando de novo.

— Eu *nunca* te rejeitei.

— Rejeitou sim. E pelo Dave. — Seu tom era venenoso.

— E você me rejeitou pela Ellie *no meu aniversário*. Eu não entendo. Se você gostava tanto de mim, porque você não terminou com ela?

Ele encara o rio. — Eu estive tão confuso. Eu fui tão estúpido.

— Sim. Você foi.

— Eu mereço isso.

— Sim. Você merece. — Eu pauso. — Mas eu também fui estúpida. Você estava certo. Sobre... o negócio de ficar sozinho.

Nós sentamos em silêncio. — Eu estive pensando ultimamente, — ele diz depois de um tempo. — Sobre a minha mãe e o meu pai. Como ela cede para ele. Como ela não o larga. E mesmo eu amando muito ela, eu a odeio por isso. Eu não entendo por que ela não se defende, por que ela não faz o que *ela* quer. Mas eu estive fazendo a mesma coisa. Eu sou igual a ela.

Eu balanço a cabeça. — Você não é como a sua mãe.

— Eu sou. Mas eu não quero ser assim mais, eu quero o que *eu* quero. — Ele se vira para mim de novo, seu rosto ansioso. — Eu contei para os amigos do meu pai que eu vou estudar em Berkeley no ano que vem. Funcionou. Ele está realmente, *realmente* bravo comigo, mas funcionou. Você me disse para atingir o orgulho dele. Você estava certa.

— Então. — Eu estou cautelosa, mal ousando a acreditar. — Você está se mudando para a Califórnia?

— Eu tenho que mudar.

— Certo. — Eu engulo com dificuldade. — Por causa da sua mãe.

— Por *sua* causa. Eu estarei a apenas vinte minutos de trem da sua faculdade, e eu farei o percurso para te ver toda a noite. Eu faria este percurso dez vezes só para estar contigo toda a noite.

Suas palavras são muito perfeitas. Deve ser um mal-entendido, certamente é um mal-entendido...

— Você é a garota mais incrível que eu já conheci. Você é linda e inteligente, e você me faz rir como ninguém. E eu posso *falar* contigo. E eu sei que depois de tudo isso eu não te mereço, mas o que eu estou tentando dizer é que eu te amo, Anna. Muito.

Estou segurando a minha respiração. Eu não posso falar, mas meus olhos estão se enchendo de lágrimas.

Ele entende errado. — Oh Deus. E eu estraguei as coisas de novo, não é? Eu não queria te atacar desta maneira. Quer dizer eu quis, mas... tudo bem. — Sua voz se quebra. — Eu vou embora. Ou você pode descer primeiro, e então eu descerei, e eu prometo nunca de incomodar de novo...

Ele começa a ficar de pé, mas eu agarro o braço dele. — Não!

Seu corpo congela. — Eu sinto muito, — ele diz. — Eu nunca quis te machucar.

Eu trilho meus dedos em sua bochecha. Ele fica perfeitamente imóvel para mim. — Por favor pare de se desculpar, Étienne.

— Diga o meu nome de novo — ele sussurra.

Eu fecho os meus olhos e me inclino para frente. — *Étienne*.

Ele pega as minhas mãos nas dele. Aquelas mãos perfeitas, feitas para as minhas. — Anna?

Nossas testas se tocam. — Sim?

— Você pode por favor dizer que me ama? Estou morrendo aqui.

E então nós estamos rindo. E então eu estou nos braços dele, e nós estamos nos beijando, no começo rapidamente – para compensar o tempo perdido – e então lentamente, porque nós temos todo o tempo do mundo. E os seus lábios são suaves e doces como mel, e o jeito cuidadoso e apaixonado que ele os move contra os meus diz que ele saboreia o meu gosto também.

E entre beijos, eu digo que o amo também.

De novo e de novo e de novo.



Rashmi limpa a garganta e nos encara.

— Sério — Josh diz. — Nós nunca fomos assim, fomos?

Mer geme e joga a sua caneta nele. Josh e Rashmi terminaram. De uma forma, é estranho que eles esperaram tanto. Parecia inevitável, mas mais uma vez, outras coisas também pareciam. E estas coisas demoraram um pouco também.

Eles terminaram tão amigavelmente quanto era possível. Não fazia sentido para eles manter o relacionamento a longa distância. Ambos pareciam aliviados. Rash está animada sobre Brown, e o Josh... bem, ele ainda tem que aceitar o fato que nós estamos indo e ele está ficando. E ele *está* ficando. Ele mal passou de raspão. Ele está se perdendo em seus desenhos, e suas mãos estão em constante estado de câimbras. Sinceramente, eu estou preocupada. Eu sei como é a sensação de se estar sozinha. Mas Josh é um cara bonito e engraçado. Ele fará novos amigos.

Nós estamos estudando para os exames no meu quarto. Está anoitecendo, e uma brisa quente sopra as minhas cortinas. O verão está quase aqui. Eu virei a Bridge de novo logo. Eu recebi um novo e-mail dela. As coisas estão estremecidas, mas nós estamos tentando. Eu aceito isso.

Étienne e eu estamos sentados um ao lado do outro, pés entrelaçados. Seus dedos traças padrões espiralados no meu braço. Eu me apoio nele, inalando aquele cheiro de xampu e creme de barbear e de algo mais que é somente *ele* e que eu nunca consigo enjoar. Ele beija uma mexa do meu cabelo. Eu inclino a minha cabeça, e a sua boca se move para a minha. Eu corro uma mão pelo cabelo perfeito e bagunçado dele.

Eu AMO o cabelo dele, e agora eu posso tocá-lo a qualquer hora que eu quiser.

E ele nem fica irritado. A maior parte do tempo.

Meredith tem aceitado bem a nossa relação. Claro, não é tão ruim que ela esteja indo para uma faculdade em Roma. — Imagina — ela diz, depois de se matricular, — uma cidade inteira de italianos bonitos. Eles podem dizer qualquer coisa para mim, e será sexy.

— Você será tão fácil, — Rashmi diz — *Você gostaria de, hum, de pedir, um, o espaguetti?* — Oh, transe comigo, Marco!<sup>4</sup>

— Eu imagino se o Marco gostará de futebol? — Mer pergunta sonhadoramente.

E quanto a nós, Étienne estava certo. Nossas faculdades estão a apenas uma distância de vinte minutos de trem. Ele ficará comigo nos finais de semana, e nós visitaremos um ao outro tão freqüentemente quanto for possível durante a semana. Nós estaremos juntos. Nós dois tivemos nossos pedidos do Point Zero realizados — um ao outro. Ele disse que desejou por mim toda a vez. Ele estava

desejando por mim quando eu entrei na torre.

— Humm, — eu digo. Ele está beijando meu pescoço.

— É isso — Rashmi diz. — Estou fora daqui. Curtam os seus hormônios.

Josh e Mer seguem a saída dela, e nós estamos sozinhos. Do jeito que eu gosto.

— Há! — Étienne diz. — Do jeito que eu gosto.

Ele me puxa para o colo dele, e eu coloco as minhas pernas ao redor da cintura dele. Seus lábios são suaves como veludo, e nós nos beijamos até que os postes pisquem do lado de fora. Até que a cantora de ópera comece o seu ensaio noturno. — Eu vou sentir falta dela, — eu digo.

— Eu canto para você. — Ele coloca a minha mecha atrás da orelha. — Ou eu te levarei até a ópera. Ou eu te trarei aqui para visitar. Qualquer coisa que você quiser.

Eu entrelaço os meus dedos com os dele. — Eu quero ficar bem aqui, neste momento.

— Este não é o nome do último bestseller de James Ashley? *Neste Momento*?

— Cuidado. Algum dia você conhecerá ele, e ele não será tão divertido pessoalmente.

Étienne sorri. — Oh, então ele vai ser apenas medianamente divertido? Eu suponho que eu possa lidar com *medianamente* divertido.

— Estou falando sério! Você tem que me prometer agora, neste instante, que você não me deixará quando você conhecer ele. A maioria das pessoas fugiria.

— Eu não sou a maioria.

Eu sorrio. — Eu sei. Mas você ainda tem que prometer.

Seus olhos se prendem nos meus. — Anna, eu prometo que eu nunca vou te deixar.

Meu coração bate como resposta. E o Étienne sabe, porque ele pega a minha mão e a segura contra o seu peito, para me mostrar o quanto o seu coração está batendo, também. — E agora a sua, — ele diz.

Eu ainda estou atordoada. — A minha o quê?

Ele ri. — Prometa que você não vai sair fora assim que eu te apresentar para o meu pai. Ou, pior, me deixar por ele.

Eu pauso. — Você acha que ele terá alguma objeção a mim?

— Oh, eu tenho certeza que ele terá.

Tudo bem. Não era a resposta que eu estava esperando.

Étienne vê a minha preocupação. — Anna. Você sabe que o meu pai não gosta de nada que me faça feliz. E você me faz mais feliz do que qualquer um já fez. — Ele sorri. — Oh, sim. Ele vai te odiar.

— Então isso... é uma coisa boa?

— Eu não ligo para o que ele pensa. Somente para o que você pensa. — Ele me abraça mais apertado. — Como se você pensa que eu preciso parar de roer

as unhas.

— Você gastou os seus mindinhos até o final, — eu digo alegremente.

— Ou se eu preciso começar a passar a minha roupa de cama.

— EU NÃO PASSO A MINHA ROUPA DE CAMA.

— Você passa. E eu amo isso. — Eu coro, e Étienne beija as minhas bochechas quentes. — Sabe, minha mãe gosta de você.

— Ela gosta?

— Você é a única coisa sobre a qual eu falei o ano inteiro. Ela está extasiada porque estamos juntos.

Eu estou sorrindo por dentro e por fora. — Eu mal posso esperar para conhecê-la.

Ele sorri de volta, mas então sua expressão fica preocupada. — Então o seu pai vai ter alguma objeção a mim? Por que eu não sou americano? Quer dizer, não totalmente americano? Ele não é um daqueles loucos patrióticos, né?

— Não. Ele vai amar você, *porque* você me faz feliz. Ele não é sempre tão ruim.

St. Clair ergue suas escuras sobrancelhas.

— Eu sei! Mas eu disse *não sempre*. Ele ainda é na maior parte do tempo. É só que... ele tem boa intenção. Ele pensou que ele estava fazendo uma coisa boa, me mandando para cá.

— E foi? Bom?

— Olha você, querendo elogios.

— Eu não negaria um elogio.

— Eu brinco com uma mecha do cabelo dele. — Eu gosto da maneira que você pronuncia ‘banana’. *Ba—ná—ná*. E algumas vezes você trina o seu ‘r’. Eu amo isso.

— Brilhante, — ele sussurra no meu ouvido. — Porque eu passei muito tempo praticando.

Meu quarto está escuro, e Étienne enrola seus braços ao meu redor. Nós escutamos a cantora de ópera em um silêncio pacífico. Estou surpresa do quanto eu vou sentir falta da França. Atlanta foi a minha casa por quase dezoito anos, e apesar de eu conhecer Paris pelos últimos nove meses, ela me mudou. Eu tenho uma nova cidade para aprender ano que vem, mas eu não estou com medo.

Porque eu estava certa. Para nós dois, casa não é um lugar. É uma pessoa.

E nós finalmente estamos em casa.